

sou geneticista nem antropóloga física, portanto não sei como se diferenciam as características ditas negroides. Mas aqui nós temos muito sol, os que tinham pele clara devem ter morrido de câncer. Existe uma seleção natural para uma pele mais escura, como na Austrália também. Aqui tinha índios com a pele bem escura. Mas os lábios, por exemplo, não eram do tipo negroide. Os primeiros europeus também vieram da África. E eles são claros, por quê? Porque lá tem menos sol. Então o ser humano saiu da África, espalhou-se pelo mundo e em cada região se adaptou às condições climáticas. Agora o negócio é saber se aqueles primeiros que saíram da África, será que eram negroides?



## PAPAI, HÃ TOUROS NO TETO...

A "brasileiríssima por opção" Gabriela Martín é espanhola de nascimento, inclusive especialista em paella valenciana, prato típico de sua região de origem, Valencia. Gabriela criou a Fundação Seridó, para o estudo da região entre o Rio Grande do Norte e a Paraíba, com vestígios de cerca de dez mil anos de ocupação, em grande parte por insistência da amiga Niède Guidon. Elas se conheceram num congresso de arqueologia em Goiás, no final dos anos 1970, e se tornaram parceiras inseparáveis na busca de nossas origens no Nordeste brasileiro. Anos depois, Anne-Marie Pessis juntou-se à dupla, formando essa trindade de cérebros que capitaneia a busca dos vestígios de nossos ancestrais<sup>73</sup>.

Gabriela é muito comunicativa, juntou a alegria mediterrânea ao calor dos trópicos, onde casou, teve filhos e se radicou de vez. Seu marido, já falecido, o historiador Armando Souto Maior, foi o fundador da revista "Clio Arqueológica", da qual ela é editora responsável. Nem a dor ciática que a imobilizou ao chegar a São Raimundo Nonato nesta temporada estragou o seu humor:

– Aqui tem uma fisioterapeuta, a Emília, que é milagrosa! – comenta, com um sorriso aliviado.

Ela conta como achou parecida a pintura rupestre que se encontra em todo o Nordeste brasileiro com a de seu país, na região conhecida por "arco do levante" espanhol – Valencia, Castellón, Catalunha. Gabriela saiu em busca de sítios históricos pelo Nordeste brasileiro e acabou colecionando preciosas informações, hoje em parte sistematizadas, sobre os grafismos pintados ou gravados ao longo dos leitos dos rios ou nos abrigos e grutas de toda a região, durante nossa pré-história.

– Nosso núcleo de estudo de arqueologia na Universidade Federal de Pernambuco só se desenvolveu pelo apoio da Fumdham – conta Gabriela.

<sup>73</sup> Na sessão de encerramento do Congresso Internacional de Arte Rupestre, em São Raimundo Nonato, em julho de 2009, um aluno entusiasmado propôs que elas fossem declaradas "patrimônio vivo da humanidade", ao que Gabriela respondeu: "Então quero escolher uma cerquinha"... e Niède acrescentou: "E que o Iphan se ocupe de nós!"

CARLOS ALBERTO ETCHEVARNE é argentino, formado em arqueologia pela Universidad Nacional de Rosario. Fez mestrado na Universidade de São Paulo, USP, doutorado no Institut de Paléonthologie Humaine do Muséum d'Histoire Naturelle, em Paris, na França, e pós-doutorado na Universidade de Coimbra, em Portugal. Atualmente coordena a pós-graduação em antropologia da Universidade Federal da Bahia, onde é professor associado.

No balanço que faz da situação da arqueologia no Nordeste brasileiro, região de um milhão e meio de quilômetros quadrados, ela constata que "há ilhas de conhecimento frente a um deserto de desconhecimento".

- No Rio Grande do Norte tem a nossa fundação no Seridó, que trabalha quando possível. Às vezes pago o aluguel da sala com o meu dinheiro. Na Paraíba, por exemplo, tem uma associação de arqueologia, formada por pessoas muito bem intencionadas, mas amadoras, que publicam um boletim, são minhas amigas. Em Alagoas, agora tem

uma aluna minha que começou um levantamento dos sambaquis. No Sergipe, surgiu recentemente um núcleo a partir do estudo da área de Xingó, inclusive com um curso de graduação. Na Bahia tem o **Carlos Etchevarne**, muito meu amigo, um argentino-italiano que é professor convidado na nossa pós-graduação. Fez doutorado com o Denis Vialou, em Paris, mas se dedica principalmente à arqueologia histórica, no Recôncavo Baiano. No Ceará e no Maranhão não tem nada, há pessoas formadas por nós que fazem arqueologia de contrato porque não há núcleos de arqueologia nas universidades.

Em 1971, uma grande seca revelou esteios na ilha de São Luís, possivelmente de palafitas, junto a fragmentos de cerâmica bem rudimentar. O Museu Goeldi registrou a pesquisa feita na época.

- Eu adoraria me instalar na Amazônia por uns tempos para pesquisar a transição entre o semiárido, esse mundo nordestino, e a Amazônia, com uma área enorme no Maranhão - revela Gabriela.

Mas é na sua terra natal, mais precisamente na Cantábria, no norte da Espanha, que Gabriela encontra uma referência para falar da obra de Niède Guidon.

Em 1879, o farmacêutico Marcelino Sanz de Sautuola e sua filha Maria, de oito anos, descobriram a gruta de Altamira, cuja entrada esteve bloqueada por milênios, o que contribuiu para a conservação das pinturas no teto da caverna.

- Papai, há touros no teto... - disse a menina ao pai.

Anos depois, o pai diria à filha:

- Só você e eu sabemos que é verdadeira a nossa descoberta. Vou morrer com o desgosto de ter sido chamado de falsário.

De fato, só após sua morte, em 1902, o francês Emile Cartailhac publicou o artigo "A gruta de Altamira: *Mea culpa* de um cético". O mundo se rendia à

autenticidade daquela que é considerada a "Capela Sistina" do Quaternário, datada atualmente entre 14 mil e 18.500 anos atrás e conhecida pelo realismo dos animais representados<sup>74</sup>.

- Niède é uma lenda - garante a colega e amiga. - Nos anos 1960 ela já falava das navegações atlânticas. Hoje se volta a falar nisso, a possibilidade de povoamento das Américas em períodos em que o mar esteve muito mais baixo e haveria mais ilhas. Por isso ela não para de escavar, ela quer encontrar ocupações que coincidam com as datações do Boqueirão da Pedra Furada.

E Gabriela Martín conclui, com um sorriso:

- Eu sempre digo a ela: você quer encontrar o *Homo guidonense*... E ela me responde: Por que não a mulher?



<sup>74</sup>Pouco antes de fechar a edição deste livro, foram escavadas na Serra das Confusões a Toca do Alto do Capim e a Toca do Enoque, que visitei no ano anterior, ainda intocadas. Em ambas foram encontrados vários esqueletos, alguns com restos de cabelo, adornos e objetos de ritual funerário. A datação foi de 5.930 a 6.610 anos AP. O técnico Rogério Oliveira, que participou das escavações, me comentou que uma mandíbula era diferente das outras. Niède considerou a Toca do Alto do Capim uma "Capela Sistina" pré-histórica nordestina.



Na Toca da Passagem, na Serra Branca, essa pintura tem perspectiva, com os homens à frente usando cocares.

# ESQUINA DE POVOS: ÍNDIOS DE ONTEM E DE HOJE

# 7

Reduto indígena contra o colonizador europeu - Os índios do Brasil, por Mércio Gomes - Tapuia é Jê, inimigo de Tupi-Guarani - Índios Kamakan: paleoamericanos como Luzia? - Claudia Oliveira e a cerâmica - Amazônia e Piauí em perigo - Máscaras Tukano parecem da Serra Branca - Jacionira Coêlho, a arqueóloga - Brejo Seco, jazida de sílex e de níquel - A Casa da Torre, caçadora de índios - O genocida Domingos Jorge Velho - A expulsão dos jesuítas -- Ciclo da maniçoba: fundação do Zabelê - Arqueópolis - As terras da família Coelho - A Nova Zabelê e a manipulação do problema da terra, por Nilson Parente.

Desde que os europeus nos “descobriram”, há mais de cinco séculos, o estado do Piauí tornou-se uma espécie de refúgio para inúmeras tribos indígenas. Elas vinham empurradas do litoral por tribos rivais, que fugiam dos colonizadores. Baseado nos cronistas do século XVI, o antropólogo **Mércio Gomes** estima que àquela altura havia um milhão de índios Tupinambá nas costas brasileiras. Suas aldeias tinham de 300 a 1.000 pessoas, economicamente autossuficientes e interligadas por regras sociais de parentesco e defesa mútua. Mas sem uma organização social mais complexa.

MÉRCIO PEREIRA GOMES é antropólogo, PhD pela Universidade da Flórida, nos EUA. É professor da Universidade Federal Fluminense, em Niterói, tendo lecionado também na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Unicamp, Estadual do Rio de Janeiro e Macalester College, nos EUA. Trabalhou com Darcy Ribeiro no governo do Rio de Janeiro, ajudando a planejar e construir os CIEPs, de 1990 a 1994. Em 2003 foi nomeado presidente da Funai, cargo que ocupou até março de 2007. Ajudou a homologar a reserva yanomami Raposa Serra do Sol, deixando mais 50 reservas indígenas demarcadas.

Já a Amazônia, segundo os navegantes que subiram o rio Amazonas, era densamente povoada. Não seria exagero estimar em 20 a 30 mil habitantes a população de cada aldeia ribeirinha, com até nove quilômetros de extensão, cita o professor Mércio em seu livro “Os Índios e o Brasil”, lançado em 1988 pela editora Vozes. No Amazonas, na ilha de Marajó e na foz do Tapajós, os povos encontrados tiveram, certamente, culturas mais complexas e materialmente mais elaboradas, como revelam os vestígios de cerâmica e das casas, que sobreviveram de cinco a dez séculos. Seriam uns três milhões de pessoas, totalizando, por cima, uns cinco milhões de índios que viviam no Brasil até a chegada dos europeus.

Mas sabemos que, há muitos milênios, o sudeste do Piauí já era ocupado. A região era o encontro de três ecossistemas, o que multiplicava as possibilidades de sobrevivência: a chapada, em outros tempos coberta pela mata amazônica; a *cuesta*, cortada por rios e cachoeiras; e a planície, que já teve mata atlântica e campos verdejantes. Essa fronteira natural pode ter funcionado como uma espécie de “esquina” onde povos e animais se entrecruzaram através dos tempos.

Os grupos humanos pré-históricos nela permaneceram por muito tempo, de forma bastante equilibrada. Por volta de 6.000 anos atrás – época aproximada do desaparecimento da tradição cultural Nordeste – é possível que tenham passado a predominar os ancestrais das tribos indígenas encontradas pelos europeus.

## TUPI OR NOT TUPI

No período colonial, o Piauí não despertava maior interesse da Corte Portuguesa, pela aridez da região e distância do litoral. Até que a pata do boi foi subindo o curso dos rios e o olho grande dos vaqueiros se dirigiu às terras de melhor pasto, próximas aos cursos d’água, onde os antigos ocupantes tiveram que lutar para mantê-las.

Aí estavam sobretudo os povos conhecidos por Tapuia, o que quer dizer inimigo, em tupi-guarani. Na região da Serra da Capivara viveram os Akroá, Aruá, Aruasi, Guegué, Pimenteira, Kamakan<sup>75</sup>. Atrás deles, vindos do sul do estado e das margens dos rios São Francisco e Parnaíba, vieram os Amoipira, Tabajara, Ubirajara, Potiguara, Guarani, que depois migraram para o Maranhão e o Pará, onde há registro da presença dos Guarani depois de 1713.

- Hoje praticamente não há dúvida de que os Tapuia seriam os Jê - explica a historiadora e arqueóloga **Cláudia Alves de Oliveira**, a quem conheci em São Raimundo Nonato, onde ela foi convidada a dar aula na reabertura do segundo semestre de 2008, no curso de arqueologia da Univasf, a Universidade do Vale do São Francisco. - Na verdade, Jê é uma denominação que abriga diversos grupos étnicos com um modo de vida comum: sem aldeias, redes, "casas", e que desconheciam a cerâmica.

CLÁUDIA ALVES DE OLIVEIRA é historiadora pela Universidade Federal de Pernambuco, com mestrado na mesma universidade sobre A cerâmica pré-histórica no Brasil: avaliação e proposta, orientada por Anne-Marie Pessis. Fez doutorado em Arqueologia na USP, com Silvia Maranca, com a tese Estilos tecnológicos da cerâmica pré-histórica no sudeste do Piauí. Atualmente é professora da UFPE, dedicando-se também ao turismo cultural e arqueológico.

## OS DESCENDENTES DOS PALEOAMERICANOS, COMO LUZIA

No entanto, os Kamakan, apesar de pertencerem à família linguística Jê, produziam urnas de cerâmica, em que praticavam enterramentos secundários. Essa informação foi publicada em 1928 pelo antropólogo francês Alfred Métraux, em seu livro *La civilisation matérielle des tribus tupi-guarani*, da Librairie Orientaliste Paul Gauthier, citado por Cláudia. Sabendo agora que os Kamakan devem ser descendentes dos paleoamericanos, é interessante conhecê-los melhor.

No artigo "Perspectiva Etno-Histórica no Estado do Piauí - Brasil", publicado em 2002 na revista *Clio Arqueológica*, da UFPE, Cláudia descreve como era o enterramento nessa tribo:

*"O cadáver era inicialmente enterrado em posição fetal, numa fossa de 1,20m a 1,50m de profundidade, tendo ao seu lado armas e uma jarra contendo uma bebida; tudo era em seguida coberto de terra. Faziam uma fogueira sobre a sepultura, que era recoberta com ramagens. Um pote de cerâmica na fossa indicava a idade e o sexo do morto. Depois da decomposição da carne, os ossos eram coletados e introduzidos em uma urna funerária, que era enterrada em um buraco não muito fundo."*

Cláudia cita um outro autor, Estevão Pinto, que publicou, em 1938, "Os Indígenas do Nordeste", em São Paulo, pela Coleção Brasileira. Possivelmente numa reedição em 1956, Pinto se refere aos achados de Nimuendaju em território kamakan de restos de louça de feitiço esférico e com sulcos, no topo, feitos pela pressão dos dedos. Esse mesmo autor dá outros detalhes dos enterramentos secundários:

<sup>75</sup>Segundo Walter Neves, é bem provável que os Kamakan sejam descendentes dos paleoamericanos, como Luzia, o que foi tema da tese ainda inédita de João Paulo Attui, orientando de Neves na USP.

*“Cerca de quatro anos após a inumação, levam os ossos do cadáver, para a aldeia, depositando-os em um jirau novo, pintado de várias cores e recoberto de camada de terra batida. Durante uma lua, parentes e amigos dançam e bebem em honra do extinto. Os restos mortais são, depois dessa cerimônia, postos num camocim, que é enterrado: a boca da urna, que fica à flor da terra, cobre-se com varas soltas.”*

Os velhos, segundo Estevão Pinto, eram cremados para evitar que voltassem à terra sob a forma de onça. Esse ritual foi substituído, mais tarde, pela fogueira acesa sobre a tumba. E ainda havia um segundo sepultamento, quando comiam e bebiam durante uma lua inteira, guardando os ossos em igaçabas (potes grandes) pintadas. O destino das almas estava traçado: os bons reencarnavam nos recém-nascidos, os maus ficavam no céu provocando tempestades...

- Esses grupos Jê usariam botoques em forma de discos, enormes clavas e flechas de madeira, denteadas ou com lâminas de taquara de dois gumes, e poucos deles conheceriam a agricultura ou a teriam adotado após o contato com os colonizadores – afirma Cláudia.

A partir do século XIX, todos essas nações passaram a ser indistintamente chamadas, pelos colonizadores, de Botocudos ou Beicudos, em alusão aos botoques labiais e auriculares que usavam.

## AMAZÔNIA E PIAUÍ VIOLADOS

Em fevereiro de 1989, realizou-se em Altamira, no Pará, região do Xingu, o I Encontro dos Povos da Floresta, pouco mais de um mês após o assassinato de Chico Mendes, o líder dos seringueiros que ganhou o Prêmio Global 500 – assim como o atual Ministro do Meio Ambiente Carlos Minc – pela luta em defesa da floresta amazônica. Chico Mendes desenvolveu a forma de luta do “empate”, espécie de resistência pacífica contra a derrubada da floresta.

Entre os representantes dos cerca de 200 mil índios então existentes no Brasil, compareceu uma numerosa delegação dos Kayapó, povo do grupo Jê, tendo à frente o cacique Raoni. O amigo famoso do cantor Sting via-se às voltas com os direitos dos Kayapó aos *royalties* do ouro em suas reservas. Lembro do meu dilema de repórter em como direcionar o microfone ao entrevistá-lo, se por cima ou por baixo do enorme botoque de madeira em seu lábio inferior...

Davi Kopenawa, líder dos Yanomami, de Roraima, lá estava como porta-voz de seu povo na luta pela demarcação das terras, polêmica que se arrasta até hoje, vinte anos depois. Li há pouco tempo que ele está ameaçado de morte por fazendeiros que se instalaram nas terras yanomami para plantar cereal.

Naquela ocasião, nossa equipe da TV Manchete percorreu 20 mil quilômetros para mostrar a Amazônia de Chico Mendes. A série de reportagens para o Programa



de Domingo transformou-se no especial “Amazônia, Paraíso em Perigo”, depois comercializado em vídeo.

Uma semana antes de chegarmos a Altamira, uma índia havia levantado um facão na cara do presidente da Eletronorte, diante do público e das câmeras de televisão. A imagem, que correu mundo, tornou-se o símbolo da luta dos povos indígenas contra os enormes reservatórios que se pretendiam construir para usinas hidrelétricas, sinônimo de morte e destruição para as tribos que dependiam das áreas inundadas.

A consciência ecológica começava a se fortalecer no Brasil e no mundo. Os milhões de troncos submersos em Tucuruí, no Pará, estavam custando bem caro para serem resgatados. Ninguém pensou em aproveitá-los antes de inundarem quase 3 mil quilômetros quadrados, nas antigas terras dos índios Parakanã. O enorme lago de Balbina, próximo a Manaus, mostrava-se inoperante para a geração de energia, por causa do relevo plano, deixando a capital do Amazonas dependente das usinas termoelétricas movidas a óleo... e os índios Waimiri-Atroari ainda mais fragilizados, diante da invasão e exploração de sua reserva pela Mineradora Paranapanema. De lá para cá, buscaram-se novas tecnologias e compensações que diminuam o impacto ambiental causado pela construção das hidrelétricas.



## SURPRESAS NA FRONTEIRA DO GARIMPO

Em Roraima, fomos até a fronteira da Venezuela, junto ao rio Uraricoera, conhecer a mais recente frente garimpeira do país. A bordo de um aviãozinho cujo piloto voava “no olho” por sobre aquele tapete verde que parecia todo igual, conhecemos pistas clandestinas abertas na floresta, de garimpos trabalhados por índios subnutridos, sob o controle de “brancos” que sequer falavam a língua deles. Acabamos pernoitando em Pau Grosso, cuja pista seria dinamitada durante o governo Collor, poucos anos depois, em mais uma ação pirotécnica de seu governo. Na margem do rio, só havia o refeitório, alguns casebres e o bordel. Tudo ali pago em gramas de ouro. Uma coca-cola em lata custava meio grama de ouro. Se não me engano, a “chave” dos favores das moças custava dez gramas, algo assim. Chamava “chave” mesmo.

Essa talvez tenha sido a mais pitoresca experiência de minha vida de repórter. O câmera era o diretor de fotografia José Ventura, o Venturinha, irmão do jornalista e escritor Zuenir Ventura. O auxiliar era o César Pedreira, o Cesinha, que depois foi para a TV Globo de São Paulo, e o iluminador era o Marcos Alves, filho do Adilson, histórico iluminador do cinema brasileiro, que perdi de vista. O produtor ficou em Manaus, porque não havia lugar no avião. Era o Carlinhos

Wanderley, hoje tocando o Canal Brasil. Nós quatro fomos convidados-intimados a comparecer, à noite, ao show de uma dupla sertaneja goiana, levada especialmente ao bordel pelo “Ceará”, o “dono” do garimpo, que nos recebeu graciosamente, porque não tínhamos um tostão e o avião não poderia decolar antes do dia seguinte.

Foi tragicômico acompanhar o drama do Cesinha, um baiano de fala mansa que perdeu completamente a vontade de dançar com uma moça quando viu o tamanho da arma do cidadão que lhe fazia cara feia... Depois fomos escoltados pelo Ceará até o refeitório, onde nos ajeitamos para dormir. Muito gentilmente, a tia Zefa, a cozinheira, me ofereceu um lado da cama dela, a única disponível fora do bordel. Os meninos se resignaram com duas redes usadas e um banco de madeira, na cozinha. O gerador foi desligado e o escuro total da selva se abateu sobre o acampamento, junto com um dilúvio equatorial.

Às margens do rio Uraricoera, uns quinze minutos de “avoadeira” rio acima, encontrei um velho conhecido gaúcho, trabalhando de garimpeiro. O Charles, que se espantou tanto quanto eu com o nosso encontro, tinha sido o mecânico do meu carro em Maceió, Alagoas, sete anos antes! Ele estava lavando ouro dentro de uma bateia, onde misturou um pouco de mercúrio e aplicou o maçarico, para separar o ouro do minério. Essa prática para depurar o ouro é a responsável pela contaminação fatal dos rios com o metal pesado, levando à cegueira e à morte os peixes e seres humanos, como já tinha ocorrido no Japão e ameaçou durante um bom tempo – não sei se ainda ocorre – o Pantanal do Mato Grosso.

“Amazônia, Paraíso em Perigo” é de uma dolorosa atualidade, vinte anos depois. Os problemas são os mesmos e a floresta diminuiu. Agora, as grandes monoculturas de soja e arroz avançaram do cerrado para a fronteira da caatinga, ameaçando o Jalapão, e já chegaram ao sul do Piauí. Roraima é um palco de batalha entre arroteiros-grileiros e defensores das terras indígenas.

Essa triste mistura de cultura violada com natureza exuberante, aventureiros dispostos a quase tudo e a condescendência – ou deliberada convivência – das autoridades com as arbitrariedades e ilegalidades, guarda uma não menos triste semelhança com o que ocorreu no Piauí, nos últimos séculos.



## MEMÓRIAS INDÍGENAS

No acervo do Museu Paranaense, que visitei na companhia da antropóloga Vilma Chiara, em Curitiba, quando fui entrevistá-la em maio de 2008, encontramos várias peças indígenas dos anos 1940, adquiridas num tempo em que se considerava interessante o “exotismo” indígena. Observamos uma borduna kayakó, com a

ponta em lança, outras duas dos Xavante, próprias para abater o inimigo. Mas o que nos chamou a atenção foram as máscaras dos Tukano, do alto rio Negro, que lembram as pinturas do estilo Serra Branca, na Serra da Capivara. Uma outra, identificada como “máscara xinguana”, de madeira, tem a largura do corpo, com a parte de baixo de palha.

– Essas máscaras são feitas para receber o espírito que roubou a alma de alguém doente – explica a antropóloga Vilma. – O xamã, que é o médico, sabe quem raptou a alma e sabe onde ela está. Ele vai lá e a recupera.

O sacerdote que conseguiu a cura, através de um ritual, convida, então, o espírito para vestir a máscara e circular pela aldeia, indo comer na casa das máscaras, como uma política de boa vizinhança com o espírito. As máscaras “incorporam” as forças da natureza.

Ainda no museu, admirei um enfeite urubu-kayapó, um pente usado na franja, com um penduricalho de cada lado, com penas verdes e vermelhas. Li na etiqueta: rio Gurupi, no Maranhão. Rota da ferrovia de Carajás, que conheci quando nem estava pronta, só chegava aos arredores de Marabá, no sul do Pará, nos idos de 1983. Triste lembrança de massacres de todo tipo.

Anos depois, fiquei impressionada ao saber que o alojamento do DNER onde nos hospedamos, em Marabá, tinha recebido as tropas que reprimiram a guerrilha do Araguaia, no começo dos anos 1970. Disseram até que havia guerrilheiro enterrado por lá, no quintal do alojamento, talvez alguns das dezenas de combatentes e camponeses desaparecidos.

## CINCO MIL LÍNGUAS E DIALETOS

O antropólogo Mércio Gomes estima que, por volta de 1500, metade das línguas existentes no mundo se encontrava na América do Sul, cerca de 5.000 línguas e variações dialetais, das quais 1.000 ou 1.500 idiomas eram falados no Brasil. Esse número, hoje, não passa de 170...

*“Os povos que falam línguas da família linguística Jê (que, por sua vez, compreende com outras famílias um tronco macro-Jê) são aqueles que vivem em ambientes ecológicos de cerrados e floresta de galeria; e que se distinguem por um padrão cultural de divisões e segmentações internas, por aldeias circulares ou semicirculares e por uma ênfase pronunciada sobre a ritualização da vida cotidiana.*



As máscaras rituais de Grupos Jê, feitas de entrecasca de árvore, lembram os “mascarados” das pinturas do estilo Serra Branca, da Serra da Capivara.

(...) É provável que a gênese de sua formação cultural [do tronco macro-Jê] seja produto de sua adaptação original à ecologia de cerrados e caatingas, mas, nos dias de hoje, há diversos desses povos que vivem exclusivamente na floresta."

## TRONCOS LINGUÍSTICOS

Os linguistas tiram interessantes conclusões sobre as origens dos vários povos do sudeste do Piauí. No lugar onde se concentram os elementos mais divergentes de uma família linguística, é provavelmente a sua área de origem. No Nordeste, os grupos de línguas isoladas seriam os Kariri, os Gamela, os Kamakan e os Massacará. Essa aglomeração de línguas isoladas sugere que, numa data muito remota, os ancestrais dos Macro-Jê teriam estado em algum lugar do planalto entre as bacias do São Francisco e do Tocantins.

**JACIONIRA COELHO SILVA** formou-se em História pela UFPI. Fez mestrado e doutorado na Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação de Gabriela Martín, e especialização com Niède Guidon em Antropologia Pré-Histórica na UFPI. A tese de mestrado foi sobre a tecnologia pré-histórica em São Raimundo Nonato, Piauí (10.000 - 5.000 anos AP) – os artefatos de pedra. O doutorado foi sobre Arqueologia no médio São Francisco – Indígenas vaqueiros e missionários. Participou de vários projetos arqueológicos no Nordeste, como o de Xingó e o do Seridó, de vestígios pré-históricos. Também dedicou-se à



arqueologia histórica, sobretudo do período de contato com o colonizador.

A arqueóloga **Jacionira Coêlho**, que foi da primeira turma de especialização de Niède na Universidade Federal do Piauí, onde hoje ela colabora com o Núcleo coordenado por Conceição Lage, comenta o mesmo fenômeno.

- Tem tronco Jê, Tupi, Caribe, Aruá – descreve ela.  
- O Pimenteira seria Caribe, um quisto no interior do Piauí. Os Xerente são Jê, são Timbira com outro nome. Xikrin também é Jê. Tem os Timbira do Norte e os do Oeste.

Com o rosto largo característico de boa parte da população piauiense, Jacionira defende a teoria de que não houve extinção, mas miscigenação:

- Eu sou índia, sou descendente da ralé. Quem é da elite, não assume. Em Caracol [a 90 km de São Raimundo Nonato], temos um amigo que é índio. Ele conta a história de que um Dias, que é Ávila [referência a Garcia d'Ávila, da antiga Casa da Torre<sup>76</sup>], casou com uma índia e tomou conta da terra que era do sogro, no sul do Piauí. E ficou por lá. Quer dizer, ninguém gosta de assumir, mas o sangue índio se diluiu na população.

Além da consultoria à universidade em Teresina, Jacionira atualmente trabalha em pesquisas

<sup>76</sup> "O símbolo da cruz fora fincado no Ceará e no Maranhão, na mesma atmosfera de cativo e matança. Para as bandas das Gerais, na região do rio Verde, a resistência recordava os Potiguares e Tabajaras no Nordeste. Necessário se fazia exterminá-la, antes que tomasse maior vulto. Para essa tarefa, foram escolher justamente Francisco Dias D'Ávila, filho e herdeiro do velho Garcia, famoso verdugo, que organizava e financiava expedições para caçar índios. O filho não saiu pior nem melhor do que o pai. Herdou incalculável fortuna e ficou conhecido como o **Senhor da Casa da Torre**, um dos homens mais poderosos e ricos de quantos já viveram neste país". LUNA, Luiz. Resistência do Índio à Dominação do Brasil. Editora Leitura, Rio de Janeiro, 1965, pág. 76.

encomendadas, a chamada arqueologia de contrato. É como se chama o trabalho realizado por profissionais arqueólogos contratados por uma empresa, que quer montar um empreendimento numa região onde se localizam sítios arqueológicos. Aí é preciso fazer o levantamento, com prospecções, e o salvamento dos sítios encontrados, num prazo relativamente curto.



## BREJO SECO, JAZIDA DE SÍLEX NA PRÉ-HISTÓRIA, HOJE MINA DE NÍQUEL<sup>77</sup>

No morro do Brejo Seco, no município Capitão Gervásio de Oliveira, a leste do Parque Nacional Serra da Capivara, a Companhia Vale do Rio Doce está implantando um grande empreendimento para a exploração de níquel, que prevê a construção de uma hidrelétrica, de uma adutora e a exploração de calcário. A Fumdam foi contratada para a prospecção e salvamento arqueológico, já que a área faz parte do enclave arqueológico do Parque. É um exemplo de arqueologia de contrato, obrigatória por lei no caso de áreas significativas com patrimônio histórico e cultural.

A área já estava bastante degradada desde os anos 1970, quando foi usada para a exploração de amianto. Depois dos estudos geológicos e mineralógicos para a extração do níquel, foram feitas a identificação e o registro dos sítios arqueológicos encontrados, sendo a última etapa a coleta do material lítico.

O sílexito, matéria prima para as ferramentas pré-históricas, encontra-se no platô do morro. É uma rocha sedimentar, formada principalmente de óxido de silício, componente do quartzo. Pode ter diferentes características físicas, segundo os minerais que o compõem, variando o aspecto e o grau de porosidade, por exemplo. O lascamento pressupõe a intenção do gesto humano ao escolher determinada rocha. No alto do morro foram encontrados também seixos em quartzo e quartzito, possivelmente usados como percutores.

**Gisele Felice** e Fátima Luz coordenaram as equipes de campo. Foram coletados vários líticos, em grandes

**GISELE DALTRINI FELICE** é formada em Geografia pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Fez mestrado em História na Universidade Federal de Pernambuco, com a tese “Sítio Toca do Boqueirão da Pedra Furada – Estudo Comparativo das Estratigrafias Extra-Sítio”, orientada por Niède Guidon e Joël Pellerin, geógrafo francês da Universidade Federal de Santa Catarina. O doutorado em História foi orientado pela arqueóloga Conceição Lage, da Universidade Federal do Piauí, cuja tese foi “Proposta metodológica para contribuir com os estudos geoarqueológicos paleoambientais: estudo de caso Maciço calcário do Garrincho”. Atualmente é professora da Universidade Federal do Piauí, curso de Arqueologia, sendo consultora da Fumdam, em São Raimundo Nonato.

<sup>77</sup> GUIDON, Niède; AIMOLA, Giulia; MEDEIROS, Elisabeth; BITTENCOURT, Andréa; FELICE, Gisele. “Na pré-história uma mina de sílexito, hoje uma mina de níquel” in revista Fumdhamentos VI. São Raimundo Nonato, 2007.

oficinas líticas, e localizados sítios arqueológicos no calcário, com ossos de megafauna.

- O que era uma jazida de sílex para o homem pré-histórico é hoje uma jazida de níquel para o homem moderno - explica a arqueóloga Gisele Felice. - Já tínhamos resgatado algumas urnas nessa região, como em todo o sul do estado. A Vale só vai poder mexer no calcário com a assistência de técnicos e arqueólogos, porque tem que acompanhar a retirada de sedimentos. A cada vestígio que aparecer, terá que parar a mineração, fazer o salvamento, para só depois liberar a área.

- A questão é que aqui no Brasil as coisas são feitas de última hora - reclama Niède. - E existe essa má vontade com a arqueologia. É uma bobagem, porque não precisa criar o obstáculo para a indústria, e a própria empresa poderia criar o atrativo a mais, que é o museu. Eu disse a eles, na Vale, que eles deveriam criar uma sala mostrando o que tinha ali - propõe Niède.



## CORRESPONDÊNCIA ENTRE TRADIÇÃO LÍTICA E PINTURAS RUPESTRES

Jacionira especializou-se em líticos, assunto de sua dissertação, feita em São Raimundo Nonato com o estudo de três sítios, em 1984, estabelecendo o que os especialistas chamam de cadeia operatória. O estudo das pinturas serviu, para ela, como referência para a análise dos objetos líticos. O interessante é que ela confirmou o que Niède percebeu nas pinturas: um certo rebuscamento na técnica, que depois se transforma, já então de maneira mais generalizada, em termos espaciais.

À tradição Nordeste na pintura, que engloba o Seridó, corresponderia a tradição Itaparica na indústria lítica. A tradição Agreste, presente em todo o Nordeste e também no São Francisco e no Planalto Central, corresponderia à tradição São Francisco dos líticos. Aparentemente os territórios dos grupos caçadores-coletores eram muito grandes, colocando em contato vários grupos. A mudança nas tradições, correspondendo às diferentes ocupações, teria sido entre 10 mil e 5 mil anos atrás.

Então:

Localização	Lítico	Pintura
Todo o Nordeste, inclusive o Seridó	Tradição Itaparica	Tradição Nordeste
Todo o Nordeste, inclusive no vale do São Francisco e Planalto Central	Tradição São Francisco	Tradição Agreste

- Estudei muito essas tradições - explica Jacionira. Na área de artefatos de pedra, o que chamam tradição dura uns 12, 15 mil anos. É um período muito longo. Temos etapas evolutivas nessa fabricação de artefatos.

## MADEIRA DA CAATINGA SUBSTITUIU PEDRA COMO FERRAMENTA

Jacionira destaca uma particularidade da pré-história da região:

- Curioso que no Nordeste quase não se encontra seta de pedra, ponta de lança. Por isso se acredita que se usava diretamente a madeira.

O que parece uma involução tecnológica para o leigo - pegar uma pedra, fazer duas lasquinhas, depois largar e ir embora - pode ter sido a evolução para outra tecnologia. Por exemplo, podem ter substituído a pedra pela madeira da caatinga, que é bem dura. Até hoje o homem do interior usa um graveto pontiagudo para furar a pele de um animal, por exemplo.

A experiente professora conclui, com um sorriso:

- Estou trabalhando com o homem que entra em contato com o colonizador, como ele deixa de ser pré-histórico. Sou contra dizer que tal grupo foi exterminado. Eram os homens que iam para a guerra. As mulheres eram capturadas e se tornaram mulheres dos colonizadores. Senão não estaríamos aqui, você olha para a população e vê que tem cara de índio...



### À MESTRA NIÈDE

- A doutora Niède é um ídolo. Conheci nos primeiros tempos de trabalho, de dureza. A gente começou no Sítio do Meio. Depois estive na Pedra Furada, uns 5 ou 6 anos depois. As primeiras datações de 2.000 anos foram empolgantes naquela época. Conheci a doutora Niède a pessoa comum, amiga. Ela é muito brincalhona. No sítio, ela esquece que é a grande pesquisadora, é extrovertida. Hoje, com os problemas de saúde dela, eu não a vejo muito. Ela é um mito, um mito respeitável. Um exemplo para os jovens que estão começando, com a sua perseverança. [A arqueologia] é uma atividade cara, que exige muito estudo, os dados se modificam da noite para o dia, se não se mantiver informada perde o contexto, tem que ser perseverante como ela. Ao mesmo tempo que é uma grande cientista, é uma grande empreendedora. Foi ela que batalhou aqui no Brasil. Antes só se ia atrás de osso, atrás de pedra, atrás de índio e mais nada. Ela é que batalhou pela descoberta desse patrimônio aqui no país.

JACIONIRA COÊLHO SILVA, arqueóloga pesquisadora da UFPI

## E COMEÇA O GENOCÍDIO

Nunca os portugueses trataram os índios como integrantes de uma Nação, com quem negociar, mas como vassalos. Depois de raras ocasiões em que se aliaram a



A ruína da Casa da Torre existe até hoje na Praia do Forte, litoral da Bahia.

uma tribo ou outra, por interesses táticos, sempre desonraram os acordos e desfecharam guerras de extermínio. O Piauí foi palco das mais cruentas de que se tem notícia. Nele estava instalado, desde o final da guerra de Palmares, o temível “bandeirante” genocida Domingos Jorge Velho<sup>78</sup>.

Naqueles tempos da Colônia, quase todo o território do que é hoje o estado do Piauí integrava as terras da Casa da Torre, do português Garcia D’Ávila. A sede dessa gigantesca propriedade, que abrangia boa parte do Nordeste brasileiro, ficava na atual Praia do Forte, famoso balneário cem quilômetros ao norte de Salvador, na Bahia. As ruínas dessa que foi a primeira construção portuguesa no Brasil lá estão, dando nome à praia e a duas ruas do elegante bairro de Ipanema, na zona sul do Rio de Janeiro: as ruas Barão da Torre e Garcia d’Ávila. A casa, riquíssima para os padrões da época, era, na verdade, uma verdadeira fortaleza, para resistir aos ataques vindos do mar e de terra.



#### LOCAL DE BATALHAS É HOJE DE PRESERVAÇÃO DA FAUNA MARINHA



Hoje a praia do Forte sedia o Projeto Tamar, o bem sucedido projeto de proteção às tartarugas marinhas, que está revertendo o processo de extinção das quatro principais espécies existentes no Brasil. Lá se instalou em 2007 o Projeto Jubarte, iniciado em Caravelas, no litoral sul da Bahia, para a proteção dessas baleias, que vêm anualmente da Antártida para se reproduzirem nas águas quentes do litoral baiano.

Conta-nos o jornalista e escritor Luiz Luna, em seu livro “Resistência do Índio à Dominação do Brasil”, editado em 1965, que depois de esmagar os gentios das Gerais, o Senhor da Casa da Torre, Francisco Dias D’Ávila, resolveu exterminar os índios do Piauí, onde terminavam as terras herdadas do pai, o temível Garcia D’Ávila. A expedição reuniu cerca de 800 homens em duas colunas, chefiadas por Domingos Afonso Sertão e Francisco Rodrigues de Carvalho, antepassados de tradicionais famílias hoje fixadas na Paraíba.

[No limite entre o Piauí e o Ceará], “os Cariris tentaram oferecer resistência e foram totalmente eliminados. Os Gurgueias, diante do rolo compressor que a todos esmagava, internaram-se no Pará, e os Averoás, todos esses índios da família Tapuia, foram parar em Goiás. (...) Dominado o Piauí, com milhares de índios mortos ou escravizados, o Senhor da Casa da Torre, como acontecia após cada conquista, procedeu à distribuição dos despojos.

<sup>78</sup> O Quilombo dos Palmares, que resistiu mais de um século no sertão alagoano, perdeu seu líder Zumbi numa emboscada por traição, em 20 de novembro de 1695. O quilombo foi definitivamente destruído em 1710, por Domingos Jorge Velho, personagem tão bárbaro que até antropólogo dizem que era, evidentemente sem qualquer justificativa cultural.



*Couberam-lhe as terras compreendidas entre os rios Gurgueia e Parnaíba, as mais férteis e mais ricas da região, favoráveis à criação de gado pela excelente pastagem que ofereciam. Tinha, assim, origem o tradicional rebanho bovino do Brasil.”<sup>79</sup>*

Domingos Afonso Mafrense, o “Sertão”, recebeu uma quantidade de terra muito grande no Piauí. Ele morreu em 1711, sem herdeiros. Possivelmente com a consciência carregada de todos os índios que trucidou, deixou as terras para os jesuítas, que deveriam rezar pela salvação de sua alma até o final dos tempos. Não sabemos se foram bem sucedidos nos assuntos etéreos, mas quanto às terras, os piedosos jesuítas souberam muito bem explorá-las, transformando-as em prósperas fazendas de gado, que abasteciam os engenhos de açúcar nordestinos.

O antigo bandeirante Domingos Jorge Velho, instalado no Piauí, onde tomou para si mais território do que lhe fora concedido em prêmios e sesmarias, foi chamado pelo governador de Pernambuco para continuar as guerras de extermínio, ele que já tinha um currículo impressionante na luta contra os Gueguê, Acroá, Pimenteira, Gamela e Xavante. Todos lucravam, menos os índios, é claro, já que os sobreviventes eram distribuídos entre as fazendas de gado, inclusive as dos jesuítas.

## POMBAL EXPULSA JESUÍTAS E CONTROLA DROGAS DO SERTÃO

Em 1759, o primeiro-ministro de Portugal, Sebastião de Carvalho e Melo, que ficaria conhecido como Marquês de Pombal, achou por bem expulsar aqueles prósperos empreendedores de batina, não apenas de Portugal mas de todos os seus domínios, confiscando, naturalmente, os bens da Companhia de Jesus.

A essas alturas, Portugal afundava em grave crise, depois de torrar o nosso ouro em esbanjamentos da corte e sem implantar qualquer manufatura, tornando-se dependente da Inglaterra. O confisco dos bens dos jesuítas foi providencial. Na Amazônia, eram as missões religiosas que controlavam a coleta das “drogas do sertão”, principalmente do cacau. No Sul, o conflito com as missões jesuíticas era justificado porque estas insuflavam os índios contra o domínio português. O magistral filme “A Missão”, em parte filmado no Brasil, retrata como a audácia dos missionários – Jeremy Irons como jesuíta espanhol e Robert de Niro como mercenário português aliado – levou à destruição total das missões pelas tropas portuguesas.

Com grande “sutileza”, as capelas tornaram-se paróquias com vigários nomeados pelo rei, os índios tiveram que trocar os nomes “bárbaros” por nomes portugueses, as línguas nativas foram proibidas, os caciques viraram capitães e as lideranças, vereadores. Os índios deveriam trabalhar metade do tempo de graça para os colonos e cada aldeia deveria ter soldados portugueses para manter a ordem. Pronto. Estava resolvido o atraso do Brasil...

<sup>79</sup> Respeitamos a grafia e a forma plural do nome das tribos utilizadas pelo autor.

EMILIA PIETRAFESA DE GODOI formou-se em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Fez mestrado em Antropologia Social na Universidade Estadual de Campinas, depois obteve o Diplôme D'Études Approfondies na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, e o doutorado em Antropologia na Universidade de Paris X – Nanterre. Atualmente é professora da Universidade Estadual de Campinas. Aqui nos referimos ao livro “O Trabalho da Memória – Cotidiano e História no Sertão do Piauí”, publicado pela Unicamp em 1999, texto da sua dissertação de mestrado, um belo estudo feito sobre a memória camponesa com nossos personagens, seu Nivaldo, dona Carmelita, Joãozinho da Borda, Nilson Parente, num tempo em que ainda existia o povoado Zabelê, dentro dos limites do atual Parque Nacional Serra da Capivara. Saiba mais sobre o Zabelê ainda nesse capítulo.

## COROA PORTUGUESA PREMIA QUEM TOMA TERRAS DE ÍNDIO INFIEL

Não é de estranhar, portanto, que no Piauí se usasse uma figura jurídica portuguesa muito utilizada entre os séculos IX e XI, com vestígios até dois séculos mais tarde, e característica dos tempos das Cruzadas, para conceder as terras “conquistadas” dos índios no nosso sertão, já no século XIX. Segundo a cientista social **Emilia de Godoi**, a “presúria”, ou concessão de terras pelo Rei a homens livres e pobres, como direito de conquista sobre o “infíel”, ou a pura e simples apropriação das terras com posterior reconhecimento pelo governo, foi a lei que vigorou durante o vazio jurídico que existiu logo após a independência do Brasil, em 1822. Naquele momento, as antigas propriedades dos jesuítas, as “Fazendas do Real Fisco”, tornaram-se “Fazendas Nacionais”.

### ÍNDIOS SÃO “VAGABUNDOS” COMO OS ÁRABES...

Encontramos a seguinte “pérola” citada por Emilia de Godoi, de autoria do governador da capitania do Ceará em 1800, B. M. de Vasconcellos, referindo-se a seus “governados”:

*“A metade de seus habitantes [da capitania do Ceará] é de desocupados e sem trabalho, ou vagabundos por natureza, como os árabes: uns e outros, são em todos os lugares estrangeiros, vivem somente do roubo de gado...”* Por isso, prossegue a “luminar” autoridade, dá-se “o mau estado das vilas”, já que à “indolência absoluta” associa-se uma “tendência irresistível de voltar para a mata de onde vieram”...

A historiadora Ana Stella Negreiros de Oliveira, atual responsável pelo escritório do Iphan em São Raimundo Nonato, fez sua tese de doutorado em História sobre “O povoamento colonial do Sudeste do Piauí: indígenas e colonizadores, conflitos e resistência”, na Universidade Federal de Pernambuco, orientada por Gabriela Martín.

– O que me conduziu foi o rio Piauí – explica Ana Stella. – Eu me baseei na documentação do Arquivo do Estado, particularmente do século XVIII. Na época eram os índios Pimenteira, chamados assim pelos colonizadores. Trabalhamos com a hipótese de que eles foram formados aqui, de grupos que vieram subindo o rio São Francisco, dois, três, quatro grupos. Receberam esse nome porque moravam no Sertão das Pimenteiras.

Ana Stella descreve a chegada dos criadores de gado, possivelmente em duas levas, uma da Bahia, outra de Pernambuco, ocupando primeiro o sudeste do Piauí, chegando à região onde é hoje Oeiras, que foi a capital do estado.

O último grupo indígena em confronto com os colonizadores, no sudeste do Piauí, foi o dos Pimenteira. No final do século XIX, então, dá-se outra ocupação, das terras que não eram consideradas boas para a pecuária: foi o período da maniçoba, nas terras devolutas das chapadas.

### ARQUEÓPOLIS

Aproveito para perguntar a Ana Stella sobre um muro de grandes pedras, que vi na região conhecida por Oitenta, que pertence à Fumdham.

– Não fizemos datação do muro, ele é chamado de “Muro Histórico”, na Jurubeba. Provavelmente é uma barragem construída por escravos – conta Ana Stela. – Encontramos um proprietário do século XIX, a família Vaz da Costa, que tinha uma fazenda com escravos, ali era o Boqueirãozinho. O Iphan está também trabalhando com a Fumdham numas ruínas no Pajaú, comprovadamente jesuíticas.

O sítio dos Oitenta seria o local de implantação do projeto Arqueópolis.

Seria uma verdadeira Disney pré-histórica, com opção para o turista “viver” em aldeias montadas por índios krahô, ou em chalés para os que quisessem se instalar com toda a família, nas condições pré-históricas, com pouca roupa, etc. Como muitos outros projetos sugeridos por uma consultoria suíça, para a autossuficiência financeira da Fumdham, esse também dependia da conclusão do aeroporto internacional, que garantisse o acesso dos turistas. Quem sabe agora sai...

## MANIÇOBEIROS NA SERRA BRANCA

– A região da Serra Branca [no norte do Parque Nacional Serra da Capivara] foi muito ocupada no tempo da maniçoba. As famílias muitas vezes moravam nas tocas, construindo paredes, as pinturas fazendo parte da sala das pessoas – lembra Ana Stella, que fez seu mestrado sobre esse período. – Essas famílias ficaram na região do Parque. Quando a doutora Niède começou a andar no Parque, ainda encontrou famílias morando nas tocas. Isso está na memória deles. Ao mesmo tempo em que eles falam da dificuldade, da seca, das privações, eles se referem como sendo uma época boa, que tinha o que produzir e para quem vender...

A maniçoba é da família da mandioca, mas tem uma seiva como a da borracha. É uma árvore pequena, não é como a seringueira. O maniçobeiro cava perto da raiz, faz o furo e deixa gotejar. Como na seringa, cada maniçobeiro tem o seu carreiro, como se fosse dono das árvores naquela rota. Depois de “cortar” (ou furar) todas as árvores do seu caminho, ele volta para recolher a lapa, a bola formada pela seiva endurecida. No final da semana vinha o barraqueiro que comprava o produto de todas aquelas famílias.

A produção seguia em lombo de burro para Remanso, na Bahia. De lá ia para Juazeiro, onde passava para o trem, até Salvador. Os principais compradores eram da França e da Inglaterra, que usavam a matéria prima para fazer pneus, durante a expansão da indústria automobilística.



Família de maniçobeiros na toca que servia de casa. Foto de Águeda Vialou.

- Na primeira guerra mundial, quando os ingleses não estavam mais comprando a borracha do Brasil, porque começaram a comprar da Ásia, o Brasil entrou em crise. Mas a demanda voltou durante a segunda grande guerra, quando o Japão fechou a rota para o Sudeste asiático. Aí a produção foi retomada em grande escala. Aqui em São Raimundo teve até um escritório de uma empresa norte-americana.

A Fazenda Serra, comprada por um americano, chegou a ter mais de 300 pessoas trabalhando com maniçoba. Hoje é chamada Serra dos Gringos.

## AS TERRAS DA FAMÍLIA COELHO

No Barreirinho, segundo seu Nivaldo, o terreno onde hoje está instalada a Cerâmica, os escritórios, o que foi a escola – hoje em parte usada pela confecção –, a pousada e o restaurante, tudo muito simples, pertencia à família dele. Mas como “não tinha serventia”, ele doou à Fundham. Na escritura, consta como venda: “O povo diz que nós tinha vendido e escondido dos filhos”, conta ele.

- Começou em 1992, com o Yamada, o japonês. Foi quem fundou a Cerâmica. Sai com ele tudo isso aí, encontramos 46 tipos de argila, andamos por todo canto. Tinha que ser um barro que chegasse a 1.250 graus. Só dava certo dois tipo de argila junto. Da que eu fazia telha, ele disse que essa argila foi até 1.000 grau mas depois entortava, diz que tinha muito ferro. Precisava de uma mais fraca pra conseguir chegar a 1.250, pra ter mais qualidade.

Hoje esse conhecimento é compartilhado por dezenas de técnicos, da própria região. Numa de minhas visitas à Cerâmica, que tem uma enorme variedade de lindas peças adornadas com reproduções das pinturas rupestres, o ceramista Gilvone Pais da Mata estava separando um lote de louça azul, mostruário de desenho exclusivo para um restaurante japonês em São Paulo. Ele me explica que primeiro queima a peça a 900 graus. Depois de pintar, volta para o forno e queima a 1.240 graus. O resultado pode ser brilhante ou fosco. Ele próprio, esclarece, prefere o fosco.

Seu Nivaldo também trabalha na Cerâmica. Num dia em que estava enchendo umas formas de gesso com argila líquida, explicou-me que a secagem é de fora para dentro:

- A argila não se mistura com o gesso e “choca” [solta-se] por ela mesma. Aí vai ter o acabamento: fazer a borda, colocar a asa. Gruda com a mesma balutina<sup>80</sup> – diz ele, mostrando uma caneca.

<sup>80</sup> O nome técnico é barbotina, esclarece o químico Paulo Boaventura.

Seu Nivaldo lembra dos primeiros tempos de escavação, ali pertinho:

– Falaram pra Niède que havia uma aldeia de índio, e tinha mesmo, no sítio do meu avô, ali na porta de minha casa. Aí ela começou a vir praí. Não tinha carro, só um jipe velho de um senhor. Ela chegava cedinho, e ficava trabalhando na nossa roça, escavando.

Na Aldeia da Queimada Nova, descoberta na roça de seu Nivaldo, foram encontrados muitos discos perfurados e não perfurados, como lembrou Águeda Vialou<sup>81</sup>. Em 2008, foi encontrada no Baixão da Serra Nova uma nova aldeia, também com muitos discos, inclusive com um cachimbo de barro ainda com restos de fumo.

## CERÂMICA, A “VILÃ” DA ARQUEOLOGIA

– A dúvida na datação da cerâmica encontrada próxima à superfície é que o agricultor pode ter tocado fogo na roça, e esse fogo recente é que aparece na datação. Por isso tem que associar a cerâmica ao estilo lítico, ao contexto – explica a arqueóloga Silvia Maranca.

Silvia considera a cerâmica, sua especialidade, como “a ovelha negra da arqueologia”. Os europeus, diz ela, insistem em afirmar que a cerâmica só surgiu com o advento da agricultura:

– Eles acham que se é sedentário, é agricultor. Hoje há índios que caçam e pescam e são sedentários. Depois de dias caçando e pescando, voltam para a aldeia. São sedentários, e são caçadores e coletores. E há horticultores que não têm a tecnologia da cerâmica. Se você combina essas três coisas, agricultura, sedentarismo, cerâmica, você vai ver que não há uma relação obrigatória. Já em Teotihuacán<sup>82</sup>, no México, há evidências de que há onze mil anos se cultivava o milho, o *maíz*.

Silvia comentaria o interessante motivo da urbanização em Teotihuacán. Era a produção de sal, que eles trocavam por outros produtos e tinha enorme valor. De sua experiência no México, ela ainda menciona o vale de Montalbán, em Oaxaca, onde encontraram uma figura em cerâmica tipicamente olmeca, cultura que se desenvolveu muito longe dali, no litoral de Veracruz, na costa atlântica: “Pode ser uma intrusão”, ou seja, alguém que trouxe a peça, é uma ocorrência incidental. “Mas como estava em profundidade, imaginamos que houve um contato”, disse ela.

– No Sítio do Meio, um caco datou nove mil. Na Taperinha, se datou 11 mil. É só um caquinho, mas suficiente. Junte-se com a experiência do México, e vemos que não faz sentido se acreditar que sítio lito-cerâmico tem só dois, três mil anos – afirma Silvia.

<sup>81</sup> Ver no capítulo 5, no quadro “No Barreirinho”, à página 119.

<sup>82</sup> **Teotihuacán** é um importante sítio arqueológico a 40 km da cidade do México, onde floresceu uma civilização já desaparecida quando os astecas dominaram o vale central do México, hoje declarado Patrimônio Cultural da Humanidade, pela Unesco.

## OS VERDADEIROS DONOS DA CERÂMICA SERRA DA CAPIVARA

Em 2009, seu Nivaldo estava com 76 anos, como Niède. Sempre de boné, dá para ver que costumava tingir o cabelo e o bigode. Magro e resistente, aguenta uma subida melhor do que eu, por exemplo. O que não chega a ser uma façanha... Dona Carmelita está sempre arrumada, cabelos curtos e tingidos, vestido feito na costureira, óculos multifocais modernos. Um dos tratos da administradora da Cerâmica, a pernambucana Girleide de Oliveira, com a Fundação, é empregar o casal, sendo que dona Carmelita tem comissão sobre as vendas da loja.

- A Anne-Marie disse que é mais fácil elas sair daqui do que nós. Então nós tamo seguro, né... - ela explica, referindo-se às fundadoras da Fumdam, enquanto se levanta para vigiar o doce de coco que está cozinhando para a sobremesa. Estamos conversando na cozinha, porque hoje tem visita para o almoço. Sempre que chega alguém de fora, é obrigatória uma visita ao Barreirinho. Afinal, seu Nivaldo e dona Carmelita são, hoje, os verdadeiros anfitriões da região.

## RUA VELHA E ZABELÊ

Emilia Godoy reconstituiu a memória do tempo da maniçoba - quando a família Coelho, entre outras, se instalou nos arredores da Serra da Capivara - através da tradição oral no povoado Zabelê, localizado onde é hoje o centro geográfico do Parque. Houve três irmãos fundadores e algumas famílias que fundaram o povoado. Eles habitavam até então as terras da primitiva fazenda Várzea Grande, onde surgiram os povoados de Rua Velha - hoje o bairro São Pedro, de Coronel José Dias - o Barreiro Grande e o Barreirinho, onde fica a Cerâmica. Quem foi morar no Zabelê eram "os mais fracos", quer dizer, os mais pobres, impelidos a "subir a serra", um dos limites da antiga fazenda. Isso foi em 1902.

O curioso é a relação que a comunidade estabelece com o espaço, diretamente relacionada às formas de sobrevivência. Tem a casa, o quintal, a roça. Mas tem também os baixões próximos ao "pé da serra", próprios para a agricultura, por serem mais úmidos e férteis. Aí se plantam o milho, o feijão, a palma, o algodão, a mamona. E há as terras da chapada (devolutas), usadas como fonte de recursos naturais: madeira para lenha e para fazer cerca, a caça, o mel, mais tarde a maniçoba. Na chapada também se plantava um pouco de mandioca e feijão.

Nilson Parente, aquele que recebeu Niède em sua primeira visita à região, foi ouvido há mais de vinte anos por Emilia. É ele quem conta que os primeiros a chegar foram os irmãos João Bernardo, Antonio Maroto e Manuel Roberto, que se arrancharam na Toca do Caldeirão, onde fica o Caldeirão Grande. Eles vieram furar maniçoba. O primeiro caminho que descobriram foi entre o Caldeirão Grande e a Serra Nova. Depois eles subiram a chapada, fazendo picada. Nilson conta como surgiu o nome do povoado Zabelê:

## O ANTIGO POVOADO DO ZABELÊ

– Aí, certo que eles chegaram, aí foram trabalhar, abriram roça e nunca lembraram como podia fazer o nome daquele lugar, então, o avô do Zé Roberto, ele ia trabalhando lá e voou uma zabelê e se enganchou num garrancho de pau e caiu e ficou batendo pra voar, aí ele correu e pegou. Saltou nela e pegou. Aí apelidaram por Zabelê, o lugar por Zabelê.

O “pasto manso” é aquele que é cercado, a natureza domesticada, em oposição ao “pasto brabo”, cheio de espinho, onde cresce a maniçoba, o juá (o juazeiro), e principalmente o alho brabo, que dá cheiro ruim ao leite quando a vaca o come. Na tradição camponesa, não apenas dessa região, esse tipo de terra fica separada como “terra de ausente” ou “terra de comum”. É uma terra que “taí pro povo tirar madeira e praquelles de pouca condição fazer roça”.

No Zabelê, as “terras de ausente” pertencem ao “tronco do véio Vitorino”, o ancestral comum. O “posseiro” sempre tem “situação”, isto é, casa e roça. O “apossado” tem também “condição”, ou seja, o papel que informa o valor e, às vezes, a extensão de sua posse (sua situação). Se a terra está roçada, ela tem “serviço”.

O trabalho de Emilia foi feito antes da retirada da população do Zabelê de dentro do Parque, em 1988 e 1989, dez anos depois da criação do Parque Nacional Serra da Capivara. Podemos imaginar a confusão que foi determinar os valores das indenizações. Título de posse mesmo, só tinham os herdeiros da posse antiga do “véio Vitorino”. Mas os posseiros – não apossados – eram considerados como parte da “família”.

## A TERRA QUE NÃO TEM PREÇO

Como calcular quanto vale a terra em que se mora há três gerações? Mesmo que seja um lugar longe de todo recurso, sem água, sem assistência de qualquer tipo. Niède conta que os problemas foram muitos. Até um advogado salafário apareceu, pegando procuração de todo mundo para “receber” o dinheiro do Ibama, em Teresina. E nada do dinheiro chegar. Quando Niède descobriu que a verba tinha sido liberada e nada do dinheiro aparecer, ela botou a boca no mundo e denunciou o golpista, que acabou parcelando o pagamento aos legítimos indenizados. Mas ela é que ficou com a fama de megera, para muitos.

Emilia de Godoy fez um trabalho não apenas minucioso e fundamentado, do ponto de vista acadêmico. Ela conseguiu expressar a forma de ver e viver dos camponeses da região, com uma incrível delicadeza. Ao visitar os assentamentos no Corredor Ecológico, entre a Serra da Capivara e a Serra das Confusões, junto com o Júnior, o analista ambiental das Confusões, pude constatar que continuam existindo a “casa de morada” e a “casa da roça”, a uma légua ou mais de distância da morada – ou seja, pelo menos 6,4 km – onde se passa, às vezes, a semana inteira, quando o trabalho na roça o exige.

Eu também conheceria famílias inteiras vivendo em tocas, ao ar livre, como “casa de roça”. Certamente de forma muito parecida como aí se instalaram, há milhares de anos, aqueles que fizeram as pinturas rupestres.

## NOVO ZABELÊ: COMO OS PODEROSOS MANIPULAM O PROBLEMA DA TERRA

O antigo mateiro Nilson Parente era um dos moradores do Zabelê e liderou a ocupação de onde hoje é o Novo Zabelê. O acesso ao assentamento é pela estrada estadual PI-140, que sai de São Raimundo Nonato para o norte, em direção a Floriano, Canto do Buriti, Teresina. E que limita, aproximadamente, a área do Parque a oeste. É ele que me conta a história do Velho Zabelê, sentado no quintal da casa atual, cheio de pé de macaxeira, que vai se tirando à medida que precisa consumir. A roça ali no quintal é só mesmo para o gasto.

– Era um povoado grande, mas as casas não eram tudo junto. Eram umas 80, de uma dava pra enxergar as outra. Agora, tinha os bairros ao redor, tinha o Manjedor, que ficava assim a uns 500 metros, tinha o Baixão do Meio, tinha a Barriguda, mas tudo pertencia ali. Eram 150 moradores. Tinha igreja, tinha colégio, tinha tudo lá.

E Nilson conta, com suas palavras, como a criação do Parque Nacional Serra da Capivara teria sido anunciada por Niède Guidon:

– Quando foi pra fazer o Parque, a Niède disse: eu vou criar um parque nacional aqui, vou indenizar vocês, não pode ficar dentro do parque, aí ela conversou. Naquela época todo mundo consentiu, ela andava por lá, todo mundo recebia ela e tal. Quando foi em 1986, ela fez o primeiro pagamento da indenização, uns saíram com mais dinheiro, outros saíram com mais pouco, e aí outros ficaram achando ruim porque ela deu mais dinheiro a uns, e aí ficaram naquela confusão. E o povo até hoje reclama sobre isso. Mas todo mundo saiu daqui indenizado. Uns mais, outros menos, mas todo mundo foi indenizado. É que uns tinha mais, outros tinha menos serviço [benfeitorias], mas todos foram indenizados.

Comento que não foi ela, mas o governo, que indenizou os moradores, certa ou erradamente.

– É, eu concordo. Nós não tinha título mesmo. Lá nós não tinha documento de terra.

Nilson conta como os tataravós chegaram à região de terras devolutas da chapada em 1884, atrás da maniçoba. Era o povo mais “fraco”, com menor condição econômica.

– Aí o povo todo espaiado se juntou pra tirar aquela maniçoba. Aonde meus tataravós chegaram lá e lá se habitaram porque tinha muita maniçoba. Aí eles



fizeram roça, fizeram aqueles barraquinhos de pau, com casca de pau, casa de capim, porque lá não tinha palha de coco. Aí eles se arrancharam por lá.

Vinte anos depois, ele me repete a história que contou a Emilia de Godoy sobre a origem do nome do lugar:

- Lá não tinha nome, era barracão de maniçoba. Aí estavam derrubando uma roça lá, veio zabelê e caiu dentro do carrão. E aí um rapaz matou a zabelê. E daí apelidaram o lugar com o nome de Zabelê, nessa época de 1880 e tanto e por isso até hoje chama Zabelê. Saímos lá do Zabelê velho pro Novo Zabelê, porque não podemos perder o nome do lugar que nossos tataravós habitaram e deixaram o nome para nós, na lembrança.

Seu Nilson retoma a explicação das pendências do Zabelê, quanto às indenizações:

- Eu acho o seguinte. Porque o próprio levantamento que foi feito, de quem tinha as coisas, as pessoas que tinham mais roça, tinham mais pé de fruta. Então aquelas pessoas que têm mais futuro, têm mais fundamento do que aqueles que têm mais pouco. Vamos supor, se eu tenho essa casa aqui que dá 5 metros de frente e tem uma outra grudada ali que dá 10 metros, então aquela vale mais porque é maior, né? O que acontece é essas coisas assim, né.

Nilson confirma a explicação que Niède me deu, que muitos não tinham noção de valor, torraram o dinheiro em moto e outros bens, e ficaram sem nada depois:

- Todos que foram para São Raimundo, uns compraram casa e outros não compraram, porque o dinheiro não dava pra comprar casa, aí eles não compraram. E pegaram aquele dinheiro e foram para o Paraná, para o Pará, para Goiás, foram embora. Aí ficaram sem casa. E hoje, muitos que estavam no Pará, no Paraná, em Goiás, está tudo chegando praqui.

## INVASÃO ENCOMENDADA JUNTO COM OS VOTOS

- O fazendeiro aqui se chamava Raimundo Paixão e estava interessado em vender a fazenda, mas não achava preço que desse pra ele vender. Como ele sabia que nós estávamos à procura de uma terra, ele falou com um irmão meu e um primo que a fazenda aqui servia pra nós. Nós vimos que servia, mas condição pra comprar nós não tínhamos. Daí ele disse: vamos fazer o seguinte, vocês fazem a invasão, daí eu faço uma reclamação e o Incra me paga a terra pra vocês. Aí combinamos tudo direitinho, mas sem ninguém saber que nós estávamos fazendo essa invasão. Daí ele já tinha sido deputado, a gente já tinha votado nele e tudo e ele gostava mesmo da gente.

Nilson detalha o dia da invasão:

- O Ricardo Paixão morava em Salvador, veio aqui e foi embora, deixou pra nós fazer a invasão. E aí eu fui, peguei um advogado, peguei um jornalista, peguei um repórter e peguei duas testemunhas particular. Combinamos e aí eu vim na frente e já tinha um bocado de gente vindo atrás, daí eu vim prender o vigia. Chegamos aqui, ele já tinha dado uma chave pra nós. Daí entramos, fomos lá na casa e prendemos o vigia. Contamos pro vigia que nós estávamos invadindo a fazenda, que ele não se perturbasse não que nós amarrávamos ele. E aí deixa que naquelas alturas nós viemos pra cancela. Daí trancamos a cancela e não deixamos mais ninguém entrar. O meu irmão - José Clementino Parente -, que tinha ficado lá na rua, passou pra telefonar pra ele pra avisar que nós tínhamos entrado. O outro rapaz era o Nésio Costa, veio só de testemunha.

Eles fizeram a invasão de manhã, passou um dia, e veio o Sindicato dos Trabalhadores Rurais tentar convencê-los que eles deviam sair da terra:



**BOA PATROA**

- Porque a Niède é o seguinte. Nós trabalhamos juntos, posso dizer que convivo com ela há 38 anos. É uma pessoa boa pra mim, então quando uma pessoa fala mal da Niède, eu acho ruim. Me maltrata. Se o meu pessoal fala dela [do Novo Zabelê], não é eu que falo dela. Mas ela também não gosta que o meu pessoal fale dela. Ela passa na minha cara: "é, seu povo". Mas não é isso, não sou eu que falo, é o povo, né? Porque Niède não merece. Ela me deu o serviço, eu trabalhei, ganhei dinheiro dela, trabalhei bem com ela, ela me deu toda atenção, então eu adoro a Niède. Não gosto que falem dela.

**NILSON PARENTE**, antigo guia e morador do Zabelê

- Eles disseram que o homem era não sei o quê, que ia surrar nós, e a gente: "nós pode apanhar mas não sai daqui". "É, mas vocês deviam sair", e tal. Isso foi em setembro de 1997. E aí nós "não, nós não sai, não". Quando foi no outro dia, o cunhado dele mandou botar fogo nas nossas barracas e queimou tudo, não ficou nada. Aí no outro dia ele chegou, o dono da fazenda. Aí vieram as mesmas pessoas, os mesmos repórteres, os mesmos jornalistas. Aí ele subiu num carro e disse: se fosse o povo de São Raimundo que tivesse invadido a fazenda dele, ele pegava a polícia e mandava meter era preso. Mas como era o povo do Zabelê, a fazenda era nossa, desse o que desse. Aí os irmãos dele, os cunhados, o povo dele abaixaram a cabeça, não disseram nada, nadinha. E disse "estou pronto pra ajudar vocês". Aí foi logo avisar pro Incra, o Incra veio, aí chegou, estava um bocado de gente aí.

Mas a novela não tinha terminado. Um outro deputado, que "fechara" um lote de votos na comunidade mas só obteve 40 votos, foi cobrar.

- Aí veio o Arcelino Ribeiro, que era deputado, foi quem ajudou nós também. "Aí esse povo que é do Zabelê? Eles me enganaram dessa maneira..." Porque nós garantimos nossos 40 votos mas não saiu nem unzinho além dos 40. Não teve os votos, só os nossos.

O governo acabou fazendo o loteamento e as casas. Mas na casa de Nilson, a companheira, Zizi, diz que não tem água na torneira: "É porque as casas não estão prontas", explica Nilson. "Nós entramos pra dentro das casas, já

passaram 5 anos e nunca acabaram de aprontar as casas. Nunca mais veio nada pra aprontar as casas. Quando eu comecei a fazer, comecei a rebocar a casa, a puxar a cozinha, que era tudo sem reboco, vieram aqui e disseram não, você não pode fazer isso.”

Mas está lá a cisterna para recolher a água da chuva, o projeto da Cáritas. Fornece água para o banheiro. Nilson explica que a atual companheira trabalha fora, é boa cozinheira e a chamam para fazer festas. Ele tem 13 filhos, “mas só tenho essas duas comigo, são as caçulas”.

Nilson ainda daria um importante testemunho:

- Ela filmou muita gente que foi pedir a ela que pagassem pra sair de lá, que lá era ruim, que isso e aquilo. Então tem umas pessoas que fez isso. Ela deve ter essa fita.

O cemitério do Zabelê até hoje é visitado pelos antigos moradores, no Dia dos Mortos. Porque, como disse Nilson Parente, referindo-se ao Gongo, “onde enterrou, fica”.

O Zabelê é a comunidade que mobilizou os sanitaristas Aduino Araújo e Marcia Chame a criar um programa de saúde preventiva, “porque as crianças morriam como moscas”, quando lá chegaram em 1986. Hoje o Novo Zabelê tem posto de saúde funcionando todo dia - “o que mais dá é gripe no verão e dengue no inverno”, informa o técnico de enfermagem - escola de ensino fundamental completo, praça de esportes, transporte coletivo para a cidade, comércio, cisterna em todas as casas.



Todas as casas do Novo Zabelê têm cisterna para água da chuva. Seu Nilson colhe macaxeira do quintal.



# ANOS 1980: CAPIVARA, UM LABORATÓRIO VIVO

8

Os pioneiros Adauto Araújo e Marcia Chame, da Fiocruz de Sérgio Arouca - Lombrigas pré-históricas - Macacos e outros bichos - Fabio Parenti vai parar no BPF - Sergio Chaves, o estudioso dos pólenes - A criação da Fumdam em 1986 - Cristina Pompa e os recursos da Terra Nuova - As paleolagoas - Os caldeirões e a Petrobras Ambiental - A farmacopeia pré-histórica - Niède e Oswaldo Cruz, guerreiros de sonhos.

— **E**m 1984, o Parque só existia no papel, não havia estrada que prestasse nem carro para o transporte – lembra a zoóloga Marcia Chame, da Fundação Oswaldo Cruz, que transformou em tese de doutorado a detalhada observação do manejo da água para a preservação da fauna na Serra da Capivara. – Desde o começo a Niêde formou grupos multidisciplinares, talvez por sua formação em História Natural. Tinha botânicos, geólogos, hidrogeólogos... íamos todos juntos num caminhão e acampávamos ao ar livre. Todos se ajudavam um pouco.



A zoóloga Marcia Chame é uma das pioneiras da pesquisa na Capivara.

Para Marcia, foi o começo da vida profissional. Desde a graduação, ela já estudava parasitas em populações isoladas, com a equipe de paleoparasitologia da Fiocruz. Foi para o Piauí fazer a dissertação de mestrado sobre uma metodologia que ajudasse na identificação dos coprólitos, as fezes fósseis dos animais, a partir das fezes dos animais vivos.

O responsável por esse estudo paleoparasitológico é até hoje o médico sanitarista Aduino Araújo, também da Fiocruz. Ele conta que mergulhou na pré-história meio por acaso. No final de 1978, era professor auxiliar de Parasitologia na UFRJ e foi fazer mestrado na Fiocruz. Já tinha um projeto para estudar parasitose e estresse em animais quando entrou na sala do coordenador do curso, **Luiz Fernando Ferreira**. Encontrou-o conversando com duas pessoas sobre a origem das infecções parasitárias nas Américas:

– O jeito de saber é encontrar cocô fóssil, não tem outra maneira... A gente examina fezes fósseis e provavelmente vai encontrar os ovos dos parasitos! – dizia o professor.

Ato contínuo, Ferreira telefonou para uma amiga que trabalhava no Instituto de Arqueologia Brasileira, dirigido pelo professor **Ondemar Dias**, a quem explicou o interesse da pesquisa. O arqueólogo nem pestanejou: – Tenho quilos de coprólitos aqui e nunca ninguém se interessou por eles! Estão à disposição!

Pronto. O Aduino estava entrando na sala... foi ele mesmo. Por que você não faz a sua tese sobre os coprólitos? Aduino aceitou. Largou o resto, tudo que tinha feito antes, e mergulhou de tal forma que se tornou um dos criadores da especialidade, junto com o professor Luiz Fernando Ferreira. Hoje têm diversos alunos, alguns já formados com doutorado.

Aduino já deu curso na Argentina, no Chile, no Peru. Dos Estados Unidos mantém contato com Karl Reinhard, da Universidade de Nebraska, com quem publica trabalhos

**LUIZ FERNANDO ROCHA FERREIRA DA SILVA** é médico, formado pela Faculdade Nacional de Medicina, com longa trajetória nas instituições de ensino e pesquisa na área da parasitologia, sendo fundador de entidades médicas e, particularmente, o criador da paleoparasitologia enquanto especialidade, como relata Aduino Araújo. Foi diretor da Escola Nacional de Saúde Pública e de vários departamentos da Fiocruz, inclusive seu presidente, sendo o criador da Casa de Oswaldo Cruz. Aposentado desde 2004, continua a trabalhar na Fiocruz, da qual recebeu o título de Pesquisador Emérito.



O paleoparasitologista Adauto Araújo comprovou a chegada pelo mar do homem americano.

regularmente, e a quem já levou duas vezes à Serra da Capivara. Da França, está ligado permanentemente a Françoise Bouchet, da Universidade de Reims, com quem faz pesquisas conjuntas. Hoje, Adauto Araújo é citado internacionalmente como o autor do estudo que dá fundamento científico à tese da chegada de pelo menos alguns grupos de *Homo sapiens* na América do Sul pelos oceanos, sem passar pela Beríngia.

#### REVELAÇÃO DAS LOMBRIGAS

*“As espécies biológicas não surgem em mais de um ponto geográfico, como pressupõe a teoria de evolução das espécies de Charles Darwin. As infecções parasitárias são, portanto, marcadores biológicos de difusão de hospedeiros, acompanhando sua ocupação de novos territórios, à medida que as condições mesológicas [ecológicas] o permitem.”<sup>83</sup>*

#### ONDEMAR FERREIRA DIAS JUNIOR

formou-se em História pela Universidade do Brasil, em 1962. Fez especialização em Pré-História na Universidade Federal do Paraná, interessando-se particularmente em jazidas cerâmicas. Em 1961 criou o Instituto de Arqueologia Brasileira, no Rio de Janeiro, entidade pela qual participou do Pronapa – o Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica, dirigido por Betty Meggers, de 1965 a 1970. De 1976 a 1994, sempre pelo IAB, integrou a equipe do PRONAPABA – Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica, nos estados do Acre e Amazonas. É consultor na área arqueológica e integra pesquisas interdisciplinares com instituições oficiais e privadas, inclusive a Fiocruz.

– Quando as espécies humanas saem da África e colonizam Europa, Ásia, Austrália, esses parasitos vão com elas, mas são eliminados quando as populações migram para regiões muito frias. Como necessitam de um ciclo de vida no solo, por um período de 10 a 15 dias – durante o qual precisam de temperatura em torno de 22° C, alguma umidade do solo, um determinado índice de alcalinidade, enfim, uma série de condições apropriadas – certamente os seus portadores não viveram em regiões geladas, nem mesmo as atravessaram. Esses parasitos simplesmente não existem na Sibéria nem no Alasca.

Adauto explica que os ancilostomídeos são originários da África e foram encontrados, tanto na América do Norte, quanto na América do Sul: num sítio arqueológico do Arizona, por exemplo, nas vísceras de múmias peruanas e chilenas, em Minas Gerais, na serra da Capivara, no Piauí. Portanto, são indicadores de movimentos migratórios pré-históricos. Através do exame dos coprólitos, também se pode estudar a transição epidemiológica que ocorreu com a chegada dos europeus às Américas, no período colonial.



#### COCÔ DE MÚMIA DESVENDA POVOAMENTO DAS AMÉRICAS

– Em 1981 eu havia terminado o mestrado e escrito um artigo com o Luiz Fernando Ferreira e o **Ulisses Confalonieri** sobre

<sup>83</sup> ARAÚJO, Adauto e FERREIRA, Luiz Fernando. “Paleoparasitologia e o Povoamento da América”, Anais da Conferência Internacional sobre o Povoamento das Américas, São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil (1993) in Revista da Fundação Museu do Homem americano, V.1, no. 1, SRN-PI, Brasil, 1996.

as migrações transpácificas, ou contatos transpácíficos. Identificamos parasitos - *Ancilostoma duodenale* e *Trichuris trichiura*, vermes intestinais - com datações pré-colombianas, portanto em período anterior à vinda de europeus e africanos, pelo menos ao que se saiba. E são parasitos encontrados em populações asiáticas. Como os indígenas atuais são descendentes de grupos asiáticos, então a migração poderia ser por aí. Publicamos o artigo na Revista Brasileira de Biologia.

Adauto conta de sua surpresa ao ser procurado, quase 25 anos depois, por um pesquisador brasileiro que fazia pós-doutorado no Canadá, querendo usar esses dados num artigo sobre paleoclima na América do Norte.

- Ele se chama Álvaro Montenegro, a família é de Botucatu, no interior de São Paulo. Veja você, ele era menino ainda, criança, quando o pai, um patologista da Universidade de São Paulo, comentou no café da manhã, com o artigo na mão: "Olha esses malucos aqui estudando cocô de múmia, tem umas coisas interessantes, quer ler?" Daí ele leu o artigo e ficou com aquilo na cabeça. Anos depois, ele fazendo essa reconstituição de clima, lembrou da história e me procurou pela internet. Escrevemos o artigo juntos. A ciência é uma coisa interessante, uma permanência, de certa maneira, anos depois a coisa retorna...

O estudo geoclimático de Montenegro confirmou o da paleoparasitologia:

- O rapaz é geógrafo, dedicado ao geoclima. Ele fez essa reconstituição de clima calculando, modelando, na verdade, o clima 10 centímetros acima do solo, no solo e abaixo do solo. A conclusão dele é que não haveria possibilidade de migração humana por essa região que permitisse a transmissão do parasito. Então ele confirma a nossa hipótese e aventa duas possibilidades: a de migrações diretamente da Ásia para as Américas ou a migração por navegação de cabotagem, passando pelas Ilhas Aleutas. Isso explicaria a introdução dos parasitos, quer na América do Norte, quer na América do Sul.

Pergunto se o seu estudo reforça a hipótese de Niède, de migrações diretamente da África:

ULISSES EUGENIO CAVALCANTI CONFALONIERI é veterinário formado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Fez mestrado e doutorado na mesma UFRJ na área da Parasitologia, sendo a sua tese de doutorado, orientada por Luiz Fernando Ferreira, sobre Paleoparasitologia do gênero *Trichuris Roederer*, um estudo paleoepidemiológico sobre a origem do *Trichuris trichiura* na América. Atualmente é professor titular da Fiocruz e da Universidade Federal Fluminense. Colabora com várias instituições científicas no Brasil, Estados Unidos, Cuba, França, Suíça e Inglaterra, nas áreas da Epidemiologia Ambiental, Parasitologia, Ecologia de Processos infecciosos humanos e de animais.



Essa amostra de fezes humanas tem 7.750 anos e foi encontrada na Pedra Furada.

- Não, a rota não. O que falamos é de migrações transmarítimas. Há teorias interessantes do começo do século XX, depois um antropólogo português, Mendes Correia, fala de migrações da África passando pela Antártida... mas não foi comprovada.

Na Conferência Internacional sobre o Povoamento das Américas, realizada em São Raimundo Nonato, em 1993, Aduino Araújo apresentou um trabalho junto com Luiz Fernando Ferreira em que lembra as teorias de Rivet (1926), Meggers & Evans (1966), da via transpacífica; da via transatlântica menciona Hrdlicka (1915), Kehoe (1962), Greenman (1963), Kennedy (1971); “e alguns dados recentes que trouxeram suporte sobretudo para contatos transpacíficos [e não transatlânticos] (Hather & Kirch, 1991)”.

A conclusão é que as diferentes distribuições das infecções parasitárias na América do Norte e do Sul sugerem “diferentes momentos migratórios e contatos com populações do Velho Mundo, no período pré-colonial”.



## COPRÓLITOS BRASIL AFORA

Antes do Piauí, onde a ancilostomose foi datada em 7.200 anos, Aduino Araújo tinha estado no noroeste de Minas Gerais – na gruta do Gentio, em Unaí – sítio escavado pelo professor Ondemar Dias. E também estivera em Santana do Riacho, onde trabalhou André Prous, sempre analisando coprólitos animais. Nos sítios mineiros, as datações dessa parasitose chegaram a 2.900 anos.

Em julho de 1984, Aduino conheceu Niède Guidon, no Rio de Janeiro. Ela estava levando seus alunos do curso de especialização em arqueologia da Universidade Federal do Piauí, em Teresina, para participar de escavações na Serra da Capivara. Iam também alunos do curso de graduação que existia na Universidade Estácio de Sá, no Rio, e vários arqueólogos europeus. Lá chegaram as francesas Laurence Ogel e Bernadette Arnaud – que em 1982 já tinham sido responsáveis por setores de escavação no BPF, junto com Sílvia Maranca – e o italiano Fabio Parenti, que concluiria a escavação do famoso sítio em 1988.

- Eu e Marcia Chame fomos de ônibus. Só no ano seguinte compramos em sociedade um carro, uma Toyota que tinha uns 15 anos, e fomos do Rio a São Raimundo Nonato... Levamos três dias, depois de milhares de engiços na estrada! – diverte-se Aduino.

Ele também lembra do caminhão em que todos iam juntos para o campo, como contou Marcia:

- Niède tinha um jipe Land Rover doado pelo governo francês, mas em que não cabia todo mundo, evidentemente. Na época, estavam escavando no Boqueirão da



Pedra Furada. Nós ficamos acampados perto do sítio, onde havia uma plantação imensa de cajueiros, as redes eram armadas ali. Não é onde fica hoje o Centro de Visitantes, é mais na direção da própria Pedra Furada. Como era na época da seca, não se esperava mesmo chuva, o acampamento era rede pendurada embaixo das árvores mesmo.

## MANGUEIRAS E CAJUEIROS NO BPF

Na lembrança de Marcia Chame, as árvores eram mangueiras, o acampamento sendo localizado “onde hoje é a área de estacionamento”:

– Depois das cinco da manhã ninguém conseguia dormir, todos os papagaios vinham comer as mangas em cima da gente. Era aquela falação de papagaio – diverte-se ela. – Tinha uma herbácea que ficava dourada no tempo de seca, era uma coisa linda. Ainda havia umas plantações de algodão na entrada da Pedra Furada. Hoje ninguém mais percebe, isso foi tudo reconstituído, ali era uma área de roça importante.

O mapa detalhado feito por Fabio Parenti registra a presença de mangueiras e cajueiros, além de laranjeiras, nos arredores do BPF. As roças eram de feijão e macaxeira, chamada em outras regiões de aipim ou mandioca. Havia um pouco de algodão também.



## A BICHARADA, POR FABIO PARENTI

Fabio Parenti dedica um item de sua famosa tese de doutorado aos animais que frequentavam o BPF naqueles tempos (1987-1988):

*“Uma presença constante no sítio é a dos pássaros que frequentam a vegetação arbórea dos barrancos. Na aurora, o canto de dezenas de pombas ressoa nos pés da serra. Durante o dia, papagaios, corvos e às vezes araras povoam o céu do abrigo. Nas árvores, vemos pulando os canções<sup>84</sup>.”*

Fabio se refere também à constante presença do mocó (*Kerodon rupestris*), um grande roedor que é o único realmente autóctone da região. “Ele aparece nos momentos tranquilos”, observa.

*“A parede rochosa é continuamente percorrida por um grande número de lagartos, que contribuem, sem dúvida, a um fenômeno microssedimentar, consistindo na acumulação do*

<sup>84</sup> *Coucous* no original em francês. Como não há cucos na região, suponho que Fabio se refere ao canção, também chamado cancã (*Cyanocorax cyanopogon*), um pássaro muito comum no Nordeste, da família do corvo, grande e com manchas brancas na barriga e na cauda. Com a criação efetiva do Parque, o canção tornou-se mais frequente e é bastante dócil e curioso. Lendo os originais, Fabio Parenti me confirmou que era mesmo o canção.



Cancão

*cascalho miúdo nos primeiros centímetros do sedimento próximo à parede.”*

*Le Gisement Quaternaire de Pedra Furada (Piauí, Brésil) – Stratigraphie, Chronologie, Evolution Culturelle<sup>85</sup> – que não tem ainda versão em português – registra que, no ano de 1988, foi descoberta no Parque uma nova espécie de lagarto, exatamente o vertebrado mais comum na região, o *Tapinurus helenae*. Entre os frequentadores do sítio são lembradas algumas cobras venenosas, como a coral, a jararaca e a cascavel, “que não têm medo algum da presença do homem e dos trabalhos de escavação”...*

*“Ao pôr do sol, as abelhas vêm beber água do caldeirão, produzindo um zumbido surdo e inquietante. À noite, o abrigo e seus arredores são percorridos por várias espécies de camundongos. De vez em quando ouve-se o grito das corujas. No chão, o tamanduá procura as numerosas formigas e cupins de que precisa.”*

Fabio não deixa de registrar a presença dos macacos-prego, curiosos com a movimentação humana. Os bandos que, do alto do abrigo, se divertem em jogar pedras sobre os arqueólogos estariam se exibindo, acredita. Em sua opinião, os macacos estão de passagem, vêm comer o caju quando a fruta está na época, em junho.



## OS MACACOS DO TIAGO

Marcia lembra muito bem dos macacos-prego:

– Tinha dias em que a escavação parava, porque os macacos-prego se juntavam lá em cima e jogavam pedras, parece que eles não queriam que ninguém trabalhasse!

Silvia Maranca se refere a um horário determinado dos macacos, aí pelo meio da tarde, então eles, os arqueólogos, encerravam o trabalho mais cedo, para não levar pedra...

Desde 2007, os macacos-prego são o objeto de estudo do biólogo Tiago Falótico, da Universidade de São Paulo. Sua tese de doutorado é sobre o uso de ferramentas por essa espécie de macaco, na Serra da Capivara. Ele me explicou que, na mata atlântica, esses mesmos macacos quase não usam ferramentas, eles passam a maior parte do tempo sobre as árvores. O que é diferente aqui na caatinga. Eu teria oportunidade de acompanhar um pouco do trabalho de

<sup>85</sup> Saiba mais sobre a tese de Fabio Parenti à página 297.

campo do Tiago, que observa dois grupos que circulam nos arredores do Boqueirão da Pedra Furada<sup>86</sup>.

## SOB O MESMO CÉU

Mas voltando aos anos 1980, Silvia Maranca fala da cumplicidade que se estabeleceu entre os membros da equipe, durante tantos anos de pesquisa, morando meses e meses “sob o mesmo céu”:

– Tínhamos que dividir racionalmente água e comida, ou aguentar sede e fome, com pessoas de diferentes países, mentalidades e origens: caçadores, pesquisadores, população em geral. Além de raras discussões e mesmo brigas, resultantes de desentendimentos pontuais, sempre houve um grande companheirismo. Colaborávamos uns com os outros e, claro, havia simpatias e idiossincrasias, mas com respeito e, sobretudo, educação. Aprendi tanto naqueles anos que até hoje me considero uma privilegiada.

Silvia cita **Joël Pellerin**, a quem pedia para acompanhar nas viagens de prospecção:

– Além da geomorfologia ser uma das minhas paixões, o Joël, como todo pesquisador competente, gostava de dividir seus conhecimentos. Até hoje lembro de suas considerações a respeito da *greenstone line*<sup>87</sup>, que explica a origem, em sítios arqueológicos, de artefatos manufaturados em pedras que não existem localmente.

A botânica **Laure Emperaire**, filha de Annette e Joseph Emperaire – e Silvia menciona ter tido a honra de conhecer Annette – falava dos pólenes fósseis, e sobretudo de como se pode reconhecer, a partir deles, as plantas a que pertenciam:

– Quantas vezes vi – e algumas vezes, poucas, é verdade, ajudei – Laure prensando plantas coletadas em campo!

A coleção montada cuidadosamente por Laure Emperaire com amostras da flora da região integra o herbário do

JOËL ROBERT GEORGES MARCEL PELLERIN é geógrafo formado em Caën, na França, onde também fez mestrado e doutorado. Pesquisador do Centre National de Recherches Scientifiques, da França, participou de missões científicas no Uruguai e no Piauí desde 1980. Foi professor visitante da Universidade de São Paulo e atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, onde está radicado.

LAURE EMPERAIRE é etnobotânica com Doctorat d'Etat pela Université de Paris VI – Pierre et Marie Curie, na França. Sua tese foi sobre a Vegetação e gestão dos recursos naturais da caatinga do sudeste do Piauí, de 1987. De 1981 a 1986, enquanto fazia a pesquisa para a tese, foi professora visitante da Universidade Federal do Piauí. Atualmente é pesquisadora do Institut de Recherche pour le Développement, Département Sociétés et Santé e do Centro de Desenvolvimento Sustentável, da Universidade de Brasília. Está envolvida em projetos de pesquisa sobre o extrativismo e o manejo da mandioca na Amazônia e uma outra linha de pesquisa, ligada à Fiocruz, sobre ecoepidemiologia no caso da doença de Chagas.

<sup>86</sup> Saiba mais sobre a experiência de Tiago Falótico por ele mesmo, no capítulo 9, à página 241.

<sup>87</sup> Silvia, certamente, quis dizer *greenstone belt*, que poderia ser traduzido por “cinturão de rochas verdes”. O geólogo André Strauss teve a gentileza de me explicar que rochas “verdes” são rochas escuras, como basaltos e diabásios, que passaram por profundos metamorfismos: elas já formaram o fundo do mar e, posteriormente, foram “deformadas” no fundo da terra. As chamadas *greenstone belts* são as mais antigas evidências da tafrogênese, processo de abertura dos oceanos, como aconteceu quando a África se separou da América. E destaca Strauss: “No Brasil, temos um fabuloso exemplo de *greenstone belt* do Período Arqueano – mais antigo que 2,5 bilhões de anos, quando não existia nem vida microbiana! – no quadrilátero ferrífero de Minas Gerais. É o Supergrupo Velhas”.

Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, e é, atualmente, a referência de estudo do palinologista – que estuda pólen – **Sergio Miranda Chaves**, da Fiocruz. Uma equipe de estudantes do Laboratório de Ecologia, onde Sergio trabalha, está colhendo pólen nas amostras que possuem flor da coleção Emperaire para completar as informações sobre a Serra da Capivara. Eles estão montando um banco de imagem digital dos pólenes da Serra da Capivara. Sergio foi ao Parque pela primeira vez em 1995, e escolheu os coprólitos aí coletados como assunto de sua tese de doutorado na França.

SERGIO AUGUSTO DE MIRANDA CHAVES é biólogo com especialização em Geologia do Quaternário no Muséum National d’Histoire Naturelle, em Paris, a mesma instituição do casal Águeda e Denis Vialou. Fez o mestrado em Geografia na UFRJ já no campo da palinologia, como suporte para estudos de transformações ambientais em Bananal (RJ/SP), a partir do seu interesse pela apicultura. De 1993 a 1997 fez o doutorado novamente no MNHN, na França, orientado por Josette Renault Miskovsky, cujo título é *“Etude palynologique des coprolithes préhistoriques holocènes recueillis sur les sites de Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada, Sítio do Meio et Sítio da Baixa do Cipó. Apports paléoethnologique, paléoclimatique et paléoenvironnemental”*. Atualmente é pesquisador titular da Fundação Oswaldo Cruz e pesquisador da Fumdam.

## O DESENHISTA ADAUTO

Silvia revela um lado pouco conhecido de Adauto:

– O Adauto Araújo, da Fiocruz, que trabalha conosco há anos, além de me explicar tantas coisas de paleopatologia e de, como médico, organizar o atendimento da população local, desenha muito bem! Eu gostava de ver seus desenhos, sobretudo de bichos. Em compensação, nunca pude ver de perto as pesquisas de Fátima Barbosa, casada com Marcelo Souza, da Unicamp, que capturava e estudava morcegos...

Nos anos 1980<sup>88</sup>, Silvia não sabe precisar o ano, havia um grupo de estagiários trabalhando no Boqueirão da Pedra Furada e outro no Barreirinho. Cada grupo ficava quinze dias com Niède no BPF e quinze dias com Silvia no Barreirinho. A comida de todos era feita por dona Carmelita, no Barreirinho, e levada aos sítios de bicicleta por seu filho Régis, numa distância de cerca de seis quilômetros.

## QUANDO SILVIA FOI AJUDANTE DE DONA CARMELITA

– Às seis da manhã o cuscuz devia chegar no Boqueirão da Pedra Furada. Dona Carmelita levantava entre três e quatro horas da manhã e ia para a cozinha com uma ou duas lamparinas de querosene e começava o preparo. Era a farinha [de milho], os ovos [para misturar depois de pronto]. Eu, na verdade, nem sei direito o que tinha, pois nada como de manhã! Além do mais, naquela escuridão da cozinha, mal e mal se distinguia um ovo de um tomate...

A equipe do Barreirinho estava acampada no limpo em frente à casa de Nivaldo e Carmelita.

<sup>88</sup> Fabio Parenti esclarece: foi em 1984

- Acontece que a bicicleta que levava a marmita começou a voltar com bilhetes da Niède para mim. Quando recebia bilhetes em francês ou italiano, eu já sabia que as coisas não estavam como deviam. Ora pouco cuscuz, ora pouco ovo e muita farinha, ora quase só farinha. Resolvi levantar junto com a Carmelita, eu que mal e mal sei fritar ovo e não posso sequer pensar em comida de manhã. Feito uma zumbi, ia para a cozinha “orientar” a feitura das refeições, desde tirar com a faca os ovos de moscas depositados na carne pendurada no varal para secar, até ajeitar o cuscuz na marmita.

Dona Carmelita parecia ficar contente com a companhia e a ajuda.

- Niède é parca de elogios, pelo menos diretos. Fiquei contente porque ela começou a enviar bilhetes elogiando as melhorias na alimentação. Como quem vai para a chuva é para se molhar, segui o mesmo ritmo nos trinta dias de missão, naturalmente sem descuidar das escavações no Barreirinho. Só que, obviamente, sem mais o incentivo dos elogios, uma vez que tudo tinha se tornado “normal”...

## FABIO PARENTI CHEZ NIVALDO E CARMELITA

Fabio Parenti – que morou seis meses na casa de seu Nivaldo e dona Carmelita, quando fazia o estudo para a tese – contou-me, em Roma, dos deliciosos embutidos feitos artesanalmente por dona Carmelita. Mas em condições de higiene, no mínimo, “surpreendentes”... Seu Nivaldo lembra, dessa época, das experiências que fez com Fabio com lascamento de pedras. Numa vez, ele, Nivaldo, preparou uma lasca como raspador e um rapaz, acostumado à tarefa, tirou o couro de uma ovelha com a ferramenta pré-histórica. “E deu certo”, garante seu Nivaldo. Ele explica como aprendeu a identificar os líticos e a lascar como o homem pré-histórico:

- O Fabio Parenti foi quem trabalhava mais nós ali [no Boqueirão da Pedra Furada]. Ele vinha aí pra casa, ficou uns 6 meses. Não tinha energia, tinha luz de bujão. Em São Raimundo era muito zuarento [de zoadá, barulho], aqui era tranquilo. Aí quando foi um dia, nós peguemo uma queda d’água pra nós lascar, diz que a diferença da pedra vinha rolando até cair embaixo. A gente quebra só num sentido só. E se ela vem rolando, não quebra num sentido só – conta seu Nivaldo, referindo-se à experiência do efeito da queda natural dos seixos do alto do paredão, numa queda d’água, e a diferença em relação à pedra lascada pelo homem.



### DA “IRMÃ” DO BARREIRINHO

- Eu amo aquela mulher. O povo pergunta se sono irmã, eu digo sono. Na feira, comprando caju. É sua irmã? Ela não deixou eu responder, disse é. “Mas não mora aqui, mora no estrangeiro...” Adoro a Niède. Quando ela adocece, ela en-doidece. E vive doente.

CARMELITA COELHO, mulher  
do seu Nivaldo

Silvia lembra da tragédia que atingiu o menino Régis, filho de Carmelita e Nivaldo. Desobedecendo à mãe, foi caçar passarinho com uma espingarda velha enferrujada. Silvia só lembra que chegou alguém correndo, gritando por socorro, porque o gatilho ou a espoleta tinha escapado e vazado o olho do menino. Dona Carmelita ficou tão em pânico, tão furiosa, que nem queria ver o filho, desobediente. Régis foi levado ao hospital. Não recuperou a vista mas está muito bem de saúde, felizmente.

## MARCIA CHAME SALVANDO OS BICHOS DA PANELA

- Eu precisava coletar as fezes dos animais vivos - diz Marcia Chame. - O Fabio Parenti me ajudou na topografia, o Adauto me ajudava, eu ajudava a eles... Mas era quase impossível trabalhar com a fauna num lugar em que, no dia seguinte, o animal com que você está trabalhando vai parar na panela de alguém!

A população do Zabelê ainda vivia dentro do Parque. Havia vários problemas, o mais grave, para a pesquisa, era a caça. E Marcia prossegue:

- A Niède não abria mão da sofisticação metodológica, com os melhores equipamentos, para se ter a precisão nos resultados. Só que a pesquisa se dava num lugar em que as pessoas morriam como moscas. Assim foi se estruturando a ideia de criar a Fumdham, o que aconteceu em 1986, como um meio de buscar recursos para projetos sociais de forma a que chegassem a tempo no local de destino, o que seria muito difícil se fosse através da universidade. Enfim, uma fundação científica, como é até hoje, que permitisse estabelecer programas, arrumar investimentos, ter uma força política, para que a gente pudesse efetivamente aplicar os financiamentos da forma que nos parecia correta.

## LABORATÓRIO PORTÁTIL NA CAATINGA

Adauto Araújo explica o trabalho:

- O que nós fazíamos era procurar fezes de animais recentes para comparar com os coprólitos que nós estávamos recolhendo, ou que a equipe de arqueologia recolhia do sítio arqueológico. Isso resultou na tese de mestrado da Marcia. De maneira que andávamos lá pelo campo com dois guias, não sei se você conheceu, o Nilson Parente e o José Lima. Os dois eram moradores do Zabelê. Nós andávamos para todo lado com eles. Era um tempo em que praticamente não havia estradas, ficávamos acampados direto. Andei a pé aquele parque todo - recorda-se. - Levamos um laboratório portátil com microscópio, gaze, álcool, todo o equipamento.

Adauto se diverte lembrando da história do cangambá. "Sabe aquele bichinho do Bambi, aquele preto e branco, fedorento? Aqui chama cangambá" - me explica.

- O bicho estava morto, um tanto apodrecido. Eu resolvi então limpar o intestino, retirar os vermes para exame. A “mesa de necrópsia” era uma pedra, eu sentado em outra...

O concentrado parasitologista removeu o intestino inteiro do animal e começou a retirar os vermes. Nesse momento, percebe a carcaça do animal se mexendo... era um urubu! A dauto precisou dar uma corrida atrás do urubu para resgatar seu objeto de estudo!

O que não faz um cientista pelo progresso do conhecimento...

## PRIMÓRDIOS DA SAÚDE PREVENTIVA NA REGIÃO

Na viagem seguinte, em 1986, A dauto e Marcia foram na tal Toyota velhinha. Levaram uma quantidade enorme de armadilhas, para pegar os animais, esperar defecar, identificar, fotografar e soltar.

- Tínhamos observado na primeira viagem a precariedade do estado de saúde da população. Dessa vez levamos geladeiras portáteis com vacinas, medicamentos, uma porção de coisas. Tínhamos que fazer o levantamento dos animais mas separamos dois dias por semana para esse atendimento. Foi das poucas vezes na vida que fiz clínica - constata. - Atendíamos principalmente as crianças, mas é claro que a população inteira veio conversar, perguntar, se queixar. Isso foi no Zabelê. Daí surgiu a ideia de se fazer um projeto mais amplo de saúde, desenvolvimento e educação. Seis meses depois nós retornamos. Aí sim, veio a **Cristina Pompa** da Itália.

## ITALIANOS TRAZEM SAÚDE E EDUCAÇÃO

A antropóloga italiana conseguiria os recursos necessários da Fondazione Terra Nuova, uma agência de cooperação internacional do governo italiano, para concretizar o projeto elaborado junto com Niède e Anne-Marie, o “Projeto de Saúde, Educação e Desenvolvimento Sustentável da Fundação Terra Nuova”.

- Foi o começo de toda essa história, a semente de toda a parte social. Em 1988, chegariam um médico italiano, um agrônomo, educadores.

MARIA CRISTINA POMPA é formada em Letras pela Università degli Studi La Sapienza, de Roma, com mestrado em Antropologia Social e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, São Paulo. Em 1987, estava começando o estudo para o mestrado sobre o movimento sócio-religioso de Pau de Colher, ocorrido em Casa Nova, na Bahia, em 1937 e 1938, numa região próxima a São Raimundo Nonato. Atualmente é professora na Universidade de São Paulo na área de gestão de políticas públicas e é também pesquisadora do Cebrap – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento.



#### MEMÓRIA II

– Uma única vez toda a equipe francesa, eu inclusive, tivemos uma terrível intoxicação. Voltávamos de 25 dias escavando na Extrema, sem comida nos últimos dois dias, sem tomar banho durante todo esse tempo. Chegamos à cidade onde alugávamos uma casa. Não havia supermercado, não havia onde se comprar praticamente nada. Então fomos comer em um restaurante na praça da Rodoviária. Durante três anos tive as sequelas da terrível intoxicação... Mas das famosas doenças nordestinas, nunca tive nada.

NIÊDE GUIDON

Aí a pesquisa de Adauto e Marcia já tinha financiamento do CNPq, com uma certa facilidade de transporte, podiam ir de avião ao Piauí, levar mais material, ter melhores condições.

– Em 1989, conseguimos implantar o projeto de saúde com a ajuda de alguns professores e 5 alunos de mestrado, inclusive com a formação dos agentes de saúde. Íamos para os povoados, Sítio do Mocó, Barreirinho, aquela região toda, e treinávamos os agentes de saúde. A maior preocupação era a reidratação oral, a prevenção da diarreia, a amamentação. O médico italiano que chegou era obstetra e treinou as parteiras. Com o pessoal da Secretaria de Saúde foi implantada uma rede de vacinação, que não havia até então. Uma das primeiras agentes foi a Natinha, que você conheceu. Era uma das melhores, inclusive ficou responsável pelo Posto do Sítio do Mocó. Tinha também a Pedrina e a Susana, uma pequenininha, mais velha que a Natinha, que fazia parto.

#### O “PARTIDO SANITÁRIO” DE AROUCA E A NOVA REPÚBLICA

Em 1986, a VIII Conferência Nacional de Saúde lançou os agentes de saúde como o principal vetor da saúde preventiva, tema de um Globo Repórter em que trabalhei. Era o tempo dos “fiscais do Sarney”, a lua-de-mel da democracia brasileira com a participação popular, chamada, na época, de Nova República (até outro dia tinha um restaurante na Lapa, zona boêmia do Rio, com esse nome...).

Lembremos que José Sarney, mesmo sendo um político que apoiou os militares, representava naquele momento o primeiro presidente civil depois de 20 anos de ditadura, e assumiu como vice de Tancredo Neves, morto subitamente dos males que escondia.

Um dos principais mentores desse processo na saúde pública foi o então presidente da Fundação Oswaldo Cruz, Sergio Arouca, que vinha de uma bem sucedida reforma da saúde na Nicarágua sandinista. Esse brilhante sanitaria consolidou um núcleo de profissionais conhecido, informalmente, como o “partido sanitário” – seus integrantes criariam o Sistema Unificado de Saúde, nos anos 1990 – do qual faziam parte o atual ministro da Saúde, José Gomes Temporão, e o atual presidente do Instituto Nacional do Câncer, Luiz Antonio Santini.

Na ocasião, tive oportunidade de conhecer o trabalho pioneiro de agentes de saúde no Brasil, junto com Sergio Arouca, no município fluminense de Cachoeiras de Macacu, coordenado pelo médico Carlos Alberto Trindade, o Carlão, sua mulher Ângela, psicóloga e o médico norte-americano, radicado no Brasil, Christopher Peterson.

O doutor Chris descobriu, numa pesquisa epidemiológica e histórica, que a região tinha sido assolada pela febre amarela nos tempos de Oswaldo Cruz. O trabalho deles foi merecidamente a vedete da



VIII Conferência de Saúde, realizada em Brasília. Soube que Carlão está hoje radicado na Bahia, onde já ocupou a Secretaria de Saúde de Salvador, e Chris é um renomado tradutor e intérprete em eventos científicos.

**O sanitarista Sérgio Arouca foi um legítimo herdeiro de Oswaldo Cruz. Aداuto, Marcia e Sérgio Chaves, seus dedicados seguidores.**



## O DOUTOR JAIR COMEÇOU NO ZABELÊ

Do pioneirismo do trabalho na Serra da Capivara, Aداuto Araújo guarda uma grande satisfação: um daqueles moleques curiosos de 13 ou 14 anos que ficavam espiando o trabalho dele, da Marcia e do Fabio Parenti, ali no jirau de galhos onde colocavam o microscópio, etc., fez o treinamento de técnico, formou-se em Biologia, acabou o mestrado na Universidade de Brasília e vai entrar agora no doutorado.

- Começou ainda no Zabelê, quando capturávamos pequenos animais, tínhamos licença para matar o bicho, conservar, trazer, identificar, aquela coisa toda, e não havia luz. As crianças, naturalmente, ficavam tremendamente curiosas com o que fazíamos lá. À noite seguíamos com o trabalho, à luz do lampião. E a criançada ali na janela, espiando como funcionava aquele negócio. Entre os meninos, havia um que se chama Jair Rodrigues Alves.

Em 1986 Aداuto e dois técnicos da Fiocruz deram um curso de treinamento para exame parasitológico de fezes. No começo, o Jair pegava no microscópio e dizia que não acertava com o parafuso, que sabia mesmo era pegar num cabo de enxada. Depois ele passou a desenhar muito bem os parasitas da microscopia.

- Em 1989 encontro o Jair vendendo temperos na feira de São Raimundo Nonato, a família tinha saído do Zabelê. Chamamos o Jair e mais dois, que haviam feito o curso, para trabalharem no pequeno laboratório que montamos em São Raimundo, no começo do projeto. Era ali na praça do coreto, perto da antiga sede da Fumdham. Depois de dois anos, terminou o projeto e ele sumiu. Um belo dia encontro o Jair na cidade. Ele vem todo contente me dizer que estava matriculado na faculdade, no campus avançado da Universidade Federal do Piauí, em São Raimundo.

Durante a faculdade de Biologia, Jair fez iniciação científica com Aداuto na Fiocruz, com bolsa do CNPq.

- Ele veio nas férias e se hospedou aqui mesmo na Fiocruz, durante 3 meses. Daí conheceu todo mundo. Ele nunca tinha saído de São Raimundo Nonato. Agora, vai entrar no doutorado. Tem uma bolsa do CNPq e vai poder escolher: tem vocação tanto para pesquisa quanto para o ensino. É gratificante ver um menino crescer assim.



## OS PINTORES DA PRÉ-HISTÓRIA TIVERAM DOENÇA DE CHAGAS?

Adauto Araújo está envolvido num projeto de pesquisa sobre a Doença de Chagas antes da sua descoberta, há cem anos. O objetivo é investigar se a enfermidade no homem teve início com a domesticação de animais e plantas, com o sedentarismo na região andina. Os homens passaram a criar uma espécie de porquinho-da-Índia dentro de casa, como animal doméstico, e o roedor atraiu o vetor do *Trypanossoma cruzi*, os triatomíneos.



Será que os autores dessas pinturas tiveram doença de Chagas? “O Beijo”, no Boqueirão da Pedra Furada

- A teoria clássica diz que no Brasil isso não ocorreu porque os grupos indígenas faziam casas de palha, às quais o barbeiro não é muito adaptável, e são nômades em sua maioria, se movimentam com muita frequência. Então a doença de Chagas só teria se tornado importante nas terras baixas brasileiras com a chegada dos europeus e a implantação das casas de pau-a-pique dos caboclos.

Adauto modestamente arremata:

- Provamos que essa teoria não é verdadeira.

## OS BARBEIROS DA PEDRA FURADA E DO PERUAÇU

Foi no sudeste do Piauí. Adauto se lembra que, na primeira vez que foi à região, em 1984, Anne-Marie fazia a documentação dos trabalhos com uma pesada câmera de filmagem, e o grupo copiava as pinturas sobre grandes plásticos, com pincel atômico. No calor de 40 graus à sombra, os barbeiros saíam das frestas da pedra e vinham sugar o sangue dos arqueólogos.

- É uma espécie diferente da que existe na Bolívia e no Peru, chama-se *Triatoma brasiliensis*. É um vetor muito bom para a doença, transmite o *Trypanossoma cruzi*

muito bem. Os arqueólogos pegavam os barbeiros para mim, em caixinhas de fósforo, para eu ver se estavam infectados ou não. Aí veio a ideia: será que os antigos artistas também não teriam sido atacados e infectados com doença de Chagas?

Só que na época não havia como comprovar. Não havia múmias, só esqueletos. E doença de Chagas não deixa vestígio nos ossos. Até que surgiram as técnicas da biologia molecular, que recuperam material genético antigo. No Piauí ainda não foram encontrados vestígios do *Trypanossoma cruzi* pré-histórico. Mas uma aluna do doutorado, Valdirene Lima, conseguiu recuperar material genético de um sítio no norte de Minas Gerais, datado de 7 mil anos. Até aí só dava para falar que existia a infecção, não a doença. Um corpo mumificado enviado para exame por André Proux, que o escavou no vale do Peruaçu, na mesma região, permitiu a comprovação da contaminação: havia uma enorme lesão no intestino, característica da doença de Chagas.

## COM A PALAVRA, FABIO PARENTI

- Em 1985 eu fui pela segunda vez ao Piauí – conta Fabio Parenti. – Eu ainda estava dividido entre a antropologia e a arqueologia, mas a Niède me fisgou com o curso que ela dava na Ecole [des Hautes Etudes en Sciences Sociales], chamava-se “Antropologia pré-histórica na América”. Ela era a única arqueóloga de campo na Ecole, todos os outros professores eram intelectuais puros. [O historiador medievalista] Jacques Le Goff, [o antropólogo Maurice] Godelier, o [etnólogo Georges] Balandier, que tinha feito a antropologia econômica da África, todos já tinham deixado o trabalho de campo. A Niède era a única, ela mesma se sentia marginal naquele meio.

Fabio seria convidado no final de 1986 para assumir as escavações no BPF:

- Ela estava criando uma equipe, é a hora certa mesmo, ela já tinha feito o Doctorat d’Etat, é o ponto mais alto da carreira do pesquisador, o que seria no Brasil a livre docência de 30 anos atrás<sup>89</sup>. Não existe mais, é quando o pesquisador, depois de muitos anos de trabalho, vai para o Collège de France, por exemplo. Ela já tinha chegado ao máximo que poderia chegar.



Reprodução de foto de Fabio Parenti das escavações na Pedra Furada, em 1986.

Ela queria mais, muito mais.

<sup>89</sup> Paulo Boaventura comenta que o Doctorat d’Etat era, de fato, o título de doutor de maior nível na França, correspondente, apenas, ao Ph.D nos EUA ou na Inglaterra. “A livre-docência”, esclarece Boaventura, professor da UFRJ, “é um anacronismo que só persiste em São Paulo, um grau de carreira preliminar do cargo de Professor Titular. Já o Collège de France é honorífico, só pesquisadores muito especiais chegam a integrá-lo, certamente com apoio político, além do brilho acadêmico”. Ouvi uma longa explicação de Michel Brunet, o descobridor de Toumaï no Chade, de como o Collège tem exatamente a mesma estrutura e funcionamento de quando foi fundado, em 1530, pelo rei François I, com 52 cadeiras. Dele fizeram parte Lévi-Strauss, Merleau-Ponty, Raymond Aron, Paul Valéry, Michel Foucault.

## DEPOIS DA ENCHENTE, EM ROMA

Parenti nos deu essa entrevista em sua casa, em Roma, em dezembro de 2008. Como em toda a Europa, o inverno estava particularmente rigoroso e chuvoso. O rio Tevere transbordou, transformando o passeio às suas margens numa curiosa exposição pós-moderna de sacos plásticos misturados aos galhos secos das árvores. O apartamento em que Fabio mora é num bairro elegante, próximo ao metrô Bologna. Fica no setor nordeste de Roma, não muito longe do Tiburtino, o antigo portão da cidade que levava a Tivoli (Tibur). É uma herança da mãe, que foi grande amiga de Niède.

As paredes são forradas de estantes com livros até o teto, todos catalogados. Ali estão os livros que herdou do pai, almirante da Marinha italiana, de quem também herdou o gosto pelo mar e a paixão pelo Brasil, que o velho visitou num cruzeiro em 1927. Fabio fala fluentemente português, depois dos anos vividos em São Raimundo Nonato e em Recife. No final da entrevista, compartilhamos uma excelente macarronada que ele fez para nós e alguns amigos, regada com um belo tinto italiano.

## SEM TEMPO PARA PENSAR

– Bem, a proposta que a Niède me fez foi muito bonita, no estilo dela. Eu já tinha marcado um doutorado na área de antropologia com o Godelier, que era o chefe do CNRS na época. Era um cara obcecado pelas relações de poder. Propus a ele fazer um trabalho sobre os grupos de autoajuda em navegação, porque fui marinheiro, sou interessado nas coisas do mar.

Fabio faria interessantes considerações sobre a arte de comandar, no campo militar, na navegação. As pessoas têm funções bem definidas. Se o comandante confia no oficial de navegação, que determina a rota, não tem discussão. Para Fabio, analogamente, Niède é uma grande empreendedora, uma realizadora, mas quer ver tudo na hora: “O problema da Niède é a gestão do recurso humano”.

E voltando ao convite que Niède lhe fez:

– Eu estava em casa, em Roma. Na época, 1986, eu trabalhava na administração regional, como arqueólogo. Ela ligou de Paris: “Pegue um trem e venha.” Foi o que fiz. Ela me convidou para almoçar num belo restaurante, com um balde de champanhe – ela gosta das coisas boas da vida. E me ofereceu ficar 3 anos no Piauí, com uma pequena bolsa de doutorado. “Apesar de ter acertado a tese de antropologia, você é bom no trabalho de campo”, disse ela. “Você tem bastante tempo para resolver, 18 horas. Até amanhã, às 10...” E assim foi. Eu aceitei.

Ele agradeceria à mestra no começo de sua tese “a confiança na minha capacidade de conduzir a ‘destruição científica’ de uma tal jazida. Eu lhe devo todo o meu

reconhecimento por ter-me guiado e secundado na perseguição de uma relação contínua entre a ação e a reflexão”.

## FELIZ COM POUCO DINHEIRO E MUITO TRABALHO

Fabio diz que a proposta acabou sendo uma semiarmadilha, porque a bolsa era pequena, de fomento à pesquisa. Só que em São Raimundo Nonato não tinha como gastar dinheiro:

- Foi a única época na minha vida em que economizei. Depois, fiquei 3 anos enfiado para fazer a tese. Um ano para escrever, um ano para desenhar, seis meses para preparar a defesa. De 1993 em diante, estou na vida profissional aqui na Itália. Já estive na África, em vários lugares. E volto todos os anos ao Brasil. Desde 2001 tenho uma missão italiana no Piauí, coisa pequena, pouco respaldo, só o acadêmico. Sou o único arqueólogo italiano trabalhando em pré-história na América do Sul. Tem duas ou três missões no Peru, tinha uma na Argentina. Na América Central tem várias no México, mas todas preocupadas com a América pré-colonial, as pirâmides aztecas e maias.

A fala de Fabio Parenti é assim, fascinante e afiadamente crítica:

- Tudo que estou dizendo a você, já disse à Niède. A Fumdham precisa ter um bom nível de pesquisa, senão vira um parque de diversões. Ela deveria fazer reuniões periódicas em cima do que vai ser feito no Parque. Quem escava o quê, onde é que se publica, quem vai participar, com quais recursos.

## A POLÊMICA DAS PUBLICAÇÕES

Na opinião de Fabio, “seria preferível escavar menos e publicar mais”. Pelo visto, “publicar” é um verbo intransitivo, no jargão acadêmico... Significa sistematizar os resultados de uma pesquisa, publicando-os em forma de artigo científico. De preferência, numa revista internacional, em inglês. E não se devem dar a conhecer esses resultados através da imprensa, antes de publicá-los na mídia científica. É uma das críticas que se fazem a Niède, em alguns casos. O próprio Boqueirão da Pedra Furada, segundo Fabio, tornou-se “badalado” antes mesmo de um estudo mais sistemático, como o que ele fez.

O que os críticos não consideram é que, muitas vezes, é preciso recorrer à divulgação de alguma pesquisa para conseguir a renovação do seu financiamento. Foi assim que eu e muita gente tomamos conhecimento da existência da Serra da Capivara e do trabalho de Niède Guidon no Piauí, assistindo algum Globo Repórter ou lendo matérias especiais nos jornais e revistas. É como diz minha mãe, não basta colocar o ovo, tem que cacarejar, como a galinha...

## O TESOURO DAS PALEOLAGOAS

Há quatro anos Fabio escavou a Lagoa Quari, ao sul do Parque, um importante sítio paleontológico<sup>90</sup>. Boa parte do acervo de fósseis animais que está no museu veio de lá. Foi uma grande equipe multidisciplinar, com geólogos, sedimentólogos, paleontólogos. “Estamos publicando agora”, revela Fabio.

Em 2002, Fabio já tinha publicado, junto com Sergio Chaves, Claude Guérin, Martine Faure e outros o resultado das primeiras sondagens na Lagoa do Quari, na revista *Fundamentos III*. A lagoa “é um complexo de 3 bacias escavadas no embasamento cristalino de gneiss e granitos que se encontram à margem direita do rio Piauí, cerca de 30 km ao sul da cidade de São Raimundo Nonato”. A cavidade maior, depois de um ano de muita chuva, pode chegar a conservar água por até três anos.

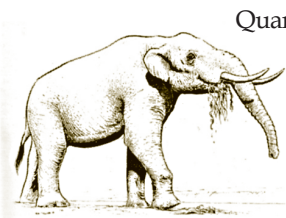
Já em 1993, Claude Guérin e outros tinham publicado o resultado do estudo sobre a Lagoa São Vitor, na mesma região, a nordeste da Quari, mencionada desde 1979 por sua importância paleontológica. Como na São Vitor existe o povoado bem ao lado, cuja população há cerca de 50 anos cava cacimbas na lagoa seca para obter água, o sítio está muito mexido. Tornou-se impossível fazer uma estratigrafia dessa paleolagoa. Vários restos de megafauna foram daí retirados pelos próprios moradores. Depois de um estudo preliminar em 2000, a equipe integrada por Fabio, Sergio, Claude e Martine decidiu intervir na Quari, o que foi facilitado pelo fato de estar seca.

## PÓLENS REVELAM ANTIGA VEGETAÇÃO

Sergio afirma, no artigo, que a análise inicial do pólen encontrado no fundo da sondagem revelou um ambiente aberto, entrecortado por algumas árvores: angico-de-bezerro, mimosa, palmeiras, pata-de-vaca. Uma terça parte era de plantas não-arbóreas, como gramíneas e bromélias.

Na base da lagoa, em camadas datadas em 8.770 e 5.245 AP, foram encontrados vestígios abundantes de megafauna. Claude e Martine identificaram ossos sobretudo de preguiça-gigante do gênero *Ereotherium*, mas foram também determinados *Haplomastodon* (mastodonte), *Catonyx* (outra preguiça), Equídeos (cavalos) e Quelônios (tartarugas).

Quanto à análise das indústrias líticas, certamente com a participação de Fabio, estavam estratigraficamente misturadas as que se encontravam no primeiro meio metro. Foi feito um estudo descritivo e estatístico, procurando definir onde havia predominância de núcleos, setores em que crescia o número de lascas e diminuía o de peças retocadas, etc. A maioria era em quartzo e quartzito, mas com peças também em calcedônia e, bem menos, em sílex e outros. À primeira vista, os artefatos retocados têm semelhança com os da fase



Mastodonte

<sup>90</sup> Ver capítulo 6, à página 155.

Serra Talhada do BPF, ou seja, entre 10.400 e 6.150 AP.

Um detalhe interessante é que a datação da camada superficial de argila em cerca de 3 mil anos – camada essa em que se apoiavam as ferramentas líticas – é mais uma prova de que houve grande estabilidade técnica na indústria lítica da região: artefatos apenas um pouco mais antigos do que o contato com o colonizador guardavam as mesmas características do período Holoceno inicial da Pedra Furada.



O palinologista Sergio Chaves explica que os pólenes se conservam nas fezes fossilizadas.

Em 2008, os quatro publicaram na revista *Fundamentos* volume 7 o artigo, em inglês, *Palinological Analysis of Quaternary Lacustrine Sediments from Lagoa do Quari, NE Brazil*, o referido por Fabio.

– Agora estou terminando a leitura de 2 metros da lagoa de São Vitor – me explica Sergio, no laboratório em que trabalha, na Fiocruz, no Rio de Janeiro, em outubro de 2008. – Com a estratigrafia, vou saber se o que achei na minha tese, há dez anos, bate com a história dos sedimentos, que é a melhor forma de fazer uma interpretação paleoambiental.

A tese de Sergio, defendida no Muséum d’Histoire Naturelle, em Paris, foi sobre coprólitos coletados no Sítio do Meio, no Boqueirão da Pedra Furada e na Baixa do Cipó. Mas ele não retirou material de sedimento desses sítios. O estudo dos pólenes encontrados nas fezes fósseis foi o único vestígio da alimentação animal na pré-história.

E Sergio continua:

– O estudo na lagoa São Vitor confirma que havia uma vegetação de transição, de cerrado para caatinga, em ambientes mais abertos que poderiam dar suporte à megafauna, que já entrava em processo de extinção. Agora estamos iniciando a pesquisa em camadas mais profundas, correspondentes a um período mais úmido, de 7 a 12 mil anos atrás.

Sergio me disse que eles iriam trabalhar na Lagoa São Vitor em 2009, para fazer a estratigrafia. Fabio desconversou, dizendo que essa lagoa “já se foi”, na opinião dele, “de tão mexida”. De qualquer maneira, está em curso o projeto dos dois que dá continuidade ao assunto do último artigo, qual seja, “Análises palinológicas de sedimentos lacustres quaternários das lagoas Quari, São Vitor, município de São Raimundo Nonato, PI”.

Sergio tem bolsa do CNPq e Fabio tem o financiamento do governo italiano que, segundo ele, dá para a passagem internacional e pouca coisa mais, cerca de 10 mil euros, ou 30 mil reais. Meio desafortado, num jeito de quem tem intimidade com a pessoa, Fabio dispara:

– Se a Niède me deixar fazer uma escavação séria, eu topo. Mas ninguém põe a mão na minha escavação, nem ela.

## COMO SURTIU O MANEJO DOS CALDEIRÕES

Quem conta essa história é a zoóloga Marcia Chame, a entusiasta interlocutora de Niède em vários planos “mirabolantes” na Serra da Capivara. Aí por 1991, 1992, aguçou o problema com os médios e grandes carnívoros: durante a seca, eles saíam do Parque para abater animais domésticos no entorno. O ornitólogo Fabio Olmos, da Universidade de Campinas, conhecia algumas experiências de manejo de água em parques da Austrália, da África do Sul, da Califórnia. Mas eram propostas muito caras e difíceis de implantar. Marcia diz que lembra da cena como num filme:

– Durante o trabalho no BPF, um dia encontro Niède sentada em cima de uma pedra, que já não está mais lá, olhando pensativamente o paredão. Ela estava “viajando” na observação das camadas de sedimentos. Niède interrompeu a pergunta que eu fazia para explicar o que estava pensando: A granulometria da camada não condizia com as pedras que havia dentro do caldeirão. Ela estava achando que aquelas pedras poderiam ter sido colocadas ali pela mão do homem.

– Acho que foi de propósito – teria dito Niède. – Eles encheram o caldeirão de pedra e fugiram para não sei onde. Quando chegou o pessoal de fora, não viu a água [do caldeirão] e foi embora. Depois eles [os antigos ocupantes] desentupiram manualmente o caldeirão para fazer uso da água. Isso podia se repetir a cada época de seca.

Fabio Parenti não concorda, diz ele agora. No estudo que fez sobre a granulometria dos seixos que enchem o caldeirão, não havia alguma particularidade que justificasse a presença ali das pedras por algum motivo que não fosse o natural. Mas o fato é que essa hipótese da Niède, na época, acabou inspirando todo um programa de manejo da água.

## MARCIA CHAME NA SERRA DOS ÓRGÃOS, EM TERESÓPOLIS

Marcia se entusiasma enquanto conta essa história. Essa foi a única entrevista que fiz em minha própria casa, em Teresópolis, a 100 quilômetros do Rio de Janeiro. Ela subiu a serra para se reunir com pesquisadores do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, onde uma aluna sua, a veterinária Paula Trevis, está pesquisando sobre os macacos-muriquis. Eu reencontraria Paula na Fiocruz, no Laboratório de Ecologia, em que também trabalha Sérgio Chaves, analisando fezes de muriqui no microscópio.

– Enquanto Niède falava, me veio aquela ideia na cabeça: é isso que vamos fazer! Vamos fazer o manejo dos caldeirões do Parque utilizando o conhecimento da pré-história! Ih, a Niède enlouqueceu com essa história dos caldeirões, foi muito legal.

E assim começaram, em 1992. Primeiro levantaram todos os caldeirões do Parque, identificando quais eram mais propícios para o acúmulo de água, quais tinham



menos risco de afogamento para os animais. E começaram a remover as pedras, na enxada. Ao construir ou reformar as estradas, Niède foi criando novos locais para represar a água da chuva, chegando a dobrar a quantidade de água acumulada, calcula Marcia.

A essas alturas Sergio de Miranda Chaves já estava às voltas com os coprólitos da Serra da Capivara. A sua orientadora de mestrado, a palinóloga Monica Barth, o levou até Aduino Araújo, na Fiocruz.

## ROMEU E JULIETA NO CANTO DO BURITI

Por coincidência, a família de Sergio é toda de Canto do Buriti, cidade fundada por seu avô, a apenas 100 quilômetros ao norte de São Raimundo. A história é incrível: o pai e a mãe de Sergio são da mesma cidade, mas de famílias rivais, um verdadeiro “Romeu e Julieta” da caatinga. Por isso se mudaram para Minas Gerais quando casaram. Sergio adorou a oportunidade de conhecer as próprias raízes, ainda que sob a lente de um microscópio!

Sergio Chaves fez um projeto de doutorado para estudar, no Muséum National d’Histoire Naturelle, em Paris, o material do sudeste do Piauí, já que a pesquisadora da instituição tinha interesse em receber um pesquisador brasileiro sobre um sítio brasileiro, porque ela só conhecia sítios europeus. Enquanto isso, foi a campo na Serra da Capivara, ajudando na avaliação dos caldeirões.

– Ao mesmo tempo em que registrávamos a disponibilidade de água nos caldeirões, eu observava as plantas, quais estavam florindo... – conta Sergio Chaves. – É longe demais para desperdiçar a viagem! Fizemos um trabalho fantástico, já eram mais de 700 sítios, sempre tinha material. O conteúdo intestinal de uma múmia revela as plantas que consumiu.

## A FARMACOPEIA PRÉ-HISTÓRICA

Sergio continua, com seu jeito risonho e suave:

– Fizemos um estudo sobre as plantas medicinais usadas no Piauí, há sete mil anos. Com a ajuda da etnografia, podemos fazer paralelo com plantas consumidas já naquela época. A cabacinha (*Luffa operculata*), por exemplo, é usada até hoje para combater vermes. Aquela população estava contaminada por vermes, por que não estariam fazendo uso medicinal da planta?

– Hoje temos cadastrados 485 caldeirões com água, dentro do Parque – orgulha-se Marcia Chame. – São quatro os lugares que brotam água. Mas temos uma perda de 25% da água acumulada nos caldeirões, não tínhamos ideia de que isso fosse acontecer. Minha tese de doutorado foi isso, como os caldeirões interferem na dinâmica de migração interna no Parque.

Marcia Chame explica que passou dez anos coletando os dados. Conseguiu estabelecer um mapa de favorabilidade de ocorrência de 16 espécies de mamíferos em relação aos pontos de água. Algumas espécies são mais dependentes que outras desses pontos.

- Hoje temos como dizer que, se você for em tal lugar, tem, digamos, 75% de chance de encontrar determinada espécie. E segundo estudos recentes, a Serra da Capivara é hoje a única região de caatinga em que há condição de manter uma população de onças pintadas, por um período de cem anos.

## AS ÁGUAS NO ENTORNO DA CAPIVARA

De 2003 a 2006, Marcia realizou um projeto de pesquisa sobre a qualidade da água na região, comparando a do interior e a de fora do Parque, num cinturão de dez quilômetros do entorno: “Sustentabilidade e manejo de reservatórios de água no semiárido do Piauí”, da Escola Nacional de Saúde Pública, Departamento de Endemias da Fiocruz. Os indicadores de potabilidade não poderiam seguir os mesmos padrões da Organização Mundial de Saúde para águas tratadas artificialmente, em estações.

- Em primeiro lugar, descobrimos que temos águas ácidas e águas neutras, conforme a formação geológica, mas nenhuma alcalina, nem salina. A água superficial é toda ela doce. O aspecto, em geral, é feio, mas trabalhamos com marcadores de patógenos. Há lugares em que a água é excepcionalmente boa, mineral mesmo, como a da Gruta do Sansão e a do Olho d’Água da Serra Branca, a única fonte de água que é permanente, com uma boa vazão. Há três outros pontos permanentes, mas com pouca vazão.

A ideia era pesquisar a possível contaminação humana dessas águas por bactérias, fungos, protozoários e helmintos (vermes).

- Descobrimos que nossas águas são extremamente boas, que a contaminação patogênica é baixa. O maior risco é logo depois da chuva, quando a água carrega as impurezas para os açudes. Mas mesmo assim a degradação biológica é bastante eficiente. Uma das aplicações dessa descoberta é que não se pode fazer tratamento

de esgoto na região utilizando água, seria um risco grave de epidemia. Há que se encontrar outras soluções, como fossas sépticas.



A Lagoa do Mato, no município de Caracol, é uma importante reserva de água no período da seca.

## ÁGUA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Antes da crise mundial de 2008, a Petrobras Ambiental lançou a segunda etapa (2008-2012) do programa cujo tema é “Água e clima:

Contribuições para o desenvolvimento sustentável”, o que amplia a etapa anterior, visando “a água e sua biodiversidade”. No momento do lançamento, foram destinados 500 milhões de reais para ações estratégicas, incluindo a disseminação de informações sobre o desenvolvimento sustentável. Esses recursos são para todos os projetos aprovados, não apenas na região da Serra da Capivara e das Confusões. De um modo geral, os objetivos são a gestão e recuperação de rios e nascentes, a promoção do uso racional da água, a conservação de espécies nos ambientes costeiros de água doce e salgada, a conservação e recuperação de florestas e áreas naturais.

Marcia Chame me explica que a sua participação no projeto é a ampliação da análise biológica da água para a área do Corredor Ecológico, caminho do parque vizinho, o da Serra das Confusões. Ela coordena essa parte de qualidade da água superficial. E vai pesquisar também sobre a presença de vírus, porque uma nova metodologia permite fazê-lo mesmo longe dos grandes centros, apesar da dificuldade em manter as amostras refrigeradas.

- A Fumdham ficou com a parte de lagoas como centro de paleofauna e com o projeto de educação ambiental, que trabalharia com o uso consciente da água, integrando as várias partes do projeto. Uma entidade do Rio, o Centro de Tecnologia Mineral, que funciona na UFRJ, é que vai trabalhar com a parte física e geofísica das águas subterrâneas. Ainda não comecei, estou aguardando a compra de equipamento, para poder trabalhar.

## O INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA DO SEMIÁRIDO

Para dar continuidade à pesquisa científica na região do Parque Nacional Serra da Capivara, Marcia Chame aposta na criação do Instituto Nacional de Pesquisa em Arqueologia e Paleontologia do Semiárido, nome da rede de instituições que pretende vincular a Fumdham com a Universidade Estadual do Crato, no Ceará - que estuda os sítios arqueológicos da Chapada do Araripe - e as demais universidades da região. Essa é a proposta que está sendo analisada pelo CNPq, do Ministério de Ciência e Tecnologia.

A criação de um Instituto de Pesquisa que vincule a Fumdham a órgãos federais de pesquisa, garantindo a dotação de verbas, é hoje a grande esperança de Niède, Anne-Marie e Gabriela<sup>91</sup>. Marcia não poupa elogios às “cabeças” da Fumdham:

- As pessoas não têm ideia, quando chegam a São Raimundo Nonato, não dimensionam o que foi a transformação daquele lugar. O que foi trabalhar naquelas escolas, ver a melhoria na vida daquela gente, o surgimento da Cerâmica, que hoje até exporta a produção. Sinto que essa experiência impregnou a minha vida. A gente precisa trabalhar com seriedade, com qualidade. Se queremos fazer uma coisa, a gente consegue - conclui, emocionada.

<sup>91</sup> Na cerimônia de abertura do Congresso Internacional de Arte Rupestre, em junho de 2009, em São Raimundo Nonato, o Ministro da Ciência e Tecnologia, Sergio Rezende, representando o presidente Lula, assumiu publicamente compromisso com essa proposta.

## INTERESSE PELO MEL LEVA AO PASSADO

Sergio Chaves chegou ao estudo do pólen pelo seu interesse no mel.

- Observando as abelhas entrando na colmeia, observei aquelas bolinhas que elas levavam nas patas. Por curiosidade científica, peguei aquelas bolinhas, botei numa lâmina e vi que eram grandes pólenes. Comecei a me interessar. Fui para o Jardim Botânico, encontrei clássicos da palinologia. Desde 1950 há trabalhos registrados e metodologia para trabalhar com pólen, mel, em sedimentos. Comecei a identificar gostos e sabores de mel. Sempre gostei também de arqueologia. Vi que poderia trabalhar com paleopalinologia, os pólenes do passado.

Os pólenes não são destruídos no processo de digestão, uma vez que sua parte externa, a sexina, não sofre alterações no trato intestinal. Portanto, eles se mantêm em excelente estado de conservação nas fezes fósseis, os coprólitos. Os pólenes se originam dos alimentos ingeridos, do ar inalado e da “chuva polínica” no sedimento em que foi coletado o excremento.

## SERGIO CHAVES TAMBÉM ESTUDA OS PÓLENES DE SANTA ELINA

Sergio foi o autor de um dos artigos que integram a coletânea feita por Águeda Vialou sobre o Sítio Santa Elina, no Mato Grosso, “Novas Perspectivas Paleobotânicas e Paleovegetacionais do Planalto Central do Brasil: Uma Proposta Palinológica”. Uma das descobertas é que há pelo menos 4 mil anos já havia mandioca (*Manihot esculenta*) no Brasil, pelo menos no Planalto Central. Uma das referências bibliográficas é o artigo de Adauto Araújo, Luiz Fernando Ferreira, Ulisses Confalonieri e Marcia Chame, sobre metodologia de testes em coprólitos, de 1989.

- Há 60 mil anos, na Serra da Capivara havia uma vegetação muito diferente da que existe hoje, porque a pluviosidade era muito maior – explica Sergio. Era uma vegetação como a amazônica, que descia até o norte da Bahia. O vestígio dessa vegetação é encontrado nos boqueirões. Enquanto na chapada predominam a aroeira, o umbu, o pau-brasil, a chamada mata semi-decídua (que perde parte das folhas durante a seca), quando se desce nos boqueirões há espécimes com 30 metros de altura, como as gameleiras. A diferença de temperatura pode ser de uns 15 graus.

Na Serra das Confusões, essa diferença entre os tipos de vegetação é ainda mais acentuada. Nas áreas protegidas, perto dos olhos d’água, encontram-se até briófitas (musgos) e pteridófitas (samambaias e avencas), típicas de um microclima bem úmido.

## O INÉDITO CALENDÁRIO DO MEL

Sergio se entusiasma ao falar do calendário do mel da região, de sua autoria, que ainda não publicou:

– Registre o calendário de dois anos das florações. Coletamos o mel todos os meses, para comparação. Fizemos levantamento das plantas do Parque, quais são de interesse apícola. Sabe a marmeleira, aquela que sempre dá na beira da estrada, que se usa para cerca? Dá um mel maravilhoso, claro, agradável, bom para adoçar a mamadeira da criança... São a essas plantas que normalmente não se dá importância, muitas vezes consideradas ruderais, daninhas. Há muitas outras, a aroeira, o umbu, várias cactáceas interessantes e com florações fortes. O Piauí é um dos maiores produtores de mel do país!

Interessante lembrar que nas pinturas rupestres há representações bem evidentes de colmeias. Em alguns casos, poderiam estar num contexto ritual, como o de suportar as picadas das abelhas em alguma iniciação, a exemplo do que acontece em algumas tribos indígenas, com espécies agressivas de formigas.

Para Sergio Chaves, a região da Serra da Capivara é um laboratório vivo, de experiências múltiplas e interdisciplinares. Como colaborador da Fumdam, ele tem o compromisso de publicar o resultado das pesquisas e de formar técnicos, ensinando como preparar os grãos de pólen com que trabalha, para exame.

Pergunto como ele vê o futuro das pesquisas na região.

– Eu já trabalho num laboratório de ecologia (da Fiocruz), que é interdisciplinar. Você tem o pólen, que é planta, tem as associações vegetais, que os animais compartilham, tem a hidrologia, a pluviosidade... E num estado carente como o Piauí, com uma grande necessidade de formação profissional, agora com a presença da Univasf, da Universidade Estadual, do campus avançado da UFPI... puxa, um estado com uma quantidade enorme de sítios rupestres, você com a possibilidade de ir para campo, botar a garotada atrás disso, formar guardas florestais para receber o turista...

E Sergio conclui, entusiasmado:

– É um laboratório fantástico, onde você encontraria um lugar assim?

## MERGULHO NO PASSADO, EM ROMA

No dia seguinte à entrevista que gravamos na casa de Fabio Parenti, um domingo, abriu um lindo sol de manhã. Aceitei o convite de Fabio para conhecer o Instituto Italiano di Paleontologia Umana, entidade irmã do Instituto francês em que os Vialou trabalham<sup>92</sup>. Ele me explica como posso ir a pé do hotel, a uma meia hora de caminhada, ambos

próximos ao centro histórico de Roma: siga a Viale Castro Pretorio, tome à esquerda na Viale del Policlinico, passo pela Porta Pia (da muralha Aureliana, do século III), pego a Via Nomentana, à direita, Viale Regina Margherita, até a Via Tanaro, que chega à Piazza Mincio. Os prédios têm um arzinho parisiense, aquele neoclássico acinzentado, os plátanos pelados, com o chão coberto de folhas marrons, empapadas pela chuva.

O Instituto ocupa um andar alugado de um prédio belíssimo, na Piazza Mincio, centro de um bairro construído pelo arquiteto Gino Coppedè, no começo do século XX, num estilo chamado “Liberty”. Em torno ao chafariz da pracinha, há um pequeno castelo, *Villino delle Fate* (Vila das Fadas) e, do outro lado da rua, o prédio do Instituto, com um grande arco sobre a escadaria de entrada, ladeado por pilastras com grifos, animais fantásticos que remetem aos tempos medievais.

O aparente luxo não corresponde à situação atual do Instituto, hoje carente de recursos. Fabio assumiu a gestão há três anos para tentar revigorá-lo, já que seus diretores nas últimas décadas, famosos arqueólogos, estão muito idosos, Aldo Segre e Eugenia Segre-Naldini.



O prédio do Instituto de Paleontologia Humana, em Roma, lembra um castelo, com grifos na fachada.

O Instituto foi criado em 1911 por um magnata que estudou com Pierre e Marie Curie, na França. Chamava-se Carlo Alberto Blanc e possuía enormes extensões de terra na Europa e até em Cuba. Muito culto, resolveu financiar a criação do Instituto para que este promovesse escavações arqueológicas, a exemplo do congêneres francês, que surgira pouco antes em Paris. Quando morreu seu filho, em 1973, a instituição começou a ter problemas de recursos. Mas sua história é gloriosa: foram escavados mais de 700 sítios na Itália, espalhados em todos os lugares e períodos. Em 1994 foi feita mais uma descoberta importante, um crânio humanóide com cerca de meio milhão de anos, ao sul de Roma.

## O MISTÉRIO DA PEDRA FURADA

Foi diante de uma estante repleta de velhos crânios – reproduções, naturalmente – que Fabio me contou sua experiência na Pedra Furada. Sempre reclamando que “as pessoas não leem os trabalhos alheios”, portanto não usam a ferramenta que ele criou com a sua tese de doutorado sobre o BPF, ele demonstra a frustração de não ver continuidade de seu próprio trabalho. “Aquilo nunca foi utilizado”, queixa-se, “deveria ser útil para quem trabalha naquela região do Nordeste”.

Acho que ele pode estar sendo injusto. Afinal, ouvi falar de Fabio Parenti por quase todo mundo que entrevistei, fossem eles arqueólogos, estudantes ou gente

<sup>92</sup> Institut de Paléontologie Humaine, do Muséum d’Histoire Naturelle, em Paris. Saiba mais no capítulo 5, à página 107.

do povo, encantada com o carinho e a consideração com que foi tratada por ele. Muitos estudiosos, como Walter Neves, Águeda Vialou e Eric Boëda, referem-se à tese de Parenti como o divisor de águas na seriedade das datações pleistocênicas do sudeste do Piauí. Verdade que falam mas não publicam, como se diz no jargão dos pesquisadores.

- Quando aceitei o convite para fazer o doutorado na Serra da Capivara, Niède me deu a possibilidade de escolher entre um sítio mais fácil e um mais difícil. Pelo meu caráter, escolhi o mais difícil e mais interessante, o Boqueirão da Pedra Furada. O outro era o Perna, um abrigo que tem uma ligação muito grande entre a arte parietal e a indústria lítica, mas com uma ocupação de curta duração: começa em 12 mil e termina em 7 mil anos AP.



O arqueólogo italiano Fabio Parenti é o autor do estudo que comprovou a antiguidade da ocupação humana na Pedra Furada.

Fabio me explica que prefere chamar arte parietal em vez de pintura rupestre: Parietal dá a ideia de parede, rupestre dá a ideia de rochas na montanha, de grutas. E às vezes a arte é feita em blocos soltos, em seixos. A designação parietal abrange também as gravuras feitas nos paredões – incisões em baixo relevo. Ele lembra que na África, na Ásia e na Europa existe uma grande tradição de seixos gravados, o que não acontece na América.

- No Perna houve fragmentos que caíram com pinturas, o que permite a datação pelo sedimento, uma possibilidade estratigráfica muito boa. Mas a Pedra Furada tinha o desafio de provar a origem humana ou não dos objetos líticos. E eu já tinha um apego pelo lugar, porque na vez anterior trabalhei lá, fazendo o levantamento topográfico. Os lugares viram pessoas, a gente cria uma relação, um apego.

## A SOLIDARIEDADE EM CAMPO

É a experiência mencionada por Silvia Maranca, Marcia Chame e Aduino Araújo, quando uns ajudavam os outros. E Fabio continua:

- Naquela época Niède tinha escavado metade do sítio e precisava de quem continuasse a sério. Ela estava se lançando nos projetos sociais, as escolas, a Casa de Mel... não tinha mais paciência para ficar escavando, já estava com mais de 50 anos, precisava de um estudante dedicado e eu era um ótimo candidato. A vida toda deveria ter um doutorando coordenando as escavações. O problema é conseguir as pessoas, sobretudo mantê-las lá.

Para quem tem formação europeia, como Fabio Parenti, não é tão surpreendente trabalhar num sítio com uma sequência de alguns milhares de anos – 40, 50, 60 mil anos – num contexto pré-histórico. Só que não existem outros sítios semelhantes no entorno, nem mesmo distantes! A América do Sul tem poucas

jazidas antigas, e pouquíssimas tão antigas. Daí a importância do Boqueirão da Pedra Furada.

- Tratei aquele lugar como se fosse uma coisa normal, do ponto de vista metodológico. A chave principal era a comparação entre o que o homem faz e o que a natureza faz. Por isso a Niède me chamou, ela sabia que era preciso se dedicar especialmente a isso.

## O COTIDIANO NA PRÉ-HISTÓRIA

Se você quer entender como alguém vive, precisa analisar o que o homem faz, onde mora. Os abrigos e grutas são casas, afinal, explica Fabio.

- Por exemplo, você está vendo aqui várias mesas, armários. É um local de trabalho, onde se guardam coisas. É fundamental classificar os móveis para se entender o modo de vida. É a mesma coisa na pré-história, você entender como o homem preparava os alimentos, como os aquecia. As fogueiras são o único mobiliário que sobrevive, por isso considero tão importante a classificação que fiz das estruturas de fogueira do BPF.

Comento sobre uma camada de pedras que ele identificou como base de uma construção.

- Sim, isso é muito comum na arqueologia do paleolítico, são as estruturas de algo que foi embora, porque a matéria orgânica apodrece. Fiz a análise de um problema que está fechado dentro do sítio. Mas construí uma ferramenta de comparação que pode ser muito útil. Só que as pessoas não usam - retoma ele o tema do desinteresse dos colegas pelo trabalho alheio.

## AUTODISCIPLINA ORIENTAL

Fabio tem uma curiosa teoria de que os profissionais deveriam se especializar depois dos 50 anos, quando já têm uma sólida bagagem cultural. No caso da arqueologia, ele destaca a importância da observação e da disciplina:

- Sempre achei que minha formação viria de trabalho duro. A parte formal, acadêmica, me parece mais fácil. Os professores podem ser excelentes ao ensinar, mas depende da dedicação do aluno aprender as várias fases de um certo processamento científico.

Ele usaria a autodisciplina adquirida na prática de haikidô, uma arte marcial, quando aprendeu que através de um único movimento é possível apreender o significado de todo um campo de conhecimento. O fato é que ele enfrentou, com sucesso, um grande desafio:

- Para mim, a Pedra Furada era a possibilidade de aprender praticamente sozinho, a partir da base que eu tinha adquirido entre a Itália, que eu considero fraca, e a



França, onde absorvi o que pude durante nove meses. Cabia a mim continuar. Era eu e a rocha, eu e a natureza. Passei três anos estudando e trabalhando, o tempo todo. O barulho, os gritos, o vaivém da equipe, isso tudo estava fora.

Fabio Parenti chegou a passar seis meses praticamente sem sair das instalações da Fumdam:

- Era uma maravilha, biblioteca para estudar, para quê sair? Eu tinha uma companheira que vinha me visitar. Levantava às 5, 5 e meia, até meia-noite, era só trabalho.

## FÁBRICA DE FERRAMENTAS LÍTICAS

Pergunto sobre as exaustivas experiências que fez com seixos caindo do alto do paredão, registrando as trajetórias, os lascamentos naturais. Quem me contou foi seu Nivaldo, que ficou muito impressionado com a persistência e a seriedade do Fabio, de quem gosta muito. Nivaldo se tornaria um habilidoso fabricante de ferramentas pré-históricas, treinando com os maiores especialistas europeus<sup>93</sup>.

- A experimentação é básica, você precisa fazer perguntas à natureza, com experimentos. Minha formação foi de arqueologia, mas não de ciências naturais. Sou consciente dessa falha, por isso estudo sozinho desde os 22 anos, movido por uma espécie de sentimento de culpa. Percebi que o básico é observar. As ideias vêm depois. Não sou hipotético-dedutivo, de jeito nenhum. Sou um velho indutivista. Primeiro observo, depois deixo o cérebro falar alguma coisa.

Segundo Fabio, o debate sobre o lascamento natural começou em 1870. Não foi ele quem “inventou” que a partir de 3 pontos de lascamento num seixo é praticamente impossível que o fenômeno seja natural.

- O trabalho na Pedra Furada é, metodologicamente, banal. Descreve, observa. Não tive, por exemplo, a ajuda de um sedimentólogo no campo, uma falha terrível. É quem deveria descrever e interpretar cada camada de sedimento, à medida que avança a escavação. Tem mais areia, mais silto, como se determinou a acumulação desses sedimentos. O sedimentólogo veio depois, em 1996, colega do Claude Guérin, a **Evelyne Debard**. Ela fez um trabalho detalhado sobre o bloco-testemunho da Pedra Furada, passou um mês em campo, descrevendo os sedimentos. Mas não publicou, precisava de alguns dados meus. Só que ela veio depois da escavação, isso não é correto.

EVELYNE DEBARD  
é Maître de Conférences  
na Université Lyon  
I - Claude-Bernard,  
especialista em Geologia  
e Sedimentologia.  
Pesquisadora do CNRS  
– Centre National  
de Recherches  
Scientifiques.

<sup>93</sup> Saiba mais sobre a tese de Fabio Parenti à página 297.

## O ESTUDO SOBRE O OUTRO SÍTIO PLEISTOCÊNICO: O SÍTIO DO MEIO

Quando encontramos Fabio Parenti em Roma, ele tinha chegado na véspera de Ferrara, onde sua aluna Giulia Aimola defendeu a tese de mestrado sobre o Sítio do Meio, vizinho ao Boqueirão da Pedra Furada. Ouvi falar de Giulia em São Raimundo, uma italiana bonita e simpática que conversava com todos. Se fosse candidata a vereadora ganhava na certa, me garantiram.

Segundo Fabio, o sítio que poderia ser tão importante quanto a Pedra Furada, da qual dista apenas uns 800 metros, tem muito material interessante mas com dados duvidosos. Por exemplo, encontraram um machadinho e um pedaço de cerâmica nas camadas mais baixas. Niède publicou que o pedacinho de cerâmica tinha 8 mil anos. Mas com a documentação disponível sobre o sítio, é altamente provável que o pedacinho tenha deslizado de uma camada mais acima ou tenha sido mal gravado (plotado) no trabalho de campo. Ele foi datado pela camada em que foi encontrado. Já não se pode datar o fragmento, porque para fazer a termoluminescência teria que fazer a dosimetria no lugar certo em que ele foi encontrado. E já não se tem essa certeza.

**PATRÍCIA PINHEIRO DE MELLO** é historiadora formada pela Universidade Federal de Pernambuco, onde também fez mestrado e doutorado. O mestrado foi orientado por Niède Guidon, com o título “Técnicas de Escavação. Um Estudo de Caso: A Toca do Baixão do Perna I – Piauí”, obtido em 1992. O doutorado foi com Gabriela Martín, sobre A Transição do Pleistoceno ao Holoceno no Parque Nacional Serra da Capivara, concluído em 2004. Atualmente é professora adjunta da UFPE, em Recife, em História Indígena e História da América Latina.

O resultado do trabalho da Giulia é que o Sítio do Meio também tem datações pleistocênicas. Só que as pedras são relativamente poucas, há umas 50 peças datadas do período. E o estudo do contexto sedimentológico da jazida é muito menor do que na Pedra Furada. “A menina que escavou lá por último, a **Patrícia**, tem uma bela tese publicada, hoje em dia dá aula de história na UFPE”, comenta Fabio.

## QUESTIONAMENTO SOBRE O CALDEIRÃO DO RODRIGUES

Fabio questiona a datação do outro sítio da região que também teria datações pleistocênicas. É o Caldeirão do Rodrigues, com datação de 18 mil anos. Para Fabio, não há evidências suficientes de que tenha havido ocupação humana com essa idade.

– A Niède fez uma sondagem, encontrou material do Holoceno, mais recente. Aí fez uma sondagem pequena, coletou uns carvões, que foram datados em 18 mil anos. Diz ela que associadas a esses carvões havia pinturas, eu nunca vi esses fragmentos. Não estou questionando a boa fé dela, mas que a sondagem foi muito reduzida para ela afirmar isso. Em 1993 fiz uma escavação dez vezes maior. Publiquei na revista *Clio* de 1996. Escavei 80 metros quadrados e não encontrei nada. Ela tinha feito uns 10. É verdade que a minha amostra era uns 10 por cento do sítio, mas a dela era um por cento. Ela

não ficou satisfeita com o resultado e escavou mais, só que não publicou. Que eu saiba, não achou nada.

No artigo que publicou com Michel Fontugne e Claude Guérin, “Pedra Furada, Brasil, e a sua ‘presumida’ evidência: limitações e potencial dos dados disponíveis”, na revista Fundamentos, em resposta aos sempre presentes questionamentos dos norte-americanos quanto à Pedra Furada, Fabio conta que a datação de 18.600 + 600 AP obtida no Caldeirão do Rodrigues por Niède Guidon, foi de dois galhos que ela considerou intencionalmente arranjados, mas que não estavam associados a restos arqueológicos.

## PEDIDO DE SOCORRO

Em meados de 2007, numa noite de desespero, Niède telefonou para ele, Fabio, pedindo que assumisse todo o trabalho na Serra da Capivara. Segundo seu relato, em Roma, ele não pôde atendê-la porque tem a sua “Pedra Furada” na Itália. Trata-se de uma região muito pobre, a cerca de 500 km ao sul de Roma, onde é consultor da prefeitura para montar um museu paleontológico, um laboratório e formação de mão de obra local para a restauração de fósseis. “Estou lançando um pequeno centro de divulgação da evolução no sul da Itália”, revela.

E quando terminar esse trabalho?

– Eu aceitaria assumir o trabalho no Piauí. Mandaria um monte de gente embora e traria outras pessoas – diz, com firmeza.

Ao final da nossa conversa, já nos despedindo, Fabio Parenti fez grandes elogios ao trabalho de Walter Neves, com seu projeto Origens, na região de Lagoa Santa:

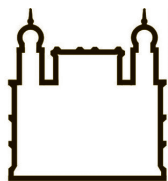
– É complicado fazer um verdadeiro trabalho como o Walter fez, uma equipe homogênea trabalhando cinco anos em cima de um projeto bem financiado.

E conclui, de forma inesperada:

– Ele poderia assumir o trabalho no Piauí, quando a Niède se afastar.



## NIÈDE E OSWALDO CRUZ



**FIOCRUZ**

No começo do século XX, o médico Oswaldo Cruz, então Diretor Geral de Saúde Pública, resolveu modernizar o acanhado Instituto Soroterápico Federal, que funcionava na Fazenda de Manguinhos, antigamente às margens da baía de Guanabara. Junto com o polêmico esforço para erradicar a febre amarela – que rendeu até uma revolta popular, a “Revolta da Vacina” – Oswaldo Cruz encomendou ao arquiteto Luiz de Moraes Junior a construção do Castelo em estilo mourisco, hoje símbolo da Fundação Oswaldo Cruz.



**O sanitarista  
Oswaldo Cruz,  
lutador como  
Niède Guidon**

Entre as construções históricas do pavilhão Mourisco, o Castelo, o da Peste [Bubônica], o da Cavalaria e o do Pombal, algumas construções modernas abrigam a Escola Nacional de Saúde Pública e as dezenas de laboratórios, entre eles onde trabalham Adauto, Marcia e Sergio.

Adauto Araújo compara Niède Guidon a Oswaldo Cruz:

– Como Niède não vai ter outra. Como não houve outro Oswaldo Cruz. Como ela, ele brigou, lutou e construiu esse complexo aqui. Conseguiu tudo isso movido pelo sonho, a partir de uma forma de pensar muito convicta do que precisava fazer. Criou um castelo formidável com recursos um tanto ou quanto desviados da Saúde Pública... Mas com o objetivo de criar um monumento que não fosse derrubado. A ditadura derrubou o prédio histórico da Faculdade de Medicina, na Praia Vermelha. Mas o castelo de Manguinhos sobreviveu. E hoje é uma instituição reconhecida no mundo inteiro. A Niède fez uma proeza parecida. É inacreditável chegar em São Raimundo Nonato e encontrar aquele museu, no meio da caatinga.



# APRENDENDO NO BPF: A PESQUISA NOS ANOS 2000

# 9

Aprendendo a escavar no famoso BPF - A professora e aluna Gisele Felice - A prova de que não houve incêndios pré-históricos à volta da Pedra Furada - Quem é quem na escavação - O testemunho principal - Carol, a menina que queria ser "arqueóloga" - A conservação dos sítios - O herói Indiana Jones - A conservação dos sítios - O etologista Tiago Falótico, dos macacos - A arqueóloga Pascale Binant, da nova missão francesa - A tecelã Natinha.

O Boqueirão da Pedra Furada, ou BPF, como é conhecido, esteve animado na temporada de 2008. Dezenas de estudantes participaram de novas sondagens e escavações em torno do sítio principal, inclusive no “testemunho” central do Boqueirão, que estava sendo erodido pela chuva. Quem comandou esse jovem “exército” foi a arqueóloga Gisele Felice, professora da Universidade Federal do Piauí.

- Estamos escavando em quatro locais, aqui no BPF - explica Gisele, mais uma paulista que se apaixonou pela Serra da Capivara, depois que veio fazer um estágio, ainda cursando geografia, mas já de olho na arqueologia.

Em 1995, surgiu a oportunidade para Gisele voltar ao Piauí. O marido, engenheiro florestal, veio estudar peixe-boi em Parnaíba, no litoral, e não quis vir para São Raimundo. Nessa temporada, ela se dividiu entre as escavações no Parque e as aulas em Teresina, a filha mais velha estudando em São Paulo e a menor morando com ela. Ambas adoram ajudar a mãe nas escavações, quando possível.

- Há oito anos fizemos uma primeira escavação nesse local, tentando compreender a sedimentação - prossegue Gisele, referindo-se ao assunto de sua tese de mestrado, em que analisou a diferença entre fogo natural e fogo antrópico, a partir dos carvões encontrados, com datações de 12.000 e 18.000 anos, associados a estruturas de blocos e pedras retocadas. O lugar é entre o atual Centro de Visitantes e o famoso sítio da Toca do Boqueirão da Pedra Furada, uns 50 metros adiante. A inclinação do terreno sugere um antigo curso d’água, vindo da principal cachoeira do BPF, 19 metros acima. As fogueiras poderiam ser de acampamentos nas margens, há cerca de 18.000 anos.

Gisele explica que Niède quer ampliar a área de escavação para ter mais elementos do paleossolo, com 18.000 anos ou mais. O estudo de Gisele contribuiu para reforçar a tese de Fabio Parenti sobre o BPF, de que os líticos não eram fruto de queda natural do alto do penhasco, nem os vestígios de fogueira eram resultado de incêndios espontâneos. Nos vários pontos escavados ao redor do Boqueirão ficou caracterizado que não há camadas de cinza, que seriam obrigatórias caso tivesse havido um incêndio natural.

É importante entender que a Toca do Boqueirão propriamente dita é um grande penhasco em forma de meia-lua, com cerca de 80 metros de extensão e 150 metros de altura, tendo uma inclinação vertical negativa que forma o abrigo, o que, por si, já não favorece a presença de pedras caídas do alto até o limite da linha de chuva. As antigas cachoeiras, uma de cada lado do penhasco, formaram caldeirões, sendo o maior deles uma importante reserva de água da chuva, que se mantém até hoje.



**A arqueóloga Gisele Felice provou em sua tese de mestrado que não houve incêndios acidentais para explicar as fogueiras milenares no BPF.**



### À MESTRA NIÈDE

– É impressionante, ela consegue lembrar de detalhes que ninguém lembra. Cada pedra e cada árvore, dos caminhos do Parque. Ela conhece cada pessoa. Se ela agora deixar a gente com um motorista a mais, na hora que ela passar na guarita ela vai lembrar de providenciar o almoço dele. Isso já aconteceu. Às vezes a gente não está pensando no detalhe e ela já pensou. Ela pensa 24 horas. Mas ela já está habituada. E funciona. Ela é uma pessoa absolutamente prática. Outra coisa é que, para a doutora Niède, nada é impossível, enquanto você não tentar mil vezes. Ela vai fazendo, tudo é possível.

### ONTEM E HOJE

– Hoje é mais fácil, tem estradas de acesso, o carro chega praticamente à porta do sítio. Estar escavando aqui é um luxo. Tem o centro de visitante, tem almoço, tem banheiro. A maior parte do sítio fica na sombra. O que precisa agora é gente trabalhando, mas nem todo mundo tem disposição para estar aqui, no meio do sertão do Piauí.

### EXIGENTE

– O interessante aqui é que a Niède e a Fundação estão abertos para quem quiser trabalhar. Só que tem que ser no esquema dela, não tem férias, não tem nada, são 24 horas por dia o ano todo.

### PATRIMÔNIO PRESERVADO

– O magnífico do trabalho da equipe da Niède que está desde o começo é justo o fato de lutar pela criação da unidade de conservação e a melhoria da qualidade de vida da população, através do trabalho. Além disso, a criação do museu aqui. O material às vezes viaja, vai para São Paulo, para o Rio, mas volta para aqui. É muito mais fácil para o arqueólogo levar o material para a sua instituição. É muito mais complicado construir o museu na caatinga. Está tudo aqui, as pessoas precisam vir conhecer o patrimônio aqui, gerando renda aqui.

### BRONCA DA POPULAÇÃO

– O problema de verem a Niède e a Fundação com reservas está nas pessoas que foram desapropriadas, que já tinham o hábito da caça. Apesar de que a lei que proíbe a caça é antiga, dos anos 60, nunca foi aplicada. Mesmo com o trabalho do Ibama, quem estava acostumado a caçar e extrair madeira, muitas vezes não tinha como provar a posse da terra, era só ocupação. Então pouquíssimas foram indenizadas. E as indenizações foram muito pequenas. É um problema que acontece em quase todas as unidades de conservação.

### BRIGONA E REALIZADORA

– A Niède às vezes é autoritária, paternalista, na forma como ela coloca as coisas, quer que tudo funcione. Ela absorve muito das responsabilidades que não são dela. Isso desgasta muito, cansa. Mas se ela não tivesse essa postura, de brigar do jeito que ela briga, não existiria nada. Nem museu, nem parque nacional. Graças a ela e à equipe, sobretudo à equipe mais antiga.



GISELE FELICE

Niède Guidon em casa, com a discípula Gisele Felice.

## JOVENS TRABALHAM NO BPF



**Dinoele explica o funcionamento da estação total, operada por Lucas e Bianca.**

Lucas Braga, que eu conheci no Pró-Arte como ator e cantor, explica o funcionamento da estação total, o instrumento de topografia que consiste num tripé com um visor graduado e um sistema de memória de dados:

– Posso trabalhar com a estação total para fazer a topografia do sítio arqueológico. Eu descarrego no computador os dados que estão memorizados e faço o desenho do sítio... depois vou trabalhar no laboratório. A Gisele diz que a topografia é a espinha dorsal da escavação, senão os dados ficam errados – afirma Lucas, na condição de técnico de topografia da Fumdham.

– A escavação funciona por decapagem – complementa Dinoele Soares, muito séria, jovem aluna da primeira turma de graduação do curso de Arqueologia que começou em 2008, em Teresina. Por coincidência, eu a entrevistei em sala de aula, meses antes, quando ela arrancou risadas dos colegas ao dizer que a importância da arqueologia no estado “mostrará para o resto do Brasil que o Piauí vai dominar o mundo”.

E ela continua:

– A cada decapagem do sítio é uma nova topografia para identificar o antes e o depois. Com a estação total, localizamos os limites dos blocos, seu desenho perfeito, e também os líticos encontrados. Eles são colocados *in situ*, é importante marcar o lugar exato onde foram encontrados – conclui Dinoele, com a segurança de quem aprendeu bem a recente lição.

Gisele tem a maior paciência, mas controla a garotada com mão de ferro. É um pouco colônia de férias: os estudantes passam o mês todo de julho participando das escavações como “trabalho voluntário”. A Fumdham fornece alojamento e alimentação. Durante a semana, ficam todos na pousada da Cerâmica Serra da Capivara, no Barreirinho, aos cuidados de Girleide Oliveira – a empresária de Garanhuns, em Pernambuco, que veio cuidar do Hotel Serra da Capivara, arrendado pela Fumdham, e acabou assumindo a Cerâmica, como empreendimento privado, em parceria com a Fundação. Uma outra personagem feminina fortíssima por aqui. No fim de semana os meninos vão para o alojamento dos pesquisadores em São Raimundo Nonato, ao lado do Pró-Arte.

## ESCAVANDO O TESTEMUNHO DO SÍTIO PRINCIPAL

Gisele vai andando até o sítio principal, no BPF propriamente dito. Um testemunho grande, cimentado, está totalmente preservado, para quando novas técnicas de datação



puderem revelar novas informações. Fica à direita de quem chega ao sítio. Mas o testemunho menor, no centro, está sofrendo erosão da chuva. Niède decidiu escavá-lo.

- A decapagem está sendo bem fina, com pincel e colher de pedreiro - diz Gisele. - Aí faz o desenho, por triangulação. Está sendo utilizada a estação total. Registra em foto tudo que está aparecendo. São alguns pequenos blocos de arenito, seixos e algumas pedras lascadas. Fotografa depois que está plotado, etiqueta, recolhe, e vai ser tudo analisado no laboratório. Coleta também amostra do sedimento para análise química, granulométrica.



O testemunho cimentado a leste do BPF protege uma fogueira e a possibilidade de voltar a escavar com novas tecnologias, no futuro.

Estamos conversando enquanto um grupo trabalha lá embaixo, estudantes e técnicos. Cerca de 700 metros quadrados foram escavados aqui. Diante de nós, uma passarela acompanha todo o paredão, com mais de mil pinturas, de todas as tradições e estilos registrados na região.

Imagino a beleza desse lugar, quando uma enorme cachoeira caía à nossa esquerda, formando um grande poço, e uma outra queda d'água existia à nossa direita, caindo onde hoje está a passarela, num ponto ligeiramente mais alto que o restante do sítio. Ao longo de milênios, diferentes grupos frequentaram regularmente esse mesmo lugar, deixando suas marcas na rocha e seus vestígios de ferramentas e fogões no solo.

PASCALE BINANT fez mestrado na Université de Paris X, Nanterre, em 1982, com Jacques Soustelle, com a tese *Fonction de l'Objet dans la fête des morts au Mexique*, e o doutorado com Jean Guilaine, na mesma universidade, com a tese *Technique et Technologie*, em 1999, sempre na área de Etnologia e Pré-História. Além de professora visitante em Nanterre, Pascale trabalhou como editora de obras científicas, na Editions du Seuil e Les Lettres Françaises, na França.

- É um sítio polêmico, porque tem 46 datações de Carbono-14 que vão de 6 mil anos a mais de 50 mil anos, com possibilidade de chegar a 100 mil anos - continua Gisele, sentando num degrau de cimento. Calça tipo *jeans*, camisa de manga comprida meio dobrada por cima da camiseta, bota, o cabelo comprido preso numa trança, de lado. O dia em que vi Gisele de vestidinho de verão, na cidade, quase não a reconheci.

Gisele fala do trabalho exaustivo do Dr. Fabio Parenti, depois da Dr<sup>a</sup>. Niède Guidon, que começou a escavação, em 1978. Ela veio escavando da parede para fora. Aí disseram: parece que é raso... Ela decidiu abrir uma trincheira - como se chama uma área de escavação em que o comprimento é maior que a largura. Foi percebendo, então, que o sítio tinha grande profundidade.

- Toda essa área foi escavada - mostra Gisele. - O que protegeu os vestígios pleistocênicos, mais antigos, foram os grandes blocos de arenito que foram caindo da parte mais alta, permitindo o acúmulo de sedimento.

Ela ainda me levaria às Tocas do Baixão do Perna, na Serra Branca, onde trabalhou da primeira vez que veio à região, fazendo estágio. Fomos com

**Pascale Binant**, arqueóloga francesa interessada na distribuição espacial das pinturas. O estudo de Pascale está integrado à missão francesa chefiada por Eric Boëda, com quem é casada. Eu e Cecília, a amiga que me acompanhou nessa viagem, fomos as intérpretes de Pascale, que não fala português, e acabamos ficando amigas.



É curioso notar como Niède mistura francês e português, sobretudo nos primeiros tempos. Quando o assunto é de ordem prática, compras a fazer ou providências a tomar, a língua é quase sempre o português.

*“11/08/80 – (...) Mudando o acampamento da Pedra Furada, filmamos o vale atrás do Sítio do Meio e a entrada do Sítio. **Bernadette** esteve muito mal toda a noite e o dia todo. Voltamos a São Raimundo para tratá-la e pegar o material para a Pedra Furada.*

*12/08/80 – Terça-feira – (...) Pedra Furada. Arrivée sur le terrain à 12h30. Nettoyage du fond de la fouille 1978. Nous décidons d’étendre le sondage 1980 au SW juste au dessus d’un foyer.*

*13/08/80 – Mercredi – A continuação da fouille 78/80 no caderno de **Laurence**. Reprise da sondagem II de 1978 (...)*

Comprar 6 sacos de carvão e 2 jogos de caixotes (...)

*14/08/80 - Jeudi – Fin de la fouille 80. Il y avait un foyer situé près de la paroi de la fouille de 78(...)”<sup>94</sup>*

LAURENCE OGEL-ROS é uma arqueóloga natural da Córsega, hoje uma comunidade autônoma da França, onde é responsável, nos últimos anos, pela Conservação do Patrimônio. Também é pioneira nas escavações no sudeste do Piauí, tendo artigos publicados com Niède Guidon e Sílvia Maranca de 1975 a 1981, sobre a arte rupestre de vários sítios na região da Serra da Capivara. Em 1979 defendeu sua tese de doutorado na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, em Paris, *Analyse des figures géométriques du style Varzea Grande du sud-est du Piauí*, orientada por Niède Guidon. Concluiu o pós-doutorado também na EHESS em 1982, aprofundando o mesmo tema, com a tese *Catalogue commenté des figures géométriques de la région de São Raimundo Nonato*. No começo dos anos 1990 foi responsável pela Conservação do Musée de Pré-Histoire d’Ornac-l’Aven, na região francesa de Ardèche, onde em 1994 foi descoberta a importante Gruta de Chauvet, com as mais antigas pinturas rupestres oficialmente reconhecidas no mundo, do período Paleolítico Superior, que vai de 26 mil a 36 mil anos de idade.

Participou ao lado de outra veterana do Piauí, Lydia Gamberi Almendra de Carvalho, da preparação do dossiê que fundamentou a proposta de ser declarada Patrimônio Mundial da Humanidade a região de L’Aven d’Ornac. Ambas participaram das primeiras escavações na Toca do Baixão do Perna I, importante sítio localizado na Serra Branca.

<sup>94</sup> 12/08/80 – Terça-feira – Pedra Furada. Chegada ao local às 12h30. Limpeza do fundo da escavação 1978. Decidimos estender a sondagem 1980 a sudoeste, até o limite de uma fogueira. 13/08/80 – Quarta-feira – A continuação da escavação 78/80 no caderno de Laurence. Retomada da sondagem II de 1978 (...). Comprar 6 sacos de carvão e 2 jogos de caixotes (...)  
14/08/80 – Quinta-feira – Fim da escavação 80. Havia uma fogueira perto da parede da escavação de 78.

MARIE BERNADETTE ARNAUD fez mestrado em Arqueologia Americana na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, em Paris, com a tese *Les sites préhistoriques de São Raimundo Nonato au sud-est du Piauí*, em 1982, orientada por Niède Guidon. É uma pioneira da Serra da Capivara. Em 1991 publicou com Niède o artigo *The Chronology of the New World: Two Faces of One Reality*, na revista *World Archaeology*, da Routledge Publishers. Mesmo não trabalhando mais na Serra da Capivara, mantém o vínculo de amizade e volta regularmente ao Piauí. Trabalha há alguns anos com jornalismo científico, sendo correspondente em Paris da revista *Archaeology*, do Archaeological Institute of America, e da revista científica francesa *Sciences et Avenir*.



## GINÁSTICA CHINESA NO BPF

Eu adorava dar interpretações estapafúrdias às pinturas para a Pascale, em francês, com a cara seriíssima, enquanto ela fingia prestar muita atenção à “aula”. A graça da brincadeira estava em que ambas sabemos como a “escola francesa” evita dar interpretações à arte rupestre. Eu ia falando a primeira bobagem que me vinha à cabeça enquanto filmava nossa visita aos sítios, guiadas por Eliete de Sousa Silva. Além de guia profissional, Eliete é inteligente e disposta. Como foi estagiária da Fumdam em várias funções, ela própria participou da escavação de vários sítios, tendo um grande conhecimento da história do local. E é uma simpatia.

Na escavação do sítio principal do BPF, entrevistei um por um os que estavam trabalhando. Por sinal, minha amiga Cecília, professora de Pilates e de uma ginástica moderna chinesa chamada Lian Gong - pronuncia “liankum” -, protagonizou no BPF uma cena impagável, incentivada por Gisele: todos os estudantes e trabalhadores na escavação a acompanharam numa série de movimentos lentos, parecidos com o tai-shi-chuan, com a explicação de que era ótimo para as dores no corpo. Lembro do Zé Mudo, de quem eu falo daqui a pouco, muito sério, tentando, em vão, acompanhar os movimentos sincronizados. Acho que ele nunca tinha praticado algum tipo de alongamento na vida, muito menos ginástica chinesa!

## QUEM É QUEM NO BPF

Romário de Miranda Santos, 21 anos, é técnico de escavação, trabalhando há pouco mais de um ano. Ele próprio estudou no NAC do Sítio do Mocó, dez anos atrás. “Estou limpando o perfil da escavação”, me diz ele.

Leidiana Alves da Mota, 20 anos, está no 5o. período do curso de Arqueologia da Univasf, em São Raimundo Nonato. Muito tímida, só depois percebi a segurança nas informações que domina: “Estou limpando a decapagem para ser feito o desenho. Está se evidenciando uma concentração de lascas ali, o mesmo tipo de matéria prima do que foi encontrado nas escavações anteriores. Provavelmente o material é endógeno.”

Marcos César Pereira Santos, aluno do 5o. semestre do curso de História, em Brasília, quer se especializar em Pré-História. É a segunda vez que vem a São Raimundo Nonato: “Escavar aqui é uma grande oportunidade, é uma referência mundial. É um privilégio estar pisando um solo que tem, no mínimo, 40 mil anos.” E me explica, mostrando uma lasca que encontrou: “Esse tipo de lasca não é possível de ser feita acidentalmente, repare o ângulo da retirada e as lascas que foram feitas a seguir...” Eu reencontraria o Marcos no Brejo do Piauí, onde integrou a equipe de escavação comandada por Fátima Luz. É o amigo citado por Carol, em seu depoimento sobre a experiência no Piauí, mais adiante nesse mesmo capítulo.

Camila Amorim de Sá Andrade, do 5o. período do curso de Arqueologia e Conservação Patrimonial, faz questão de frisar: “Sempre esquecem de mencionar que o curso é também voltado à conservação patrimonial”. Camila é da segunda turma que irá se formar em São Raimundo: “Vamos ver como a primeira turma se insere no mercado de trabalho”, diz, com prudência. Mas garante que a estrutura é propícia a uma boa formação: tem laboratório e acesso aos pesquisadores.

Isadora Santana de Almeida Rocha, baiana de Campo Alegre do Lourdes, estuda no 6o. período de Arqueologia da Univasf: “Estou terminando a decapagem, são camadas de dez centímetros, divididas em quadrículas. Dá para distinguir os seixos rolados dos que foram lascados”, garante. Jeito despachado, Isadora decidiu por conta própria continuar o trabalho no local seguinte e levou um fora de Gisele. Na 6a. feira, liderou o “bloco de sujos” dos jovens arqueólogos que sairiam no carnaval fora de época de São Raimundo: bastava ir direto da escavação...



**Zé Mudo é um dos técnicos mais antigos. Hoje é gesseiro, protege os blocos de achados arqueológicos frágeis, que serão examinados no laboratório.**

José Paes Landim, o Zé Mudo, é um dos técnicos históricos da Serra da Capivara. De jeito manso, sabe o valor que tem: “São quase 30 anos que trabalho com a Fundação, mas assim por períodos. Sou dos que começaram com a doutora Niède, ela gostou muito do meu trabalho e até hoje continuo. Escavei vários sítios mais ela, mais os arqueólogos que apareceram, os alunos, gente que veio da França, da Itália...”

Zé Mudo explica como se deve trabalhar: “Tem que ter vários cuidados para limpar bem o vestígio e não sair do lugar. Tem que plotar, etiquetar, tirar as informação correta. Se ele sai do lugar, não vai ter um bom registro. Você está vendo, aqui está aparecendo uma lasca... tem as marca aqui...” Eu, sinceramente, na minha santa ignorância, só vi a ponta de uma pedrinha... Mas não duvido do olho experiente do Zé Mudo.

- Não tive oportunidade de estudar no colégio do Sítio do Mocó - lamenta ele.  
- Mas meus filhos estudaram. Todos tiraram o segundo grau. O colégio lá era muito bom, porque as criança já saía preparada. O mais velho tem 25 anos e o mais novo tem 20. São cinco (ele se atrapalha na conta porque tem filho de mais de um casamento). Tem dois que trabalha na cerâmica da Girleide, faz várias peça

bonita de cerâmica. E outro trabalha mais pintando gravura na cerâmica. Um é o Marcondes, outro é o torneiro, Manuel.

Pergunto qual a importância do seu trabalho. Zé Mudo me explica que fez curso de engessação. Além de trabalhar escavando, quando se acha osso, esqueleto, é ele que engessa, para proteger os fragmentos até serem analisados no laboratório. E conclui:

- É muito importante. Um resgate da história, fazer os livro, as coisa. História dos achado, passado. O pessoal já entende que não é ouro, mas que vale muito. Que vai para o museu e fica na história.

Depois do almoço, o descanso é sagrado. Cada um se ajeita numa sombra e tira um cochilo. Sabedoria para conviver com o calor que ultrapassa os 40 graus com facilidade, associado à secura do ar. Nessa hora, é quase impossível trabalhar.

## NO JATOBÁ

De tarde, conhecemos o terceiro e último local de escavação no BPF. O quarto sítio foi só uma sondagem, não deu nada. No Jatobá, um ponto mais alto contornando o BPF à esquerda, Gisele acredita que foi, no mínimo, local de passagem. Está numa altura boa, bem próximo ao BPF, e com boa quantidade de sedimento. Foi uma escolha mais geomorfológica. Como encontrou um núcleo na sondagem, ampliou a escavação. Núcleo é a pedra de onde foram tiradas uma ou mais lascas.

Gisele apresenta:

- Aqui tem pessoal da Univasf, da Federal do Piauí. Tem a Isadora, da Bahia, o Alano, do Rio Grande do Norte, a Emília, de Paulo Afonso...

Encontro o Pedro Gaspar, 20 anos, que entrevistei alguns meses antes em Teresina, pouco depois do início das aulas do novo curso de arqueologia: "Está sendo uma experiência diferente, a gente está tendo a oportunidade de ver o trabalho de campo. É pesado, mas estar aqui junto ao sítio mais importante das Américas, estando praticamente num hotel cinco estrelas..."

Um aluno norte-rio-grandense da Univasf é um pouco mais velho, tem 38 anos. O nome é inconfundivelmente indígena: Jaciguara Dantas. Mais um que se sente privilegiado por estar no BPF.

**O Jatobá é um sítio um pouco mais alto que o BPF, contornando o paredão principal. Thálison e Anaclenes são os técnicos em topografia, observados por Ana.**



Cíntia de Dirceu Arcoverde e Emília Maria Almeida Arnaldo também são da Univasf. Elas dizem que estão aparecendo líticos em todas as quadrículas, pelo menos é essa a convicção em campo, o laboratório é que vai confirmar ou não.

Nana Moama tem 21 anos e um longo implante de tranças nos cabelos. Pergunto como ela se arranja para lavá-los, com tanta poeira. Extrovertida e engraçada, ela explica: “A gente combinou de lavar o cabelo duas vezes na semana, porque não dá para lavar todo dia. Então vamos lavar na 6ª... tomar banho à noite, de manhã não, e aí coloca a mesma roupa de campo...”

Observei que o hábito no Piauí é sempre tomar banho à noite e, de novo, de manhã. O calor mais do que justifica a grande frequência de banhos, mas é, sem dúvida, um claro indício da influência indígena. Europeia é que não é – as índias é que o digam, sobre o cheiro dos colonizadores e piratas...

Ana Joaquina Oliveira, 19 anos, também veio de Teresina para “pegar no pesado” no BPF. Ela entra na brincadeira do capítulo “beleza na escavação”. O esmalte das unhas tem resquícios arqueológicos. Concluimos que a solução é fazer o estilo “selvagem”. Nana acha que ficam super *sexys*, assim cheias de areia, escavando...

Reencontro o Thálison, nosso autor teatral e artista plástico, agora compenetradíssimo como técnico, segurando a escala para Dalmir, lá do outro lado, fixar a posição da estação total. Ele me explica que apareceram muitos blocos, o que dificulta o desenho: “Então delimitamos a concentração para que o arqueólogo no laboratório possa saber onde estavam os blocos e se houve vestígios na decapagem posterior.”



O técnico de escavação Raimundo Miranda é casado com Natinha e os filhos trabalham para a Fumdam. A família mora no Sítio do Mocó, ao lado do BPF.

Já estão se encerrando os trabalhos por hoje. O grupo de técnicos junta as ferramentas. São quase todos moradores do Sítio do Mocó, alguns jovens, como Gilvan Paes de Souza, de 25 anos, e Arilson Ferreira Paes Lima, com 22 anos. Entre eles está Raimundo da Silva, 43 anos, outro veterano das escavações.

Eu o conheceria melhor no Brejo do Piauí, quando o vi pincelando com destreza o terreno arenoso à volta de uma lasca, que um leigo mal distinguiria. Eu ainda não sabia que ele é o pai do Rômulo e do Professor, e marido da Natinha. Mas quem vai contar essa história, pelo menos em parte, é a estagiária Carolina Abreu, a Carol.

## A MENINA QUE QUERIA SER “ARQUEÓLOGA”

Carol tinha seis anos quando decidiu o que queria ser na vida: “arqueóloga”, como seu herói Indiana Jones. O simpático personagem, criado por Steven

Spielberg e George Lucas e incorporado pelo ator Harrison Ford, enfeitiçou gerações inteiras. Os pais de Carol, jornalistas, assistiam igualmente encantados as proezas do pacato professor de arqueologia – que dava aulas de gravata-borboleta – até se transformar no aventureiro, com o inseparável chapéu e a maestria no uso do chicote.



A “arqueóloga” Carol, dando duro na conservação das gravuras de Canaã.

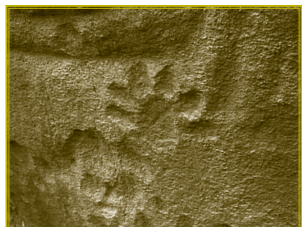
Entre as façanhas do herói, cujo primeiro filme foi lançado em 1981 e ambientado nos anos 1930, esteve a recuperação de relíquias históricas das mãos dos nazistas. Quando Carol tinha apenas um ano de idade, foi lançado o terceiro filme da série, *Indiana Jones e a Última Cruzada*. Só em 2008, quase 20 anos depois, agora ambientado em 1957, foi lançado *Indiana e o Reino da Caveira de Cristal*. Para Carol, difícil definir o que mais a atraía no herói, se as aventuras arriscadíssimas das quais ele sempre saía ileso, ou a oportunidade de conhecer povos primitivos e seus tesouros. Ela só sabia que queria ser como ele. Mais tarde, ela descobriria alguém muito parecido, pelo menos na capacidade de conquistar objetivos aparentemente impossíveis: a arqueóloga Niède Guidon.

O arqueólogo italiano Fabio Parenti, com quem Carol aprendeu muito do que sabe, tanto no Piauí como na Itália, não perdeu a oportunidade de citar o herói de todos: – Como diria o Indiana Jones, “a arqueologia é feita de fatos”, diz Fabio, com um sorriso.

*“Meu nome é Carolina Abreu, nasci em 1988 e me formei em História pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Ainda na faculdade, ouvia falar das maravilhas arqueológicas do Piauí, particularmente das pesquisas da doutora Niède Guidon, com quem sonhava em trabalhar. Há dois anos, tentei e consegui: fiz o primeiro estágio na Fundação Museu do Homem Americano, a Fumdam, em São Raimundo Nonato.*

*Nessa primeira viagem, em dezembro de 2007, eu e mais dois colegas de História, André e Marcos, fomos de ônibus para o Piauí, em 25 horas de estrada esburacada. Ao chegar, acompanhei a equipe de Conservação de Inscrições Rupestres, que seguia para o Brejo do Piauí, onde demarcaram áreas de proteção de alguns sítios e iniciaram o trabalho de conservação de pinturas e gravuras. Foi o meu primeiro contato com as equipes da Fumdam. Logo de imediato me apaixonei pelo trabalho de campo, apesar do desconforto de ficar horas na mesma posição, mas sempre gostei de trabalhos minuciosos. Foram poucos dias, em que perguntei sobre tudo e fiz grandes amizades.*

*Na volta a São Raimundo, passei a trabalhar com o doutor Fabio Parenti no laboratório de líticos da Fundação. Ao lado da Giulia, uma aluna italiana do Fabio, que fez o mestrado sobre o Sítio do Meio e se tornou minha amiga, estavam também meus dois amigos de Brasília e os técnicos do laboratório, Rafael e Leandro. Foram cerca de trinta mil líticos classificados e organizados em pouco mais de um mês. Pensei que nunca mais ia querer trabalhar com líticos, mas, no final, já gostava das tais pedrinhas.*



**Dalmir e Marcos apreciam as gravuras de Canaã, como a pata da onça, no sítio que será escavado, no Brejo do Piauí.**

Ainda nessa temporada, participei da prospecção da área da Vale, num município vizinho à Serra da Capivara, chamado Campo Alegre do Fidalgo, onde a mineradora está implantando um grande projeto de exploração de níquel. Mais uma vez convivi com as equipes de conservação e escavação. Foi uma surpresa pra mim o quanto sofre um arqueólogo! Assim que cheguei na Fundação, ouvia histórias incríveis de como os primeiros arqueólogos contavam com pouca água e tinham que dormir sujos. Mas o que enfrentei foram dias de caminhadas exaustivas sob o sol do Piauí ou em mata fechada.

No início, pensei que não fosse aguentar mas, depois de um tempo, já estava habituada e passei a aproveitar a aventura. Aprendi a gostar do mato e do trabalho duro. Quando tive que voltar a Brasília, estava desolada, deixando para trás grandes amigos e a melhor experiência da minha vida.

Em 2008, voltei a São Raimundo Nonato, dessa vez para escavar no famoso Boqueirão da Pedra Furada. Logo que eu, André e Marcos chegamos, havia pouca gente trabalhando no testemunho central do principal sítio, que estava sofrendo erosão. A supervisão era da arqueóloga Fátima Luz e, depois, da doutora Gisele Felice, as duas se tornando nossas grandes professoras no campo.

Quando chegaram os estudantes da Univasf e da UFPI, de Teresina, éramos uns 15 estagiários e mais 15 técnicos da Fumdhm, trabalhando em vários sítios muito próximos uns dos outros: a Toca Vizinha do Boqueirão da Pedra Furada, o Jatobá da Pedra Furada e a Toca da Farinha Seca. Eu fiquei nessa última. Não encontramos nada, mas foi o primeiro sítio em que eu participei da escavação desde a estaca zero. Teve um sentido especial para mim. Foram dias divertidíssimos, em que dormíamos no alojamento do Barreirinho, um local privilegiado pela vista maravilhosa da caatinga.

Logo em seguida voltei a trabalhar com a equipe de Conservação, dessa vez no Baixão das Mulheres. Na semana seguinte voltamos ao Brejo do Piauí, com a arqueóloga Fátima Luz, enquanto metade da equipe permaneceu escavando na região do Boqueirão da Pedra Furada. Já familiarizada com o trabalho, na mesma região em que estive da primeira vez, ajudei a instalar pingadeiras – como são chamadas as pequenas “marquises” que protegem as inscrições muito expostas à água da chuva. Também limpamos com pincéis e consolidamos o paredão, onde rachaduras ameaçavam a queda de blocos com inscrições.

Em setembro de 2008, pude concretizar um outro sonho de infância. A convite de Fabio Parenti, escavei durante um mês na Itália, num sítio perto de Roma, em Fontana Ranuccio. Numa cidadezinha chamada Anagni, foram encontrados vestígios de nossos antepassados



*com cerca de 500.000 AP! Possivelmente eram de Homo erectus. A particularidade é que havia muitas ferramentas feitas com ossos. Foi um mês de muito trabalho e talvez o melhor da minha vida. Mais uma vez, o Fabio me ensinou tudo o que pude aprender sobre Paleontologia. Apesar de apanhar um bocado da língua italiana, consegui me comunicar com o geólogo Vittorio e sua esposa Federica, arqueóloga, que me hospedou em sua casa, em Roma, nos fins de semana.*

*Em dezembro do mesmo ano voltei ao Piauí com o Marcos para mais um estágio. Dessa vez, na Toca do Baixão da Ana Maria, próxima ao Barreirinho, onde pernoitamos. Conosco estavam o topógrafo Dalmir e a arqueóloga Gisele, mas a chuva não deixou que continuássemos a escavação. Passei alguns dias no laboratório de cerâmica da Fundação, limpando o material recolhido na Aldeia do Carlos.*

*Ainda naqueles dias chegaram o Vittorio e a Federica. Eles vieram ao Brasil pela Missão Italiana, comandada pelo Fabio Parenti. Dessa vez, nem a Giulia, nem o Fabio, puderam vir ao Brasil. Ajudamos como estagiários no levantamento geoarqueológico de afloramentos de sílex na região do Parque Nacional Serra da Capivara e todo o entorno. Foram dez dias em que pude aprender um pouco mais de italiano e de geologia.*

*Agora estou me preparando para o mestrado e novas aventuras. Tenho certeza de que escolhi a profissão certa, graças ao incentivo da doutora Niède e de tantos especialistas que pude conhecer de perto. Não tenho dúvidas de que o paraíso realmente está no Piauí. Pelo menos o meu paraíso.”*

## A CONSERVAÇÃO DOS SÍTIOS

A arqueoquímica Conceição Lage, da Universidade Federal do Piauí, formou uma equipe de técnicos, coordenada por um de seus alunos mais antigos, Jorlan da Silva Oliveira, que se tornou um dos maiores conhecedores do Parque. Percorrendo os sítios para fazer a conservação, essa equipe volta e meia descobre mais algum tesouro arqueológico. Eles acabaram desenvolvendo uma técnica própria, que usa material de funilaria – o popular “plastik” – com uma cola em que se mistura a areia da região, para camuflar as pingadeiras pregadas nos paredões rochosos. O objetivo é desviar a água da chuva, que vai gastando as pinturas e gravuras.

Pude acompanhar o trabalho das duas equipes – de escavação e de conservação – no Brejo do Piauí, na temporada mencionada pela Carol. No alto de um andaime, lá estava ela, muito séria, trabalhando com o Professor, apelido de Adelson dos Santos Miranda, de 25 anos, há 3 na equipe de Conservação. Ele é filho do Raimundo, que estava trabalhando ao lado da arqueóloga Fátima Luz na prospecção da Toca do Morro das Gravuras de Canaã, ali perto, e da minha amiga Natinha, a costureira-tecelã, de quem falo daqui a pouco.

A equipe de conservação inclui uma mulher, Elisângela, que trabalha com um pano na cabeça para evitar que as abelhas-arapuã se embolem no cabelo. Isso aconteceu comigo na Toca de Cima dos Pilão: na tentativa de se livrar das abelhas,

a gente acaba causando as picadas no couro cabeludo, levei umas 3 ou 4... Aí entendi que o boné ou chapéu não é apenas para o sol.

Fátima percorreu os quatro sítios já identificados e demarcados pela equipe de Conservação, até se decidir pela toca em que faria a prospecção. O critério foi que havia pinturas e gravuras na mesma toca, sendo próximas do nível do chão, o que a fez supor que poderia haver mais, soterradas. Ela delimitou um quadrado de 2 x 1 metro, junto ao paredão rochoso. Depois a área escavada se ampliou para 2 x 2 metros, por causa da fogueira encontrada no limite do retângulo inicial. Naqueles primeiros dias, a prospecção não ultrapassou as camadas superficiais, de areia solta. Até conheci o vaqueiro da fazenda, cujo avô teria ocupado essa toca, no tempo da colheita da roça próxima, possivelmente o autor de algumas das fogueiras encontradas.

Achei curioso o detalhe da sesta depois do almoço. Cada um procura uma sombra e deita por ali mesmo. Como os vários banhos por dia, quando há água disponível, o descanso na hora do sol mais quente parece ser um hábito extremamente saudável nessa região onde a temperatura ultrapassa, com facilidade, os 40 graus.

## OS MACACOS-PREGO DO TIAGO

### TIAGO FALÓTICO

é natural de Tatuí, SP.  
É biólogo e fotógrafo.  
Formado em ciências biológicas pela Universidade de São Paulo (USP), se especializou no estudo do comportamento de primatas, especificamente de macacos-prego. Tem mestrado em psicologia experimental, na área de comportamento animal, também pela USP. Atualmente realiza o doutorado, estudando o uso de ferramentas pelos macacos-prego do Parque Nacional Serra da Capivara - PI, onde essas fotos foram feitas durante a pesquisa. A pesquisa é financiada pela FAPESP (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo).

Contato:  
c.libidinosus  
@gmail.com



Agora estamos no Baixão da Pedra Furada, pertinho do BPF. Passamos há pouco na Toca da Fumaça, com muitas pinturas superpostas, aparentemente de várias tradições. Distingui homens-aves pintados em branco sobre uma mancha de um grande animal em vermelho, talvez um cervídeo. Resolvi acompanhar o trabalho de campo do biólogo **Tiago Falótico**, que pesquisa o uso de ferramentas pelos macacos-prego do Parque. Mas dei azar: hoje Tiago não está acompanhando os macacos, mas procurando pedras...

– Tenho 50 pontos de amostragem onde vou recolher as pedras, num raio de 50 cm. Esses pontos foram escolhidos aleatoriamente pelo GPS, dentro da área de pesquisa – explica Tiago. – Depois preciso descrever, uma a uma, as pedras coletadas, enquadrá-las numa faixa de tamanho, pesar cada uma, observar a forma, anotar tudo. O objetivo é a comparação com as pedras que os macacos usam como ferramentas.

A amostragem de pedras procura representar o universo daquelas que poderiam ser recolhidas pelos macacos. Através do estudo estatístico, da disponibilidade de tamanhos de pedra na superfície da região, Tiago

quer pesquisar se os macacos escolhem as pedras por um critério mais específico, ou se é casual.

Como etologista, ou seja, estudioso do comportamento, Tiago não pode estar presente quando é necessário algum tipo de manejo dos animais que seja estressante: os animais poderiam associá-lo à experiência negativa e isto atrapalhar o seu trabalho posterior de observação do grupo. Foi o caso da coleta de sangue, urina e fezes feita pelo Centro de Primatas Brasileiros, quando eles vieram pesquisar a causa da morte de vários macacos, no final de 2007.



Observando as fotos, não é difícil descobrir a razão do nome científico do macaco-prego, *Cebus libidinosus*. Tiago me contou que é muito comum eles ficarem excitados durante as brincadeiras. E o pênis tem forma de prego.

## A VIROSE DOS MACACOS

- Aí pelo final de novembro de 2007, os macacos começaram a apresentar sinais de apatia, falta de apetite, ficavam deitados o dia inteiro – conta Tiago. - No começo eram só 4 indivíduos, depois 6, até que o primeiro morreu mais ou menos 3 semanas depois do começo dos sintomas. E daí seguiram outras mortes, pelo menos 11 a gente tem certeza que morreram. E mais alguns desaparecidos.

E Tiago prossegue:

- O primeiro que morreu a gente conseguiu achar o corpo e mandar para necropsia e histopatologia. O resultado deu pneumonia viral.

Logo se espalhou a notícia de uma epidemia entre os macacos, que poderia ser de febre amarela. O Parque foi até fechado, por ordem das autoridades sanitárias. Em pouco tempo, ficou provado que não era febre amarela, mas o prejuízo causado ao turismo no Parque já estava feito. No final de março de 2008, apareceu um macaco doente, e o medo de um novo surto levou Niède a pedir à veterinária Flávyia Mendes de Almeida, do Rio de Janeiro, que viesse pessoalmente à região. Ela aceitou, mesmo sem ganhar nada. Amiga da zoóloga

Marcia Chame, há muito tempo Flávya era uma admiradora do trabalho de Niède Guidon na Serra da Capivara.

Flávya trabalhou no Zoológico do Rio e é professora de Clínica Médica em Pequenos Animais na Universidade Federal Fluminense. Ela explica que, de fato, tem que se ter muito cuidado com macaco doente, porque há vários vírus e bactérias que são transmitidas do macaco para o homem e vice-versa. “Por exemplo, o vírus do herpes humano mata os outros primatas e o herpes deles mata a gente”.

- Ainda teve a infeliz coincidência de o pesquisador que estava trabalhando com os macacos, naquela época, ter falecido. Aí assustou um pouco – lembra Flávya.

- Felizmente agora não foi um novo surto, o animal já estava se recuperando – explica Tiago.

- Eu cheguei a ver esse animal – conta Flávya. – Estava um pouco mais magro, mas acompanhando o grupo. Pelo que eu pude ver, não tem nenhum animal com sinal de patologia. Eles estão se deslocando normalmente.

Por ser um parque nacional, a lei não permite intervir na saúde dos animais silvestres. Quando chegou a equipe do Centro de Primatas, mandaram suspender o antibiótico que Flávya tinha prescrito, que, inclusive, poderia mascarar algum sintoma.

- Mas cada caso é um caso – pondera Flávya. – Podem ter ocorrido outros surtos e ninguém nem ter acompanhado. Como o Tiago conhece o grupo todo aqui da Pedra Furada, ele identificou o problema e deu o alerta. Foi bem concentrado num grupo só.

Tiago explica que acompanha dois grupos, o da Pedra Furada e o do Bocão (nome do macho dominante desse segundo grupo):

- Já tínhamos informações de pesquisadores de outras áreas sobre o uso de ferramentas por esses macacos. O meu colega que faleceu, Massimo Mannu, estava acompanhando dois outros grupos, um no Oitenta e outro na Jurubeba. Encontramos uma variedade de ferramentas muito maior do que esperávamos, em todos os grupos estudados. Com a morte do meu colega, infelizmente não pudemos fazer o estudo comparativo entre os vários grupos, como pretendíamos.

Tiago lembra que o Parque Nacional Serra da Capivara foi criado, sobretudo, por causa do patrimônio cultural. Mas a estrutura atual possibilita um acesso privilegiado, com trilhas mantidas, que permitem o trabalho do pesquisador:

- A acolhida aqui da Niède foi espetacular – elogia Tiago. – Quando teve o problema com os macacos, ela deu todo o suporte.

A seguir, a experiência de Tiago Falótico, por ele mesmo.

## UM PRIMATA NA CAATINGA

*Meu primeiro contato com macacos-prego foi no Parque Ecológico do Tietê, na zona leste de São Paulo. Lá aprendi muito sobre o comportamento desse primata e uma de suas características mais interessantes, o uso de ferramentas. No entanto, nada se compara a acompanhar grupos selvagens de macacos-prego (Cebus libidinosus), como os do Parque Nacional Serra da Capivara, no sul do estado do Piauí, com os quais iniciei minha pesquisa de doutorado em 2007.*

*Um dia de trabalho de campo, na maior parte do tempo, é bem enfadonho. Primeiro, temos que encontrar os macacos, o que pode ser rápido, se tivermos um pouco de sorte, mas podemos passar o dia inteiro sem avistar qualquer sujeito. Com o aumento do contato com o grupo, começamos a aprender onde os macacos gostam de ficar e os caminhos que geralmente percorrem. Mas eles sempre nos preparam surpresas, e várias vezes vão para lugares novos, que não esperávamos.*

*Mesmo quando os macacos somem chapada acima e temos que procurar ou esperá-los sob o sol escaldante do Piauí, sempre há alguma coisa bela ou interessante para observar, seja uma flor, um inseto, a paisagem ou uma pintura rupestre.*

*É uma alegria encontrar os macacos: todos os adultos e a maioria dos jovens são reconhecidos individualmente e possuem nomes. Sempre que encontramos o grupo, gosto de verificar se todos estão ali e fico ansioso se não encontro algum dos conhecidos. Os grupos que acompanho vivem na área do Boqueirão da Pedra Furada, conhecida pela geoformação que dá nome ao lugar e pelo enorme sítio arqueológico com as famosas pinturas rupestres.*

*Conhecer e acompanhar cada indivíduo é uma experiência gratificante. Passamos a conhecer as personalidades e particularidades de cada macaco, nos afeiçoando a eles. Vários indivíduos são acompanhados desde o nascimento, quando ainda são minúsculos e cabeçudos seres agarrados no pelo da mãe. Observamos eles crescerem, se desenvolverem, errarem e aprenderem novas habilidades, até se tornarem independentes. Algumas vezes (infelizmente) presenciamos a morte de velhos conhecidos. Nesses momentos a tristeza é a mesma de quando perdemos um colega que vemos todos os dias.*

*Durante a maior parte do dia, os macacos forrageiam (termo que significa procura, captura e ingestão de alimento). E, como todo macaco-prego, eles comem de tudo: flores, frutos, invertebrados, aves, roedores, répteis, etc. A base da alimentação é composta de frutos e pequenos invertebrados. Mas o show é quando eles caçam animais maiores. Lagartos são pegos normalmente no chão, mas algumas vezes a presa se esconde em brechas do paredão rochoso, e é aí que entra a inteligência desses macacos.*

*Vários indivíduos, nesse caso, arrancam um galho de uma árvore e cortam as pontas, fazendo uma vareta. Eles usam, então, a vareta para cutucar a brecha e expulsar o lagarto, que é pego com as mãos. Esse mesmo tipo de vareta eles usam para tirar mamangavas<sup>95</sup> de seus buracos e pegar mel da vespa-exu. É fantástico!*

<sup>95</sup> Abelha do gênero *Xylocopa* que nidifica na madeira, sendo conhecida, por esse motivo, como abelha-carpinteira. Importante na polinização do maracujá e outros frutos.

*Além das varetas, os macacos-prego também usam pedras para cavar raízes, desentocar aranhas, quebrar e esmagar frutos e sementes duros. Mas o auge da emoção é quando presencio uma predação. Fico torcendo para os macacos pegarem a presa (depois dá uma certa pena, pois os macacos normalmente não matam os animais capturados rapidamente). E eles pegam animais do mesmo porte que eles, como o mocó, um roedor da caatinga.*

*Há momentos de sossego durante o dia, quando os adultos estão descansando e os hiperativos juvenis brincam animadamente. Nunca me canso de observar os macacos brincando. Eles correm, se agarram, se mordem, se penduram formando “cachos” de macacos com dois, três, às vezes até cinco macacos pendurados com as caudas em um galho, se batendo.*

*Apesar das diferenças entre nós, primatas humanos, e os macacos-prego, as semelhanças são espetaculares, tanto fisicamente – olhos muito expressivos, rosto, orelhas, mãos – como em alguns comportamentos (uso de ferramentas, manipulação de objetos, brincadeiras). Há pessoas que preferem somente ver as diferenças, negando toda a semelhança e nossa proximidade com esses animais. Eu prefiro focar nas similaridades e me encantar a cada momento que gasto acompanhando nossos parentes distantes.*

## NATINHA, A ÚLTIMA TECELÃ

Quando o paleoparasitologista Adauto Araújo, da Fundação Oswaldo Cruz, chegou ao Piauí, em 1986, e começou a atender a população como médico, diante da total falta de assistência básica de saúde, ele ainda não sabia que participaria de um projeto pioneiro de educação e saúde integradas, nos Núcleos de Apoio à Comunidade, os NACs. Entre as agentes de saúde que Adauto formou, a mais aplicada foi Natividade dos Santos Miranda, a Natinha.

Ao entrevistá-la em 2008, em seu local de trabalho<sup>96</sup>, a confecção que funciona no antigo prédio do NAC do Barreirinho, Natinha se revelou detentora de saberes já perdidos na região: a tecelagem e a fiação manual. Como foi criada por uma senhora muito idosa, num município mais ao sul, em Corrente, Natividade aprendeu a tecer e fiar quando pequena.

– Eu era muito pequena, então eu não tecia, eu ficava brincando no tear. Eram duas coisas assim, dois pentes. Quando um pé descia, o pano abria, a gente colocava a lançadeira [onde se enrola o fio]. Aí corria assim, ficava feito pano, né. Ia descendo. Tornava a colocar a lançadeira... – E Natinha vai fazendo os gestos de como a trama surge da urdidura, apertando com o pente a cada carreira. – Aprendi e não aprendi. Era muito pequena, não tinha força. Mas via aquilo ali e sabia o que estava fazendo.

Natinha se emociona com as lembranças da mãe de criação, com os saberes perdidos, com o inusitado interesse que eu manifesto pelo seu conhecimento:

<sup>96</sup> Em 2009, Natinha voltou a trabalhar como agente de saúde, no Posto do Sítio do Mocó.

- Sabe o que ela usava pra pintar? Ela usava uma planta que chamava de anilim [anil, de cor azul]... A gente tirava a folha dela, colocava no fogo pra cozinhar, depois que fervia, ficava tinta mesmo, aí ela amarrava num pau, ia e vinha. Eu ajudava ela com os braço assim, a fazer a meada. Aí amarrava aqui e ali, só pra não embolar, pra poder tingir. E colocava lá, numa panela grande, só de tintura, de ferro. Só usava pra isso, bem grande, no fogo lá fora, debaixo do pau [árvore]. Era assim, deixava ferver bastante. Quando tirava era num gancho, na árvore, pra secar. Depois de seco era para fazer os novelo, apoiando nos braço. Pra fixar, era só cozinhar na planta mermo. Aqui eu nunca vi essa planta. Aqui tem uma planta que tinge, só que de preto, chama camaçari. Lá também tem, mas a gente chamava pau de peia. É a casca que cozinha. Quando morria uma pessoa, botava as roupa pra cozinhar e tingia de preto. Minha mãe tinha uns 3 pé dessa planta.

- E para fiar?

- Ah, a gente fiava na roda, até já teve uma brincadeira das meninas, de enfiar a roda na representação, tive que mostrar pra elas, não era de verdade assim, verdadeira - recorda-se, divertida com a peça de teatro. Mas a lembrança é sofrida:

- Essa roda que nós fala é essa roca mermo. Tem lugar que é nome diferente. Mas antes tem que tirar a sementinha do algodão. Tinha gente que tinha uma máquina pra descarçoar, mas a gente não. De noite, na hora de assistir novela, a gente descarçoava o do outro dia. Aí a gente abre [carda], faz aquela ruma de algodão assim, até muitão, o tanto que a paciência der.

Ela faz o gesto de quem segura um chumaço, que deve ser batido com uma varinha de buriti, para a fibra ficar bem uniforme. E vai colocando num cesto ou numa cuia: - Aí quando vai fiar, já tá bem feitinho, é só rodar ó, a gente bate assim a rodinha.

E Natinha solta uma risada:

- Aí a lançadeira pega a linha todinha. O pessoal de antigamente fazia assim, quem não tinha condição de comprar um pano...

Três meses depois, cheguei de volta ao Piauí. Na bagagem, levei um presente especial para a Natinha: um tear manual de pente-liço que encomendei em Santa Catarina. E passamos uma tarde de domingo tecendo na cozinha de sua casa, no Sítio do Mocó, com as vizinhas, curiosas, chegando na porta para ver a novidade, enquanto Cecília, minha amiga, assava alguns pães artesanais, para o nosso lanche com o café coado na hora.



Natinha ganha de presente um tear de pente-liço feito a mão.



#### BISNETOS DA NIÈDE

– Ela é uma pessoa que conhece os direitos e não tem papas na língua. Não tem medo do governador, de quem quer que seja. Para mim a doutora é a referência, eu vim estudar arqueologia por causa do trabalho dela. É uma pessoa que batalha pelo patrimônio arqueológico da região, está sempre procurando melhorar o Parque, dar segurança, trabalho para as pessoas. É o monstro sagrado da arqueologia, sou suspeita para falar.

**CAMILA AMORIM DE SÁ ANDRADE**, 22 anos  
5o. período de Arqueologia – Univasf

– Para as mulheres, ela investiu no lado social, preocupada com o desenvolvimento sócio-econômico da região. Ela conseguiu que o artesanato crescesse. Na implantação das escolas, não só as mulheres, mas também os filhos, puderam ter novas oportunidades. O outro lado que eu acho importante é que, além de estar preocupada com a preservação do patrimônio arqueológico e natural – porque não se resume só ao arqueológico – ela buscou formas de criar as crianças com uma nova mentalidade.

**LEIDIANA ALVES DA MOTA**, 22 anos  
5o. período de Arqueologia – Univasf

– A doutora Niède é uma pessoa excepcional, uma pessoa muito forte, um temperamento impetuoso, uma pessoa de visão científica e social brilhante. Tem um caráter que poucos têm, uma visão de desenvolvimento sustentável, de desenvolvimento social. Só tenho admiração por ela.

**PEDRO GASPAS**, 20 anos  
1o. período de Arqueologia – UFPI



#### DO ANTIGO COMPANHEIRO DE ESCAVAÇÃO

– A doutora Niède para mim é uma pessoa muito especial. É a segunda mãe que eu tive. Dou muito valor a ela, gosto muito dela. Agradeço muito que ela tenha vindo parar nessa região. É uma mulher que sempre teve autoridade e pôs os recursos aqui. Muitas vezes ela teve que me dispensar mas eu nunca briguei. Ela é uma pessoa que pra trabalhar com ela tem que trabalhar muito certo, ter muita consciência do que está fazendo. Sempre meus problemas eu tento resolver só. Problema de saúde, já tive um problema com um filho meu e apelei pra falar com ela e ela me atendeu. Ela conseguiu o dinheiro pra mim fazer uma viagem a Teresina.

**JOSÉ PAES LANDIM**, o Zé Mudo

#### NETA DA NIÈDE

– A doutora Niède é uma desbravadora. Ela dá o exemplo para a gente. Em condições muito mais precárias ela conseguiu fazer o que fez, vamos tentar um trabalho mais sistematizado. Sou formada em História, com especialização em conservação de arte rupestre com a professora Conceição. Por isso me considero neta da Niède. Ainda não sou concursada mas estou aqui cooperando nessa turma, porque é um sonho que se realiza criar esse curso de arqueologia.

**JOINA BORGES**, professora de História da UFPI



# PARIS: AS PAREDES TÊM A PALAVRA, COMO NA PEDRA FURADA

Maio de 1968, lembranças da França e do Brasil - Nanterre, universidade de Cohn-Bendit e do arqueólogo Eric Boëda - O grande especialista em líticos é fisgado pelo Piauí - A cadeia operatória do lascamento - Antoine Lourdeau, o doutorando professor em São Raimundo Nonato - Aprendendo a lascar pedra, como na pré-história - Debitagem e façonagem - Lesmas de Goiás e do Piauí - Os três lascamentos humanos de FabioParenti-Opolimento - Boëda e a receita Levallois de mamute - A intenção humana, para a fenomenologia - Os técnicos da "Senzala".

# 10

"Não trabalhemos jamais, sejamos cruéis": pixação na Université de Nanterre, em maio de 1968.

“**L**es murs ont la parole” foi uma das palavras de ordem de Maio de 1968 na França. O estopim da agitação que pareceu se alastrar pelo mundo foi o fechamento da Universidade de Nanterre, nos arredores de Paris. Em 2008, foram lembrados os 40 anos do levante que somou estudantes e operários na França, as primeiras manifestações de rua contra a ditadura no Brasil, os protestos contra a guerra do Vietnã nos Estados Unidos, a Primavera de Praga na Tchecoslováquia e por aí fora. “Devolvamos a palavra às paredes”, conclamou o cartaz comemorativo dos 40 anos em Paris. No Brasil, a palavra de ordem que ficou mais famosa foi “É proibido proibir”, imortalizada na canção de Caetano Veloso, que foi vaiada no festival de música daquele ano.



O campus de Nanterre pouco faz lembrar a irreverência das palavras de ordem de maio de 1968, quarenta anos depois.

Chegando ao campus de Nanterre, hoje acessível por uma linha regular de RER, o metrô de superfície que leva aos arredores de Paris, nada faz lembrar aqueles tempos revolucionários. Estamos a caminho da entrevista com Eric Boëda, professor na Université Paris X – Nanterre, chefe de uma equipe de pesquisa ligada ao CNRS chamada “AnTET”, num trocadilho com *en tête*, que significa “na cabeça”, e que integra uma Unidade Mista de Pesquisa sobre a Antropologia das Técnicas, dos Espaços e dos Territórios no Plio/Pleistoceno<sup>97</sup>. Boëda é o responsável científico pela Missão Franco-Brasileira no sudeste do Piauí, retomada formalmente em 2008.

Ao contrário da Sorbonne, no Quartier Latin, antigo coração de Paris, que existe desde o século XIII e cujos prédios guardam a sobriedade cinzenta do neoclássico, Nanterre tem grandes espaços abertos e prédios modernos, que fazem lembrar Brasília.

#### “FRANCE TERRE D’ASILE”

Em 1974, uma vez mais a França honrou a tradição humanista de terra de asilo e recebeu milhares de refugiados políticos de toda a América Latina, assolada por ditaduras. Com o golpe militar de 11 de setembro de 1973, no Chile, foi varrido do mapa político de nosso continente a última chance de proteção perto de casa.

Eu e meu então companheiro, Luiz Rodolfo, estávamos entre os asilados brasileiros que chegaram à Europa graças à Revolução dos Cravos, em Portugal, ocorrida em 25 de abril de 1974. Mas lá não pudemos permanecer, por falta de emprego e condição legal, já que o país não era signatário da Convenção de Genebra, de proteção aos refugiados, ele próprio, Portugal, saindo de mais de 40 anos de ditadura salazarista. A alternativa foi a França, onde amigos já estavam instalados, como o atual ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, e o atual vice-prefeito e secretário municipal de Meio Ambiente do Rio de Janeiro, Carlos Alberto Muniz. Ambos, aliás, seriam colegas de turma na pós-graduação em Economia Agrícola na Université Paris I – Sorbonne.

<sup>97</sup> A AnTET é uma das 16 equipes da UMR 7041 – Unidade Mista de Pesquisas – designada por ArScAn, Arqueologia e Ciências da Antiguidade. Lembramos que CNRS é Centre National de Recherches Scientifiques, correspondente na França ao nosso CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. No caso da UMR 7041, ela também está ligada à Université Paris X – Nanterre e à Université Paris I – Panthéon-Sorbonne, conforme nos esclareceu o doutorando Antoine Lourdeau, aluno de Boëda, que teve a gentileza de corrigir este capítulo.

Meu primeiro filho, Miguel, nasceria no ano seguinte, 1975, na Maternité Port Royal, do tradicional Hôpital Cochin. Ernesto, um ano e meio depois, viu a luz na alternativa Maternité des Lilas, na periferia de Paris, onde o método Leboyer de nascimento sem violência inovava na forma de chegar ao mundo.

Moramos quatro anos em Paris, até a alvorada da anistia no Brasil. Aqueles foram anos difíceis, de pouquíssimo dinheiro, dificuldade para cuidar de dois bebês longe da família, a angústia do exílio. Voltamos em agosto de 1978, meses antes da assinatura da anistia, em janeiro de 1979, o que ainda custou a meu companheiro longos interrogatórios no Dops. Mas além de aprender a cozinhar num subsolo do Champs-Élysées, no meu caso, e num Convento Beneditino, no caso de Luiz Rodolfo, tornei-me professora de francês pela Alliance Française de Paris e ingressamos no curso de *Lettres pour Etrangers*, na Université Paris III – Sorbonne Nouvelle, ali no frontão norte da instituição centenária, na esquina da rue Saint-Jacques com rue des Écoles.

Eu não poderia imaginar que enquanto estudava as primeiras canções de gesta em francês arcaico, à luz da análise literária estruturalista, que estava na moda, não longe dali Niède concluía seu curso de Arqueologia e defendera a tese de doutorado sobre as pinturas do sudeste do Piauí. Ela morou no 6e. *arrondissement*, a 6a. região de Paris, onde também ficava a Ecole Pratique, que se tornaria a Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales. O apartamento da rua Dauphine, a aristocrática via da *rive gauche* que desemboca no Pont Neuf – que se chama “nova” mas é a mais antiga ponte sobre o Sena – Niède passaria à amiga Manuela Carneiro da Cunha. Perto de onde eu estudara, na Alliance Française, no Boulevard Raspail... Em 1978, antes de voltar para o Brasil, eu trabalharia como datilógrafa no *pool* de espanhol da Unesco, na place de Fontenoy, no mesmo prédio vanguardista – pensando bem, uma estranha estrela cortada, como o prédio da Fumdam – onde trabalharia Rosa Trakalo, na delegação uruguaia.

Tive oportunidade de voltar algumas vezes a Paris, anos depois. A principal foi para trabalhar na cobertura da Copa do Mundo de 1998, pela extinta Rede Manchete de Televisão. Durante dois meses, tive o prazer de revelar, através de reportagens, o cotidiano parisiense para o público brasileiro, no momento em que éramos idolatrados pelo mundo, craques na bola e na alegria de viver. Mas foi muito triste testemunhar a derrota do Brasil para a França, naquela final no Stade de France em que o fenômeno Ronaldo foi obrigado a jogar, mesmo passando mal.

Pois em dezembro de 2008 volto a Paris pela primeira vez com meu filho Miguel, acompanhados de minha neta Julia, filha do Ernesto. Novamente, em missão profissional. Com a pressa, nem fomos visitar a maternidade onde ele nasceu, nem o apartamento modesto em que moramos nos últimos tempos de exílio, num subúrbio ao sul da cidade, em Vitry-sur-Seine, hoje transformado num dos favelões em que se amontoam os filhos de imigrantes sem perspectiva, na “França globalizada”.

No grande hall do térreo do prédio C de Nanterre, apenas um cartaz da central sindical anarquista, a CNT, em solidariedade a um trabalhador demitido numa greve, lembra os velhos tempos em que essas paredes gritaram contra a rigidez e o conservadorismo que impregnavam a estrutura educacional francesa, e um pouco toda a sociedade. Aqui estudava Cohn-Bendit, um dos principais líderes estudantis de 1968, que depois assumiu a nacionalidade alemã e se tornou deputado verde.

## BOËDA É FISGADO PELO PIAUÍ

Chegamos ao escritório do professor Boëda, onde uma assistente nos recebe, e mal podemos esperar em pé, de tal forma a sala é coberta de estantes com pastas, caixas com documentos, pedras lascadas, um crânio humano. Como enfeite, um



**Eric Boëda nos explica como eram fabricadas ferramentas a partir de rochas e conchas.**

chapéu de vaqueiro nordestino está pendurado ao lado de uma grande máscara de madeira africana.

Logo em seguida chega Boëda, a cabeleira de cachinhos desordenados emoldurando um olhar muito azul, meio escondido pela barba e pelo jeito apressado, mas não desatento. Estamos diante de um dos maiores especialistas do mundo em tecnologia lítica, atualmente escavando na China e na Síria, além do Piauí.

Eric Boëda já foi 4 vezes ao sudeste do Piauí, a convite de Niède Guidon. Em 2005, ele aceitou o que parecia ser “um pulinho” ali no Boqueirão da Pedra Furada, acompanhado do arqueólogo goiano Emílio Fogaça, de quem foi professor em Nanterre, e que estudou os líticos da região de Serranópolis, em Goiás, semelhantes aos da tradição Itaparica encontrados no Piauí.

A sugestão do convite partiu da arqueóloga Danièle Lavallée, diretora de pesquisas do CNRS, ela própria pesquisadora no Peru e na Patagônia chilena, da mesma geração científica de Niède. Boëda não resistiu à tentação de escavar em outro ponto completamente diferente do globo, que o ajudasse a montar o quebra-cabeça dos caminhos do *Homo sapiens* através do planeta. Ou melhor, não propriamente os caminhos, mas as tecnologias utilizadas por nossos ancestrais, seja na saída do continente africano, no Oriente Médio, seja na Ásia, já bem distante da mãe África, ou mais longe ainda, no coração da América do Sul.

- Niède é uma pessoa que não se esforça para seduzir ninguém, você gosta ou não gosta, é difícil encontrar uma pessoa assim - comenta Boëda, sobre a primeira impressão ao chegar em São Raimundo Nonato. - Ela me mostrou tudo. Fiquei siderado com a quantidade de trabalho já feita e o pouco que é conhecido, pelo menos internacionalmente. Depois conheci Anne-Marie Pessis, com quem me identifiquei bastante. Disse que aceitaria a proposta se pudesse fazer do meu jeito, numa abordagem global, comparando os aspectos sincrônico e diacrônico.

Assim surgiu a missão franco-brasileira “Espaços e Tempos dos Primeiros Homens no Piauí”, chefiada pelo geógrafo Michel Rasse, que já trabalha com Eric Boëda na Síria e na China. Boëda responde pela pesquisa arqueológica.

## TEM QUE TER OSSO DO LADO PARA SER FERRAMENTA?

Ele fica muito irritado com os que questionam as ferramentas líticas como prova da presença humana, uma vez caracterizada a autoria das peças pela mão do homem:

- Como pesquisador, com formação de médico experimenter, é como se eu não acreditasse nos antibióticos! Não é um problema de crença, isso é do domínio da religião. E nós estamos falando em ciência!

Foi esse o desafio irresistível que o fisgou no Boqueirão da Pedra Furada, quando concordou com o trabalho de Fabio Parenti. Além da prova da origem humana dos seixos com 3 ou mais retiradas, fato praticamente impossível pela ação casual da natureza, Parenti ainda fez o minucioso estudo experimental que provou a existência de uma cadeia operatória para a fabricação dessas ferramentas.

- Em termos de pré-história, é uma grande distorção só se acreditar na veracidade de um objeto se for encontrado junto a ele um fragmento de dente ou de crânio humano, ou seja, a descoberta de seu autor. Fazendo uma analogia, será que daqui a dez mil anos, quando encontrarem uma biblioteca de nossos dias, os livros terão perdido todo o sentido, se os seus autores não forem encontrados? É o que eu digo sempre, pode não ser o autor, mas aquele que o comeu, talvez... - observa Boëda, com ironia.

Para ele, esse é um problema epistemológico extremamente importante, ou seja, o questionamento da produção de conhecimento pelo outro. Boëda se refere ao comentário de um colega francês num congresso em Québec, no Canadá. Ele, Boëda, não compareceu pessoalmente a esse congresso, mas enviou um trabalho que foi apresentado por seu aluno de doutorado **Antoine Lourdeau**, que conheci no Piauí. Foi Lourdeau quem lhe contou sobre o comentário do arqueólogo que trabalha no Leste da África com materiais menos evidentes que os do Piauí, mas nenhum colega questiona a sua origem antrópica. Por que, então, a má vontade com o Piauí?

**ANTOINE LOURDEAU** é formado em História da Arte na Université Paris X - Nanterre, onde atualmente faz o doutorado em Pré-História sobre a Tecnologia Lítica na pré-história brasileira: a Tradição Itaparica igualmente encontrada no Planalto Central, região de Serranópolis, Goiás, e no sudeste do Piauí. A semelhança entre as "lesmas" (*limaces*) é conhecida desde que Pedro Schmitz, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, descobriu no sul de Goiás ferramentas com a mesma forma das localizadas na Gruta do Padre, em Pernambuco, por Valentin Calderón, nos anos 1960, na região da represa de Itaparica, que inundou a gruta. Quando Lourdeau enviou as correções a esse capítulo, brindou-me com um elogio: "*Félicitations pour ton chapitre. Tu connais maintenant presque tous les arcanes de la taille de la pierre à la Préhistoire.*" ("Parabéns pelo capítulo. Você conhece agora quase todos os arcanos do lascamento da pedra na pré-história".)

## HOMEM CHEGOU AO PIAUÍ HÁ PELO MENOS 50 MIL ANOS

A sessão do 133º Congresso Nacional das Sociedades Históricas e Científicas, sobre as "Migrações, transferências e trocas através do Atlântico", naquela tarde de 4 de junho de 2008, em Québec, foi presidida por Denis Vialou, no mesmo dia em que foram apresentados trabalhos de Águeda Vialou, sobre Santa Elina, no Mato Grosso; de Gisele Felice, sobre a Serra da Capivara; de Fogaça e Lourdeau, sobre a análise tecno-funcional das indústrias líticas do sítio Boqueirão da Pedra Furada<sup>98</sup>.

<sup>98</sup> A comunicação que eles apresentaram chamava-se "Aporte de uma análise tecno-funcional das indústrias líticas ao estudo do povoamento sulamericano. Enfoque da variabilidade diacrônica das ferramentas trabalhadas do abrigo Boqueirão da Pedra Furada (Piauí, Brasil) entre 49.000 e 8.000 AP". Fogaça e Lourdeau identificaram novas cadeias operatórias a partir da transição do Pleistoceno para o Holoceno, tanto quanto às matérias primas como aos sistemas de debitagem e lascamento, procurando a relação desses fenômenos com as dinâmicas de povoamento da região.

Quase um grande encontro em família!

Já em dezembro de 2006, Boëda defendera publicamente, pela primeira vez, a idade pleistocênica dos líticos do Boqueirão da Pedra Furada, no Simpósio Internacional sobre o Povoamento das Américas, realizado em São Raimundo Nonato, onde estavam presentes Walter Neves, Fabio Parenti e Emilio Fogaça.

- Tanto na África quanto no Oriente Médio, temos uma certa produção cultural até 40 mil anos, a partir daí é outra coisa. Na América do Sul, é completamente diferente. Na Pedra Furada, começamos há mais de 40 mil anos, até pelo menos 12 mil anos, portanto, no final do Pleistoceno.

## AULA DE LÍTICOS EM SÃO RAIMUNDO NONATO

Em julho de 2008, conheci em São Raimundo Nonato Antoine Lourdeau, também integrante da missão franco-brasileira. Apesar do forte sotaque, Antoine está falando português bastante bem, tendo se entrosado com as equipes da Fumdham e os estudantes que vieram fazer trabalho voluntário nas escavações durante as férias escolares.

Assisti a uma aula que Antoine deu para os alunos do curso de Arqueologia da Universidade Federal do Piauí, de Teresina, e da Universidade Vale do São Francisco, de São Raimundo Nonato, a pedido da professora Gisele Felice. Com a maior paciência, ele caprichou no português para explicar a tecnologia para a obtenção dos líticos que estavam sobre a mesa, no laboratório da Fumdham. Depois, fez o mesmo na aula prática, em que até eu tentei fabricar umas lascas de quartzo.

- Como distinguimos num seixo a fratura natural da feita pelo homem? - lança Lourdeau para a pequena plateia. E ele mesmo responde: - A natureza não tem uma intenção nas quebras, vai existir uma certa anarquia. Quando se tem apenas uma retirada, não dá para saber, poderia ser a queda de uma pedra nesse lugar que provocou a saída da lasca. Mas quando há várias retiradas, dá para ver se tem uma organização humana.

Continua o silêncio atento dos alunos. Ele prossegue:

- Na pedra lascada pelo homem, só vai haver uma categoria de fratura, que se chama concoidal, com forma de concha, e bulbos, na face ventral da lasca que foi retirada. O negativo dessa forma, que ficou no núcleo, é o contrabulbo. Mas atenção: toda fratura pela mão do homem é concoidal, mas nem toda concoidal é de origem humana.

Os estudantes parecem confusos. Antoine é pouco mais velho que seus "alunos", está de bermuda e tênis como eles, um rabo de cavalo prendendo o cabelo longo

e crespo. Ele continua a explicação, com a mesma paciência e o sorriso tímido:

– Tem duas formas de lascar um seixo: pode-se tirar uma lasca com um só golpe. Se precisar, pode-se retocar a lasca. Isso se chama debitar, ou seja, obter uma lasca que será utilizada como ferramenta, eventualmente depois de algum retoque. Nesse caso, o seixo que fica descartado é o núcleo. Nesse grupo aqui, de lascas retocadas, dá para ver que em quase todas as bordas tem alguma modificação, para chegar às características desejadas da ferramenta – E continua, pegando um núcleo: – Eles não queriam nada desse seixo...



Entre os alunos de Antoine Lourdeau, no laboratório de líticos da Fumdam, estão Marcos, de Brasília, Dinoele, de Teresina, e Thálison, de São Raimundo Nonato.

## AS TRÊS RETIRADAS DO LASCAMENTO HUMANO

Como distinguir um núcleo de uma pedra quebrada acidentalmente?

Antoine cita, então, Fabio Parenti, referindo-se ao critério de 3 retiradas definindo um gume como indicativas da intenção do lascamento:

– Mas ainda existe uma probabilidade ínfima de ter sido feita naturalmente – adverte. – Às vezes uma retirada pode ter um sentido muito forte na intenção. Não é estatístico, é mais qualitativo.

A professora Gisele acode:

– Há a associação com outros fatores. Se está num contexto trabalhado, a probabilidade de ser antrópico é muito grande. Se está numa planície, por exemplo, onde não pode ter tido quebra de blocos, aí é muito mais simples. O problema da Pedra Furada é o paredão, houve fraturas naturais quando os seixos caíram do alto.

## DEBITAGEM E FAÇONAGEM<sup>99</sup>

Antoine retoma o raciocínio:

– No sistema de debitagem vão ficar os núcleos, as lascas retocadas usadas como ferramentas e as lascas que vão ser descartadas ou usadas sem retoques. O segundo sistema de ferramentas, e isso é geral, no mundo inteiro, é a façonagem, que quer dizer o ato de esculpir um seixo. Nesse sistema, você vai lascar um seixo e a futura ferramenta será o seixo trabalhado. Na debitagem, é a lasca que será usada.

<sup>99</sup> O aportuguesamento de *façonnage* é por minha conta, reproduzindo como é falado pelos brasileiros.



Antoine demonstra como a debitagem numa “bigorna” cria dois bulbos na lasca, é o chamado lascamento bipolar.

Antoine vai mostrando os exemplos entre os seixos que escolheu para a aula:

- Na debitagem temos duas técnicas diferentes de lascamento. A direta ou a bipolar, sobre uma bigorna. Para diferenciar, no lascamento bipolar, as lascas terão dois bulbos, o segundo como consequência da pancada com a bigorna. Aqui estão as lascas de percussão direta...

Antoine adverte que o quartzo não é um material homogêneo, por isso os vestígios não são tão evidentes.

- Numa lasca com técnica direta, só tem ponto de impacto de um lado. Numa lasca com técnica bipolar, pode-se obter o que chamamos *split*, a palavra em inglês mesmo, quando são produzidos dois pedaços idênticos. Olhem este caso, aqui tem um retoque na extremidade, definindo um gume distal, ou seja, na extremidade do seixo... Esse outro, com retoques dos dois lados, tem um gume sinuoso, e há uma terceira parte, com um gume côncavo...

## A INTENÇÃO DO LASCADOR

Antoine explica no desenho de um lítico como houve uma sequência de gestos para as retiradas, o porquê de cada uma, a intenção do lascador. Gisele aproveita para exemplificar a diferença do quartzo para o quartzito, esse último guardando um certo brilho, com a granulometria bem fina:

- Todos são de sílica, a cristalização é que é diferente. O quartzito é a areia reaquecida e metamorfizada. O quartzo pode ser comum, leitoso, rosa.

Antoine complementa:

- O sílex é esta pedra escurecida, mais fácil de trabalhar que o quartzo, que tem muitas fraturas internas. Mas o gume da ferramenta de quartzo é mais resistente. É a rocha mais utilizada nos líticos da região. E também se encontra a calcedônia, matéria prima do sílex. No Brasil só não tem obsidiana.

Pergunto qual é o salto qualitativo nas ferramentas: polir?

- Na região vai ter uma feçonagem mais elaborada, e também uma circulação maior de matéria prima. No BPF começa a aparecer matéria prima exógena e com retoques bem mais finos, no período chamado Serra Talhada, de 10 mil a 6 mil AP, início do Holoceno.



## LESMAS DE GOIÁS E DO PIAUÍ

Seu Nivaldo me contou que em 2007 conheceu “um professor francês lá no museu”, que lhe prometeu um chifre de veado para polir as ferramentas líticas, como se fazia na Europa, na pré-história.

- Diz que usava também uma areia em riba de um lajedo pra polir – explica ele.  
- Diz que não se importava de passar três dia fazendo. Aqui chamam de lesma, por causa da forma, também é um raspador. Tem uns que tira o couro de animal com uma lasca dessa.

Pois são justamente as lesmas que Antoine está estudando para sua tese, em que compara as lesmas de Goiás com as do Piauí. Esse tipo de ferramenta usa uma tecnologia de corte utilizada até hoje, em qualquer faca ou tesoura moderna: um lado é plano, o outro tem uma determinada inclinação para formar o gume.

- As lesmas, feitas com características importantes que não existiam antes, surgem há cerca de 10 mil anos na região. Elas são compridas, com trabalho numa ou duas das extremidades e retiradas em todo o redor, mas apenas numa das faces (unifaciais). São achadas daqui até o sul de Goiás, aqui entre 10 e 6 mil AP, lá um pouco antes, entre 11 mil e 8.500 AP. Não posso dizer que lá é a origem, no centro do Brasil, mas é certo que mais ou menos no mesmo período existem nas duas regiões. Nesse período, começam a aparecer as pontas de projétil. No BPF foi encontrado um único exemplar, que está no museu.

Em seu estudo, Antoine mostra que houve comunicação, num momento ou outro, entre o Nordeste e o Centro do Brasil – entre Piauí e Goiás, Tocantins e Pernambuco – numa área de troca ainda difícil de definir, a essa altura da pesquisa:

- Houve deslocamentos de pessoas, de ideias. No sentido mais estrito do povoamento, da dinâmica de relações dos grupos do continente, aparecem consequências bastante interessantes.

## O POLIMENTO DA PEDRA

- Quando começa a aparecer a cerâmica, tem também o polimento da pedra, início da horticultura, da manipulação das plantas. No Sítio do Meio, em que foi encontrado um machado polido com cerca de 9 mil anos – não é o semilunar, esse é mais recente –, encontrou-se também um fragmento de cerâmica com 8 mil anos.

Antoine ainda daria preciosas explicações antes da aula prática. O *chopper* é um seixo com retirada de um só lado. O *chopping-tool* é dos dois lados. Tem outros nomes tipológicos, como raspador, o problema é que variam de um autor para o outro, o mesmo nome podendo ter vários significados: lesma é pela forma, raspador pela função, *chopper* é pela tecnologia.

Por esse critério, da tecnologia, constata-se que houve convergência entre espaços geográficos e temporais bem distantes um do outro:

– Por exemplo, a lesma – nome que vem do francês *limace* – era um tipo de ferramenta do Paleolítico Médio da Europa Ocidental, há cerca de 80 mil anos. A fase Pedra Furada, a pleistocênica que foi definida aqui na região, apresenta ferramentas análogas às encontradas na África nas primeiras fases do lascamento, quando ainda não era o *Homo sapiens*.

## CONVERGÊNCIA DE TECNOLOGIAS

Eric Boëda faz um comentário semelhante, referindo-se ao método Levallois de lascamento. O nome é uma referência ao sítio de Levallois-Perret, na França, identificado há cerca de cem anos. Na sua descrição, a lasca Levallois é predeterminada pela preparação do núcleo. Em 1986, Boëda reagrupou várias categorias num mesmo “conceito Levallois”, com variáveis segundo o ângulo formado pelos sucessivos lascamentos, caso sejam mais de um. Adiante ele daria uma longa explicação sobre a caça de mamutes com esse tipo de lasca.

E exemplifica:

– Há pequenas peças Levallois encontradas na Europa, com datação de 40 mil anos AP, que vamos encontrar no deserto africano com 30 mil anos. Não posso dizer que o sujeito lá da Europa enviou um fax para a África dizendo “essa peça é genial, eu recomendo”! É uma reinvenção. Em geral tem um toque diferente, se fosse o mesmo processo não teria porque ter essa diferença.

Um outro exemplo de convergência técnica, lembrado por Boëda, é o reaparecimento do Levallois no sul da Patagônia, há cerca de 5.000 anos. O Levallois é conhecido de forma clássica na Europa e no Oriente Médio entre 300.000 e 40.000 AP...

A noção de que a evolução biológica do homem determina o avanço técnico é falsa, garante Boëda. Aquele desenho reproduzido nos livros escolares do hominíneo que vai evoluindo para se transformar no homem, e que a cada etapa corresponderia uma evolução tecnológica:

– É falso, as pessoas continuam afirmando que existe essa correlação porque é mais fácil pensar assim. Está mais do que demonstrado que está errado, é uma aberração intelectual.

## AMÉRICAS SÃO COLCHA DE RETALHOS

As Américas são um enorme território cuja complexidade não pode ser explicada com um único modelo, garante ele. A tradição Itaparica, das lesmas, apareceu “de repente” há 12 mil anos. Não há sinal de uma evolução local até se chegar a ela.

Depois desaparece, da mesma forma que apareceu. E surge outra indústria, que começa do zero...

No caso da Pedra Furada, Boëda explica que nesse momento a missão está interessada em caracterizar a ação antrópica:

– Em primeiro lugar está a estratigrafia. Podemos dizer que o BPF é clássico, há linhas definidas de *brûlé* (das fogueiras) que continuam horizontais, não houve degradação. O processo de depósito é de areia fina, os objetos não chegaram ali se chocando. Depois vamos tratar das deformações pós-deposicionais, ou seja, se o objeto foi recoberto por outros sedimentos, se houve degelo, por exemplo, o que intervem sobre o solo depois que a ferramenta ali está. Essa é, então, a segunda análise.



As camadas da estratigrafia do Boqueirão da Pedra Furada são muito definidas, segundo o especialista francês Eric Boëda.

Ele prossegue com as etapas seguintes:

– Aí vamos nos lançar na etapa analógica. Vamos procurar lugares que naturalmente seriam suscetíveis de produzir tais objetos. É o que fez Fabio Parenti ao procurar as quedas d'água, no exterior do sítio, que poderiam influir no seu interior. Por fim, é a análise técnica, quando vamos buscar reproduzir o objeto, reconstituir a ordem dos gestos que nos levaria ao mesmo resultado.

#### O "PULO DO GATO" DA TESE DE FABIO PARENTI SOBRE O BPF

O professor Eric Boëda destaca:

– Fabio Parenti demonstrou que quando há seixos rolados, eles devem apresentar 3 retiradas para se ter certeza de sua origem antrópica. A natureza só produz acidentalmente uma retirada. Claro que o seixo pode ter menos de três retiradas e ser antrópico.

Depois de relacionar a proporção entre os vários tipos de seixos, Parenti revela que quando os seixos são naturalmente trabalhados, eles não estão concentrados, estão dispersos. E os que estão no sítio arqueológico, estão uns ao lado dos outros.

E com o tom exagerado que gosta de usar, Boëda dispara:

– Até um iniciante verá que há uma diferença fundamental! Só esses elementos trazidos por Parenti me bastariam. Mas ainda entrou a experimentação. E vemos que esses elementos precisaram de uma cadeia operatória complexa, com gestos que deveriam se suceder de uma determinada forma. Às vezes, implicam em 60 gestos, numa determinada ordem. Na natureza, seria impossível uma sequência de 60 gestos, muito menos reproduzida exatamente na mesma ordem.

O professor dá um exemplo do cotidiano atual:

- É como se eu quisesse me vestir. Não posso colocar os sapatos antes das meias, ou as calças antes da cueca. Portanto, o esquema operatório, seja de se vestir ou de fazer um objeto, é a mesma coisa.

Experimentalmente, portanto, existe a cadeia operatória que produz determinada ferramenta:

- A diferença entre um objeto natural e uma ferramenta é o contato operativo, o gume. Se analisarmos por que ele foi feito, em lugar de como ele foi feito, constataremos que a natureza não produz gumes, mas, sim, retiradas negativas.



## RECEITA PARA PREPARAR UM MAMUTE: O LEVALLOIS

**B**oëda pega uma lasca de sílex:  
- No caso dessa ferramenta, não temos na América do Sul. Imaginemos que vamos cortar um mamute. Para recuperar sua pele, vestir-me, preciso dessa ferramenta. Para obtê-la, tenho necessidade de um bloco com uma determinada morfologia. A primeira etapa, então, é buscar o bloco com essas características. Vamos, então, decompor as diferentes etapas. Primeiro, onde está esse bloco na natureza, próximo ou longe. Qual é a qualidade desse bloco, se há muito ou não, enfim, são questões muito importantes para trabalharmos sobre o comportamento.

O lascador de Boëda viveu há 300 mil anos, no norte da Europa:

- Para que minha lasca seja funcional, que sirva para cortar meu mamute, preciso que ela tenha dez características técnicas. Depois de escolher cuidadosamente o bloco que me serve, vou dar um único golpe. Todo o trabalho consiste em obter um volume particular. Em outros casos, uma segunda lasca é prevista, ou três, ou quatro. São técnicas evoluídas. Minha ferramenta é especificamente determinada pela forma desse bloco.

As dez características consistem na forma de segurar o bloco, no nível do gume, se será côncavo ou convexo, qual deverá ser o ângulo desse corte, qual é a forma do objeto, se é quadrangular, triangular, se é curto ou longo, enfim, é o que chamamos de técnica de debitação Levallois.

Boëda se entusiasma:

- É fabuloso, o Levallois aparece na Europa do Norte, na Inglaterra, na França, há 250 mil ou 300 mil anos, dos pré-neandertais ou outros da linhagem neandertal, e irá até os 40 mil anos, quando desaparece completamente. A técnica vai se es-

tender à África e ao Oriente Médio, um pouco até a Mongólia, de forma superficial. E não é encontrada na América do Norte nem na América do Sul!

Depois veio Annette Laming-Emperaire e encontrou objetos Levallois no sul da Patagônia, de cerca de 5 mil anos atrás. Ela achou que tinha se enganado, porque os neandertais não chegaram lá:

– É idiota pensar que uma determinada técnica pertence a um indivíduo! – exalta-se o professor. – “Biologicamente”, o Levallois corresponderia aos neandertais. Mas os *Homo sapiens* também a praticaram.



## OBJETIVOS DA ATUAL MISSÃO FRANCO-BRASILEIRA

Eric Boëda retoma os objetivos da missão no Piauí:

– Voltando à Pedra Furada, nosso estudo consistiu em constatar que aqueles são objetos produzidos. Percebemos que são gestos repetitivos, se precisamos fabricar o mesmo objeto, uma, duas, dez mil vezes, terei que fazer os mesmos gestos, o que não ocorreria na natureza. Então, mesmo sem ser necessário, acrescentamos um dado a mais na análise, que corrobora serem objetos antrópicos.

Ele se irrita ao acrescentar:

– Isso é ciência, mostrar experimentalmente que determinado processo é invariável. Posso provar cientificamente aos colegas que a natureza seria incapaz de produzir o mesmo resultado. Você pode discordar, mas será no campo da fé. É cansativa essa discussão, atualmente me recuso a bater boca.

Teatralmente, Boëda pega o crânio humano que está atrás dele, na estante, sacode-o e finge querer ver o que tem no interior:

– Eles têm necessidade disso, se amanhã encontrarmos um crânio de 40 mil anos, todos vão garantir que aqueles objetos foram talhados pelo homem! O que interessa é o que tem dentro, o que o cérebro pode criar, é hipocrisia achar que só podemos demonstrar a existência de inteligência naquela época com a presença de um crânio!



**Boëda demonstra a intenção no lascamento dessa pedra de sílex, que a transforma numa ferramenta. Na Capivara, o sílex começa a ser trabalhado há cerca de 12 mil anos.**

A missão franco-brasileira no Piauí quer ter uma visão mais global dessa região excepcional que é o entorno do Parque Nacional Serra da Capivara. Boëda reserva um elogio a Niède:

– Ela é uma verdadeira arqueóloga, foi até embaixo na escavação, muitos arqueólogos não o fariam. O trabalho dela foi a partir das pinturas, inclusive ao buscar seu contexto. Ela partiu, então, dessa noção dos abrigos sob rocha.

## ONDE PROCURAR

**DIEGO TEIXEIRA MENDES** é estudante de final de curso em arqueologia da Universidade Católica de Goiás, tendo participação em programas de iniciação científica, como a missão do Piauí e programas de salvamento arqueológico, dirigidos por professores do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, da Universidade Católica de Goiás.

**CAROLINA TORRES BORGES** também é estudante de arqueologia da Universidade Católica de Goiás. Desde 2006 integra o projeto de levantamento, monitoramento e resgate do patrimônio arqueológico da área diretamente afetada pela construção da Ferrovia Norte-Sul, no estado de Goiás, sob a coordenação de Luiz Coimbra Nunes. Ela e Diego participaram em outras escavações, particularmente no estado de Mato Grosso, com Denis e Águeda Vialou.

Ele explica que há muitos sítios entre o calcário e o Parque que não foram escavados porque não têm pinturas:

– Aí está nosso olhar da antropologia com técnica, espaço e território. Vamos trabalhar a noção de espaço, buscando a relação entre os sítios com líticos não associados a pinturas com os que as têm, poder observar diacronicamente populações diferentes. Queremos compreender como as populações, através do tempo, apreendem a noção de território.

Segundo Antoine Lourdeau, há o interesse de multiplicar os sítios antigos, para melhor contextualizar os dois únicos sítios pleistocênicos conhecidos até agora, o BPF e o Sítio do Meio. Depois, estender à região calcária, para encontrar líticos e também ossos de fauna. O outro objetivo, segundo ele, é conhecer melhor a sequência de ocupação, desde a mais antiga até as camadas holocênicas, com cerâmica, etc.

Sem dar nome aos sítios, Boëda descreve os trabalhos de 2008:

– Trabalhamos durante dez dias, junto com Michel Rasse. Precisamos usar a experiência para saber onde escavar, pois, a princípio, não há vestígios culturais visíveis. Encontramos sítios com líticos e separamos 5. Num deles, ao ar livre, devemos ter chegado a 8 mil, 12 mil anos, a um metro e meio de profundidade. O responsável pela sondagem foi o **Diego** da Universidade Católica de Goiás.

Sobre o segundo sítio, ele comenta a feliz surpresa:

– A cinquenta metros dali, fomos a 4,5 metros de profundidade, junto a uma parede. Quem estava escavando era a **Carolina**. Ela prosseguiu até 3 metros e não achava nada, a parede continuava vertical. Até que houve um pequeno descolamento na parede, “clac”, e apareceu um fragmento ósseo.

Lourdeau assim descreve esse sítio, no Serrote da Ester:

- Um sítio muito interessante, do ponto de vista da estratigrafia. Há artefatos de pedra e, abaixo, restos de fauna muito fragmentados. Um dos fragmentos pôde ser identificado por Guérin e Martine como sendo a falange de uma preguiça-gigante. Abaixo dos restos do animal, ainda havia objetos líticos.

Boëda prossegue:

- Segundo o paleontólogo, é do fim do Pleistoceno Superior, algo em torno de 7 mil anos atrás. Ela [Carolina] prosseguiu e o cenário começou a se abrir. A 5 m de profundidade, encontrou seixos, uma indústria lítica desconhecida. A prospecção já se tornava muito perigosa, era importante abrir [referindo-se à necessidade de cavar degraus, para não ocorrer desmoronamento das paredes].

O terceiro sítio que lhes pareceu importante ficava no alto, uma pequena gruta. Segundo Antoine Lourdeau, localiza-se no Serrote do Antero. Boëda acrescenta:

- Designamos como ponto 312. Era uma sepultura, com uma estrutura de blocos ao redor. Encontramos oferendas em sílex, acho que é de 4 mil, 6 mil, antes da cerâmica, achamos o crânio, escavamos tudo.

O quarto sítio era num local em que se via sobre o solo faixas de calcita, o carbonato de cálcio que costuma se formar nas paredes do abrigo, pela ação da água:

- Minha hipótese é que aquele sítio é o teto de uma possível galeria enterada - descreve Boëda. - Três metros mais adiante encontramos outra linha de calcita. Portanto devia mesmo ser um teto, imagine uma gruta em que o teto caiu totalmente. Entramos pelo teto. À medida que abrimos, encontramos um solo com ossos e fechamos tudo, foi no fim da temporada de trabalho. Ainda bem que Anne-Marie estava lá. Niède vinha regularmente, era quase preciso amarrá-la, porque queria descer, escavar. Falamos então com Anne-Marie que era preciso fechar, proteger, com muito cuidado. Acredito que Niède aceitou não mexer... essa foi a última descoberta no maciço calcário, a cinco metros da superfície.

## BARREIRINHO

A grande descoberta, segundo ele, foi perto do Barreirinho:

- Há toda uma estratigrafia que pode ser feita pelo Carbono-14. Num sistema de terraços, é possível datar o que me parece do Pleistoceno Médio para o Final. Só fizemos uma limpeza do corte e fechamos. Certamente é bem antigo.

- Quinze, vinte mil anos? - arrisco.

- Mais. Esse é o trabalho que vamos fazer no ano que vem. O objetivo é ter uma estratigrafia, muitas camadas num mesmo sítio, para podermos ter uma diacronia, estabelecer pontos à volta para saber como o espaço estava organizado.

Deve ser para facilitar o acesso a esse sítio que Niède estava tão empenhada na construção de uma nova estrada, no Baixão da Nova Esperança. Mas ninguém fala dos sítios da missão, é o maior mistério. Ela está cumprindo o trato.

Boëda explica o trabalho de Pascale Binant, sua mulher, que conheci em São Raimundo e voltei a encontrar em Paris:



**A arqueóloga francesa Pascale Binant me dá entrevista no Caldeirão do Rodrigues, observada pela guia Eliete.**

## TRABALHO DA PASCALE<sup>100</sup>

- A partir de 12 mil anos atrás sabemos que há pinturas. Aí entra o trabalho de Pascale. Ela fez um grande trabalho de reflexão sobre a distribuição espacial da cultura aborígine na Austrália. Ela não precisa saber tudo sobre as pinturas, mas a relação entre os sítios e as pinturas, como indício de como era gerido o espaço do abrigo. Havia zonas especiais? Será que as pinturas se integram em espaços distantes, reticulados? Alguns são no alto, outros embaixo. Alguns são à beira da falésia, outros na entrada de pequenos vales, ao fundo dos vales, em cantos perdidos. Tentar saber por que em al-

guns casos não há pintura, se em locais semelhantes elas são encontradas. Enfim, colocar também outras questões, para descobrir a organização espacial. Vamos, então, tentar integrar os sítios a céu aberto, ver se determinadas características são associadas a tal indústria lítica, e assim por diante.

Ele lembra que com uma equipe de apenas 5 pessoas, é preciso adaptar a forma de trabalhar:

- Tive oportunidade de trabalhar durante vários anos num sítio na Mauritània, uma falésia onde viveu uma população neolítica durante o rebaixamento do mar. Há pinturas rupestres, num paredão de dois mil quilômetros de comprimento por 50 de altura. Quer dizer, é um trabalho enorme de compreensão espacial. No caso do Piauí, queremos uma abordagem global entre os sítios com pintura e os sítios sem pintura.

## DESCOBRINDO A INTENÇÃO, ONTEM E HOJE

Eric Boëda se diz fenomenologista, uma escola filosófica que busca um sentido para os fenômenos estudados, uma intenção. Do ponto de vista da filosofia da ciência, ele se diz um seguidor de Henri Bergson, Georges Simenon, Merleau-

<sup>100</sup> Leia sobre o trabalho da Pascale por ela mesma ao final desse capítulo, à página 264.



Ponty, Edmund Husserl. Será que ele está buscando, na pré-história, os sinais de quando e onde o homem adquiriu consciência de si?

- Estamos tentando entender o homem através da administração de seu território. Não se trata de entender o simbólico das pinturas, até porque seus autores estão mortos. Podemos supor um significado xamânico para várias delas. Mas se trata de entender a diversidade do homem a partir da organização do seu espaço.

Antoine Lourdeau é “uma peça mestra da missão”, para Boëda, “porque temos a intenção de que continue”.

Antoine se diz encantado com a estrutura de apoio à pesquisa em São Raimundo Nonato:

- Fiquei realmente surpreso quando cheguei, não conheço equivalente à estrutura da Fumdham, de apoio material aos pesquisadores, da infraestrutura do Parque, é realmente excepcional.

- A América do Sul é como um grande *patchwork*, uma colcha de retalhos. A Pedra Furada pode não ser a síntese, mas certamente contém dois ou três dos elementos desse *patchwork*, é um processo incrível. Um teatro diacrônico, um teatro sincrônico. Enfim, é o Brasil – conclui Boëda.

## OS DEDICADOS TÉCNICOS DA SENZALA

Debaixo de um grande toldo branco, atrás do laboratório de Líticos da Fumdham, fica a “Senzala”, apelido desse laboratório ao ar livre onde chega todo o material de campo. Aqui são processados os fragmentos de carvão, osso, cerâmica, líticos. Primeiro eles são limpos, depois numerados e classificados. É um trabalho que exige paciência e conhecimento técnico para distinguir as características de cada peça.

A responsável é a Cida, Maria Aparecida Pereira, que trabalha aqui há 11 anos. Depois de dar expediente na Fumdham, Cida ainda fica na recepção do hospital público de São Raimundo, à noite. Ela gosta dos dois empregos, mas adora a novidade da Senzala:

- É um trabalho que não se repete. Uma vez fui trabalhar numa escavação e encontrei uma fogueira. Eu me sinto a dona da fogueira. Nesse dia encontramos um pingente muito bonito, que está lá no museu. De vez em quando vou lá visitar meu pingente...

Cida é fã incondicional da Niède: - Ela sempre surpreende - diz ela, enquanto escova um caco de cerâmica. Cida mostra como o número da etiqueta que veio do



#### CORAÇÃO DE MÃE

– A doutora diz que não gosta de criança, que joga tudo pras onça. Quando meu filho ficou doente, precisou fazer cinco cirurgias na cabeça, lá em Teresina, ele ficou muito mal, só se salvou por causa da doutora Niède. O médico chegava lá dizendo que a doutora Niède ligava 3 horas da manhã: “Não deixa o filho da Cida morrer!” Se não fosse ela pegar no pé dos médicos, eles tinham dado alta pro meu filho ainda com um tumor na cabeça! E ela: “Veja lá, veja o filho da Cida, a doença é grave e já deram alta!” O médico foi na rua atrás da gente... Hoje ele já é um homem, muito saudável, tem 17 anos, graças à doutora Niède. Quer dizer, isso é uma pessoa especial demais. O coração dela é muito bom, ela é durona mas é maravilhosa!

**MARIA APARECIDA PEREIRA,**  
técnica do laboratório de líticos

campo com o fragmento é cuidadosamente escrito, com nanquim, sobre uma fina camada de esmalte de unha transparente. Depois de secar, uma nova camada fixa a numeração, que indica o sítio, a etiqueta e a peça.

Apesar de parecer muito jovem, Leandro dos Santos trabalha há dez anos para a Fumdam. Ele começou como aprendiz, na horta do NAC<sup>101</sup> da Serra Vermelha, onde se destacou como um dos melhores alunos. Leandro é um feliz exemplo de como foi bem sucedida a educação experimental dos Núcleos de Apoio à Comunidade, que funcionou durante alguns anos. Depois tornou-se técnico do Laboratório de Líticos, função com que se identificou. Agora que terminou o segundo grau, Leandro vai fazer vestibular:

– Tenho que fazer Arqueologia, o curso que tem aqui na Univasf. Gosto muito de bichos, quero fazer biologia na Unesp [a universidade estadual]. Se você quer estudar, tem a oportunidade de trabalhar meio período na Fumdam, e “pagar” essas horas quando tiver tempo livre.

– A doutora sempre dá oportunidade – comenta Cida. – Ela pode entrar aqui e dizer: “Vai ali no computador”. Posso nunca ter visto um computador, mas se me sair bem, ela não quer saber se tenho o curso, ela quer saber se me desempenho bem. E o Leandro sempre foi muito bom.

Rapidamente constato que é verdade. É com a maior segurança que ele me explica como está separando os líticos da bandeja à sua frente:

– Na verdade, tudo começa a partir de um núcleo, é a base de tudo. Essas retiradas vão identificar o núcleo. O fragmento é o resto, o que sobrou depois que foi feito um objeto. Isso aqui é uma lasca, com retoques, que são essas retiradas. Essa deve ter tido a utilidade de raspar alguma coisa. Para saber se foi usada, precisaria de um microscópio. – E ele prossegue, diante de outra bandeja: – A gente identifica a lasca por esse ponto de percussão e pelo bulbo que tem aqui. Aí são os retoques, para dar melhor corte ao instrumento.

Diante do meu espanto, ele conclui com um sorriso:

– Para a gente que tem costume é bem nítido, dá para identificar, até o paralelepípe-

<sup>101</sup> NAC é Núcleo de Ação Comunitária, modelo de escola em horário integral implantado pela Fumdam na região, graças a financiamento do governo italiano. Saiba mais no capítulo 5, à página 132.

do da rua. Sempre que estou andando no mato, a gente pega o costume, vai olhando pro chão...

Denair Martins de Negreiro tem 26 anos e trabalha há 5 na Fumdham, como técnica de laboratório. Foi colega do Leandro na Serra Vermelha, mas parou de estudar na 5ª. série para trabalhar como vendedora. Quando procurou Niède para pedir emprego na Fundação, conseguiu na hora, a doutora já a conhecia:

- Tem uma geração inteira que estudou nessas escolas. A gente sabe que tem um patrimônio a preservar, sobretudo para as futuras gerações, que precisam conhecer como viviam em nossos antepassados. As pessoas antigas se comportavam de forma diferente, não existia o desequilíbrio ambiental.

Quase todo mundo acaba trabalhando um pouco em cada laboratório, aprendendo as várias funções de técnico. Iranilde Rodrigues, por exemplo, tem 25 anos e é filha de uma funcionária. Ela começou na Informática e há quatro meses passou para os Líticos:

- Com a ajuda da Cida e do Leandro, estou aprendendo a classificar - declara, orgulhosa. E passa à demonstração prática: - Por exemplo, essa aqui é uma lasca sem corte. Tem um ponto de percussão e um pequeno bulbo, uma barriguinha. E não tem nenhum córtex, essa casquinha externa da pedra. Pode ver que aqui ela sofreu as retiradas e aqui é um pequeno corte... Aqui são fragmentos, com pequenas retiradas, mas sem nenhum ponto que permita considerar uma ferramenta.

- Por que estudar o fragmento? - pergunto.

- Porque ele foi retirado de uma peça importante. Na retirada para se fazer uma ferramenta, consideramos [o que se retirou] fragmento.

Reencontro um conhecido do teatro do Pró-Arte. Valdeci da Silva é o "Pirilampo" da peça. Mas aqui ele é mais um técnico de laboratório, função em que trabalha há 4 anos. Começou no Pró-Arte tocando teclado, revelou talento para o desenho e acabou técnico em topografia:

- Entrei para o Pró-Arte com 18 anos, hoje estou com 24. É um trabalho muito bonito, sobretudo com as crianças, é muito legal. Pude desenvolver o lado artístico, o que dificilmente eu conseguiria morando na roça. Hoje me interesso sobretudo pela restauração da cerâmica.

Rafael Batista tem 19 anos e é pernambucano. A mãe trabalha com a Anne-Marie Pessis e pediu para "dar um jeito" no filho, perigosamente desocupado aos 17 anos, em Recife. Hoje Rafael tem carteira assinada como técnico, estuda à noite e vai fazer vestibular. Aproveito para tirar uma dúvida:



**Leandro Santos Paes Landim estudou no NAC de Serra Vermelha e é hoje técnico do laboratório de líticos da Fumdham. Quer ser biólogo.**

- Essa pedrinha preta, é por causa do fogo ou é fungo?

- Algumas foram mesmo queimadas – responde Rafael, sério. – Esse material todo é de superfície, veio do Gongo. Estou separando as lascas sem córtex.

Leandro se aproxima para mostrar o que é córtex:

-Isso é o córtex, essa está sem córtex... – me mostra, referindo-se à “casquinha” da pedra.

Eu descobriria depois que Leandro é casado com a guia Eliete, cuja inteligência e vivacidade também me chamaram a atenção. Um pouco mais velha que ele, Eliete teve a experiência de trabalhar diretamente com Niède, revelando uma insuspeitada paciência da doutora:

-Naquela época, a gente fazia de tudo um pouco, participava das escavações e depois ia para a análise preliminar do material arqueológico. Ficava tudo sobre umas tábuas, apoiadas em cavaletes, próximos à sala dela. A doutora explicava que análise deveríamos fazer. Se a gente tinha alguma dúvida, ia à sala dela, chamava e ela estava sempre ensinando pra gente...

Difícil imaginar o destino desses jovens, se não fosse a “revolução” liderada por Niède Guidon na região. Digam o que disserem.



## ESPAÇO E PINTURAS<sup>102</sup>

Pascale Binant

*No sudeste do Piauí, próximo à pequena cidade de São Raimundo Nonato, o maciço de arenito da Serra da Capivara se destaca na paisagem, onde profundas gargantas abrem caminhos. Do alto à base dos desfiladeiros, as vertentes abruptas formam numerosas tocas, cujas paredes contêm uma infinidade de pinturas hoje inscritas no patrimônio mundial da humanidade.*

*Em um território de 129.140 ha, foram registrados mais de mil sítios, graças ao trabalho de quase quarenta anos de obstinada prospecção, empreendida pelas professoras Niède Guidon e Anne-Marie Pessis, da Universidade Federal de Pernambuco.*

*Há todo um mundo fixado nas paredes das tocas da Serra da Capivara. As pinturas são numerosas e as cenas se repetem ao longo das paredes das diferentes tocas, contando histórias que, sem dúvida, nunca conheceremos de verdade. No entanto, investimos nesse campo de pesquisa desde 2008, e nossos primeiros resultados revelam uma certa dinâmica.*

*Em sua expressão, os desenhos são filiformes ou em formatos cheios e generosos, definidos por traços de contorno ou superfícies coloridas, preenchidas de modo homogêneo ou grá-*

<sup>102</sup> A arqueóloga Pascale Binant faz parte da missão francesa “Espaces et Temps des Premiers Hommes du Piauí – ETPHI”, dirigida por Michel Rasse, Ministère des Affaires Étrangères, França, desde a sua criação, em 2008. Seu trabalho será objeto da tese “Peintures rupestres de la Serra da Capivara: Les espaces de la représentation. Piauí, Brésil”, Université Paris X - Nanterre. Atendendo a meu convite, Pascale nos antecipa nesse texto algumas de suas observações, ainda inéditas.

*fico, com uma ou várias cores. Dessas variações de tratamento se depreende, no entanto, uma forte impressão de uniformidade, tanto na forma em si como no fundo. Essa impressão é reforçada pela utilização predominante do vermelho, em meio a uma palheta de cores pouco variada – branco, preto, amarelo, azul – ao que se soma a repetição das figuras representadas: personagens, animais, plantas, grafismos. Mas, sobretudo, a especificidade das pinturas da Serra da Capivara provém da expressão de vida revelada pelas numerosas cenas representadas, que ligam e movimentam os personagens em seu meio ambiente – longas filas, cenas sexuais, rodas, etc.*

*Ainda que as tocas pintadas sejam numerosas na Serra da Capivara, mais numerosas são as que não foram pintadas! Assim, entre as incontáveis paredes disponíveis para a expressão gráfica das populações da época, por que algumas foram utilizadas e outras não? A questão da inserção dessas pinturas no espaço geográfico está no cerne de nosso trabalho. Com efeito, a escolha das tocas não nos parece ser fruto do acaso.*


*A própria escolha da toca, ou seja, de um lugar abrigado, em vez das numerosas paredes exteriores, igualmente acessíveis, é significativa. Talvez devêssemos associar o fato à atenção particular que parecem ter suscitado as diferentes concavidades naturais das paredes – nichos, cúpulas, buracos... Por outro lado, entre as tocas estudadas, a maioria está relacionada com algum ponto de água, ainda hoje ativo ou não. Em 2009, as chuvas foram abundantes. Não somente as pinturas estavam mais contrastadas por causa da umidade, como havia cursos d'água que estavam secos no ano anterior. Ora, num caso em especial, a água que saía de uma ressurgência, situada justamente abaixo das pinturas, era de um vermelho acentuado. É difícil imaginar que este fator não tenha sido determinante na realização das pinturas. O lugar é encaixado no abrigo rochoso, e as pinturas, de pequenas dimensões, são discretas. No entanto, a alguns metros, no prolongamento da parede, um afresco de vários metros quadrados foi pintado, em uma parte descoberta, sobre o paredão de rocha. Essas duas pinturas se encontram no final de um estreito desfiladeiro, pontuado por outras tocas pintadas.*

*Este exemplo confirma a interação entre o espaço geográfico e as pinturas: a geografia não apenas como simples suporte mas como elemento dinâmico e constitutivo da elaboração conceitual das representações. Também precisamos pensar nessas pinturas como um conjunto, expressão de um pensamento inscrito em histórias sucessivas, ao longo do tempo e da vida, na rede desse território ocupado há milênios pelos homens. A riqueza do Parque Nacional Serra da Capivara, circunscrita e bem documentada, nos autoriza esta nova abordagem de conclusões ainda inéditas.*

*Bergerac, França, fevereiro de 2010.*







# NA ESTRADA DO BAIXÃO: ATRÁS DO POVO DAS TOCAS

## 11

Santa Clara, o povoado do povo das tocas  
- Gislene e a mãe Iraildes, nossa repórter  
- Falando com os bichos e as plantas - A família montada em jegue, na estrada do Baixão do Pinga - A Toca do Lameu - Uso do espaço, a comida, o preparo - A aula de café da Rosineide - Os caboclos que falam pelos olhos e marcam o lugar de festa na pedra - Beta batendo e soprando a fava - Jéferson, o menino que caça rabudo - O quase "rancho" da Lurdes - Maria, do Cajueiro, que sabe fiar - Lição que levamos das tocas.



**Iraildes, mãe de Gislene, Jéferson e Leonardo, saiu de casa, em Santa Clara, para nos acompanhar ao Baixão do Pinga, a 20 km do povoado.**

**G**islene tem 10 anos, um lindo sorriso e se expressa com grande facilidade. Conhecemos Gislene quando ela subia a ladeira de terra que vai de sua casa, ali no Jaraçá, até a casa da tia, onde pretende encher esses dois baldes na bica de água limpa. Mais perto tem um tanque, mas a água está suja. Em casa está a mãe, Iraildes, e o irmão de 17 anos, Leonardo, ocupado em afinar um berimbau debaixo de um cajueiro. O pai, o Tura, chama-se Genivaldo. Está "no baixão". É a época da desmancha, a colheita da mandioca.

Estamos chegando ao povoado de Santa Clara, no sudoeste da Serra das Confusões, a 200 km de São Raimundo Nonato. Todas as famílias daqui ocupam as tocas do Baixão do Pinga nas épocas de plantio ou colheita, a cerca de 20 km das casas. Agora é a seca, o "verão", mês de agosto. Muitos estão no baixão, colhendo as favas e um pouco da mandioca.

Nesse ano a mãe de Gislene escolheu uma toca nova, a menina me explica:

- Tinha muita areia, era suja a toca. Tinha muita bosta de rato, aí minha mãe e meu pai limparam lá. Faz uns dois meses.

Pelo que entendi, alguém ocupou a antiga toca deles:

- Tinha uma placa lá mas arrancaram, botaram em outra toca.

Gislene Ferreira Barreto está na terceira série do grupo escolar em frente de casa. Logo descobrimos de quem ela puxou a vivacidade, ao conhecer a mãe, Iraildes Silva Pereira, que seria nossa "mestra de cerimônias" no Baixão do Pinga.

Santa Clara tem pouco mais de cem habitantes e pertence ao município piauiense de Cristino Castro. Para chegar aqui, atravessamos todo o parque das Confusões e começamos a contorná-lo, por caminhos que só nosso guia conhece. Ele se chama Odécio Pereira Lopes e trabalha



de vigia no Parque Nacional Serra das Confusões. Além de Odécio, estão minha amiga Cecília Caminha e Pascale Binant, arqueóloga da nova missão francesa, que adorou a oportunidade. Desde que Júnior, o analista ambiental das Confusões, comentou da existência das tocas habitadas, fiquei ansiosa para conhecer essa experiência tão próxima à de nossos antepassados.

Iraildes tem uma forma muito pessoal de se expressar, sempre falando muito. Só depois entendi que é natural de Salvador, na Bahia, e já morou em São Paulo. Foi lá que conheceu o atual marido, que a trouxe para aqui, onde ele nasceu e cresceu. Quando ela viu o fim de mundo que era a terra dele, quis ir embora e apanhou do marido. Iraildes é uma mulata bonita, de olhos esverdeados. Aos poucos, ela se adaptou e parece ser amiga de todos. É uma verdadeira "relações públicas" das Tocas da Baixa do Pinga. Muito à vontade, apresenta todo mundo, mostra os utensílios. Percebe o estranhamento do olhar de fora, é capaz de "traduzir" esse cotidiano, explicando-o "aos forasteiros", como nós.

- Morador daqui tem uma pessoa muito assim, leva a vida, munta de jumento, sai no jumento, indo pra lá, no baixão, é uma estrada muito longa. Então comecei a pegar o pé assim, porque lá em Salvador, a gente tem mais momentos diferentes, de levar a outras capacidades, a pescaria, a andar num outro canto. Aí como eu passei pra morar aqui, tive mais formação das pessoas. Aí então comecei a acostumar de labutar na roça, a ajudar mais dentro da maioria do povo. Mesmo assim a gente acostuma, acha bonitez. E comecei a pegar o momento do povo aqui.

Em seguida ela apresenta os vizinhos de porta, seu Tonho e dona Lurdes, que depois nos pediram para buscar os netos, que estão com a filha no Baixão. Não conseguiríamos cumprir o encargo, a mãe não estava na toca e não quiseram entregar as crianças para nós.

Iraildes me mostra a própria casa de chão batido, as portas abertas, as galinhas e os pintinhos transitando livremente. Na sala, uma pequena estante é o "mercadinho": tem sabonete, macarrão, açúcar. "É pra eu fazer uns trocados", explica. Num móvel, uma pequena televisão e um vídeo-cassete. Aqui não chega televisão, só pega filme. No quintal, pés de mamona: "Dessa mamona aqui a gente tira óleo". Quem tira o óleo é a Lurdes, ela usa pra remédio, pra quebração de cabelo, pra curar outros problemas. Mais adiante está Leonardo e o seu berimbau, ele explica que em Cristino Castro, quando trabalhava lá, jogava capoeira: "Resolvi fazer [o berimbau] pra mostrar pra rapaziada aí".

A cachorrinha é a Chiquita, apresenta. A leitoa, Belinha, tem olhos azuis e ela não tem coragem de matar. A pintinha é a Belalice, que vive atrás dela. E lá vai Iraildes:

- Eu gosto de falar com as plantas, viu? Gosto de dar atenção às minhas plantas, aos pés de fruta. Essa aqui é pimenta-dedo-de-moça, tenho ciúme dela porque toda vez que eu planto, a galinha vem e cisca. Se eu bebo água, dou um pouquinho pra elas, porque se elas ganham um pouquinho de água não morrem de sede, né.

Assim como a gente conversa com os bichos, eu converso com as plantas, porque elas vão entender o coração da gente. Eu converso com elas igualmente aquela garota que eu tenho lá.

Claro que Iraildes adorou ir conosco até as tocas, na L-200. Ela achou absolutamente normal que a caminhonete se chame Leonora. Tomamos o caminho de terra, uma trilha usada em montaria e a pé, mas que dá passagem para um carro. Bem mais adiante, já no Baixão do Pinga, desistimos de seguir até as últimas tocas porque o chão estava com muitas pedras pontiagudas.

Não muito longe do povoado de Santa Clara, encontramos uma mãe e duas crianças montadas em dois jegues, por cima dos fardos. Nossa “mestra de cerimônias” entra em ação:

- Aqui é a Cineide, sofredora, uma sina, viúva nova, viu? Nove filhos. E assim a maioria dela vai levando a vida desse jeito aqui. Como bastante conheço ela, trabalheira, luta pelo caminho dos baixão que é onde nós tamo indo, entendeu? Porque a luta das pessoa é desse jeito. Se não levar os animais, a gente não chega nem lá nem volta pra cá. E nem carrega as coisas também pra comer.



**Cineide e os dois caçulas, Margarete e Micael, fazem o caminho entre a "rua" e o baixão em lombo de jegue, a cada 8 ou 15 dias.**



- Tô levando arroz, óleo, café, açúcar, temperinho...  
- informa Alcineide dos Santos, mãe de Micael, oito anos, e Margarete, dez anos, os dois caçulas.  
- A rede e as panelas já tão lá. Você vai ver lá meu barraquinho. Leva ela lá - diz a mãe para Iraildes.  
- Minha turma toda tá lá.

A mãe explica como é o vaivém entre a toca e o povoado:

- É oito dias, 15 dias. Às vezes vem em casa procurar mais, sobreviver, entendeu? Fica um olhando algum, a casa, alguma coisa que fica, algum porco. Aí volta de novo [pra roça, junto à toca], termina o serviço, volta [para o povoado], fica aqui, trabalha, bota os filhos na escola. Quando é no período de trabalhar [na desmancha] tem que ter aquela semana [sem ir à escola]. Aí pede pro professor, e agora que fiquei sem marido eu converso com os professor, eles me entendem. Meus filho tudinho estuda. Só tem esse pequenininho que está desenvolvendo fazer o nominho, mas os outros graças a Deus tudinho. Essa daqui tá na terceira.

Alcineide mora numa casa cedida pelo cunhado, com os filhos, em Santa Clara, e toma conta do

Baixão do Anajá, uma toca "dum compadre e amigo", como encarregada, "há mais

de 25 anos”, garante. A vida dela é assim, em cima de um jegue, para lá e para cá, com a casa “na rua” (na vila) e a toca, junto à roça.

## A TOCA DO LAMEU

Chegamos à primeira toca-casa do Baixão. O rapaz que está desatrelando um jegue, visivelmente bêbado, é o Paulinho. Paulo Lourenço dos Santos, 40 anos. Ele é só vizinho. O “dono” da toca está ausente, chama-se Bartolomeu e é conhecido por Lameu. Iraildes me apresenta aos vizinhos.

Uma moça, a Rosineide, é a filha do dono da toca. No meio da folhagem, até nos aproximarmos da parte abrigada da rocha, não se distinguia muito bem quantas pessoas estavam ali. Agora eu vejo um jirau, com utensílios, uma fogueira, redes penduradas em paus fincados, uma lona no chão, de onde parece ter se levantado Rosineide. Depois ela me explicaria que prefere dormir assim, no chão, do que na rede. Por uma questão de educação, me dirijo a cada um, perguntando o nome e a idade, como uma apresentação: Laurice, sete anos, Ádison, 11 anos, Arton, 15, Jordon, 13. – Quem quer apresentar a casa pra mim? – pergunto. Claro que foi a Iraildes, à vontade:

– Aqui é o jirau, como eu tava te falando. Onde a gente bota os prato pra não ficar no chão. Aqui é o galão de água. Aqui já pertence o candeeiro, a lâmpada daqui. Aqui se chama o guardatório. Já ouviu falar de cama de vara? – pergunta nossa repórter, interativamente.

Lembrei do sonho de consumo da sinhá Vitória, personagem de Graciliano Ramos, em “Vidas Secas”, para não ter que dormir no chão. Só que ela queria uma cama de tiras de couro, como a de seu Tomás da Bolandeira.

E lá vai Iraildes:

– Na parte do Amauri é assim, as crianças na rede e os adulto na cama. Aqui, por exemplo, o fogo, a comidinha, o arrozinho, fava. Então o conjunto da vida das pessoa é assim desse jeito. Somente a chaleira, pra fazer um café, um chá. Aqui é a fava, quando eu cheguei aqui [na região, vinda de São Paulo] estranhei, pra mim era uma semente braba. Mas é uma semente boa, alimenta, a fava, uma delícia. Só que pra cozinhar ela, a gente cozinha depois



O jirau serve de mesa e armário, como aqui, na Toca do Lameu. A rede, em geral, é para as crianças, os adultos dormem no chão.



escorre, pra tirar aquela nódea preta, mas ela é muito boa. Aqui se apresenta o fogo pra se sentar à noite.

Iraildes mostra uma segunda fogueira, no centro “da casa”. A de preparo de alimentos é junto à parede rochosa. Fabio Parenti vai gostar de saber disso, ele que classificou as fogueiras pré-históricas das tocas.

- É pra afastar mosquito, lacraia, essas coisas assim. Aqui é a sela, pra animal maior, a gente vem muntado na sela. E isso aqui às vezes quando chove a água desce aqui. Às vezes também dá macaco, guaribinha, e prego também. Que o povo chama cabeça-de-prego, né? E tem sempre um cachorro, né, dentro dum baixão desses aqui ele serve de segurança, porque através pode ver uma onça, então ele escuta, né. Aquele lado é o morro.

E Iraildes começa uma explicação muito importante para entendermos o universo em que ela e seus vizinhos se movem, onde o elemento mágico integra o cotidiano, como entre os índios ou os afro-americanos muito próximos de suas raízes. Nas comunidades negras tradicionais de Salvador, na Bahia, ou em Havana, Cuba, que compartilha nosso panteão yorubá, até decisões corriqueiras são tomadas apenas após a consulta ao oráculo. É um entendimento do mundo muito mais abrangente que o da religião, um componente do dia a dia, só que numa outra dimensão, digamos assim. No baixão, são os caboclos, entidades de velhos índios, que protegem e amedrontam.

## OS CABOCLOS QUE FALAM PELOS OLHOS

- Ali serve pra ficar mais bonito, né - começa Iraildes, apontando a encosta do outro lado do baixão. - Da gente pelo menos olhar, ter alegria. É como eu falei, né, sobre a maioria dos caboclo. Eles gosta muito de estar sempre na beirada assim de toca, e eles visita os chegante. Se chegar muita gente estranha, eles corre, começa a jogar pedra. Por exemplo, eles olha também os macaco quando desce das árvore pra atacar sempre o milho. Os alimento dos animais aqui também é pouco e às vezes mais é pasto assim, né - diz ela, já meio fugindo do assunto.

Digo que vou traduzir para a Pascale a explicação dela sobre os caboclos. Ela retoma:

- É um contato sobre presença dos olhos. Entre eu e a presença dos caboclo. Às vezes a gente sente que eles tá meio incomodado, eles chora. Eles se sente muito aflito, né, então através que a gente olha a distância dele aqui, a gente vê que ele tá descendo as lágrimas. Porque ele acha que aquela pessoa tá incomodada [incomodando], ele começa a jogar pedra. Aí as pedrinha já vai caindo. Aí diz "ah, não, é caboclo"... Toca também dá o borá, a gente escuta quando ele começa a tocar. Então através do borá deles é onde afasta as pessoa.

- O que é o borá? - pergunto.

- É uns apitinho que eles usa pra já fazer medo no povo. Tem as corujinha também que ela sempre canta. A coruja, o caburé, já pra ajudar, pra ver se faz mais medo. Mas como o povo daqui já acostumou, é como fosse uma presença normal deles. É uma presença legal, né. Então eles olha aqui e acha que isso é visita, que é a distância do povo pra lá e pra cá. Eles já tão sabendo que é gente visitante.



## O PORQUÊ DAS PINTURAS RUPESTRES

**I**raildes dá uma interessante interpretação para as pinturas rupestres, que não existem dentro desse baixão, mas tem "lá do outro lado", segundo Paulinho, com um gesto que indica uma grande distância. Mas é ela, uma vez mais, quem explica:

- O povo diz que é uma marcação do lugar que ele [o caboclo] passa. É uma marcação de respeito, sobre eles. É uma marcação que eles desenha, por exemplo, eles vai desenhar um tipo o desenho deles, um animal, é um tipo de visita dele, as visita das pessoa. É uma marcação que ele pede o respeito a eles. Porque a pessoa deve também plantar, mas num desenho eles pede o respeito, porque eles quer amor. É como um segurança. Ele pode desenhar uma espécie de cachorro, né, eles desenha uma espécie de pessoas e pode desenhar também uma espécie de guerra. O que significa a guerra pra eles? Ele vai tocar o borá, esse borá já é tensão...

- Peraí, o desenho de guerra é como um aviso, se você vier eu faço guerra?

- Não - nega Iraildes, categoricamente. E explica:

**- É porque eles são espécie de uns animais, é tipo uma natureza. Então a natureza, ele se sente seguro se caso ele marcar a pedra. Então quando eles marca a pedra eles diz: eu passei aqui. Então deve entender as pessoas que muitos anos atrás, ele passou ali.**

Ela emendaria com uma explicação que integra o mito amazonense do Caipora, o espírito da floresta que tem os pés voltados para trás, para enganar os outros. Explico a Iraildes que Pascale está interessada em entender por que tem pinturas em uma toca e, em outras, não.

**- É porque é o lugar mais que ele ficou mais junto. Foi o local mais que eles se juntaram, os amigos, os parentes, irmãos. Porque todos eles também tem irmão, parente. Então foi a primeira festa ali.**

Paulinho depois me contaria do Baixão das Perdida, onde "tem sol, tem lua, tá o retrato do homem. Foi os índios que fez. A senhora não vai de pé, não, é longe".





Rosineide serve o café feito na hora, sem coar, para as visitas.

## O TRABALHO DURO

Paulinho está de saída e quase esmaga o pobre do jeguinho, ao tentar montá-lo num único impulso. Ele vai para o Baixão do Orino:

- É outro baixão, pra lá debaixo duns pé de manga, só tem uma serra derreada por riba. O serviço num é meu, tô trabaiano pras pessoa.

Rosineide está encantada com a possibilidade de papo com alguém de fora:

- Eu fico mais lá na casa da rua - ela explica, referindo-se ao povoado. - Não gosto de trabalhar aqui não.

Os meninos são da mesma opinião, como Ádison, de 11 anos:

- Não gosto de trabalhar, gosto de morar lá.

- Mas aqui não é bom pra brincar? - arrisco.

- É não, porque não tem tempo. Não tem tempo pra brincar.

E Iraildes:

- Como eu tava te contando, a vida daqui pra eles é muito difícil, muito mais difícil porque lá tem conforto, aqui não tem, né. Lá eles têm mais como respirar, e aqui é mais só pra trabalhar mesmo, só levar dia a dias, né, meu filho?

- É.

Nossa incansável apresentadora-repórter continua:

- Lá pelo menos tem a brincadeira, tem a escola, né. Tem a escola pras criança e tem a brincadeira por demais, tem mais espaço pra andar, e aqui "borá, filho pra lá! Vamo pegar uma coisa! Ê fulano!" Então não tem tempo, né, pra nada.

Essa frase deveria ser usada em alguma campanha contra o trabalho infantil.

## MOMENTO "MAIS VOCÊ" NAS TOCAS

Estão chegando duas meninas, vindas do "rancho" vizinho: Laide, de seis anos, e Érica, de três. Rosineide começa a preparar um café, pergunta se queremos:

- Finge que você está na televisão e me mostra como você faz café – proponho. Ela ri e se torna, ela própria, uma “anamariabraga”.

- Pegue a sua chaleira – é uma lata redonda de óleo de soja, chamuscada. O fogão é a fogueira mesmo. – Ponha a chaleira no fogo, ponha a água, depois o açúcar, depois o café. Deixou ferver, tá prontinho. – E em tom de desculpa: – Aqui não tem coador. É chique de doer – e Rosineide solta uma gargalhada.

Descobri depois que é uma questão cultural, isso de não coar o café. A mãe da Karla Selma – a analista ambiental que conheci em São Raimundo e que abriu as portas da casa da família em Teresina para nós – é de uma outra região do Piauí, Água Branca, mas igualmente do interior. Osmarina, mãe também da Caene, me explicou que prefere o café sem coar, porque guarda melhor o sabor: “É só esperar depositar o pó” – garante. Como os turcos, que até leem o futuro na borra do café que fica na xícara.

- Está ótimo o café, muito obrigada! – e está mesmo.

## O DIA EM QUE OS CABOCLOS LEVARAM A PRIMA

Rosineide começa a contar o acontecido com a prima de oito anos:

- Eu tava no baixão, chegamos da Santa Clara no baixão, né. Daí nós fomos passear, deixar ela no outro rancho. Deixei ela no rancho dela e voltei pro do meu pai. Quando nós chegamos lá [no baixão do pai], que demorou um pouco, a mãe dela veio atrás procurando cadê a menina. Aí quando nós fomos procurar, a menina não tava mais no rancho. Aí todo mundo procurou por todo o baixão. Quando foi meia-noite, encontraram ela no baixão do Manoel do Santo, dentro duma toca. Tava a menina sozinha. E o cheiro, diz que quando eles passa tem um cheiro só de chiqueiro, assim vamos supor, de bode. Um fedor de bode.

- Mas por que eles levam a criança? – tento saber.

- Ah não sei, diz que é porque eles às vezes acham a pessoa muito parecida com a família deles. Mas não é parente, aí eles carrega mas deixa.

Paulinho complementa:

- Eles passam a mão no suvaco, passam na cara da pessoa, já tá em pró da pessoa ficar besta, aí eles leva – diz, soturno.

- Não, Paulinho, tá doido! – discorda Rosineide, indignada. – É não. É porque depende deles, é o canto deles, é como por exemplo se aquela criança ali tiver o cabelo preto escorrido, aí claro que eles vai encantar com aquela criança. Se aquela criança for mais quieta, ele encanta só de olhar pra criança. Então quando ele olha pra criança, ele já encantou a criança.

Paulinho não faz por menos, assustado e assustador:

- E se eles pega uma criança do cabelo ruim, eles leva, mata, assa e come!

## BETA SOPRANDO A FAVA

Ouvimos um tilintar suave e repetido, como o som de um instrumento musical, quando avançamos, a pé, no caminho para dentro do baixão. É dona Beta soprando a fava, depois de bater as vagens secas com um pau de marmeleiro. Com uma grande cabaça em cada mão, cortada em cuia, ela faz um belo movimento alternado com os braços, sacudindo as sementes no ar, que assim se libertam das cascas.

O nome de Beta é Gercina Souza Gomes. Ela tem 43 anos, é mãe de Rosineide e mais cinco filhos. Quatro deles estão com ela no baixão. Sem o excesso de peso da filha, a pele escura, o rosto de traços firmes, pano na cabeça, é um quadro de Portinari em movimento. Só que ela interrompe a linda dança justamente por causa da nossa chegada. Mas nossa "produtora" não se faz esperar:

- Beta, faz aí pra ela filmar! - e já lá está Iraildes, explicando, explicando.

- Isso aqui é uma cabaça - diz ela, muito séria, imaginando que é a primeira vez que vejo uma. - Essa cabaça vai servir de bacia. Aqui ela está fechada, eles vão serrar essa cabaça e vai fazer dois caco de cuia que vai servir de bacia. Aí eles vai juntando, pegando e despejando.

E com uma tirada digna da colega louira da Rede Globo, como um conselhinho para a beleza:

- Isso aqui serve também de relaxamento, porque os braços da gente, vai e volta, leva e volta, é onde tá a dança, é a respiração a braço... Tá vendo como é as coisa? Esses caroço aqui, ele vale ouro!

Beta explica que só separa as favas que estão muito chochas. "Ó, essas daqui não presta", exemplifica. Ela vai plantar de novo de novembro para dezembro, já tem que ter dado a chuva:

- A primeira chuva bate na terra, que sobe aquele ar da poeira, a quentura, aí vai começar a covar pra poder plantar, fazer a plantação.

## A TOCA DOS NETOS DA LURDES

Na toca seguinte encontramos os netos da Lurdes: Jardel, de cinco anos, e Jaqueline, de oito anos:



- Esse aqui é o que a gente vai levar, que foi encomendado - diz Iraildes mostrando Jardel, referindo-se à sua vizinha de porta em Santa Clara.



**Madilene lava a louça num jirau de 2 andares, o de cima é para secar**

O grupo é grande, umas dez pessoas. Madilene tem 14 anos, está lavando a louça sobre um jirau, pegando a água limpa num latão com um canequinho, usando bem pouca água. Tem que buscar água todo dia, é meio longe. Nessa toca o fogão é diferente, nota-se que é uma toca ocupada há mais tempo. É quase um fogão a lenha, com o barro acumulado sobre o jirau, para se cozinhar numa posição mais confortável, de pé. Fico até encapulada com a sem-cerimônia de Iraildes, ninguém nem tinha falado nada:

- Me dá uma colher? - pede ela à menina da louça. - Eu vou mostrar interessadamente a ela o que significa a fava cozinhada aqui no baixão...

É gostosa sim, me lembrou caroço de jaca cozido, que meu pai, criado em fazenda, fazia lá em casa.

Começo a conversar com as pessoas. São todos da mesma família, por sinal com belos traços. Um menino com cara diferente é filho da própria Iraildes, é o Jéferson, de 11 anos. A mãe, tão faladeira, resume:

- Ele sempre gosta de acompanhar a Cineide, aquela mulher que nós encontramos na estrada.

- Tá bom aqui, Jéferson? - pergunto.

- Tá.

Não puxou à mãe e à irmã... Insisto sobre o que gosta de fazer:

- Armar pedra e trabalhar. Armar pra pegar rabudo.

O tal rabudo parece um grande rato, e serve para comer. Será gambá? Não sei. O menino não está a fim de muita conversa. Também não discute quando a mãe o "arrebanha" para voltar conosco. Aliás, a Iraildes foi loteando o espaço da caminhonete de tal forma que quase foi um problema, porque tínhamos carga na caçamba. Dois sacos de fava de um, as crianças da fulana... Por sorte não autorizaram levar os netos da Lurdes. Mas ainda carregamos um bebê, que estava sendo levado no colo da mãe, que voltava a pé, no sol. A mãe seguiu a pé e ficou de pegar a criança com a Iraildes, quando chegasse em Santa Clara.

## O RANCHO DO BAIXÃO DO PINGA



"Era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada, ninguém podia entrar nela não, porque na casa não tinha chão. Ninguém podia deitar na rede, porque na casa não tinha parede..."

A linda música de Toquinho e Vinicius, que eu gostava de cantar com os meninos quando eram pequenos, me vem à cabeça, quando chegamos à "casa" mais chique das redondezas, a melhor instalada. Ela realmente não tem paredes. É uma casa para o tempo de seca. Mas tem teto.



Quando chegamos, reparo que um pequeno abrigo rochoso serve de galinheiro, com um cercadinho. Há também algumas cabras, próximas às galinhas. O chão está bem batido. A atividade e a quantidade de utensílios revelam que estamos, talvez, diante da mais antiga ocupação do baixão. Confirmo a suspeita ao descobrir que o olho d'água, o pinga, está bem próximo. Observo uma árvore antiga de urucum, que serve para fazer o colorau da comida e também é usado como remédio para vários males. O conjunto parece um pequeno rancho, quase uma casa do povoado.



**No rancho sem paredes, os cachorros são fundamentais para avisar de onça, enquanto se bate a fava no terreiro.**

A dona da casa chama-se Maria de Lurdes, mora aqui com o marido e três filhos, "os outros são casados". Aqui tem um de 20, um de 17 e uma de 12 anos. Pergunto sobre o uso da casa.

- Aqui é só o trabalho da gente, a gente mora lá fora, fica lá e cá. Passa uns meses aqui e uns meses lá fora.

Já aprendi. Lá fora, na rua, é no povoado. Aqui é o baixão, a roça. No quintal, há fardos de fava e espigas de milho. Um homem está batendo um monte de fava com uma vara, como já vimos Beta fazer. Alguns animais estão comendo em cabaças, usadas como cuias. Um trançado de varas baixinho me atrai a atenção, acho que é para proteger galinha choca. Já fizeram duas arrancas da mandioca, ainda vai ter bem mais nessa estação.

Maria de Lurdes está recebendo uma parenta de visita, lá do Cajueiro, no município vizinho de Guaribas. Maria Santana Fernandes tem 46 anos e "é irmã do Costa", guarda do Parque das Confusões, de quem também é vizinha. Depois entendendo que ela vai nos pedir o favor de levar as sacas de fava até lá, que é no nosso caminho. Enquanto a dona da casa costura, ela me mostra que sabe fiar, muito orgulhosa:



- Primeiro eu tiro o caroço do algodão, assim. Quando eu tiro esse caroço aqui, eu abro ele [a fibra]. A gente faz um arco assim de pau, a gente vai batendo ele assim e aí vai abrindo, aí já fica todo ligadinho.

Ela não especifica o uso do buriti para a vara, como Natinha. O tronco dessa palmeira é leve mas consistente, usado até para móveis. Segundo Natinha, é bom para uniformizar o algodão, quando batido. Fica mais fácil para cardar, pentear a fibra, antes de fiá-la.



**Maria mostra como tira o caroço do algodão para fiar no fuso, como se fazia há milênios.**

- É com rama de pau – informa Maria.

Assisto uma demonstração de fiação manual feita com um fuso tosco, usando discos furados no meio como peso. Como tantos que foram encontrados nas aldeias pré-históricas.

- E pra que serve a rodinha aí embaixo? – refiro-me ao disco furado.

- É por causa do peso, se não tiver a rodinha não faz.

- Mas você é boa mesmo, hein! – elogio, com sinceridade.

- Eu faço até mais fina do que isso aqui. Eu faço que parece pra costurar, minha linha – diz Maria, inchada de orgulho.

Ela também sabe "fiar no pé", ou seja, "na roda" [na roca]. E "lá na roça", no Cajueiro, tem quem saiba tecer, mas ela não sabe, só fiar.

- Elas lá ficam em pé. Tem dois pedais. Quando elas passa a linha assim, aí passa um pente assim. A altura bate assim na cintura, o pente, e os pé fica mais embaixo.

Fiquei mordida de vontade de ir ao Cajueiro. Mas pelo visto só vou realizar essa vontade já com o livro pronto, acompanhando meu filho Miguel, que vai fazer um filme sobre a região<sup>103</sup>.

<sup>103</sup> Miguel Castro é cineasta, dedicado a documentários sobre temáticas sociais. Da montagem das 80 horas que gravei na pesquisa do livro, surgiu o projeto do "Piauí Entocado", cujo DVD vem anexo a esse livro. Saiba mais em [www.familiabastos.net](http://www.familiabastos.net).

## FOME ZERO E AS LIÇÕES DA PRÉ-HISTÓRIA

Coincidência ou não, Guaribas é o município que foi escolhido pelo governo federal para o lançamento do programa Fome Zero, no começo do governo Lula. Os poucos resultados de melhoria na qualidade de vida da população levaram o governador Wellington Dias a ordenar, no começo de 2009, uma pesquisa minuciosa para que se possa fazer uma avaliação técnica do que precisa ser mudado.

Não conheço o resultado da pesquisa, que ainda estava sendo tabulada ao encerrar a edição desse livro. Mas sei do desânimo de Niède Guidon quanto à possível eficácia dos projetos sociais.

Será que não está faltando conhecer melhor as soluções locais? Como cada grupo humano se organiza, com fortes laços comunitários, em regime de mutirão? Fornecer recursos de saúde preventiva, instrução, mas valorizando os saberes que foram passados há gerações? Como será que essa gente se fixou ou sobrevive aqui, numa terra arrasada por tantos genocidas?

Mesmo que eles não descendam diretamente dos autores das pinturas, ou dos povos que aqui deixaram seus mortos, que lições ficam para nós, da chamada "civilização judaico-cristã-ocidental-global", do respeito que eles têm pelos antigos "caboclos"?

Não existe o "bom selvagem", de Rousseau, e não acredito em conto da carochinha. Ninguém gosta de ser pobre. Mas gosta de ser respeitado e de se sentir seguro.

Será que o colapso atual do capitalismo globalizado não poderia servir para uma nova linha de reflexão, em que se buscassem novos parâmetros de relação com a natureza, ou com o que sobrou dela? O que nossos ancestrais de milênios atrás, que talvez tenham chegado em pequenas embarcações da África e subido o caudaloso Parnaíba, deixaram para nos ensinar sobre esse milagre de sobrevivência e capacidade de adaptação?

Acho que é esse o caminho que Niède nos mostrou. A rota "torta" de Darwin na América do Sul, muito além do caminho estritamente científico. Sua persistência, sua dedicação, o preço pessoal que pagou para continuar na região, mesmo quando interessava indispor a população contra ela.

Não desista, Niède. Nós precisamos de você. Nós todos, os brasileiros.

FIM



# ANEXOS



ANEXO I – A Polêmica sobre a Toca da Bastiana: a pintura mais antiga do mundo?

ANEXO II – Os métodos de datação

ANEXO III – Santa Elina e Cidade de Pedra – As descobertas do casal Vialou em Mato Grosso

ANEXO IV – A jazida quaternária da Pedra Furada, a tese de Fabio Parenti.

Solange filma Niède na Toca do Serrote das Moendas, em agosto de 2008.

## ANEXO I

# A POLÊMICA SOBRE A TOCA DA BASTIANA: PINTURA MAIS ANTIGA DO MUNDO?



A Toca da Bastiana é uma pequena “lapa”, como se diz em Minas Gerais, ao lado da Toca do Barrigudo, na região dos serrotes, ao sul do Parque Nacional Serra da Capivara.

Numa entrevista à publicação *Athena Review*, citada no “Mathilda’s Anthropology Blog” em 10.03.08, Niède Guidon declarou: “Quando você é o primeiro a descobrir alguma coisa, as pessoas querem matá-lo porque você perturba as plácidas águas do lago... uma teoria não é uma lei, mas pode e deve ser mudada cada vez que novos fatos são descobertos”.

Ela me explicou, numa manhã bem-humorada:

- Nós temos um bonecão da tradição Agreste com 36 mil anos. Agora estamos datando de novo, porque de uma coisa assim precisamos ter certeza. Nós não publicamos ainda, mas seria a mais antiga do mundo. Então estamos fazendo testes para poder publicar. O que foi datado foi a calcita que cobria a pintura. É aqui na Bastiana, o lugar onde estávamos trabalhando, paramos por causa da chuva.

Meses mais tarde, foi concluída uma cerca para impedir o acesso de animais à Toca da Bastiana e à do Barrigudo, logo ao lado. Ambas estão ao sul do Parque, na região em que existe um maciço calcário, em que essas grutas fazem parte do sistema cárstico. Por esse motivo, são importantes sítios paleontológicos, já que o calcário alcaliniza o solo, facilitando a fossilização da matéria orgânica, como os ossos humanos e de animais.

## LA SALVIA ENCONTROU SEIS OCUPAÇÕES SOBREPOSTAS NA BASTIANA<sup>104</sup>

Eliany La Salvia tenta responder em sua tese de doutorado em História por que esse pequeno abrigo possui registros gráficos de, pelo menos, quatro tradições culturais – Nordeste, Agreste, Geométrica e Itacoatiara do Leste –, qual a função ou funções atribuídas a ele, se os vestígios de diferentes etnias, como parece, seriam contemporâneos ou não, e como relacioná-los aos registros encontrados na Serra da Capivara.

No seu trabalho de mestrado, La Salvia tinha estudado a ocupação da região partindo da Serra da Capivara e seus abrigos sob rocha. Agora no doutorado ela parte da ocupação do pediplano, onde acredita que os grupos caçadores-coletores tinham seus acampamentos, entre a *cuesta* arenítica e os serrotes calcários. Ambos seriam territórios de exploração, devidamente compartimentados em zona doméstica, zona de forrageio e zona logística. A dificuldade para a localização desses acampamentos-bases é que eles seriam a céu aberto, estando cobertos pela caatinga ou mexidos por roças da população atual.

No Pleistoceno (até cerca de 10 mil anos AP), os grupos humanos seriam de, no máximo, 30 pessoas. No Holoceno, os vestígios indicam que houve um aumento demográfico razoável, a exemplo do que também ocorreu no Planalto Central.

Nesse contexto, a pequena Toca da Bastiana parece ter sido utilizada exclusivamente como local cerimonial: foram encontrados enterramentos e nenhum vestígio de fogueira, por exemplo. Registre-se que a Bastiana fica a 430 metros de altura, no ponto mais alto da Borda, antigo nome de toda a região em que se encontra, com a particularidade de nunca ser inundada. Logo ao lado, acontece o oposto com a Toca do Barrigudo, também utilizado ritualmente mas que é regularmente inundado pela água da chuva e onde foram encontrados importantes vestígios da megafauna extinta.

A hipótese principal do estudo é que a ocupação da paleobacia do Antonião (que inclui os dois sítios) pode ter ocorrido num período pleistocênico recuado e que teria sido uma ocupação distinta e não contemporânea aos sítios do Parque Nacional Serra da Capivara. Ou seja: quem fez os enterramentos na Bastiana e no Barrigudo *não seria* quem pintou as paredes da Capivara! Essa hipótese é vista com bastante reserva por muitos colegas.

Ela chega, então, à seguinte sistematização das várias ocupações da Bastiana e do Barrigudo, que ela supõe serem seis, segundo os vestígios encontrados:

1) Tradição Nordeste da Bastiana, correspondente à fase Serra Talhada do “complexo espacio-funcional do Boqueirão da Pedra Furada” (desenhos e líticos nos dois abrigos);

<sup>104</sup> LA SALVIA, Eliany Salaroli. A Reconstituição da paisagem da paleomicrobacia do Antonião e a sua ocupação pelo homem no pleistoceno. Tese de doutorado em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2006. Inédita.

OSWALDO BAFFA FILHO é físico com mestrado e doutorado em física aplicada pela Universidade de São Paulo, com tese sobre "Estudos Estruturais das Mioglobinas de *Aplisia brasiliana* e *Dermochelis coriacea* por técnicas óticas e Ressonância Paramagnética Eletrônica (EPR)". Fez pós-doutorado na University of Wisconsin-Madison, nos Estados Unidos. É livre-docente da USP em Estudos em magnetismo aplicados à biofísica.

SHIGUEO WATANABE tornou-se PhD em Física Nuclear pela University of Washington em 1961. Atualmente é professor titular aposentado do Instituto de Física da Universidade de São Paulo. Foi pesquisador de Física Nuclear e vem atuando há 40 anos na área de cristais iônicos, com ênfase em minerais naturais brasileiros de silicatos. Sua linha de pesquisa é sobre a dosimetria de radiação, filmes finos, propriedades óticas e paramagnéticas de minerais.

2) Grafismos puros do Barrigudo, da tradição Geométrica (grupo pode ter feito os dois enterramentos primários do Barrigudo, hipótese que, a meu ver, derruba o item 5);

3) Tradição Agreste da Bastiana (o famoso Bonecão);

4) Gravuras Itacoatiara do Leste, da Bastiana;

5) Enterramentos primários dos dois sítios, em que os corpos foram depositados em decúbito lateral esquerdo;

6) Enterramentos secundários dos dois sítios, como o esqueleto nº. 1 do Barrigudo, cujos ossos longos estavam cruzados sobre o crânio.

Naquela mesma entrevista à *Athena Review*, Niède conta que, em 1991, o físico **Oswaldo Baffa Filho**, professor da Universidade de Ribeirão Preto, em São Paulo, datou a calcita que se formou sobre duas figuras antropomorfas pintadas em vermelho, na Toca da Bastiana, em 17 mil anos, o que teria sido publicado em 1997. No ano 2000, o físico **Shigueo Watanabe**, da Universidade de São Paulo, usou as técnicas de termoluminescência (TL) e de ressonância paramagnética eletrônica (EPR) e achou idades em torno de 30 a 35 mil anos. Publicado no *Journal of Archaeological Science*, gerou bastante controvérsia<sup>105</sup>. Esses resultados foram relatados pelo professor **Walter Ayta**, da equipe do professor Watanabe, do Instituto de Física da USP, no 1º Encontro de Física e Arqueologia na Região do Parque Nacional Serra da Capivara, que aconteceu em São Raimundo Nonato em 2006, na presença do próprio Watanabe. Ele sustenta que as condições de coleta do material foram convenientes, sem provável contaminação.

Em 2002, o químico **Marvin W. Rowe** questionou essas datações em artigo publicado no *Archaeological Chemistry*, da American Chemical Society, assinado também por **Karen L. Steelman**, **Richard Rickman** e **Thomas W. Boutton**, todos da Texas A&M University, e **Jon Russ**, da Arkansas State University, além da própria Niède Guidon, por ser a responsável pela pesquisa na região. Usando difração por raio-X e espectrografia infravermelha transformada Fourier sobre o oxalato, eles encontraram cerca de 2.500 anos (2.490 + 30 AP) para a pintura. Eles citam outra datação feita por radiocarbono AMS<sup>106</sup> para o material orgânico da pintura,

<sup>105</sup> WATANABE, S., AYTA, W.E.F., HAMAGUCHI, H., GUIDON, N., LA SALVIA, E.S., MARANCA, S. E BAFFA FILHO, O. "Some Evidence of a Date of First Humans to Arrive in Brazil." IN: *Journal of Archaeological Science*, no. 29, p. 01-04, 2002.

<sup>106</sup> AMS radiocarbono é espectrometria por aceleração da massa dos átomos radioativos do carbono (*Accelerator Mass Spectrometry*).



que teria dado 3.730 + 90 anos AP, o que seria coerente com datações de outras pinturas na mesma toca.

Para o leigo, fica difícil acompanhar essa discussão entre cientistas, sobretudo quando se comparam resultados obtidos por vários métodos sobre substâncias diferentes. Os professores Baffa e Watanabe dataram a calcita, carbonato de cálcio formado pela dissolução natural da rocha calcária, em forma de escorrimento sobre as pinturas. Pressupõe-se que a idade da calcita tem que ser inferior à da pintura que está sob ela. Mas há o questionamento de que, no escorrimento, possam ter se deslocado cristais não dissolvidos de um estrato mais antigo, de um ponto mais alto. Nesse caso, não estaria provada a antiguidade da pintura sob a calcita datada.

Já a equipe do professor Rowe menciona ter datado o oxalato. Por analogia ao trabalho que o professor Jon Russ apresentou na reunião da Sociedade Geológica da América, a técnica utilizada deve ter sido sobre o oxalato presente nos líquens que se desenvolveram sobre a pintura. E ainda: em qual pintura? Porque ora se menciona o “Bonecão”, ora “as duas figuras antropomorfas”!

Pedi ajuda ao químico **Paulo Boaventura**, meu amigo, que ressaltou não ser arqueólogo. Ele me chamou a atenção para o fato de que líquen é simbiose de fungo com alga, portanto fixa carbono por fotossíntese. O metabolismo do líquen deve usar o cálcio e aparecer o oxalato de cálcio como resíduo. Só que tem um detalhe: os próprios autores do estudo dizem que os depósitos de líquen poderiam estar ocorrendo até a data presente! Enquanto a outra análise é do calcário da calcita... E ele me pergunta: será que eles já se entenderam? Acho que não, Paulo...

A própria Niède perguntou ao professor Watanabe sobre a confiabilidade da datação na Toca da Bastiana, durante o encontro havido na Fumdham, em 2006. O professor respondeu com o exemplo de Montalvânia, no norte de Minas Gerais, onde coletou amostras de calcita depositadas sobre gravuras feitas no interior de um abrigo sob rocha, a convite do professor **André Prous**, da UFMG.

Watanabe conta que as amostras de Montalvânia deram 48.000 ± 3.000 anos AP e 55.000 ± 5.000 anos AP. Como as

**WALTER AYTA** graduou-se em Física na Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, no Peru. Fez mestrado, doutorado e pós-doutorado na USP, com especialidade em Propriedades óticas e espectroscópicas da matéria condensada, outras interrelações da matéria com radiação e partículas. Sua tese de doutorado foi sobre Modelo de armadilhas e centros de recombinação interativos de termoluminescência face a condições teóricas e dados experimentais. Especializou-se nos métodos de datação: TL, EPR, OSL, LOE, supralinearidade.

**MARTIN W. ROWE** é arqueológico-químico, PhD da University of Arkansas, nos Estados Unidos. Desenvolve pesquisa aplicada à datação de pinturas rupestres, pela análise filogenética do DNA das substâncias utilizadas; e também à cosmoquímica, para a datação de meteoritos pela espectrometria da massa dos gases nobres.

**THOMAS W. BOUTTON** é do Department of Ecosystem Science and Management, da mesma Texas A&M University, College Station, Texas, EUA.



O "bonecão" da Bastiana ficou famoso ao gerar polêmica sobre sua antiguidade.

KAREN L. STEEL-MAN e RICHARD RICKMAN integram o grupo de pesquisa de Martin W. Rowe na Texas A&M University. Keelman assina com Rowe outra publicação sobre as datações no Brasil, no *Journal of Archaeological Science*, em 2003, chamado "Comentário de alguma evidência de data dos primeiros humanos a chegar ao Brasil" (*Comment on some evidence of a date of first humans to arrive in Brazil*).

Outras pinturas menos famosas e com estilos diferentes sugerem mais de uma ocupação, como os antropomorfos à esquerda e o "tamanduá" à direita.

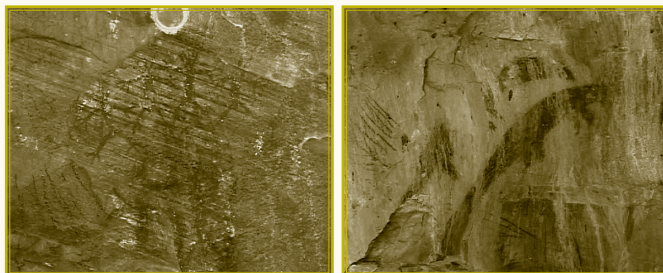
idades encontradas eram muito antigas, Prous supôs que a rocha sobre a qual foram feitas as gravuras deveria ter uma fratura, por onde a água da chuva teria trazido o carbonato de cálcio para a superfície.

Um geólogo examinou o local e negou essa possibilidade. Apesar de ser num lugar bem alto, possivelmente um temporal muito forte inundou o abrigo. Como a região é calcária, a inundação dissolveu o calcário e formou a camada de sedimento de calcita na parte inferior da rocha, sobre as gravuras. Aparentemente houve, inclusive, novas inundações, mas todas muito tempo atrás.

Watanabe explicou que primeiro fez a análise de fluorescência de raios-X, para se certificar se era mesmo calcita. Ele encontrou uma fração de grãos de quartzo, algum óxido de alumínio e cerca de 60% de calcita. A partir da formação da calcita, o relógio arqueológico começa a funcionar. Ali é o zero do relógio, a partir do qual se mede o quanto de "defeitos no cristal" é produzido pela radiação natural do abrigo, como em qualquer outro lugar no planeta.

Essa radiação pode ser medida por três métodos, sempre segundo a explicação do professor Watanabe: o de Ressonância Paramagnética Eletrônica (EPR), o de Termoluminescência (TL) e o de Luminescência Ópticamente Estimulada (OSL).

No caso da Toca da Bastiana, foram feitas coletas de calcita sobre as pinturas em 2000, 2001 e novamente em 2002. Coletaram também na Toca da Janela da Barra do Antônio, outro sítio calcário próximo. A análise da amostra da Bastiana por termoluminescência obteve 48.000 anos, segundo o relato do professor Walter Aytá, que participou de todo o processo.



Na amostra do Antônio, como parecia haver uma concentração radioativa alta demais, colheram nova amostra para medir o urânio-238 e o tório-232. Mesmo usando como parâmetro uma rocha encontrada no chão, supostamente menos irradiada, a idade para a amostra do Antônio deu quase 20.000 anos. Esses resultados são considerados relativos, precisam ser comparados a resultados obtidos por outros métodos.

Na conclusão da sua exposição, o professor Ayta menciona que pela técnica de EPR obteve-se 55 mil anos para a Bastiana e 32 mil para o Antônio.

O professor Watanabe conclui que camadas contíguas de rocha podem gerar datações bem diferentes, um problema que, segundo ele, tem que ser explicado pelos geólogos. Ele faz, em seguida, algumas sugestões de uso arqueológico dessa tecnologia. Por exemplo, para estudo comparativo de duas ocupações humanas no mesmo lugar, em diferentes épocas.

ANDRÉ PROUS é historiador de formação, com mestrado em História Antiga na Université de Poitiers, na França, e doutorado em Pré-História na Université Paris I – Panthéon-Sorbonne, com tese defendida em 1974 sobre esculturas zoomorfas do Brasil e do Uruguai, sob orientação de Annette Laming-Emperaire. Foi professor de pré-história na USP, no período em que participou da missão dirigida por Emperaire em Lagoa Santa, em Minas Gerais, ocasião em que foi encontrado o crânio de “Luzia”. Criou o setor de Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais, onde é professor. Especializou-se em povos caçadores-coletores. Desenvolveu extensa pesquisa sobre arte rupestre e, mais recentemente, sobre a tradição pré-histórica tupi-guarani. É autor de uma importante obra de referência, *Arqueologia Brasileira*, publicada em 1991 pela Universidade Nacional de Brasília.

O químico JON RUSS, do Departamento de Química da Arkansas State University, recentemente apresentou na reunião anual da Geological Society of America um trabalho chamado “Predizendo os regimes paleoúmidos baseado na proporção do isótopo estável de carbono nos depósitos de oxalato dos líquens” (*Predicting paleomoisture regimes based on stable carbon isotope ratios of oxalate deposits from lichens*). Cabe, então, perguntar: Será que a datação feita na Bastiana seria do oxalato depositado em eventuais líquens sobre as pinturas?

PAULO OSWALDO BOAVENTURA NETTO é graduado em Engenharia Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com mestrado em Engenharia Química pela UFRJ e doutorado em Matemática Aplicada pela Université de Grenoble I – Scientifique et Médicale Joseph Fourier. Atualmente é associado da Sociedade Brasileira de Pesquisa Operacional e professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A dificuldade em confirmar as datações com a análise dos esqueletos encontrados na Toca da Bastiana e na toca vizinha, a do Barrigudo, é que não havia suficiente colágeno nos ossos fossilizados, nem carvão de fogueiras de algum provável ritual funerário. No entanto, os esqueletos se encontravam no mesmo nível ou abaixo de ferramentas líticas em sílex, o que, segundo o contexto arqueológico da região, indica que são mais antigos que 12 mil anos.

## DATAÇÕES DAS PINTURAS NA TOCA DA BASTIANA

<b>Ano</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Método</b>	<b>Idade estimada</b>
1991	Oswaldo Baffa Filho	USP - Ribeirão Preto	Técnicas óticas e EPR (Resonância Paramagnética Eletrônica) sobre a calcita	17 mil anos AP
2000 e 2001	Shiguo Watanabe	USP - São Paulo	TL (Termoluminescência) sobre calcita	30 a 35 mil anos AP
2002			TL da calcita	48.000 anos AP
			EPR da calcita	55.000 anos AP
2002	Marvin Rowe et al.	Texas A&M University - EUA	Difração por raio-X Espectrografia Infravermelha Transformada Fourier sobre o oxalato presente nos líquens	2.490 +/- 30 anos AP
			Radiocarbono AMS (Espectrometria por Aceleração de Massa dos radioisótopos de carbono) para material orgânico das pinturas	3.730 +/- 90 anos AP

# MÉTODOS DE DATAÇÃO

## MÉTODOS DE DATAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

### 1. Métodos baseados na desintegração radioativa

O mais conhecido é o do **Radiocarbono** ou **Carbono-14**, descoberto pelo norte-americano Willard Libby em 1947. Desde então se datam os sítios e as descobertas arqueológicas em Antes do Presente, correspondendo o ponto zero ao ano de 1950. Leva-se em conta também que a radioatividade na atmosfera decorrente dos testes nucleares do pós-guerra praticamente dobrou, além das alterações decorrentes da queima de combustíveis fósseis.

O átomo “normal” de carbono tem um número igual de prótons e nêutrons, numa formação estável, de massa atômica 12 (6 de cada). Mas os raios cósmicos, de nêutrons, estão permanentemente bombardeando os átomos de C-12 da atmosfera, transformando-os em C-14, que vão integrar as moléculas de gás carbônico, consumido pelas plantas, através da fotossíntese. Estas, por sua vez, são comidas pelos animais, transformando todos os seres vivos em portadores de átomos de radiocarbono. Esse processo só é interrompido quando o organismo morre.

O “relógio radioativo” funciona a partir do momento da morte daquele ser. Sabe-se que após 5.730 anos a quantidade de átomos de C-14 está reduzida à metade. É a sua meia-vida. Após 11.460 anos, está reduzida à quarta parte. De tal forma que após 35 mil anos, mais ou menos, é impossível precisar a datação por esse método. Quanto mais velha, maior precisa ser a amostra, para se ter alguma precisão.

O método **Urânio-Tório-Chumbo**, quando o urânio vai se transformando em chumbo, é utilizado para datações superiores a 30 milhões de anos, podendo atingir 3,8 bilhões de anos.

Os radioisótopos do **Trítio** e do **Berílio** também são produzidos pelos raios cósmicos. Recentemente foi apresentado em Paris o método de datação pelo Berílio-10 (era conhecido o Berílio-7), causando, como sempre, muita polêmica.

### 2. Termoluminescência – TL

Cristais de quartzo, feldspato e calcita absorvem ao longo do tempo uma radiação natural que vai se acumulando. Quando aquecidos a 500°C, esses minerais emitem fótons – partículas luminosas. A luz será mais intensa quanto mais velha for a amostra. Esse método permite datações de 1.000 a 500.000 anos.

Quando uma pedra foi aquecida numa fogueira pré-histórica, naquele momento a radiação termoluminescente foi zerada. É uma forma de se datar a fogueira, já que o feixe de fótons produzido em laboratório indicará a radiação acumulada a partir daquele último aquecimento, na fogueira. Se uma pedra próxima, não pertencente à estrutura da fogueira, tiver datação diferente, fica caracterizado que não foi um incêndio que provocou aquele aquecimento pré-histórico, pois o fogo teria afetado igualmente todas as pedras próximas.

### 3. Métodos Químicos Orgânicos e Inorgânicos

As proteínas dos seres vivos são compostas por moléculas complexas chamadas aminoácidos. Existem duas versões simétricas, ou espelhadas, para cada aminoácido, como se fossem destra e

canhota: são os **isômeros óticos**. Acontece que quando o ser está vivo, só aparece a forma destra, ou dextrógira. Mas quando ocorre a morte, reações químicas vão transformando essas moléculas dextrógiras em levógiras, até que chegam a um equilíbrio, a racemização.

O método consiste em deduzir a idade da amostra pela quantidade de moléculas de cada um dos tipos, o que é possível de 1.000 a 100.000 anos, e que funciona para ossos, conchas, turfa, etc.

Como exemplo de método inorgânico tem a **tefrocronologia**, que estuda a idade de resíduos produzidos por erupções vulcânicas.

#### 4. Métodos Biológicos

O mais utilizado é o estudo dos anéis de crescimento das árvores, a **dendrocronologia**. Sabe-se que a árvore mais velha atualmente tem 4.700 anos. Os anéis são visíveis também nas árvores fósseis, como as encontradas às margens do rio Parnaíba, dentro da cidade de Teresina, no Piauí.

MICHAEL I. BIRD formou-se geógrafo na Austrália e é hoje PhD pela University of Western, de Ontario, no Canadá, especializado em mudanças climáticas, ciclo do carbono, paleoambiente. É membro da Royal Society of Scotland, do Reino Unido, sendo professor de Mudanças Ambientais na School of Geography & Geosciences, da University of St Andrews, na Escócia. Esse artigo ele fez com **L.Keith Fifield**, da Research School of Physical Sciences and Engineering, da Australian National University, em Canberra, e **Chris S.M. Turney**, da School of Earth and Environmental Sciences, da University of Wollongong, também da Austrália.

Cito aqui um trecho do trabalho apresentado no 1º Encontro de Física e Arqueologia na Região do Parque Nacional Serra da Capivara: Descobertas e Datações, realizado de 26 a 29 de abril de 2004, de autoria de **Michael I. Bird**, traduzido por Guaciara M. dos Santos. As questões levantadas referem-se a sítios arqueológicos com datações superiores a 30.000 anos AP, envolvendo principalmente as técnicas de pré-tratamento químico das amostras, que podem ser feitas em três tipos de solução: ácida, básica e oxidante. Essa nova técnica é designada ABOX-SC, procedimento seguido por combustão do material quimicamente limpo, o que daria maior precisão a datações próximas do limite da técnica do Carbono-14:

*“Técnicas de datação absolutas, em geral estão sujeitas a incertezas que vão além daquelas associadas com a precisão analítica da técnica de medição. No caso das técnicas de termoluminescência (Thermoluminescence – TL) e de luminescência opticamente estimulada (Optically Stimulated Luminescence – OSL), se faz necessário supor que a taxa de dosagem à qual uma amostra tenha sido submetida não variou com o passar do tempo. No caso da técnica de datação por racemização de aminoácidos (Amino Acid Racemization – AAR) se faz necessário pressupor o histórico térmico da amostra desde o momento da deposição da mesma. No caso da técnica de datação pelas séries de urânio, frequentemente se faz necessário formular suposições no que tange ao tempo inicial em que se deu a absorção e/ou perda de urânio pela amostra após sua deposição em uma certa sequência sedimentária.*

*No caso da datação por Carbono-14, se faz necessário supor que a amostra a ser datada não foi contaminada após sua deposição (ou, se contaminação ocorreu, esta deve ser removida através de algum pré-tratamento químico), para que a atividade original do Carbono-14 na amostra datada possa ser estimada e o resultado ser considerado confiável.”*

Outro complicador – como se já não houvesse tantos! – é a necessidade de calibração das idades radiocarbono. O problema é a conversão da idade radiocarbônica para o calendário convencional, já que os níveis de radiação variaram segundo a época. A meia-vida calculada por Libby foi de 5.568 anos, e o valor atualmente aceito é de 5.730 anos, o que já dá um acréscimo de 1.300 anos sobre a idade de 45.000 anos pelo Carbono-14. Ou seja, as mudanças na taxa do Carbono-14 na atmosfera, no passado, devem ser combinadas às mudanças na quantidade de troca de gás carbônico entre os oceanos e a atmosfera, nos tempos modernos.

## DATAÇÕES DO BOQUEIRÃO DA PEDRA FURADA RECUAM AINDA MAIS!

Pelas modernas técnicas do ABOX-SC – pré-tratamento químico das amostras – e do teor de Carbono-14 determinado por AMS – espectrometria por acelerador de massa dos átomos de radiocarbono –, foram examinadas nove amostras de carvão provenientes de fogueiras bem estruturadas do Boqueirão da Pedra Furada. Em cinco das amostras, a medição indicou “idades superiores a 56.000 anos AP”! Em duas outras, as idades foram entre 53.000 e 56.000 AP. E nas duas restantes, obtiveram-se as idades de 41.300 e 47.200 AP, numa coerência estratigráfica.

Como sempre, os especialistas que fizeram as datações “não põem a mão no fogo” sobre a antiguidade das fogueiras: “tais resultados não podem contribuir diretamente para o debate envolvendo a veracidade da relação entre os artefatos e fogueiras do sítio, com atividades antropogênicas na região”.

Quer dizer, os físicos garantem que deu essa datação mesmo, mas cabe aos arqueólogos provarem que as fogueiras foram feitas pelo homem!

### ANEXO III

## SANTA ELINA E CIDADE DE PEDRA – AS DESCOBERTAS DO CASAL VIALOU EM MATO GROSSO<sup>107</sup>

Santa Elina é um abrigo rupestre no sul do estado de Mato Grosso, perto de Jangada, a nordeste de Cuiabá, onde Denis Vialou e Águeda Vilhena Vialou trabalham desde 1983. Trata-se de um espaço abrigado entre dois paredões rochosos, com cerca de 4 metros de largura, inclinados, o que protegeu o espaço das intempéries e, por isso, garantiu a excelente preservação das ocupações humanas aí existentes em diferentes épocas.

Há material lítico, carvões e estruturas de pedra (fogueiras), em algumas camadas associados a restos de preguiça-gigante, com datações entre 10 mil e 30 mil anos. Pela convergência de resultados por três diferentes métodos de datação, considera-se a ocupação mais antiga de Santa Elina com a idade aproximada de 25 mil anos.

Além dos estudos das ferramentas líticas encontradas permitirem afirmar a sua origem antrópica, ou seja, feitas pela mão do homem, foi encontrado um osteodermo – fragmento da carapaça que a preguiça-gigante tinha sob a pele – com evidentes sinais de ter sido trabalhado como adorno: os dois lados e a borda foram polidos e há dois buraquinhos simétricos, fazendo do fragmento ósseo uma espécie de medalha a ser pendurada no pescoço ou atada de alguma forma ao corpo.

Águeda conta que em dezembro de 1982 um prefeito da região, de Ipauçu, procurou o Museu Paulista com umas fotos de um abrigo em suas terras, numa história bem parecida com a origem das pesquisas no sudeste do Piauí, vinte anos antes. Ela e Denis aceitaram acompanhá-lo numa curta viagem em seu avião particular, aproveitando a semana de festas de fim de ano.

– E foi assim, começou junto com São Paulo, com o Paranapanema, e continuamos até hoje pesquisando lá, vamos todos os meses de agosto. Temos dois locais, um terminou agora, Santa Elina, perto de Cuiabá. O outro é perto de Rondonópolis, Cidade de Pedra. Lá são muitos e muitos abrigos, muitos ainda sendo descobertos. Mas lá é uma área que ninguém entra, ao contrário de outras áreas em que trabalhei, como no Piauí. Não tem caçador, não tem proprietário, não tem frequênciação, não tem caminho, não tem nada.

<sup>107</sup> VIALOU, Águeda Vilhena, Organizadora. Pré-História do Mato Grosso. Vol 1 – Santa Elina e Vol. 2 – Cidade de Pedra. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Edusp, 2005 e 2006.



Águeda se refere a uma estrada que corta a região, fronteira do agronegócio de soja, algodão ou milho, conforme o momento da economia. A partir do rio Vermelho, é a região habitada até hoje pelos índios Bororo e Umutina-Bororo, que ali teriam chegado no século XVIII. Essas tribos têm características culturais semelhantes a vestígios encontrados nas escavações, em períodos mais recentes, como alguns adornos de sementes e tipos de nós utilizados nas fibras vegetais.

- A partir daquela estrada fazemos nossas caminhadas difíceis, de descobertas. Em 2008, por exemplo, foram mais 30 sítios, em 2007 foram 20. Então a gente não dá conta. Todos com pinturas. Ficou para o ano seguinte.

Águeda se entusiasma falando de Santa Elina:

- Santa Elina nós pesquisamos durante 20 anos, é um sítio único, segundo todos os aspectos. Tem as pinturas rupestres, tem uma sequência de ocupação que vai de 25 mil anos até 2 mil anos. Não tem ocupação recente, ceramista, o que é interessante para datar a arte rupestre. Há riqueza de vestígios, sobretudo fogueiras enormes. Há não só carvões, mas material trançado, sandálias, estojo peniano, muitos frutos. É um sítio onde tudo foi preservado porque está entre uma parede inclinada, com 70 graus, e uma parede paralela, não chove no interior do abrigo.

E afirma:

- É o único sítio no Brasil em que, numa época plausível, há a presença do homem associada à fauna extinta. A preguiça-gigante está lá, há dez mil anos. E em períodos mais antigos está lá também a pedra trabalhada, e restos do animal, datados de 25 mil anos.

Com o argumento técnico, fica mais claro, indiretamente, o que os Vialou questionam em outros sítios, como os do Piauí:

- Pela primeira vez temos três métodos que convergem. Porque temos a datação da preguiça-gigante, obtida pelo método de urânio-tório. Temos a parte dianteira do animal, ela possivelmente foi desmembrada e trazida para o sítio. O animal não parece ter morrido ali, mas uma parte de seu corpo foi trazida pelo homem. A pele não foi conservada mas há os ossículos, os osteodermos, milhares deles. E um deles foi trabalhado. Não tem fogueira mas tem um pouquinho de carvão, e tem uma camada de cinza, como num chão pisoteado. O carvão, pelo método do acelerador [espectrometria de massa com acelerador - AMS], dá 23 mil anos. E o sedimento, pela luminescência ótica [Luminescência Ótica Estimulada - OSL], também deu 27 mil anos. Então está situado a 3 metros de profundidade, bem separado do nível de ocupação que deu 10 mil anos, a 2 metros de profundidade. Existe, portanto, uma convergência em torno de 25 mil anos.

Segundo a sistematização feita por Águeda, seriam, então, quatro grandes períodos de ocupação no sul do Mato Grosso:

Época	Indústria lítica	Megafauna	Vegetação	Pintura	Localização
25.000 anos AP	Lascas de calcário e plaquetas de calcário e de sílex	restos da preguiça-gigante, o glossotério			Santa Elina
10.000 a 7.000 anos AP	Lascas de calcário e sílex, fogueiras	restos de preguiça-gigante, provavelmente caçada e trazida para abrigo	Frutos	Blocos manchados de tinta vermelha, bastões de corantes	Santa Elina
6.000 anos AP	Pavimentação do chão com blocos marcados com corantes		Solo muito pisado, seco, preservava vegetais		Santa Elina
6.000 a 4.600 anos AP	Idem		Idem para Santa Elina	Idem	Santa Elina e Cidade de Pedra (Ferraz Egreja e Vermelhos)
4.600 a 2.000 anos AP	Aumenta quantidade de vestígios		A partir de 3.000 anos AP, flora semelhante à atual		Santa Elina e Cidade de Pedra
2000 anos AP até período colonial	Lascamento continua em pedras locais; especialização dos espaços por atividades			Muita cerâmica	Ferraz Egreja
Idem	Muitas fogueiras				Vermelhos
Idem	Sítio de enterramento				Cipó
1.800 anos AP	Final de ocupação: muitas fogueiras				
		Muitos vestígios vegetais: estacas, trançados, estojos penianos, sandálias		Sem cerâmica	Santa Elina

## O POVOAMENTO DAS AMÉRICAS FOI SÓ PELA BERÍNGIA?

Na apresentação da coletânea de artigos organizada por Águeda, que reúne as pesquisas multidisciplinares brasileiro-francesas no sul do Mato Grosso, ela reconstituiu a historiografia da arqueologia no Brasil de forma bastante linear, onde, curiosamente, o Piauí não entra.

Paulo Duarte e Paul Rivet criaram as pontes Brasil-França ainda antes de 1950, refletindo sobre as origens do homem americano (ela não menciona a teoria transmarítima de Rivet). Em 1950, o casal Empeiraire contribuiu com o estudo dos sambaquis no sul do Brasil (Joseph Empeiraire morreu buscando vestígios na Patagônia da possível migração humana pelo Pacífico, o que também não é lembrado por Águeda em sua apresentação).

Annette Empeiraire prossegue até os anos 1970, retomando em Lagoa Santa a descoberta de Lund da contemporaneidade do homem com a megafauna extinta. E, no final de 1960 até os anos 1980, Luciana Pallestrini segue o pensamento de Leroi-Gourhan, com quem estudou na França, e introduz a noção de espaço habitacional e de situação temporal, no estudo dos sítios no interior de São Paulo. Em seu texto, a única alusão que Águeda faz a outros sítios é a frase: “a metodologia expande-se por vários estados brasileiros”.

Vale lembrar que Niède Guidon é formada exatamente nessa escola francesa, tendo sido aluna de Leroi-Gourhan e tendo tido como orientadora do pós-doutorado Annette Laming-Empeiraire...

Num dos dois artigos que assina na coletânea, “Indústria Lítica: Abordagem Tecnológica”, Águeda Vilhena Vialou refere-se à história da espécie humana nas Américas, onde o único hominíneo a chegar foi o *Homo sapiens*, “há cerca de 50 mil anos ou mais”!

A referência a “50 mil anos ou mais” é interessante. Na nossa entrevista em Paris, na presença de Denis Vialou, ela reforçou a hipótese de povoamento das Américas estritamente pela Beríngia, a passagem criada entre a Ásia e a América do Norte, o que teria ocorrido até 14 mil anos atrás. Como explicar, então, a ocupação de Santa Elina há 25 mil anos?

– Não há dúvida que as datações no extremo norte da América do Norte, com 27 mil anos, Monte Verde [sul do Chile], que dá 33 mil anos, no centro do Brasil, 25 mil, temos 10 mil anos nos arredores... Continua uma forte probabilidade de que esses povoamentos tenham vindo pela Beríngia. Não que o homem tenha ganho o continente de assalto, ele vai ganhando território aos poucos. Mas são raros os dados dessa ocupação pelo homem, o que temos de dados com 25 mil anos? Não existe...

Pergunto se ela e o marido não trabalham com outras hipóteses de vias de povoamento:

- Ao contrário, reforço essa hipótese da Beríngia, que foi bastante maltratada com informações falhas sobre glaciações que bloquearam a penetração. Mas sabemos que houve vários períodos em que migrações puderam ser feitas, com navegação em pequenos trechos [cabotagem].

Ao ler os originais desse livro, Águeda mostrou-se surpresa com as considerações feitas aqui sobre o povoamento das Américas. Disse discordar dos argumentos apresentados e ressaltou que a monografia sobre Santa Elina não se propôs a comparações nem a polemizar sobre essa questão.

## ANEXO IV

# A JAZIDA QUATERNÁRIA DA PEDRA FURADA, A TESE DE FABIO PARENTI<sup>108</sup>

A “BALADA” PRÉ-HISTÓRICA NO BPF:  
MUITA ÁGUA, AR FRESCO, VISUAL E UM SOM MARAVILHOSO

*“Pedra Furada é um sítio que certamente manteve por muito tempo seu potencial de fornecimento de água. Sua exposição o torna especialmente agradável, de um ponto de vista térmico, e sua posição faz dele um excelente posto de observação sobre o Baixão e sobre a planície do entorno. Rico em matéria prima para o trabalho em pedra, ele é também marcadamente sonoro: a parede em arco reflete as ondas sonoras, permitindo que do vale se escutem as pessoas falando dentro do abrigo e, ao contrário, que daí se escute o menor ruído a uma distância de 500 m.*

*Ora, deve-se considerar que à prática da arte parietal se associava também, muito provavelmente, todo um meio sonoro que seria interessante levar em conta. Por essas razões, creio que a função de abrigo do Boqueirão da Pedra Furada foi, afinal, secundária, ao longo dos milênios em que foi frequentado.”*

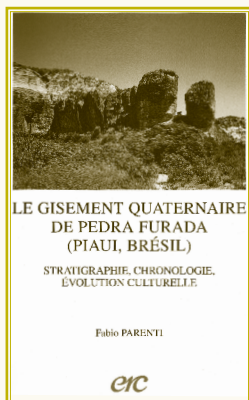
Fabio Parenti

## ONDE PASSOU GENTE TEM QUE TER PONTAS DE PROJÉTIL?

Até recentemente, as análises e classificações no campo da arqueologia da América do Sul partiam de pressupostos estabelecidos em estudos feitos em outros continentes.

Na introdução de sua tese, Fabio Parenti faz um apanhado das posições quanto à antiguidade do povoamento sul-americano. Entre o “sensacionalismo” dos que defendem mais de 100 mil anos a qualquer preço, o agnosticismo dos que esperam resultados mais consistentes das pesquisas em curso e o ceticismo dos opositores ao primeiro grupo, “obcecados pelas pontas de projétil bifaciais, sem as quais, segundo eles, nenhuma pré-história é possível” – Fabio prefere se posicionar entre o primeiro e o segundo grupo: a antiguidade é possível, mas vamos com calma.

<sup>108</sup> PARENTI, Fabio. *Le Gisement Quaternaire de Pedra Furada (Piauí, Brésil) – Stratigraphie, Chronologie, Évolution Culturelle*. Paris, Éditions Recherches sur les Civilisations, 2001. Esse é um resumo da importante tese, inédita em português. Apesar da linguagem coloquial, o texto a seguir foi revisto pelo próprio Fabio, que o considerou “cuidadoso”. Para quem conhece o detalhismo de Fabio Parenti, é um grande elogio!



A tese de Fabio Parenti só foi publicada na França, onde ele se doutorou na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, em Paris.

São poucos os sítios brasileiros com datações pleistocênicas, ou seja, com mais de 11 ou 12 mil anos. Nos casos de Alice Böer, em Rio Claro, São Paulo, pesquisados por Bryan e Beltrão em 1978, e Lagoa Santa, em Minas Gerais, por Laming-Emperaire e outros em 1973, Fabio menciona genericamente problemas cronológicos, estratigráficos e arqueológicos para deixá-los em fila de espera. O sítio de Santa Elina, no Mato Grosso, no momento em que ele escrevia sua tese ainda era pouco conhecido em detalhes.

A partir do começo do Holoceno diversificam-se as culturas conhecidas, processo esse cuja sistematização é bastante recente em nível nacional. André Prous publicou sua “Arqueologia Brasileira” em 1991. A Amazônia ganhou um novo destaque, com ocupações humanas datadas em pelo menos 11.200 anos, no caso de Pedra Pintada, no Pará, sítio trabalhado por Anna Roosevelt, que publicou os resultados em 1991 e 1996. Uma importante descoberta feita por ela foi a cerâmica datada entre 8 mil e 7 mil anos, o que reforça a presença da cultura do milho na região, nessa época.

Nesse contexto, Fabio destaca a importância da área arqueológica do sudeste do Piauí: primeiro, há dois sítios pleistocênicos, devidamente estratificados, com ferramentas líticas e fogueiras, que são o Boqueirão da Pedra Furada e o Sítio do Meio; segundo, muitas jazidas fósseis possuem também líticos; terceiro, existe um vasto programa de pesquisa em curso que assegura a continuidade dos trabalhos; quarto, a criação dos Parques Nacionais Serra da Capivara e Serra das Confusões é uma garantia de que a pesquisa científica não seja condicionada às urgências do contexto social; e, por fim, a proximidade, na mesma região, de sítios arqueológicos diferentes, do ponto de vista geomorfológico, é o melhor ponto de partida para a pesquisa interdisciplinar.

Vale ressaltar que a Fumdam garante a pesquisa doze meses por ano na região, o que é absolutamente único no mundo, mérito pessoal de Niède Guidon.

Ainda na introdução, Fabio sistematiza a polêmica sobre a Pedra Furada no meio acadêmico. Basicamente, o grande questionamento é a origem antrópica dos artefatos líticos e dos carvões datados em até 48 mil anos, no período da pesquisa de campo, o que posteriormente recuou para cerca de 60 mil anos. Ele lembra que os mesmos problemas metodológicos ocorreram na África Oriental, na década de 1970.

Ele se propõe, portanto, a estabelecer a sequência sedimentar, compreendendo artefatos e estruturas (fogueiras); descrever as mudanças ao longo dessa sequência; estabelecer hipóteses para o estudo arqueológico da região; e definir critérios de análise adequados à situação específica do Piauí.

Fabio orgulha-se da bibliografia que organizou, com 528 títulos, e particularmente da classificação das estruturas líticas – fogueiras, que, junto com os cor-

tes estratigráficos e as ferramentas líticas, estão devidamente representados em 120 pranchas de desenhos, muitos deles em transparências que permitem a superposição dos níveis, para melhor compreensão. Acrescentem-se o levantamento topográfico da região e os mapas desenhados a mão por ele próprio, ao longo de um ano, segundo seu depoimento. E teremos ideia do trabalho braçal e intelectual que representou escrever, defender a tese e publicar *Le Gisement Quaternaire de Pedra Furada (Piauí, Brésil) – Stratigraphie, Chronologie, Évolution Culturelle*.

Talvez esse tenha sido o grande problema da tese de Fabio Parenti: a solidão em que trabalhou. Ele considera ter feito um esforço honesto, que gostaria de ver reconhecido e utilizado por seus pares e pesquisadores afins. Ainda está em tempo, sem dúvida.

## A ÁREA ARQUEOLÓGICA DA PEDRA FURADA: AS ROCHAS, A VEGETAÇÃO, A FAUNA, O HOMEM

Para caracterizar o quadro físico e cultural da Pedra Furada, Fabio começa pela geologia e geomorfologia. São três os grandes conjuntos, de noroeste para sudeste, segundo o estudo de Joël Pellerin, publicado em 1978, e novamente por Bernardette Arnaud e outros, em 1984:

Primeiro, há as **chapadas**, que constituem o “reverso da *cuesta*”, planaltos de arenito cortados por *canyons* chamados **boqueirões**, onde se localiza grande parte dos sítios; depois vem a *cuesta*, falésia arenítica orientada de nordeste para sudoeste, dividida em dois, com muitos recortes em forma de ruína, como é típico no clima semiárido; por fim o **pedimento**, nome da base da encosta rochosa, recoberta de areia e cascalho, trazidos pela água da chuva. Na região em questão, há uma pequena inclinação em direção ao rio Piauí, e nessa planície aparecem os *inselbergs*, palavra que significa “monte-ilha” em alemão. No caso, são formas de relevo que aparecem na planície, revelando o maciço calcário subterrâneo. São os **serrotes** acinzentados, que formam abrigos e grutas, importantes sítios paleontológicos.

Há três formações litológicas, ou seja, quanto à composição das rochas, o que aconteceu em diferentes períodos geológicos. A formação **Serra Grande** é do período **Siluriano** (de 440 a 400 milhões de anos), constituída de conglomerados de arenito e seixos, onde se encontra o Boqueirão da Pedra Furada. A formação **Pimenteiras** é do período **Devoniano** (entre 400 e 360 milhões de anos), e alterna bancos arenosos e siltosos, como se fosse uma areia bem fina, mas com aspecto de rocha. A erosão sobre essas rochas com resistências diferentes criou os vales da parte norte da região. Já a formação **Cabeças** é do período **Devoniano Superior** (final do Devoniano), constituído de arenito duro e homogêneo, onde foram talhadas as encostas com as beiradas salientes dos vales das chapadas, como no Riacho do Boqueirão e na Serra Branca.

Parenti se reporta a **Laure Emperaire** para descrever a vegetação. Ela publicou, em 1983, um estudo etnobotânico da caatinga do sudeste do Piauí, e, em 1989, sobre a vegetação e a gestão dos recursos naturais da caatinga piauiense. Dois anos depois, em 1991, foi a responsável pelo capítulo da Flora no Plano de Manejo do Parque Nacional Serra da Capivara.

A maior parte das espécies vegetais perde todas as folhas durante a seca, são as espécies decíduas. Quando perdem parte das folhas são semidecíduas. Muitas têm espinhos e a casca das árvores é fina, enquanto a folhagem é leve, deixando passar a luz na estação de floração do vegetal. As raízes são superficiais e há uma grande riqueza de flores. Emperaire identificou 14 formações vegetais.

Na chapada, a caatinga é fechada, composta de arbustos. A espécie dominante é o cangalheiro (*Pterodon abruptus*). No *front da cuesta* e nos boqueirões, regiões com bastante água, aparece a floresta de galeria, com árvores semidecíduas, menos sol e solo menos ácido, onde se veem grandes árvores (gameleiras). É como se apresenta o entorno do Boqueirão da Pedra Furada. Descendo para a planície, a caatinga varia entre arbustiva densa e arbórea, com espécies dominantes que não existem nas chapadas: a arranca-estribo (*Caesalpinia microphylla*), o pau-de-casca (da família do ipê, o *Tabebuia spongiosa*) e o cabo-de-machado (*Patagonula bahiensis*).

A pior degradação ambiental causada pelo homem se dá nos serrotes, destruídos a picareta e queimados para exploração da cal. Nos arredores, a vegetação é mais rala, com cactáceas e *Ficus*. Emperaire se refere à especificidade da flora da caatinga, distinguindo-a do cerrado. Fabio, porém, considera que há afinidades muito grandes da vegetação dos grotões com o cerrado e com a vegetação amazônica do Maranhão.

Quanto à fauna da caatinga, ela é bem menos conhecida que a do cerrado. Fabio afirma que depois da passagem dos naturalistas Spix e von Martius pelo vale do Canindé, no começo do século XIX, só existem os estudos da Fumdam, nesse campo. São eles os de Marcia Chame e outros, de 1985, Chame em 1988, e Fátima Barbosa Souza e Fábio Olmos, em 1991. Esses autores destacam serem originários do cerrado todos os mamíferos da caatinga, com exceção do mocó (*Kerodon rupestris*), único endógeno, isto é, originário da própria região.

Os morcegos são particularmente numerosos, com 24 espécies e 21 gêneros, inclusive o hematófago *Desmodus rotundus*, que se alimenta do sangue dos rebanhos de cabras na proximidade da *cuesta*. Já os pássaros têm várias espécies endêmicas, particularmente na caatinga arbustiva. Uma boa parte é de espécies migratórias, as aves de “arribação”. Entre os répteis, comentamos a descoberta de uma nova espécie de lagarto, largamente representado nas pinturas rupestres, o *Tapinurus helenae*.

Seguem as cobras, tartarugas, crocodilos, anfíbios. Não há estudos sobre os peixes – salvo aquela espécie cega que vive na água do fundo de uma gruta, no Baixão da Esperança, mencionada por Niède. Também não há, ou não havia pelo menos, estudos sobre os invertebrados, entre os quais se destacam as várias espécies de



abelha, responsáveis pela importante produção de mel, estudada posteriormente pelo paleopalínologista Sergio Chaves.

A fauna fóssil, estudada por Claude Guérin e Martine Faure, já foi bastante citada. O paleoclima correspondente à megafauna extinta, do Pleistoceno Superior, se caracterizava pela paisagem de savana, cortada por riachos e manchas de florestas, com umidade bem superior à atual.

## O ENCONTRO DOS TRÊS ECOSISTEMAS

Laure Emperaire já destacava, em 1989, a gama de possibilidades de exploração dos recursos naturais, por conta do encontro dos três ecossistemas no *front* da *cuesta*: os boqueirões, a chapada e a planície.

Fabio Parenti destaca a variedade da flora na caatinga arbustiva da chapada. Ele menciona que a possibilidade de animais para caça era menos determinada pelo regime de águas. O sistema de exploração que combina a caça e a coleta seria, possivelmente, disperso. Esses elementos serão importantes para o estudo da relação entre o BPF e a arqueologia da região.

Sobre a ocupação humana conhecida da região, seria improvável que os índios encontrados em tempos históricos fossem descendentes dos ocupantes da pré-história do BPF. Fabio cita como fontes Silvia Maranca, em seu trabalho sobre a Aldeia da Queimada Nova, de 1976; Niède Guidon, de 1975, sobre o contexto das pinturas rupestres; e Anne-Marie Pessis, de 1991, também sobre as pinturas.

Os Pimenteira, que foram até o século XVIII, eram agricultores e caçadores, utilizando o arco. Os Tremembé, pertencentes aos Tapuia, tinham uma cerâmica grosseira, usavam arco e flecha, fuso e ferramentas de pedra, mas não usavam rede. Os Gueguez e Acroá possuíam “massas pontudas” e tinham uma agricultura sumária. Os Cariri usavam propulsor (de lança), como aparece na arte parietal da região, e enterravam os mortos em grandes urnas de cerâmica. Os Kamakan, do grupo Jê, faziam enterramentos secundários, depois de um primeiro enterramento com o corpo encolhido, com armas e bebida, e acendendo uma fogueira em cima, como foram encontrados vestígios em abrigos rochosos.

Vilma Chiara, em 1986, é citada pelas considerações etnográficas sobre a ausência de pontas líticas entre os índios que tiveram contato com os europeus, a difusão do uso do arco e o raro uso do propulsor de lança.

A colonização da região pela criação de gado, para fornecimento aos engenhos de açúcar do litoral nordestino, foi empurrando, inicialmente, os índios para as serras do interior, e, num segundo momento, partiu para o extermínio puro e simples de tribos inteiras. A população atual, cada vez mais em torno das cidades, manteve uma agricultura de subsistência e algumas cerâmicas produtoras de tijolos, segundo registro de Laure Emperaire em 1989.

Até hoje uma delas queima lenha, muitas vezes ilegalmente extraída, bem à margem da BR-020, que ainda atravessa o Parque Nacional Serra da Capivara. A atividade em crescimento é o comércio, particularmente em São Raimundo Nonato, cidade próxima à fronteira da Bahia.

A criação do Parque Nacional Serra da Capivara, que se deu formalmente em 1979 por iniciativa da missão arqueológica franco-brasileira do Piauí, resguarda 1.291 km<sup>2</sup> de caatinga – é o primeiro parque nacional criado para proteger esse bioma – e o patrimônio arqueológico das centenas de sítios localizados no Parque e no seu entorno. Os limites vão do *front* da *cuesta* da formação Serra Grande, ao sul, à saída do vale da Serra Branca, ao norte, tendo, a leste, a bacia do riacho Nova Olinda e, a oeste, aproximadamente, a estrada PI-140.

## TIPOS DE SÍTIOS

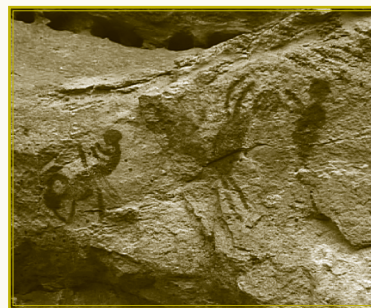
Os sítios arqueológicos são agrupados, em primeiro lugar, em **abrigos sob rocha (tocas)**, em grande parte contendo pinturas, que Fabio Parenti prefere chamar arte parietal. Ele analisa a erosão diferencial que forma esses sítios e o depósito de sedimentos, dependendo da posição em relação à parede rochosa e ao sistema de escoamento da água. No caso do BPF, ele ressalta que a maior parte dos seixos encontrados é originada da desagregação do conglomerado do alto da parede. A erosão pelo vento se dá nos sítios mais abertos. O solo é ácido, o que explica só se encontrarem ossos de até, no máximo, 5 mil ou 6 mil anos.

A caça predatória aos tamanduás provocou a proliferação desordenada de cupins, atualmente um importante fator de degradação dos painéis pintados. A ocupação desses sítios se deu na primeira metade do Holoceno, fase cultural Serra Talhada, sendo que, no caso do BPF e, ao menos, “um outro”, o Sítio do Meio, desde o final do Pleistoceno.

O segundo tipo de sítio arqueológico é **a céu aberto**, em oposição aos abrigos e grutas. Alguns são no pedimento, ou seja, na planície pré-cambriana: muitas vezes pequenas aldeias de grupos agricultores-ceramistas ou, simplesmente, concentrações de materiais arqueológicos, como as chamadas oficinas líticas. Em apenas um caso foi localizado um sítio a céu aberto no alto da chapada. De um modo geral, a atividade agrícola recente desfez os vestígios desse tipo de sítio. Dos 91 localizados, segundo Fabio, 76 foram de caçadores-coletores, os outros de ceramistas. Nesta última categoria, o único sítio mais estudado foi o da Aldeia da Queimada Nova, datado em 1.690 ± 110 AP, por Silvia Maranca, em 1976 e 1977, e Águeda Vilhena de Moraes, em 1976.

Um terceiro tipo de sítio arqueológico é **à margem dos riachos** temporários, em que os blocos de rocha, de micaxisto, foram gravados em baixo-relevo, o que ocorre em pelo menos 4 sítios. Os grafismos pertencem às tradições Itacoatiara de Leste e Itacoatiara do Oeste, existentes em todo o Nordeste brasileiro, sempre associados à água.

Um quarto tipo é **no carste**, que são as cavidades nos maciços calcários, os serrotes. Há sumidouros, chaminés, abrigos e grutas, alguns de difícil acesso, o que contribuiu para a sua preservação. Fabio cita 21 sítios cársticos, três deles escavados àquela altura: Toca da Janela da Barra do Antonião, Toca de Cima dos Pilão e Toca do Gordo do Garrincho. No Antonião, além de muitos fósseis de megafauna e vestígios de períodos alternados de seca e umidade, foi encontrado o esqueleto de uma mulher (a “Zazá”), datado em  $9.670 \pm 140$  AP. Restos de uma preguiça-gigante encontrados numa camada acima desse esqueleto, e datados em  $6.270 \pm 140$  AP, são um importante indício do desaparecimento tardio da megafauna na América do Sul.



Representação de parto ou ato sexual? A cena é uma das famosas pinturas do Boqueirão da Pedra Furada, sítio escavado por Niède e Fabio.

Na Toca de Cima dos Pilão ficou caracterizado que o local foi utilizado como moradia por um esmilodonte, o temido tigre-dentes-de-sabre, que para lá levava sua caça. A formação rochosa é a fonte de calcedônia de algumas ferramentas encontradas no BPF. No Garrincho, um operário que cavava uma cisterna encontrou um fragmento de crânio humano fossilizado e associado a restos de megafauna. Na Toca do Serrote do Artur, escavações iniciais revelaram uma rica fauna sob um piso de estalagmite, que aparentemente datava da passagem para o Holoceno. Fabio lembra que a ausência de colágeno nos fósseis encontrados não permitia a sua datação pelos métodos até então conhecidos.

Por fim, um quinto tipo de sítio arqueológico é o das **lagoas e cacimbas**, que se formam nas fissuras das rochas metamórficas pré-cambrianas e, frequentemente, fossilíferas, associadas ou não à presença de indústria lítica. Ele destaca a Lagoa São Vitor, 28 km ao sul de São Raimundo Nonato, a única estudada até então, e já bastante “mexida” pela população. Nos últimos anos, a equipe italo-brasileira por ele dirigida tem escavado uma grande lagoa fossilífera repleta de restos de preguiça-gigante, mas essa história é posterior.

## O PAREDÃO ROSADO DA PEDRA FURADA

A Toca do Boqueirão da Pedra Furada é um exemplo de contato das séries areníticas com o pedimento, no *front* da *cuesta*. E tem a cor rosada. O desnível entre o Baixão da Pedra Furada e o alto do paredão chega a 160 m. Nesse ponto mais alto é a separação dos dois vales, o que termina a oeste do sítio, o Baixão das Mulheres, próximo ao vilarejo do Sítio do Mocó; e o vale da Pedra Furada propriamente dito. Fabio observa que os conglomerados no alto do penhasco quase não têm vegetação, apenas alguns cactos. As beiras são arredondadas e têm uma inclinação inferior a  $50^\circ$ , detalhe importante para se compreender o depósito de seixos na jazida. Outro detalhe importante é que o sítio está 19 metros acima do fundo do vale. Ou seja, ao contrário do que supôs T. Lynch, num artigo de 1990,

questionando a origem antrópica dos líticos do BPF, não houve depósito aluvial recente, isto é, trazido pela água.

A parede do sítio é em forma de um arco côncavo voltado para o sul, terminado por cinco “torres” do lado oriental. Só se vê o sítio a partir do Sudoeste, a uma distância mínima de 200 metros. O piso é formado de blocos de arenito misturados a seixos de quartzo, recobrando o solo arenoso com vegetação arbórea, mais densa na sombra. No meio do baixão, notam-se blocos testemunhos do recuo do *front* da *cuesta*. Na época do estudo de Parenti, no final dos anos 1980, os arredores eram todos cultivados com feijão e mandioca.

Fabio localizou três caldeirões no BPF, o que é muito importante para se entender a ocupação humana do sítio. O escoamento das águas é sempre temporário, a partir de cascatas sobre a parede de arenito, quando chove forte. O sítio propriamente dito localiza-se entre o grande caldeirão a oeste, que mantém água às vezes por longos períodos, sob um *canyon* arredondado, e a “cascata”, 70 metros a leste. A linha de chuva fica a 19 m da parede, medidos na altura do corte de referência, no ponto mais largo da parte abrigada. Existe um desnível de 6 m no piso do sítio, de leste para oeste. A parede tem várias irregularidades, muitas delas escolhidas para as pinturas. Uma camada de calcita recobre toda a superfície, sujeita a frequentes descamações.

## AS ESCAVAÇÕES NA PEDRA FURADA

A Toca do Boqueirão da Pedra Furada foi cadastrada pela primeira vez em 1973. Naquele ano e em 1974 seriam levantados os sítios nas regiões da Serra da Capivara, Serra Branca e Serra Talhada (55 sítios). Em 1975, Niède Guidon propôs, em sua tese sobre as pinturas rupestres da região, uma sistematização preliminar em tradições e estilos. Mas só em 1978 começaram as escavações, na Toca do Paraguaio.

Nesse ano, 1978, foi feita a primeira sondagem na Pedra Furada, no setor centro-oeste, junto à parede, a cargo de Laurence Ogel-Ros<sup>109</sup>. Em 1980 foram retomadas as escavações. A riqueza do material, o estado de conservação das fogueiras e as primeiras datações muito antigas (18 mil AP) levaram à continuação dos trabalhos em 1982, na metade ocidental – próximo ao grande caldeirão, parte mais baixa<sup>110</sup>. Mesmo sem atingir a base da jazida, chegou-se à datação de 31.500 ± 900 AP. Em 1984 chegou-se ao nível hoje denominado “Pedra Furada 2”, encontrando o fundo do lado oeste. Em 1985 a campanha foi curta mas se concluiu que o sítio precisaria ser totalmente escavado.

Em 1987 Fabio – que tinha participado como estudante das campanhas de 1984 e 1985 – assume a escavação da metade leste do sítio, e Niède continua com o lado

<sup>109</sup> Há registro nos cadernos de campo de 1978 da participação da argentina Susana Monzon e do francês Jean-Paul Gaborit, além de Sílvia Maranca e Bernadette Arnaud. Laure Emperaire também lá estava, iniciando seu levantamento etnobotânico.

<sup>110</sup> Naquele ano Niède dividiria o canteiro de escavação em 3 setores, A, B e C, a cargo de Bernadette Arnaud, Sílvia Maranca e Laurence Ogel-Ros, respectivamente.

oeste, perto do corte de referência. Fabio trabalharia nas campanhas de 1987 e 1988, durante o total de um ano, na parte protegida por pedras desde 1982, para chegar aos níveis mais antigos, à delimitação do sítio e ao estabelecimento de uma estratigrafia.

## TÉCNICAS EMPREGADAS

Para contextualizar as pinturas – e a Pedra Furada era um sítio particularmente interessante para esse estudo, pela abundância e variedade de pinturas, muitas vezes superpostas – era importante formar a visão diacrônica, ou seja, sua cronologia relativa.

Naquele início de trabalho, escolheu-se então fazer sondagens sob os painéis mais ricos em pinturas; em segundo lugar, sob os que evidenciavam perda de fragmentos – que poderiam ser encontrados no sedimento; e sob aqueles que evidenciavam coexistência de estilos e tradições.

As sondagens no setor oeste rapidamente se transformaram em escavação. Foi utilizada a técnica em forma de tabuleiro de xadrez, as “casas” com um metro de lado, *relevés*, desenhos de cada superfície decapada. As fotografias verticais serviram para registrar as fogueiras e outras concentrações de vestígios. Fabio prossegue com a descrição detalhada das técnicas, especificando a diferença entre **camada** (*couche*) e **nível** (*niveau*), segundo o sentido empregado por Danielle Lavallée em 1985. Ou seja, camada é uma **unidade litológica** e nível é uma **unidade cultural**, o que hoje seria chamado de **paleossuperfície**. Ele também especifica que chamaria **unidade de escavação** à porção de sedimento reconhecida como homogênea.

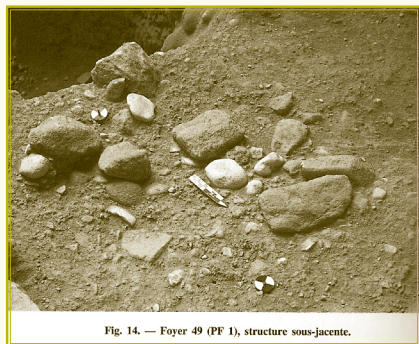
## AS PRIMEIRAS FOGUEIRAS DO BPF

Fabio Parenti transcreve a descrição das fogueiras, em forma de elipse, feita por Niède Guidon em seu Caderno de Campo de 1978<sup>111</sup>:

*“... grandes bacias (cuvettes), de cerca de 70 cm de comprimento por 40 de largura, e quarenta cm de profundidade. Essas fogueiras continham vestígios de fauna sob a forma de dejetos alimentares, ossos humanos quebrados, assim como uma enorme quantidade de pequenas lascas (éclats), lâminas (esquilles) de sílex (lascas de retoque), cinzas e carvão. Alguns blocos de tamanho médio, caídos das paredes, tinham servido para arrumar as fogueiras”.*

Fabio destaca que essas fogueiras de fundo côncavo são típicas da fase Serra Talhada, do período holocênico. A datação de  $6.160 \pm 130$  AP, da camada 5, seria o limite proposto por ele e Niède para a fase cultural Agreste.

<sup>111</sup> Estou, possivelmente, retraduzindo para o português o original em francês da citação na tese. Não encontrei o texto original da Niède no arquivo digitalizado dos Cadernos de Campo.



A fogueira nº 49 é do nível Pedra Furada 1, onde foram encontradas 15 fogueiras, com cerca de 47 mil anos. Foto Fabio Parenti.

Segue a descrição detalhada dos achados por unidades de escavação, em que se sucedem fogueiras, indústria lítica em calcedônia, blocos de arenito, algumas estruturas que ele supõe poderem ser buracos para lixo, carvões, restos de ocre e pedaços de rocha com restos de pintura. A escavação de 1978, que atingiu a base rochosa na unidade 12, chegou à datação de  $8.050 \pm 170$  AP, ou seja, na parte (no período) inicial do Holoceno. Foram reconhecidas três fases de ocupação. Uma concavidade da parede abrigou uma série de fogueiras, quase todas do mesmo tipo, e uma grande concentração de restos de retoque (*retouche*) e, aparentemente, em menor quantidade, de lascamento (*taille*).

Em 1980, as fogueiras encontradas são planas (estruturas 117, 118 e 119), pouco estruturadas. Fabio compara unidade por unidade dos setores escavados nesse ano com os de 1978, mencionando uma camada de cinza a quase meio metro de profundidade – continuação de camada de fogueiras côncavas (*cuvettes*) – e o sedimento homogêneo rosado que estava abaixo das cinzas.

Mais adiante ele explica que nesse ano foi escavada uma fogueira, a estrutura 120, encaixada numa concavidade do arenito, o que sugeriu que se tivesse atingido o fundo da jazida, a dois metros de profundidade. Sua datação: idade igual ou superior a 25 mil anos! Em 1983, essa seria a idade que se supôs ter a primeira ocupação passível de datação, como Niède publicou em 1986.

Uma amostra da decapagem entre 1,78 m e 1,92 m de profundidade foi datada em  $17.000 + 400$  AP, associada a seixos lascados e a um fragmento de plaqueta de arenito com duas linhas paralelas de cor vermelha, poderia ser a primeira pintura que se pôde datar.

Existe referência a uma sondagem feita em 1981, uma estreita trincheira que atinge os níveis pleistocênicos. A partir da campanha de 1982, ele faz uma reconstituição estratigráfica no laboratório para o sítio como um todo, buscando precisar as diferentes inclinações do sedimento, de um modo geral no sentido leste-oeste.

Fabio cita uma ficha de escavação de Niède que menciona a mistura de detritos modernos com as últimas ocupações pré-históricas na unidade 1. Note-se que existe também uma inclinação no sentido norte-sul, ou seja, a partir da parede, mais claramente quando começa o Holoceno.

É mencionado o problema da contemporaneidade de vestígios, que ele irá discutir detalhadamente ao longo da tese. Mas as indicações paleotopográficas são claras e confirmam a sucessão contínua de peças líticas entre as fogueiras, que apresentam uma boa proximidade cronológica. Fica claro que foram usadas na mesma época ou, ao menos, eram visíveis ao mesmo tempo pelos ocupantes do sítio. No

entanto ele adverte que, do ponto de vista metodológico, preferiu excluir de sua análise quase metade dos líticos encontrados nas campanhas de 1982 e 1984, por sua posição duvidosa.

Uma fogueira em particular, a estrutura 124, mereceu consideração especial. Ela é chamada “forno de terra” pelo grande número de seixos aquecidos que dela faziam parte, formando uma cavidade em forma de bacia junto à parede, uma estrutura bem conhecida na América do Sul e citada por Leroi-Gourhan e por Garanger em 1973. No interior, foram encontrados muitos restos de alimentos – ossos de tatu e de pássaros – coprólitos humanos (fezes fósseis) e restos de lascamento e de retoque de seixos.

Nas bordas da fogueira, numerosos seixos com cerca de 10 cm de diâmetro, avermelhados e estalados pela ação do fogo, certamente vieram da base das cascatas. Pedacos grandes de carvão atestam que o fogo foi lento e pouco oxigenado. O fundo da fogueira era forrado de blocos de arenito. Numa área de cerca de 15 m<sup>2</sup> do entorno, o sedimento tinha uma cor mais escura, e retomava o tom mais claro à medida que se afastava para o sul, tornando-se rosa mais claro. Essa importante estrutura foi datada em 7.230 ± 80 AP.

Uma outra fogueira, de número 137, encontrada no setor B, é de um tipo só existente na fase inicial das ocupações do Holoceno. Trata-se de uma fogueira cercada de blocos achatados de arenito, fincados no chão na vertical, delimitando uma câmara de combustão quase quadrangular. A indústria lítica é muito abundante nessa unidade, sobretudo na zona mediana do sítio (não colada à parede). São restos de debitage e lâminas (*esquilles*) de retoque em calcedônia. Uma parte da indústria, mais grosseira, é feita sobre seixos de quartzo e quartzito, materiais disponíveis no local. Uma ponta peduncular de quartzo, quebrada, com retoque bifacial, foi encontrada no setor A, numa fenda entre a parede e um bloco de arenito que estava se soltando. Niède Guidon supôs que ela deslizou de níveis superiores. Em todo caso, **é uma das raríssimas pontas bifaciais encontradas na região.**

Foram obtidas duas datações para essa fase da escavação: 8.450 ± 80 AP e 9.506 ± 135 anos AP. Existem poucos elementos orgânicos no sedimento, por causa da grande acidez da sua composição. No interior das fogueiras holocênicas, de forma geral, foram encontrados restos de cervídeos, tatus e pequenos roedores – mocós. Não há indícios de consumo de grandes animais extintos.

Nos níveis pleistocênicos existem muito menos restos de carvão, indústria lítica e nenhuma calcedônia, muito abundante nos níveis superiores.

Fabio explica que prefere chamar de camadas de carvão, ou carboníferas (*nappes charbonneuses*), em lugar de camadas de cinza (*endreuses*), àquelas visíveis em corte, sobretudo nos primeiros quatro metros próximos à parede, de coloração mais escura. O motivo é que a composição de cinzas precisaria ser comprovada em laboratório.

A “famosa” camada 19, atingida em 1982, com muitos fragmentos de carvão, teve novas amostras datadas no ano seguinte em  $26.300 \pm 800$  AP e  $27.000 \pm 800$  anos AP. Várias publicações a mencionam, como o artigo de Niède Guidon e Georgette Delibrias na *Nature*, em 1986, depois o de Niède e Fabio em 1987, na revista *Dédalo*, de São Paulo, e em 1988 num artigo dos três juntos, na publicação *Archaeometry, Australasian Studies*, da Universidade de Adelaide, na Austrália.

As campanhas de 1984 e 1985 revelaram poucos líticos, apenas 66, todos eles seixos de quartzo ou quartzito trabalhados ou lascas, com datações que confirmam as de 1982 ou fazem-nas recuar cerca de 1.000 anos.

Em 1987, quando Fabio iniciou os trabalhos no setor leste, sob a orientação de Niède Guidon, um sedimento muito fino chamou-lhes a atenção, já que a inclinação do terreno não permitiria a sua acumulação. A hipótese de um importante obstáculo no setor oeste levou à retomada da escavação nesse setor. De fato foi descoberto um grande desmoronamento de blocos de arenito.

Em 7 decapagens de 125 cm, Niède identificou vários níveis de ocupação, no espaço protegido entre a parede e os blocos, com o piso praticamente horizontal. A datação a cerca de 3 metros de profundidade foi de  $41.500 \pm 4.200 - 3.100$  AP. A escavação iniciada por Fabio Parenti parecia promissora.

## ESCAVAÇÕES DIRIGIDAS POR FABIO PARENTI NO BPF

Depois de definir os objetivos, métodos e técnicas que iriam nortear o trabalho a seu cargo, semelhantes aos do setor oeste, Fabio descreve os primeiros achados não perturbados: três fogueiras na parte oriental da escavação, uma com o fundo côncavo (*cuvette*) e as outras duas, planas. O sedimento era de areia vermelha amarelada, com líticos em calcedônia (exógena) e também quartzo e quartzito (endógenos). A datação correspondeu ao mesmo tipo de fogueira do setor leste,  $6.150 \pm 60$  AP.

A fogueira seguinte é, para Fabio, a mais bonita descoberta no sítio, com uma superfície de  $2,21 \text{ m}^2$  em forma de elipse perfeitamente conservada. A técnica para sua construção pareceu complexa: primeiro cavaram em forma de bacia na areia, a cerca de meio metro da parede. Depois forraram a borda da cavidade com dezenas de seixos de arenito de 5 a 15 cm de diâmetro. Por fim fizeram uma coroa com grandes pedras de arenito, à volta, convergindo para o centro.

Além dos carvões misturados ao sedimento, havia claros indícios de duas fases de utilização da mesma fogueira, havendo lascas de quartzo e calcedônia dessa outra fase, datada em  $8.600 \pm 60$  AP. Fabio considera que essa fogueira pode ser asso-



ciada ao “forno de terra” do lado oeste, cuja grande quantidade de seixos sugere a mesma técnica de cozimento.

Segue a minuciosa descrição de cada estrutura ou fogueira encontrada, por níveis, fatias (*tranches*), fases, decapagens; primeiro do Holoceno, depois nos níveis pleistocênicos.

Um caso único é o da estrutura 67, uma grande concentração de seixos no quadrado C2 do xadrez do setor oeste, de 2 x 2 metros. Nas decapagens seguintes ela se revelou ainda maior, em forma de pera, a parte de baixo voltada para o sul e a ponta colada na parede, com 6,5 m de comprimento e 3 m de largura, disposta de forma perpendicular à parede. Os 515 seixos e os 102 blocos de arenito utilizados ultrapassam as dimensões médias daqueles disponíveis no talude, e estavam numa zona de areia e cascalho fino, o que reforça a evidência do seu transporte pelo homem.

Mais adiante, Fabio explica que não a vê como chão de alguma construção, já que a superfície é muito irregular. Mas lhe parece ter alguma função de contenção, como um muro, talvez para barrar as correntes de ar. Vizinha a essa estrutura, há uma fogueira, de número 19, datada em 19.300 ± 200 AP. O material percívél que possivelmente completava a construção não deixou vestígios, pela já referida acidez do solo.

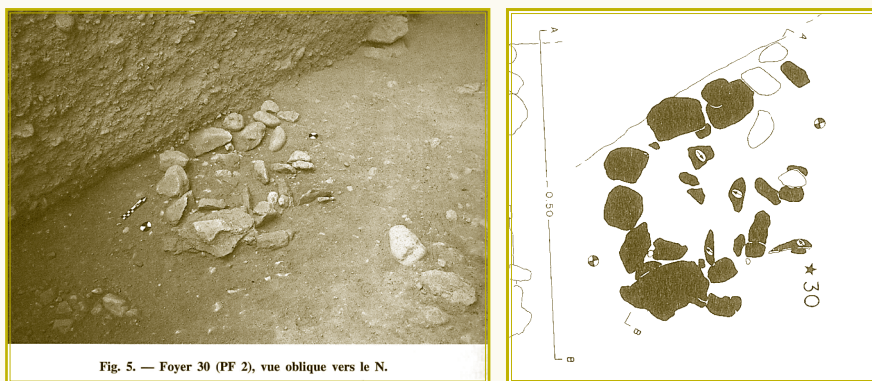
## MUITOS ARQUEÓLOGOS DESCONFIARAM DO BPF

Em 1988, Joël Pellerin analisou com Fabio Parenti a origem dos seixos presentes no setor oeste, fora da linha de chuva. Concluíram que certamente caíram do alto da falésia. Em 1986, Niède Guidon havia atribuído a presença desses seixos à ação da torrente de água que se forma sazonalmente. Por falta, certamente, de publicações detalhadas a respeito, na opinião de Fabio, essa afirmação gerou a série de malentendidos que colocaram em suspeição a autenticidade da jazida como um todo, no meio acadêmico internacional.

Fabio se queixa da irregularidade dos registros das escavações dos que o precederam. Por isso resolveu criar uma ficha de escavação de fogueiras, padronizando a sua descrição. Ele próprio teria percebido posteriormente como certos detalhes seriam essenciais para a reprodução gráfica das estruturas. O mesmo ocorreu com as indústrias líticas, ainda que tenham sido recuperados todos os fragmentos retidos na peneira.

Ele faz algumas considerações sobre os exageros da metodologia europeia, francesa em particular, da geração anos 1970 formada por Leroi-Gourhan, que teria supervalorizado a atenção à “planigrafia” em detrimento da diacronia dos vestígios, ou seja, os cortes em perfil. Mas ele considera que havia uma verdadeira obsessão pelos solos de “vestígios fugazes”. Com a ressalva de que não havia informações

anteriores disponíveis, Fabio acredita que faltaram cortes no setor oeste e um estudo mais aprofundado, dinâmico, das estruturas bem conservadas do setor leste.



A fogueira nº 30 é do nível Pedra Furada 2 (cerca de 30 mil a 40 mil anos). O diagrama foi desenhado pelo próprio Fabio Parenti, que representou cuidadosamente todas as estruturas que encontrou. Foto Fabio Parenti.

## PERTURBAÇÕES DO BPF POR ÁGUA, VENTO E ANIMAIS

Havia três cascatas no Boqueirão da Pedra Furada. A mais notável, até hoje, é a do caldeirão a oeste do sítio, que existiu desde o começo da sua ocupação. Uma goteira, 9 metros a leste do caldeirão, teria existido até o fim do Pleistoceno. A segunda cascata é a mais importante do ponto de vista de formação do sedimento do sítio, pela inclinação do local de leste para oeste, ainda que a inclinação norte-sul projete a maioria dos seixos caídos na torrente do alto do paredão para fora da linha de chuva. Uma terceira cascata teria existido no limite leste da jazida, abaixo da qual a inclinação para o sul é muito pronunciada.

A constatação empírica é de que os seixos mais pesados são transportados mais longe num talude, mas são abandonados mais perto num rio. As lascas, caso apoiadas num lado chato, necessitam de vários impulsos para cobrir a mesma distância. No caso do BPF, tudo indica a ausência de transporte torrencial para o interior da área abrigada, mas alguns seixos de menor tamanho pularam abrigo adentro, pela ação da gravidade. Portanto, águas e ventos agiram sobre as partes externas da jazida, preservando o seu interior.

As perturbações atribuídas aos animais se restringem ao Holoceno, como a toca de tatu descoberta em 1982 ou as galerias de cupim que ameaçam cada vez mais a arte parietal. Tudo indica que o mocó já era muito numeroso há alguns milênios, pela quantidade de fezes observada até hoje, que adquire um aspecto pegajoso nas reentrâncias dos paredões. Também foram encontrados restos fósseis desse roedor nos sítios calcários do entorno do Parque.

O maior perturbador da jazida é mesmo o ser humano. Ele é responsável pelo deslocamento de sedimentos para fora do sítio – ao varrer o chão, por exemplo – ou pela ação inversa, trazendo galhos, animais ou rochas exógenas, como é o caso da calcedônia. Nos níveis do Holoceno, quando houve uma densidade muito maior de ocupação, evidencia-se o pisoteamento do solo, influenciando na sua compactação e no deslocamento, sobretudo horizontal, de fragmentos.

Em períodos históricos, o sítio foi utilizado como refúgio de rebanhos e como habitação temporária de agricultores. A maior perturbação, sem dúvida, foi a da própria escavação arqueológica. Com a construção do Centro de Visitantes da Pedra Furada, foram feitos muros de contenção que recuperaram, em parte, o sistema original de escoamento da água.

## DIFICULDADES NAS DATAÇÕES

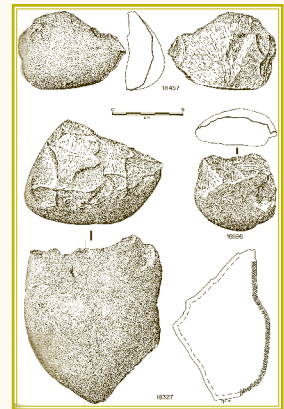
No capítulo da tese sobre estratigrafia e cronologia, Fabio analisa os tipos de sedimento segundo vários parâmetros: a amostragem, a granulometria, a cronologia relativa. Ele se detém sobre as restrições de cada método de datação no caso específico do BPF.

No caso do radiocarbono – o método convencional é com acelerador de partículas – o erro na coleta explica uma datação divergente na camada superficial, ocorrida com uma amostra de região perturbada da campanha de 1978. Há também duas possibilidades de poluição dos carvões, ocorridas nos níveis holocênicos: os ácidos húmicos – formados a partir do húmus, matéria orgânica em decomposição – que são arrastados pela água infiltrada no alto do paredão e percolada em sua base, embebendo as camadas superficiais do sedimento; e a presença dos cupins, eles próprios seres vivos, portanto compostos de carbono.

Algumas datações por carbono foram deixadas de lado, seja porque se perderam as coordenadas de localização das referências, seja porque o laboratório era diferente e, ao que parece, pouco confiável.

No caso da medição por Carbono-14 convencional, é sabida a relativa imprecisão do resultado acima de 30.000 anos. No entanto, segundo Michel Fontugne, especialista do laboratório de Gif-sur-Yvette, na França, explicou a Fabio pessoalmente, o erro possível nesses casos é que a datação pareça mais recente. Portanto, deve-se considerar o resultado como idade mínima.

Fabio justifica, assim, o descarte de 9 datações. Lembra, no entanto, que fora esses problemas, é praticamente impossível a



**Exemplos de ferramentas de pedra do nível Pedra Furada 1, o mais antigo, com marcas de grande utilização, há quase 50 mil anos. Eric Boêda, o especialista em líticos, considerou o estudo de Fabio Parenti irrepreensível. Foto Fabio Parenti.**

poluição da cronologia da jazida, destacando a ausência de camadas de carvão num raio de muitas centenas de quilômetros.

A aplicação do método da termoluminescência, necessário para as camadas pleistocênicas mais antigas, contou com a participação de Hélène Valladas, também de Gif-sur-Yvette, que estabeleceu critérios de amostragem no BPF em abril de 1988. Foram colhidas centenas de seixos de quartzo e quartzito avermelhados, assim como líticos com sinais de aquecimento.

## O BPF PODE MESMO TER MAIS DE CEM MIL ANOS?

Em 2008, na entrevista que fiz com Fabio Parenti, em Roma, ele me explicou que as datações do BPF passaram dos 100.000 anos, pelo método da termoluminescência.

Mas com vários problemas: a distância entre as amostras e os dosímetros, que Fabio informou pessoalmente a Hélène Valladas e Michel Fontugne não passar de 4 ou 5 metros, porque ele, Fabio, se lembrava perfeitamente, não pôde ser confirmada com precisão em cada caso, porque não foram localizados os mapas detalhados que ele fez.

MOSTAFA MICHAB defendeu sua tese de doutorado no Muséum National d'Histoire Naturelle em 1999 justamente sobre as datações por termoluminescência de dois sítios pleistocênicos no Brasil, o da Pedra Pintada, no Pará, e os níveis mais antigos da Pedra Furada, no Piauí, *Apport de la thermoluminescence à l'étude chronologique de deux sites brésiliens du Pléistocène*, orientado por Henry de Lumley-Woodyear, diretor do Laboratório de Pré-História do MNHN. Posteriormente, Michab passou a integrar a equipe do Laboratoire des Sciences du Climat et de l'Environnement, Unidade Mista CNRS-CEA, em Gif-sur-Yvette, França.

No texto da tese, ele menciona, no item 4.3.1, que as amostras colhidas para luminescência o foram no raio máximo de dois metros em torno do dosímetro mais próximo, referência importante para se conhecer a radiação naquele local específico.

Por outro lado, sempre segundo Fabio, ninguém no laboratório de Gif-sur-Yvette, nos arredores de Paris, estava disposto a comprar a briga com os americanos quanto a datações tão antigas no Piauí. Eles, os franceses, já estavam se batendo pelas datações polêmicas encontradas em Monte Carmelo, em Israel.

Valladas assinou um artigo em 2003<sup>112</sup>, em que sustenta que a datação ultrapassa os 100 mil anos, mas ressalva que cabe aos arqueólogos confirmarem a origem antrópica dos líticos. O curioso é que ela própria é arqueóloga, e lá esteve...

Segundo Fabio, quem teria trabalhado diretamente com as datações do BPF seria **Mostafa Michab**. Na introdução do artigo, explica-se que há três níveis pleistocênicos na Pedra Furada, segundo classificação

<sup>112</sup> VALLADAS, Hélène; MERCIER, Norbert; MICHAB, Mostafa; JORON, J.-L.; REYSS, J.L.; GUIDON, Niède. *TL age-estimates of burnt quartz pebbles from the Toca do Boqueirão da Pedra Furada (Piauí, Northeastern Brazil)* in Quaternary Science Reviews 22. Londres: Elsevier Science, 2003, págs. 1257-1263.

de Guidon e Parenti, a saber: PF3, de 14 a 21 mil anos; PF2, de 25 a 32 mil anos; e PF1, de 35 a mais de 59 mil anos.

Na tabela de resultados de 40 líticos dos níveis PF2 e PF1, encontram-se entre os mais antigos  $70.100 \pm 10.200$  AP no setor leste e até  $162.000 \pm 24.400$  AP no setor oeste. Uma das constatações é que o nível PF2 teria começado bem antes do que indicam as datações por radiocarbono. Os resultados pela termoluminescência indicaram de 50 a 80 mil anos.

Outra observação interessante refere-se aos 5 seixos aquecidos na estrutura nº 65, que Parenti identificou como fogueira da unidade 14. Eles têm datações coerentes, entre  $87 \pm 13$  e  $105 \pm 16$  mil anos, o que sugere terem sido aquecidos durante o mesmo período. O mesmo aconteceu com as 5 amostras do nível seguinte, da unidade 15, que também têm datas compatíveis, de  $124 \pm 17$  a  $162 \pm 24$  mil anos.

Voltando à tese de Fabio Parenti, ele se baseia, então, nas datações por radiocarbono, que considera mais seguras. Na cronoestratigrafia, ele constata vários hiatos na ocupação humana da jazida. Entre 38 mil e 33 mil AP, parece ter havido um corte na sedimentação, como constatou J. Pellerin. Nos dois outros intervalos, entre 25 mil e 22 mil AP, e entre 14 mil e 10.500 AP, parece ter havido um vazio na ocupação, tendo o último hiato coincidido com o começo do Holoceno. Logo abaixo das primeiras ocupações holocênicas, teria ocorrido uma ruptura cultural bastante nítida.

## CARVÕES PODEM SER DE INCÊNDIOS NATURAIS?

Não se sabe com precisão como era o Piauí ao longo dos últimos 50 milênios. Mas a fauna fóssil indica que era uma paisagem aberta, mais úmida que a atual, com gramíneas e riachos, semelhante ao atual cerrado, onde os incêndios naturais são comuns, a cada dois anos, aproximadamente.

Fabio se refere à observação que fez de duas queimadas provocadas pelo homem na caatinga. Concluiu que a distribuição de cinzas e carvões é generalizada mas superficial. Por outro lado, como as árvores e galhos são dispersos, a combustão é bastante oxigenada, o que jamais provoca a formação concentrada de carvões, típica das fogueiras.

Ainda observando a região, ele aproveitou a perfuração de cisternas e poços nas localidades do Sítio do Mocó e do Barreirinho para registrar a inexistência de camadas de carvão. Da mesma forma, as escavações mais extensas feitas no Caldeirão do Rodrigues, por ele próprio, em 1993 – sítio mais alto que o BPF, num dos grotões da *cuesta* – e na Toca da Janela da Barra do Antônio, localizado num serrote calcário, no pedimento, confirmam essa mesma ausência de camada carbonífera.

## A CLASSIFICAÇÃO DAS FOGUEIRAS

No setor oeste, muitas estruturas simplesmente não tinham sinais de combustão. Fabio limitou-se, inicialmente, a descrevê-las como concentração de seixos ou de blocos. Já no setor leste, todas podem ser chamadas de fogueiras. Só que nos níveis pleistocênicos não há vestígios orgânicos. No total, 157 estruturas são consideradas, pressupondo que as pedras foram ali dispostas intencionalmente.

A primeira tipologia é, portanto, em função dos vestígios de combustão, sejam eles carvões, pedras avermelhadas ou rachadas pela ação do calor. Em seguida, ele considerou a conformação do fundo da fogueira, se é plana, côncava, ou com uma borda de pedras. E assim vão surgindo os subtipos, por critérios morfológicos e funcionais.

A intencionalidade das estruturas é evidenciada, na maioria dos casos, por estarem localizadas próximas ao paredão de arenito, onde o transporte dos seixos e blocos só poderia ter sido feito pela mão do homem. No caso da estrutura 67, aquela grande camada de seixos perpendicular à parede, Parenti fez um estudo granulométrico dos seixos para comparar com os possivelmente carreados pela cascata que existiu num nível mais alto do sítio, a cascata C, a leste.

Em pelo menos 4 casos foi possível caracterizar a reutilização das mesmas estruturas, uma delas a já mencionada estrutura 67, cuja última camada de seixos estava descentralizada e ligeiramente mais alta que o restante do conjunto.

## ESTRUTURAS DE PEDRA SÃO OS MÓVEIS DA CASA PRÉ-HISTÓRICA

Fabio distingue 5 conjuntos de fogueiras: abertas, protegidas, côncavas, lajedos (forradas) e montes de seixos.

Em termos funcionais, constata-se que a fogueira aberta espalha o calor, enquanto a protegida o concentra no interior da estrutura, da mesma forma que os seixos são diferentemente aquecidos se colocados diretamente no fogo ou sobre as brasas.

Pode-se afirmar que a prática de manter o calor por meio dos seixos aquecidos começa muito cedo no BPF e se perpetua até os níveis holocênicos, onde se encontram os mais bonitos fornos, as estruturas 4 e 124.

Já as fogueiras de fundo côncavo se localizam, em geral, perto da parede, em trechos em que está bastante decorada por pinturas. Perto delas há pedaços de óxido de ferro, pilões e objetos líticos manchados de ocre, elementos essenciais à pintura rupestre.

“Delimitação da superfície, consolidação do solo e construção de telheiros indicam um modo de vida bem longe da precariedade que se atribui, por falta de vestígios, aos homens do Pleistoceno americano” – conclui Fabio Parenti.

## A INDÚSTRIA LÍTICA

Inicialmente Fabio faz um apanhado dos estudos já realizados sobre a fratura natural das rochas. Depois de citar 18 autores, ele resume algumas características do fenômeno natural, importante para distingui-lo da ação intencional do homem.

O primeiro autor citado é o abade Breuil, que em 1910 já tratava do problema, observando que o ângulo de percussão humano é inferior a  $90^\circ$ , enquanto na natureza costuma ser obtuso. Outros autores comentam que o ângulo de lascamento diminuiu ao longo da pré-história. E seguem as descobertas quanto à obtenção de um gume (*tranchant*), bulbos e contrabulbos, retoques, debitagem bipolar, ondas de percussão, regularidade, multiplicidade dos planos, diferenciação das pátinas, paralelismo entre retirada na face superior e eixo de debitagem, enfim, 21 fatores diferenciais.

Teoricamente, afirma Fabio, a natureza pode reproduzir todos os fenômenos típicos do lascamento, mas é o contexto geomorfológico que determina a maior ou menor probabilidade para que ele ocorra.

No caso do BPF, ele retoma as considerações feitas durante a escavação, quanto à possível origem de seixos da torrente C, a leste da jazida. Fabio recolheu os seixos acumulados nas últimas décadas sob a cascata C e, para comparação, os da cascata B, do caldeirão. Foram recolhidas 500 peças com mais de 3 cm de diâmetro, de cada cascata.

Uma tabela sistematiza as observações feitas quanto a matéria prima, tamanho, número de fraturas, presença ou não de ponto de impacto, tipo de fratura, sua contiguidade, eixo da borda fraturada, presença ou não de quebra em diedro.

Um estudo experimental no próprio BPF, já que não existe um sítio com características similares nos arredores, permitiu deduzir que, nas condições específicas da jazida, a fratura natural se dá com apenas uma retirada e o número de contrabulbos não ultrapassa jamais 3. Os seixos que caem funcionam como percutores e, uma vez embaixo, como núcleos.

A maioria dos seixos não sofre fratura com a queda. Quando ocorre, o lascamento natural têm um ângulo superior a  $90^\circ$  e jamais bifacial, muito menos com alguma regularidade, nem na disposição do lascamento nem nas suas dimensões ou forma.

Na polêmica com Meltzer e outros, em artigo publicado em 1994, em que os norte-americanos questionam a amostragem feita e mantêm as restrições à origem

humana dos líticos do BPF, Fabio responde, simplesmente, que apesar da lógica viciada dos opositores, a amostragem, de fato, pode ser aperfeiçoada.

Ele comenta a descoberta que fez ao acompanhar as obras de construção do Museu do Homem Americano, em São Raimundo Nonato. Observou que era possível ocorrer a quebra natural dos seixos em triedro, o que o levou a concluir que alguns dos líticos desenhados por ele próprio para o artigo que Niède Guidon e Georgette Délibrias publicaram na *Nature*, não seriam de origem antrópica. Essa fratura pode ocorrer com o seixo em queda livre, na função de percutor.

Fabio faria muitos experimentos de lascamento de seixos, dos mais variados tipos, em quartzo, quartzito, calcedônia, sílex, que ele sistematiza em estatísticas e quadros, comparando os resultados que obteve com os de outros estudiosos antes dele.

Para a classificação e esboço de tipologia das indústrias sobre seixos, como chamou, a primeira consideração é a escolha do critério tecnológico, secundarizando o morfológico. A seguir, Fabio se detém nas indústrias do Pleistoceno, depois do Holoceno, comparando ângulos, matérias primas, proporções entre peças fraturadas e inteiras, vestígios de aquecimento, tudo meticulosamente explicado, tabulado e devidamente desenhado.

Muito me estranha a observação de Águeda Vialou de que faltam elementos para comparação por épocas determinadas, quanto aos achados no BPF. Não vou, evidentemente, tentar reproduzir o nível de detalhamento da análise feita por Fabio Parenti, mas ele classificou 7.169 seixos lascados, devidamente separados por níveis, especificando quantos são núcleos, lascas, retoques, fragmentos, e assim por diante, depois de detidas considerações sobre as possibilidades de fratura natural e acidentes durante o lascamento.

No BPF não há vestígio de pontas de projétil foliáceas ou outras ferramentas bifaciais que possam ter algum parentesco técnico ou estilístico com o norte da América do Sul (pontas de El Jobo, na Venezuela).

## SEIS MIL ANOS DE PINTURAS

O Boqueirão da Pedra Furada é um grande mural, com cerca de 80 metros de comprimento, que serviu de suporte para as pinturas feitas por muitas gerações e, possivelmente, povos diferentes, ao longo de seis mil anos. *Grosso modo*, ela teria ocorrido de 12 ou 10 mil anos até 4 mil anos AP. Até o momento em que escreveu a tese, e mesmo até hoje, ainda não há provas de uma possível origem pleistocênica para a arte parietal do sudeste do Piauí.

É certo que as pinturas precedem as gravuras e que os grafismos figurativos são anteriores aos não figurativos, afirma Fabio, citando Anne-Marie Pessis, em seu trabalho publicado em 1987.



Das 963 figuras pertencentes à tradição Nordeste, segundo a classificação de Niède Guidon, especificam-se numa grande tabela quantas representam figuras humanas (antropomorfos), por cada setor da escavação, num total de 422. Há 43 filas de figuras humanas em bastonetes, do setor 24 ao 37. São 4 as representações de cabeças emplumadas, mesmo número das cenas sexuais. Há 12 macacos, uma onça, 200 veados, 12 répteis, 5 pássaros, 99 avestruzes, 1 seriema, 5 caranguejos, 4 tatus, 3 peixes, além de muitas outras não identificadas, consideradas grafismos ou manchas.

Citando Leroi-Gourhan quanto à arte franco-cantábrica, Fabio considera que é evidente a relação de alguns grafismos com os animais, ainda que não se saiba qual. O mais notório é entre a figura humana e os veados.

Apenas 3 figuras do BPF - 2 antropomorfos e 1 pássaro - foram atribuídos à tradição Agreste e 7 grafismos puros, à tradição Geométrica.

Ele cita a correlação feita por Niède Guidon e Anne-Marie Pessis entre a passagem da tradição Nordeste para a Agreste, por volta de 6.000 anos AP - a Agreste teria desaparecido por volta de 4.000 anos AP - com uma certa involução das indústrias líticas, na mesma ocasião. Da mesma forma, pode-se associar a passagem do estilo Serra da Capivara ao complexo estilístico Serra Talhada, dentro da tradição Nordeste, com o aumento das cenas de violência.

## O BOQUEIRÃO DA PEDRA FURADA FOI UM CENTRO IMPORTANTE?

Para Fabio Parenti, é possível identificar três tipos de distribuição dos sítios arqueológicos na região do Parque Nacional Serra da Capivara, segundo as épocas.

No final do Pleistoceno, fase cultural Pedra Furada, havia pouca densidade de ocupação, os sítios não parecendo integrar um mesmo sistema. Mas o BPF certamente era importante, por ser fonte de água e de seixos para lascamento.

No Holoceno antigo, fases Serra Talhada e Agreste, os sítios passam a ocupar diferentes formas da paisagem e se interligam num sistema, alguns deles passando a ser permanentes ou semi-permanentes, como foi o caso do BPF.

No Holoceno recente, surgem as aldeias de agricultores na planície (pedimento), criando-se redes comerciais extrarregionais. Os abrigos passam a ter um uso cerimonial.

Segundo vários autores, a distribuição dos recursos naturais está estreitamente ligada à mobilidade dos grupos humanos. A abundância favorece a concentração de assentamentos, a endogamia. Resta conhecer a importância relativa dos recursos naturais nas épocas mais remotas do sudeste do Piauí.

Até agora, os paleontólogos Claude Guérin e Martine Faure não encontraram vestígios de ação humana sobre os ossos de megafauna estudados, sugerindo que o homem do Pleistoceno final não baseou a subsistência nos grandes mamíferos, a não ser, talvez, de forma parcial ou complementar a outras fontes.

Do ponto de vista funcional, Fabio adota a classificação dos sítios dos caçadores-coletores feita por K. Butzer, em 1983, baseada nos esquimós atuais, mas que lhe parece bastante eficaz.

Há os sítios de uso limitado, seja pela atividade lítica – junto às fontes de matéria prima – ou de abate e manuseio da caça – perto de acidentes topográficos, com muitos esqueletos animais incompletos, poucas ferramentas líticas, sem vestígios de lascamento no local. Já os sítios de uso múltiplo podem ser acampamentos temporários, de grupos de caçadores, por exemplo, com fogueiras isoladas, restos de pequenos animais e pouco sortimento de líticos. E podem ser acampamentos de longa duração, com vestígios de atividade diversificada, próximos da água e protegidos de agentes naturais, seja a céu aberto ou em grutas. Nesse caso, há riqueza de restos de fauna, ferramentas líticas, fogueiras diferenciadas.

Durante a fase Pedra Furada, o BPF teria sido um sítio intermediário entre o primeiro tipo, de uso limitado, e o de acampamento de curta duração. Na passagem para o Holoceno, fase Serra Talhada, ele se transforma em acampamento semi-permanente, com fontes de recursos previsíveis mas, provavelmente, não abundantes. E a fase Agreste encontraria o BPF com uma frequência mais esporádica, mas igualmente territorial.

Por toda a evolução do meio físico e cultural apresentada, Fabio propõe que, entre 10.000 e 9.000 anos atrás, houve um período de grande umidade, antes que se instalasse o clima semiárido atual. Seria a origem de uma camada de seixos do setor leste do BPF, do desmoronamento de blocos no abrigo vizinho da Toca do Sítio do Meio e da Toca da Janela da Barra do Antonião, na planície, além da erosão torrencial das camadas basais do abrigo da Toca do Perna, mais ao norte.

O ressecamento do clima, entre 9.000 e 8.000 anos AP, é a explicação para os níveis de plaquetas encontrados no BPF e do chão de estalagmite que sela os últimos exemplares da megafauna na gruta da Toca do Serrote do Artur.

## HOMENS E MEGAFUNA EXTINTA CONVIVERAM PELO MENOS 2 MIL ANOS

Para Fabio Parenti, o homem conviveu com a megafauna durante todo o Pleistoceno, e mesmo que não se aceite a fase Pedra Furada, há de se convir que o homem teria convivido com ela pelo menos dois milênios, durante a fase Serra Talhada. Mas, ao contrário do exemplo pré-histórico da cultura Clovis – com fartos indícios de caça especializada –, houve pouca interação dos grupos humanos com os

grandes mamíferos, no sudeste do Piauí. Muito antes do Holoceno, o ser humano não dependia da caça à megafauna, não sendo, por isso, de forma alguma responsável pela sua extinção.

Os grupos do Pleistoceno tinham uma territorialidade reduzida. Prova disso seria a estabilidade cultural de uma população dispersa, vivendo em condições suficientemente difíceis para que os grupos mantivessem a mobilidade, ao longo dos milênios. O BPF teria uma maior concentração de líticos que os demais sítios por ser uma importante fonte de seixos, acumulados embaixo das cascatas.

Nesse período, as estruturas líticas menores eram fogueiras para cozinhar. As maiores serviram de contenção, de divisão do espaço doméstico. No começo do Holoceno surge a especialização dos sítios de extração ou coleta de matéria prima para as ferramentas mais finas, o que se revela pelas peças em calcedônia encontradas perto desses sítios. O quartzito passa por tratamento térmico antes do retoque.

Ao contrário do que muitos pensam, Fabio afirma que a arte figurativa da tradição Nordeste não revela uma determinada função dos sítios onde ela foi feita, porque o uso especificamente cerimonial dos abrigos só ocorreu na segunda metade do Holoceno.

## O BOQUEIRÃO DA PEDRA FURADA É ÚNICO

Depois de expor tantas evidências, Fabio Parenti alega, com bastante elegância, que não se pode ignorar o BPF, assim como não se devem ignorar as demais jazidas com prováveis datações pleistocênicas nas Américas, mesmo que faltem publicações detalhadas a respeito. Parece um recado com destinatário certo.

Quanto às hipóteses de povoamento, a via Beríngia é, obrigatoriamente, entre 30 mil e 14 mil AP – máximo da glaciação Wisconsin – ou acima de 70 mil anos atrás. Os autores se dividem quanto ao número de migrações, às rotas e às épocas.

Não há dúvida quanto à presença do homem na Sibéria central há 70 mil anos, no Paleolítico superior. Falta, porém, caracterizar se a indústria lítica com debitagem Levallois<sup>113</sup> e a arte mobiliária encontradas na Sibéria estão ou não relacionadas com o Paleolítico europeu. Muitos consideram que o sítio de Diuktai, com indústrias bifaciais, poderia ser ancestral dos que produziram as pontas paleoíndias americanas.

Na China, foram encontrados restos de um Homo (*habilis* ou *ergaster*) com 1,9 milhão de anos, em Longgupo Cave. Não há dúvida que aí houve uma lenta diferenciação até o surgimento do *sapiens*. A dúvida é se houve mistura entre as diferentes ondas de povoamento vindas da África, durante o Pleistoceno médio. Outros questionamentos foram levantados a partir de descobertas em sítios próxi-

<sup>113</sup> Saiba mais sobre debitagem Levallois no capítulo com Eric Boëda, à página 256.

mos, que revelariam coexistência de *erectus* e *sapiens*. Não há um padrão único das indústrias líticas do Paleolítico chinês.

No Japão, existe a polêmica sobre os sítios com mais de 30.000 anos, onde são raras as peças líticas retocadas, particularmente no norte do país. Segundo alguns autores, haveria pelo menos uma centena de sítios mais antigos. Fabio observa que a discussão lembra muito a que envolve os sítios pleistocênicos americanos. Um dos autores, T.E.G. Reynolds, publicou, em 1991, que é notável a desigualdade entre as tecnologias das populações de *sapiens* de diferentes lugares do mundo. Na Ásia oriental, por exemplo, haveria um emprego “conservador” do material lítico, enquanto o Mousteriano – característico do Paleolítico médio, associado ao *neanderthalensis* – dominava na Europa. Esse autor considera que o fato se deve à grande mobilidade marítima das populações do Paleolítico asiático.

O povoamento da Austrália guarda muitas semelhanças com o das Américas, já que demanda uma travessia marítima, seja ela costeira ou não. Ocorreu no mesmo período, o Pleistoceno superior, e, mais recentemente, provou-se a ancestralidade comum de pelo menos uma das migrações – ambos “parentes” da Luzia, a mais antiga brasileira conhecida. A datação de 32.750 ± 1.250 AP recuou para 60 mil anos, com a luminescência do quartzo, em sítios no norte da Austrália.

O que é destacado por Fabio é a estabilidade das indústrias australianas, ao menos durante os últimos 25 mil anos do Pleistoceno, fenômeno similar ao observado no BPF.

Os caminhos para se chegar à América podem ter sido vários. A rota costeira ao longo do Pacífico conta com o reforço dos dados paleogeográficos e linguísticos. Uma faixa de terra a oeste das Montanhas Rochosas teria se mantido com clima úmido e temperado, mesmo no período de máxima expansão dos glaciares. A possível passagem por um corredor interglaciar a leste das Rochosas não se sustenta pelo rigor do clima à época e pela falta de vestígios arqueológicos.

A nossa diversidade de culturas fortalece a hipótese da multiplicidade de vias de povoamento. No caso da América do Sul, Betty Meggers, citada por Ab’ Saber em 1989, acreditava em 3 rotas de penetração: uma ao longo da costa do Pacífico, na faixa limitada pelos Andes; uma segunda, costeira, que teria se dirigido para as Caraíbas; e uma terceira, central, em direção ao planalto brasileiro.

## OUTROS SÍTIOS PLEISTOCÊNICOS DAS AMÉRICAS

Na seleção feita por Fabio Parenti entre os mais conhecidos ou melhor documentados sítios pleistocênicos das Américas, o primeiro é Old Crow, no Canadá, com idade mínima de 60 mil anos e artefatos feitos de osso. É um terraço fluvial a céu

aberto, cuja vegetação atual é de tundra – musgos e líquens que congelam na maior parte do ano.

Na mesma bacia do rio Yukon, no Canadá, há as Bluefish Caves, grutas calcárias datadas entre 15 e 23 mil anos, com artefatos líticos e restos de fauna. Ainda no Canadá, na geleira do Bow River, perto de Silver Springs, o sedimento associado à indústria lítica foi datado em 23 mil anos.

Nos Estados Unidos, uma das mais famosas jazidas pleistocênicas é Meadowcroft, no sudoeste da Pensilvânia, um abrigo sob rocha num terraço fluvial, com indústria lítica, cuja datação de 14 mil anos é polemizada pela proximidade de camadas de carbono fóssil e pelas associações de fauna e vegetação, com características modernas.

Do México, Fabio cita a jazida de Tlapacoya, às margens de uma antiga ilha lacustre, com ricos vestígios humanos, inclusive indústria lítica sobre obsidiana, que não é original do local, datada em até  $24.000 \pm 4.000$  AP. Além de fogueiras cercadas, outros sítios próximos possuíam restos de megafauna associados a indústrias líticas.

Na Venezuela há Taima-Taima, próximo à costa, um sítio a céu aberto cuja mais antiga camada de areia e argila foi datada entre  $12.580 \pm 150$  e  $13.390 \pm 130$  anos AP, onde foi encontrada a ponta bifacial de El Jobo, ao lado do esqueleto de um mastodonte. Discute-se se essa ponta de projétil seria a evolução das ferramentas monofaciais anteriores, de uma época por volta de 16 mil AP, ou se a tecnologia ali tivesse chegado por difusão a partir da região tropical da América do Sul. Nos dois casos, contradiz-se a teoria da difusão das indústrias de ponta canelada a partir da América do Norte.

O outro sítio muito famoso das Américas é Monte Verde, no sul do Chile, às margens do rio Chuichihuapi, perto de Puerto Montt, com restos muito bem conservados na camada superior, com  $13.030 \pm 130$  AP. Nas camadas inferiores, de  $33.370 \pm 530$  AP, há seixos que foram utilizados e alguma indústria lítica. O autor das pesquisas, Dillehay, é prudente quanto à origem antrópica dos artefatos.

Uma descoberta mais recente no Novo México, Estados Unidos, feita por Mac Neish, é a da gruta calcária Pendejo Cave, rica em fogueiras e artefatos. Posteriormente, foram feitas datações de 35 mil a 55 mil anos AP, em mais uma prova de ocupação pré-clovisista das Américas, em referência à anterioridade em relação ao sítio Clovis, também no Novo México, com apenas 13 mil anos.

Em sua conclusão, Fabio Parenti considera que a maior contribuição do estudo do BPF é relativa à época do povoamento do nosso continente. Ele remontaria ao começo do Wisconsin, entre 100 mil e 75 mil anos, quando o nível do mar já havia baixado e o clima ainda não era tão frio. Os vestígios costeiros teriam sido apagados pelos avanços e recuos do mar congelado. As famosas pontas bifaciais encontradas nas planícies da América do Norte poderiam ser resultado de uma

evolução diferente das encontradas ao norte do México e dos exemplares, raros, da América do Sul.

E agora? Com a devida ressalva de que foi publicada em 2001, será que a tese de Fabio Parenti poderá, enfim, influir no rumo dos estudos sobre o sudeste do Piauí e o que significam para a compreensão do povoamento das Américas? Parece que sim.

# ÍNDICE DAS BIOGRAFIAS

- Adauto José Gonçalves de Araújo **164**  
Águeda Vilhena Vialou **57**  
André Prous **287**  
Anna Curtenius Roosevelt **152**  
Anne-Marie Pessis **63**  
Annette Laming-Emperaire **30**  
Antoine Lourdeau **249**  
Astolfo Gomes de Mello Araújo **43**  
Bente Bittmann Von Hollenfer **50**  
Berta Ribeiro **82**  
Carlos Alberto Etchevarne **166**  
Carolina Torres Borges **258**  
Charles Darwin **22**  
Chris S.M. Turney **290**  
Claude Guérin **28**  
Cláudia Alves de Oliveira **171**  
Cristiane Bucu **133**  
Darcy Ribeiro **132**  
Demétrio da Silva Mutzenberg **95**  
Denis Vialou **57**  
Diego Teixeira Mendes **258**  
Elaine Ignácio **73**  
Eliany Salaroli La Salvia **153**  
Elizabeth Bucu **73**  
Elizabeth Höfling **40**  
Emília Pietrafesa de Godoi **182**  
Emílio Fogaça **154**  
Eric Boêda **74**  
Evelyne Debard **221**  
Evelyne Peyre **153**  
Fábio Olmos Corrêa Neves **24**  
Fabio Parenti **44**  
Gabriela Martín **100**  
Gisele Daltrini Felice **177**  
Guaciara Macedo dos Santos **156**  
Harald Schultz **55**  
Heleno Licurgo do Amaral **155**  
Herbert Baldus **56**  
Herculano Marcos Ferraz de Alvarenga **40**  
Jacionira Coêlho Silva **176**  
James M. Adovasio **152**  
Joël Robert Georges Marcel Pellerin **199**  
Jon Russ **287**  
José Francimar Veloso Júnior **84**  
José Willmington Ribeiro Paes Landim **83**  
Karen L. Steelman e Richard Rickman **286**  
Kurt Nimuendaju **57**  
L. Leith Fifield **290**  
Laure Emperaire **199**  
Laurence Ogel-Ros **230**  
Lia Freitas Garcia Fukui **54**  
Lia Maria Kneip **126**  
Luciana Pallestrini **54**  
Luís Beethoven Piló **33**  
Luiz Fernando Rocha Ferreira da Silva **193**  
Manuela Carneiro da Cunha **58**  
Marcia Chame **143**  
Margarida Davina Andreatta **118**  
Maria Conceição Soares Meneses Lage **98**  
Maria Cristina Pompa **203**  
Maria da Conceição Moraes Coutinho Beltrão **67**  
Maria de Fátima Barbosa **77**  
Maria de Fátima da Luz **23**  
Marie Bernadette Arnaud **231**  
Mark Oliver Rohrig Hubbe **154**  
Martin W. Rowe **285**  
Martine Faure **28**  
Mércio Pereira Gomes **170**  
Michael I. Bird **290**  
Michel Rasse **73**  
Mostafa Michab **312**  
Ondemar Ferreira Dias Júnior **194**  
Oswaldo Baffa Filho **284**  
Pascale Binant **229**  
Patrícia Pinheiro de Mello **222**  
Paul Rivet **56**  
Paulo Duarte **55**  
Paulo Oswaldo Boaventura Netto **287**  
Sergio Augusto de Miranda Chaves **200**  
Shiguo Watanabe **284**  
Sílvia Maranca **43**  
Thomas W. Boutton **285**  
Thor Heyerdahl **23**  
Tiago Falótico **238**  
Tom D. Dillehay **151**  
Ulisses Eugenio Cavalcanti Confalonieri **195**  
Vilma Chiara **49**  
Walter Ayta **285**  
Walter Neves **29**

## ÍNDICE DE VOCABULÁRIO

Antrópico	34
Boqueirão	91
Caldeirão	93
Carste	28
Croá ou Caroá	65
Cuesta	65
Espeleotemas	34
Friável	33
Kaigang ou Caingangue	50
Krahô	57
Maniçoba	131
Relevo cárstico	33
Ressurgência	72
Sítio paleontológico	41
Toca	40
Zabelê	40



B327

Bastos, Solange.

O Paraíso é no Piauí, a descoberta da arqueóloga Niède Guidon / Solange Bastos. Prefácio de Walter Neves. Rio de Janeiro: Família Bastos Editora, 2010.

328 p. ; il.; 16 x 23 cm

ISBN 978-85-89853-05-7

Apoio : FUNDAC, Fundação Cultural do Piauí, Governo do Estado do Piauí; FUMDHAM, Fundação Museu do Homem Americano, São Raimundo Nonato, PI.

Inclui um DVD com o documentário (40') "Piauí Entocado", de Miguel Castro. Música de Carlos Malta & Pife Muderno. Família Bastos Produções, 2010.

1.Arqueologia – Brasil. 2. Parque Nacional Serra da Capivara – Piauí. 3. Arte rupestre – Brasil. 2. Pré-história – Brasil. 4. Guidon, Niède (1933- ). I. Título.

---

CDD 930.1



Este livro foi impresso em maio de 2010 nas oficinas da Ediouro,  
nas fontes Georgia, Calibri e Castellar, em papel couché 90 g  
para a Família Bastos Editora.

## PIAUI ENTOCADO – O FILME

*Direção: Miguel Castro*

*Duração: 40'*

*Música: Carlos Malta & Pife Muderno*

*Pesquisa: Solange Bastos*

*Produção: Família Bastos Produções*

*Ano: 2010*

*Versões legendadas em português, francês, inglês e espanhol.*

O **Piauí Entocado** começa com a câmera na mão percorrendo as paredes cobertas de pinturas milenares da Toca do Alto do Capim, na Serra das Confusões, que a arqueóloga Niède Guidon considerou a “Capela Sistina” de nossa pré-história. Em recentes escavações, foram descobertos ali pelo menos 15 esqueletos, enterrados sob os intrigantes círculos e “grades” das paredes.

O olhar subjetivo de quem está dentro da caverna “encontra” a entrada arredondada, de forma semelhante à famosa escultura natural que deu nome ao principal sítio arqueológico da região da Serra da Capivara, a Pedra Furada. Ao som de **Carlos Malta & Pife Muderno**, que transcende o tempo histórico nordestino, vamos descobrindo os paredões de arenito, a vegetação, os animais, as pinturas, a gente do sudeste do Piauí.

O guia Nivaldo Coelho nos leva ao antigo barreiro, onde trabalhava o barro para suas telhas, no mesmo lugar em que nos últimos seis mil anos desconhecidos habitantes deixaram cacos de seus potes. Jovens de São Raimundo Nonato nos surpreendem com o conhecimento acumulado no cotidiano dos laboratórios da Fundação Museu do Homem Americano, criada por Niède há mais de 30 anos para coordenar as pesquisas multidisciplinares na região.

O filme nos mostra pela primeira vez as recentes escavações da nova missão francesa, chefiada por Michel Rasse e Eric Boëda, que descobriram vestígios de novos sítios pleistocênicos – com pelo menos 12 mil anos – longe das conhecidas tocas com pinturas.

A presença de grupos humanos no sudeste do Piauí há pelo menos 60 mil anos não pode mais ser ignorada pela comunidade científica. O **Piauí Entocado** nos faz pensar na contribuição de Niède Guidon não apenas quanto ao conhecimento do passado, mas pelo que isso pode nos ajudar a pensar o futuro.

O cineasta Miguel Castro tem se dedicado a documentários sobre temáticas sociais. Realizou, entre outros, “*A Tornallom*”, sobre a luta de uma comunidade rural em Valência, na Espanha, e “*Brad, uma noite mais nas barricadas*”, sobre o assassinato do jornalista norte-americano Brad Will em Oaxaca, no México. Ganador de prêmios na Espanha, Turquia, Itália e México.

Saiba mais em [www.familiabastos.net](http://www.familiabastos.net).